

**BIBLIOGRAFIA**  
**BRASILEIRA DE LITERATURA**  
**INFANTIL E JUVENIL**

**V.16 2005**

COORDENADORIA DO SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS  
2008

*Prefeitura do Município de São Paulo*  
*Secretaria Municipal de Cultura*  
*Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas*  
*Biblioteca Monteiro Lobato*  
*Seção de Bibliografia e Documentação*

**BIBLIOGRAFIA  
BRASILEIRA DE LITERATURA  
INFANTIL E JUVENIL**

BIBLI.BRAS.LIT.INF.JUV.	São Paulo	v.16	p.1-	2005
-------------------------	-----------	------	------	------

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO**

*Prefeita Gilberto Kassab*

**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**

*Secretário Carlos Augusto Calil*

**COORDENADORIA DO SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS**

*Diretora Maria Zenita Monteiro*

**BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL MONTEIRO LOBATO**

*Diretor Rita F. Gonçalves Piszniński*

**SEÇÃO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO**

*Célia Maria Janela*

Rua General Jardim, 485 - Vila Buarque  
Cep: 01223-011 - São Paulo - Brasil  
Tel: 11 3256-4122

Impresso em: 2008

*Capa sob reprodução da Ilustração de J.U. Campos extraída do livro "Viagem ao Céu" autoria de Monteiro Lobato, 1943. Cortesia da família Monteiro Lobato.*

**Resenhadoras:**

*Ana Lúcia de Oliveira Brandão (A.L.O.B.); Angela Müller de Toledo (A.T.); Anna Flora Ferraz de Camargo Coelho (A.C.); Maria Sílvia Pires Oberg (S.O.); Stela Maris Fazio Battaglia (S.M.F.B.)*

**Coleta e registro de dados:**

*Jacira Rodrigues Garcia e Kazue Matuda Miura*

**Revisão Bibliográfica:**

*Kazue Matuda Miura*

**Revisão de texto das resenhas:**

*Maria Sílvia Pires Oberg, Anna Flora de Camargo Coelho, Stela Maris Fazio Battaglia*

**Produção Editorial: Equipe da Seção de Bibliografia e Documentação**

A imagem do **Saci**, que marca algumas obras desta bibliografia, foi criada e gentilmente cedida por **Ziraldo**.

Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil - v.14 (2003)  
São Paulo: Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca  
Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. Coordenadoria do Sistema  
Municipal de Bibliotecas. Secretaria Municipal de Cultura, 2008.  
p.

Continuação de: Bibliografia de Literatura Infantil em Língua  
Portuguesa

1. Literatura infantil - Bibliografia 2. Literatura Juvenil -  
Bibliografia

## APRESENTAÇÃO

**Rita F. Gonçalves Pisniski**

*Diretor*

*Biblioteca Infante Juvenil Monteiro Lobato*

## SUMÁRIO

Algumas observações para melhor utilizado da Bibliografia.

Livros, leitura e leitores

Referências

Índice de Autores e Tradutores. ....

Índice de Títulos . . . . .

Índice de Ilustradores . . . . .

Índice de Editoras . . . . .

Índice de Faixa etária . . . . .

Índice de Séries e Coleções. ....

Índice de Gêneros. ....

Endereços das Bibliotecas Infanto-Juvenis da Cidade de São Paulo. ....

Endereços de Editoras. ....

## Algumas observações para melhor utilização da Bibliografia

A partir da **Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil** referente ao ano de 1994 (v.5), este trabalho passou a ser seletivo, ou seja, continuamos a reunir referências bibliográficas de todas as obras publicadas no ano trabalhado, resenhando, porém, apenas os livros considerados significativos dentro da produção enfocada .

Os critérios que vêm pautando a seleção e a análise destas obras têm orientado os comentários apresentados nas introduções de cada uma das bibliografias. No entanto, consideramos importante sintetizá-los aqui, lembrando que, ao longo deste trabalho, temos reavaliado tais critérios, de acordo com as necessidades provocadas pelas transformações da produção desta área.

Quanto ao **texto**, consideramos:

- a *literariedade*, ou seja, as características estéticas da obra, os aspectos ligados à linguagem literária propriamente dita,
- a adequação do texto (temática e abordagem) às competências de leitura do leitor/faixa etária à qual o livro se destina,
- relações entre o volume de texto e/ou imagens e o leitor a que o livro se destina.

Quanto ao **projeto gráfico**, consideramos:

- adequação da proposta gráfica ao texto e às competências de leitura do leitor/faixa etária à qual o livro se destina,
- adequação do tamanho e tipo das letras às competências de leitura e faixa etária à qual o livro se destina,
- qualidade da ilustração e suas relações com o texto,
- durabilidade do livro.

Organizamos a **Bibliografia** no sentido de fornecer o maior volume de informações possível a respeito das obras reunidas.

Reedições serão incluídas na publicação quando não tiverem sido resenhadas. Anteriormente, quando tiverem sido publicadas antes do ano de 1994 (quando passamos a apresentar resenhas analíticas) ou quando apresentarem modificações em relação a edições anteriores.

Consideramos como livros de literatura juvenil aqueles assim catalogados pelas editoras que os publicaram.

Obras clássicas da literatura adulta e/ou narrativas de tradição oral serão incluídas quando publicadas em projetos gráficos e propostas editoriais direcionadas ao público infantil e/ou juvenil (é o caso de coleções de clássicos universais dirigidos ao leitor jovem).

O gênero “histórias em quadrinhos” será considerado quando dirigido ao público infantil e juvenil e publicado como livro.

Livros informativos – mesmo que direcionados ao público infantil ou juvenil – não serão incluídos, uma vez que a **Bibliografia** refere-se apenas à produção de obras de literatura.

Nos índices são encontrados os números das referências bibliográficas, que remeterão os leitores aos livros que compõem esta publicação.

Os índices referem-se a:

Autores, Tradutores e Adaptadores

- Títulos das obras
- Ilustradores

- Editoras
- Competências de leitura / Faixa etária
- Séries e Coleções
- Gêneros e Subgêneros

Vale esclarecer que o item *conteúdo*, apresentado nas resenhas que comentam coleções e coletâneas de contos e poesia, tem por objetivo resgatar toda informação a respeito dos títulos dos livros, contos e poemas contidos dentro de uma mesma publicação.

A publicação contém ainda o nome das bibliotecas infanto-juvenis da rede municipal da cidade de São Paulo, a fim de que o leitor possa consultar os livros comentados nesta bibliografia, bem como os nomes dos respectivos endereços das editoras que publicaram estes livros, facilitando um contato direto entre os profissionais da área e o livro desejado.

A partir do ano de 2004, passamos a indicar com a figura de um **saci** (cedida gentilmente pelo escritor e ilustrador Ziraldo), as obras em primeira edição que mais se destacam por suas características inovadoras (tanto no aspecto literário quanto no das ilustrações e projetos gráficos) na produção já selecionada por suas qualidades.

## LEITURAS DO ANO DE 2005

Apresentamos a edição da Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil referente ao ano de 2005. Ao longo de décadas, nosso objetivo tem sido contribuir para a formação de leitores e, ao mesmo tempo, documentar a produção literária dirigida a crianças e jovens.

Resultado de um trabalho sistemático de um grupo de especialistas que se reúne regularmente para refletir a respeito de questões ligadas à leitura e à literatura infantil e juvenil, este trabalho indica e documenta as publicações editadas ano a ano. As sugestões de leitura são apontadas pelas resenhas que apresentam as obras. Enredo, uso da linguagem literária, proposta editorial, projeto gráfico, ilustrações são aspectos sempre analisados e pontuados em nossas resenhas. Desta forma, determinadas concepções de literatura e a preocupação de formar o leitor literário são critérios que norteiam nosso trabalho e vêm sendo discutidos em nossas introduções ao longo de anos.

É importante destacar alguns aspectos relativos às obras reunidas nas bibliografias. Há livros que, em função da análise feita por nossa equipe, estão restritos às indicações de suas referências bibliográficas, ou seja, constam do registro de memória das publicações feitas no país, sem, no entanto, servirem como referência de leitura. Outro aspecto que merece atenção relaciona-se às obras reeditadas, situação cada vez mais comum na produção brasileira: incluímos apenas reedições que apresentem modificações (de editora, projeto gráfico, ilustração e texto) em relação às edições anteriores ou que tenham sido resenhadas em bibliografias anteriores ao ano de 1994 – quando as resenhas passaram a ser analíticas e não mais apenas descritivas.

O caráter de apresentação e indicação das obras que constam nas bibliografias pode induzir ao seu uso como catálogo, e aí é importante pontuar diferenças. Se a Bibliografia pode fornecer informações sobre as obras, ela o faz baseada em concepções de formação dos sujeitos leitores e não se vincula a questões de venda de livros ou tendências de mercado. Também não se vincula a determinadas editoras e analisa toda a produção de literatura para crianças e jovens que chega à Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. Trata-se de um serviço público com a intenção de indicar obras para a constituição de acervos de literatura pautados pela qualidade e diversidade de forma a contribuir para a formação do leitor literário. As resenhas buscam ressaltar aspectos variados e detalhes das obras procurando apurar os atos de leitura em potencial: são resultado de um trabalho individual de cada resenhadora, porém também refletem o olhar coletivo e analítico da equipe. Diferentemente de um catálogo, portanto, o objetivo das bibliografias é instigar as escolhas do mediador e/ou do leitor, mostrando um amplo leque de obras de inegáveis qualidades literárias.

Por estas razões, há muitos caminhos a seguir a partir do momento em que se consulta as bibliografias. Sua leitura atenta aponta para as produções anuais de

diferentes autores e ilustradores, para as reedições do ano (nacionais e estrangeiras que apresentem modificações), para os diferentes adaptadores de um mesmo clássico, para autores e ilustradores que se revelam, para os ilustradores que se tornaram escritores – e vice-versa, mas principalmente, orienta a seleção de acervos, particulares ou institucionais.

Pelo contato estreito com a produção, a cada ano é apresentada uma introdução ao trabalho produzido procurando apontar as tendências encontradas na literatura para crianças e jovens a partir das obras analisadas. Nossa intenção é criar possibilidades para que esta publicação se torne um material de apoio a diferentes segmentos: ao leitor adulto, a mediadores em espaços formais ou informais de leitura, a bibliotecários, animadores de leitura, agentes culturais, professores, pais e amantes da leitura. E por que não, aos leitores que já possuam autonomia de leitura, para que possam encontrar opções a partir destas resenhas.

Observamos, ao longo de anos de análise da produção editorial, que as bibliografias vêm sendo também um ponto de partida para trabalhos variados como, por exemplo, a elaboração de resenhas por jovens leitores, a partir da mediação de educadores em leituras compartilhadas. Em nosso ponto de vista, a reflexão implicada na realização de resenhas de livros pode ser um grande refinador dos atos de leitura e desencadear discussões a respeito dos textos e das análises feitas, contribuindo para o olhar crítico e criativo dos sujeitos.

A leitura sistemática da produção de literatura infantil e juvenil, bem como as práticas de leitura por nós acompanhadas, nos levam a, novamente, reforçar a confiança na leitura como possibilidade de inserção na cultura e de construção de cidadãos críticos, com maiores possibilidades de resistir à massificação dos tempos atuais.

Ana Lúcia de Oliveira Brandão  
Angela Müller de Toledo  
Anna Flora Coelho  
Stela Maris Fazio Battaglia  
Sílvia Oberg

001. ABRAMOVICH, Fanny. **Pra minha coleção!**. Ilus. Marcio Levyman. 2.ed. São Paulo : Atual, 2005. 40 p. il. color. (Mindinho e seu vizinho)

002. ABREU, Aline. **Mamãe sabe quase tudo**. Ilus. Aline Abreu. São Paulo : DCL, 2005. 16 p. il. color.

Este livro é dedicado a crianças bem pequenas. O enredo é bem leve, narrado na primeira pessoa. A garota acredita que sua mãe sabe tudo: ela sabe fazer carinho, contar histórias incríveis, sabe dar bronca quando é preciso e até sabe quando vai chover ou fazer sol. O texto é divertido, apesar de não apresentar nenhuma história propriamente dita. É mais uma série de brincadeiras e jogos com a linguagem a partir dos múltiplos significados da palavra "saber". Neste sentido a própria mãe, no final do livro, resolve perguntar para a avó da garota como é que ela também sabe tantas coisas. O enredo retrata de maneira simpática o relacionamento entre as gerações. Ressalta que muitas coisas importantes e práticas da vida nós aprendemos com nossa mãe. A autora consegue demonstrar estas questões sem ser piegas, com lirismo e humor. O leitor se identifica com o tema, pois muitas vezes não damos importância ao aprendizado subjacente que há nos pequenos gestos cotidianos: "aprendi com a minha mãe" ou "aprendi com a minha avó". As ilustrações feitas pela própria autora são coloridas e engraçadas. Há uma cor que sobressai mais do que as outras em cada página, criando um belo efeito visual. Livro para ser contado por um adulto a crianças que ainda não sabem ler ou para ser apreciado por aquelas recém alfabetizadas. (A.C.)

003. ABREU, Aline. **Papai é quase um herói!**. Ilus. Aline Abreu. São Paulo : DCL, 2005. 16 p. il. color.

Letra de forma, uma frase em cada página, grandes ilustrações coloridas de páginas duplas, tema ligado ao universo infantil: estas são características interessantes em obras para as crianças que começam a ler. Este livro tem tudo isso e também oferece uma abordagem bastante significativa do tema. A pequena Aline fala do pai com admiração, ele é um herói para ela. O pai é forte (note-se o ângulo inusitado da ilustração das páginas 4 e 5), faz um monte de pipoca, é carinhoso e espanta os medos da menina, porém... tem pavor de barata. Aline então conclui que ele é um "pai-quase-herói", "mas é um super pai". Livro simples que dá seu recado sem pieguices. (A.T.)

004. ABREU, Márcia. **Antologia de folhetos de cordel: Amor, história e luta**. São Paulo : Salamandra, 2005. 132 p. (Lendo e relendo)

Este livro reúne cinco histórias da literatura de cordel, de origem nordestina: "Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho", "Romance do Pavão Misterioso", "A Morte do Presidente Getúlio Vargas", "As proezas de João Grilo" e "Viagem a São Saruê". A introdução competente e adequada ao leitor jovem revela as mudanças que este gênero sofreu ao passar da forma puramente oral à forma impressa em folhetos e apresenta as principais temáticas deste gênero: as histórias de amor e de luta, os relatos históricos e as pelejas, representadas na seleção feita para este livro. A linguagem do cordel, mesmo que na forma impressa, mantém a força da oralidade e o vigor de seus cantadores preservando o ritmo, as rimas, o tom de desafio e o clima de improviso contidos no original. A publicação deste gênero literário, ainda que rara na produção dirigida a crianças e jovens, possibilita a manutenção desta importante tradição e amplia sua abrangência para além dos circuitos tradicionais. (S.O.)

005. ACIOLI, Socorro. **A casa dos Benjamins**. Ilus. Daniel Dias. São Paulo : Caramelo, 2005. n. p. il. color.

A casa em Fortaleza na qual Rachel de Queiroz viveu e escreveu O Quinze, em 1929, é o cenário desta história. A personagem é uma menina que se encantou pela "casa amarela" e pelas velhas árvores que a guardavam. Todos diziam que era mal assombrada e que os benjamins enxotavam quem se aproximasse, mas Flora criou coragem e foi verificar. A partir daí, a própria Rachel se torna personagem para contar à Flora, e a nós leitores, um pouco de sua vida naquele lugar. Socorro Acioli é cearense e conheceu Rachel de Queiroz pessoalmente, ocasião em que esta lhe revelou a existência da casa. Pena que os desenhos de traços esquemáticos contrastem tanto com as belas imagens da casa verdadeira mostradas nas últimas páginas do livro. Obra interessante para apresentar aos pequenos uma grande escritora brasileira. (A. T.)

006. AGUIAR, Luiz Antonio. **Aquário colorido**. Ilus. Thais Linhares. São Paulo : Larousse, 2005. 47 p. il. color. (Leitura e Aventura)

007. AGUIAR, Luiz Antonio. **Assim tudo começou: enigmas da criação**. Ilus. Salmo Dansa. São Paulo : Quinteto, 2005. n. p. il. color. (Mitos e contos)

Dentre as muitas as produções humanas em busca da compreensão da origem do universo e da vida estão os mitos e as lendas, encontrados em todas as culturas do mundo e perpetuados ao longo dos tempos. Este livro reúne mitos e lendas que apresentam diferentes olhares a respeito deste tema, provenientes da religião islâmica, dos gregos, dos aborígenes australianos, dos vikings, dos egípcios, dos maias, dos africanos, dos celtas, dos antigos chineses, da Babilônia, dos índios brasileiros e dos hindus. Estas produções revelam valores e crenças das culturas em que se originaram e nos contam que o universo e a vida seriam criados a partir de situações diferentes, porém sempre relacionadas aos deuses e aos atos divinos, envolvendo amor, sonho, curiosidade, compaixão, mas também, guerra, ambição e desejo de poder. A riqueza simbólica destes textos faz deste livro uma ótima opção de leitura para adolescentes, jovens e adultos. (S.O.)

008. AGUIAR, Luiz Antonio. **Canudos: santos e guerreiros em luta no sertão**. Ilus. Renato Moriconi. 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 87 p. il. (Aventuras da História)

009. AGUIAR, Luiz Antonio. **O mundo é dos canários**. São Paulo : Ática, 2005. 149 p. (Descobrimos os clássicos)

Machado de Assis lido, comentado e apreciado por adolescentes? Sim, isto aconteceu para sete jovens envolvidos em reuniões de um Clube de Leitura, organizado por uma bibliotecária. A situação ocorreu numa província chamada Colinas da Lua, no Rio de Janeiro. Com bastante habilidade e equilíbrio, o escritor Luiz Antonio Aguiar entrecruza trechos de contos de Machado de Assis com o desenrolar do enredo da história que cria. Nesta, Carolina recebe um livro de contos do grande escritor brasileiro, deixado para ela por sua avó, no sótão em que a senhora lia. Apaixonando-se pela obra do escritor e tornando-se bibliotecária, Carolina compartilha descobertas e desconfiças com os jovens leitores, abrindo espaços para associações de idéias com elementos fora do texto, observações, troca de olhares, divergências de opiniões. O clima que existe nas reuniões é sério e descontraído. Paralelamente, transcorre a vida dos jovens com campeonatos, namoros, busca por respostas existenciais. Do grupo, Laura será a personagem mais atingida pelos prazeres e desafios da leitura e literatura. Profundamente envolvida, arrisca-se, cada vez mais, no mundo da escrita, compondo uma criação - "O Mundo é dos Canários", com elementos da vida de Carolina. Os contos de Machado selecionados por Aguiar foram: "A segunda vida", "O enfermeiro", "Eterno", "Missa do galo", "Idéias de canário" e "Umas férias". Eles sofreram cortes e aparecem entremeados com elementos do enredo criado pelo autor do livro. A

empreitada, que poderia ter sido desastrosa principalmente para a apresentação de Machado, revelou-se atrativa para a busca do texto integral, embora as situações dos contos sejam reveladas e postas em discussão. Além disso, há fluidez entre as várias partes do texto, sem artificialismos forçados e nem "conselhos" para mediações de leitura. Ao final do texto há uma apresentação contextualizando a vida e obra desse monumental escritor brasileiro, com referências a seus ilustradores, como Portinari e Goeldi e às adaptações para cinema. Também são mencionadas obras escritas a partir da produção machadiana. É interessante pontuar que, se o fulcro dessa obra é a criação de Machado e as suas possibilidades de leitura, os elementos que a emolduram e sustentam não perdem vitalidade; dessa forma, compõe-se um todo interessante. (S.M.F.B.)

010. AGUIAR, Luiz Antonio. **Que haja a escrita**. Ilus. Salmo Dansa. São Paulo : Quinteto, 2005. 108 p. il. color.

"Que haja a escrita" remete a uma divina criação. E quem a teria feito? Para diferentes povos há diferentes mitos relacionados ao aparecimento dessa arte de registrar as palavras. Esta obra narra o aparecimento da arte de vencer o tempo entre os gregos, sumérios, egípcios, nômades do Saara, vikings, maias, celtas, babilônios, hindus e chineses. Na forma de contos, a linguagem conserva a magia das histórias míticas. Heróis, deuses e gênios sempre aparecem envolvidos nas situações que inauguraram ou consolidaram a "civilização e a cultura". Além do prazer da leitura de belas histórias, o leitor irá se deparar com informações interessantes e com a sabedoria transmitida. Assim, sabe-se que a primeira letra do alfabeto grego, vindo do fenício, é aleph, que significa touro, pelo fato de Zeus ter-se transformado nesse animal ao raptar a irmã de Cadmo. Em busca da jovem raptada, Cadmo não a conseguiu encontrar, mas recebeu, durante a viagem, a missão de fundar a cidade de Tebas. Para consagrar os vinte e dois companheiros de Cadmo mortos durante a busca da jovem, a cidade foi delimitada com vinte e duas letras do alfabeto fenício. Para os maias, a grande tábua de pedra com símbolos gravados trazia o segredo das estrelas. Os chineses foram inspirados pelas marcas dos pássaros nos campos de neve. Para os celtas, na reunião privada dos druidas, surgiam as dúvidas em reviver ou não a escrita secreta de Ogham: se decifrados os seus segredos, o povo poderia ser dominado; em caso contrário, poderiam ser perdidos todos os ensinamentos da Mãe-Terra. Após a história de cada povo, há informações históricas sobre o tema e localização em mapas. Ilustrações de página dupla apresentam os contos, feitas com trajeçamento em preto e cores suaves por Salmo Dansa. Participaram do projeto as historiadoras Marisa Sobral e Fernanda de Camargo-Moro, esta última especializada em Arqueologia. Excelente obra! (S.M.F.B.)

011. AGUIAR, Luiz Antonio (Adapt.). **Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil**. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 86 p. il. Cópias de originais de 1557. (Aventuras da História)

012. AGUIAR, Luiz Antonio (Adapt.). **Robin Hood: lenda medieval**. Ilus. Renato Moriconi. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 48 p. il. (Clássicos universais)

013. ALBAGLI, Fernando. **Asas**. Ilus. Bia Salgueiro. Rio de Janeiro : Zit, 2005. 24 p. il. color.

014. ALBAGLI, Fernando. **O cavalo do mocinho**. Ilus. Patrícia Gwinner. Rio de Janeiro : Zit, 2005. 32 p. il.

015. ALBAGLI, Fernando. **Hans Christian Andersen: contador de histórias.** Ilus. Gerson Conforti. Rio de Janeiro : Zit, 2005. 32 p. il. color.

016. ALBERGARIA, Lino de. **Álbum de família.** Ilus. Ana Maria Moura. São Paulo : SM, 2005. 51 p. il. color. (Muriqui Júnior)

Esta é uma sensível história sobre o relacionamento de uma garota com seus avós. Um dia, dona Tercília, que é a avó materna da protagonista, vem morar com a família. Depois de um tempo, seu avô paterno vende o sítio que possuía e também se muda para a mesma casa. Os pequenos choques de relações entre os pais e os sogros não impedem da menina se encantar com os avós e descobrir outras maneiras mais criativas de viver o dia-a-dia. Por exemplo, a garota descobre que ao invés de ver televisão, ela prefere ouvir as histórias que o vovô Neném conta. As figuras dos avós de certa forma resgatam um tipo de comportamento à moda antiga, em que a delicadeza, a consideração e o bom trato eram fatores importantes nas relações. Enredo singelo, onde as cenas cotidianas mostram ações muito simples, mas permeadas de afeto entre a neta e seus avós: dar milho para as galinhas, improvisar uma festa, comer bolo de chocolate. etc... As cenas, apesar de serem muito simples estão repletas de afeto. O final guarda uma surpresa para o leitor. As ilustrações são bem realistas com traços fortes e coloridos, destacando as figuras. Leitura agradável para crianças recém alfabetizadas. (A.C.)

017. ALBERGARIA, Lino de. **A família invisível.** Ilus. Denise Rochael. São Paulo : Saraiva, 2005. 84 p. il. color. (Jabuti)

018. ALBERGARIA, Lino de. **O menino e o mar.** Ilus. Rogério Coelho. São Paulo : Saraiva, 2005. 63 p. il. (Jabuti)

Edmílson decide vender queijo coalho na praia para poder comprar uma bermuda nova e uma mochila na feira. O garoto não tem prática como ambulante e, além disso, tem que pagar o atravessador, enfrentar sol, chuva e dar dinheiro para a mãe. Apesar de tudo isso, aos poucos, com a ajuda das gorjetas dos turistas, vai conseguindo algum lucro. Edmílson se relaciona bem com as pessoas, faz amizades, sonha ser marinheiro e admira o irmão que partiu para conhecer o mundo. Entre os fregueses há uma menina russa pela qual Edmílson se apaixona. Trata-se de uma história realista, com desilusões e perdas, mas o protagonista tem força e determinação. O menino, vivendo perto do mar, vê o horizonte, tem perspectiva. Céu, mar, gente que fala outras línguas, marinheiros, navios: o mundo é grande e cheio de possibilidades. É um enredo que valoriza o trabalho e o sonho. (A.T.)

019. ALBERGARIA, Lino de. **O relógio do mundo.** Ilus. Rogério Borges. 16.ed. São Paulo : Atual, 2005. 64 p. il. (Entre Linhas. Aventura)

O tema central deste livro é bastante conhecido pelo leitor atual: a necessidade da preservação da natureza e a valorização da Ecologia. O autor consegue abordar estas questões sob uma ótica original. Ele introduz certos elementos próprios da literatura fantástica no decorrer do enredo. A cidade de Cravo Branco está passando por graves problemas. Ela está sendo invadida pela floresta: os cipós enlaçam as casas, flores gigantescas sobem pelos telhados, jardins e plantações. Há vários caçadores no lugarejo que matam os animais do bosque. Por isso, corre o boato de que a selva está se vingando das ações dos homens. Próximo à Cravo Branco, fica a floresta e dentro dela, a vila fantástica de Cucura. Ninguém cruzou a fronteira entre a cidade real e a imaginária. Um dia, o jovem Casemiro atravessa este limite. Guiado por uma coruja, ele

conhece os seres maravilhosos que vivem no local: o caipora, protetor das matas, Coaraci, a rainha e Caruani, o rei da floresta. O jovem passa por algumas experiências fantásticas que remetem ao universo de diversos contos populares: ora diminui de tamanho, ora avança no tempo e fica velho, para logo em seguida voltar a ser menino. São estes elementos que conferem à narrativa uma originalidade. No fundo de uma caverna, Casemiro descobrirá o segredo do "relógio do mundo", que regula o trabalho dos homens e o equilíbrio da natureza. Desse modo, os indivíduos saberão usar com parcimônia os recursos da selva. Então, os moradores de Cravo Branco, desde o dia em que Casemiro retorna à cidade, passam a respeitar estas regras. Obra recomendada para o leitor com domínio de leitura e para o leitor fluente. (A.C.)

020. ALCY. **Tô dentro, tô fora...** Ilus. Alcy. São Paulo : Formato, 2005. n. p. il. color. (Unidunitê)



Este é um livro sem texto com uma proposta inteligente e original: As ilustrações apresentam os conceitos: dentro/ fora; esquerda/ direita; em cima/ embaixo. O mais interessante é o humor das figuras retratadas em situações inusitadas. Por exemplo: um onça dentro de um tronco oco. Sobre o tronco, uma coruja e um pica-pau. Lá atrás, um macaco. Sobre a onça, uma teia de aranha. São imagens repletas de detalhes que incentivam a criança a discernir os conceitos citados acima de maneira lúdica e sem didatismos. Livro imperdível para os que ainda não se alfabetizaram ou para aqueles que estão aprendendo a ler. (A.C.)

021. ALMEIDA, Miguel de. **Clóvis, a história de um menino mau.** Ilus. Paulo Sayeg. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 40 p. il. color. (Lazuli juvenil)

022. ALMEIDA, Miguel de. **Pizuca e os bichos vira-latas.** Ilus. José Zaragoza. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 39 p. il. color. (Lazuli Juvenil)

023. ANDERSEN, Hans Christian. **Andersen e suas histórias.** Adaptação Regina Drummond. Ilus. André Neves. São Paulo : Ave-Maria, 2005. 56 p. il. color.

Este livro apresenta algumas das histórias mais famosas de Andersen: "O soldadinho de chumbo", "A roupa nova do rei", "O patinho feio" junto com outros contos menos conhecidos como "O boneco de neve" e "O anjo". Na primeira narrativa, um boneco de neve, feito por um grupo de garotos, fica amigo de um cachorro e confessa que adoraria correr na neve como as crianças que deslizam com seus trenós. O cão diz que o sol o ajudará a andar e a correr sobre o gelo. O boneco não entende como ele, sendo um simples brinquedo, conseguirá um dia se movimentar. O tempo passa, os dois conversam sobre as pessoas que passeiam na frente da casa e vão ficando cada vez mais amigos. Certo dia, o boneco fica fascinado ao descobrir a lareira, que ele vê pela janela do jardim, que é o local onde os garotos o esculpíram. Mas o cachorro adverte o colega que o fogo de uma lareira é muito perigoso. Finalmente, o inverno chega ao fim e o boneco de neve terá uma surpresa. Neste conto podemos apreciar um dos grandes trunfos de Andersen como escritor: suas descrições maravilhosas dos detalhes da paisagem, a criação um clima fantástico a partir de objetos muito simples, como no trecho em que ele compara os flocos de neve sobre os galhos com rendas feitas de açúcar. O final deste conto é muito triste, mas daquela tristeza necessária, que emociona o leitor, uma sensação que só as histórias antigas são capazes de nos proporcionar. Por exemplo: qual foi a criança que não chorou com a pequena vendedora de fósforos? Mesmo a outra história deste volume, "O anjo", que possui uma visão muito religiosa sobre a morte, não deixa de ser boa literatura. Neste enredo, um menino paralisado

morre é levado por um anjo para o céu. Durante o trajeto a fantástica criatura revela que ela também foi um menino pobre e aleijado. Atualmente uma história como esta costuma ser condenada por muitos adultos que trabalham com crianças: pedagogos, psicólogos e educadores. No entanto, é um direito da criança exercer sua liberdade de escolha dos livros. Não deixa de ser um ato de independência o jovem leitor ter acesso a todo tipo de textos, inclusive aqueles que apresentam uma visão trágica de certos temas considerados tabus como a morte. As ilustrações coloridas de André Neves reforçam as passagens mais significativas das histórias. Obra interessante para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

024. ANDERSEN, Hans Christian. **A pedra da sabedoria**. Tradução Luiza Baeta e adaptação Ana Maria Machado. Ilus. Claudia Scatamacchia. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color. (Clássicos universais)

Esta magnífica história foi criada por Andersen provavelmente inspirada nas ricas fábulas indianas. Neste livro, o conto é adaptado por Ana Maria Machado. O enredo se inicia mostrando que em um dos reinos da Índia ficava a árvore do Sol. A árvore era tão grande, que abrigava um imenso castelo de cristal em um dos seus galhos. Os moradores eram um sábio prudente, seus quatro filhos e uma filha, que apesar de cega, era muito inteligente. No castelo existia também o Livro da Verdade. Todos os homens podiam ler esta obra, mas nenhum era capaz de ler tudo o que estava escrito. Os trechos que versavam sobre a vida após a morte eram incompreensíveis. Isso entristecia o sábio, que almejava o Conhecimento do mundo. Todas as noites, o patriarca conversava com seus filhos sobre as três coisas mais importantes da vida: o verdadeiro, o belo e o bom. Ele dizia que estes três elementos estavam cristalizados na Pedra da Sabedoria. Um dia, os quatro irmãos tiveram o mesmo sonho: cada um havia conquistado a Pedra e a levava para casa. O objeto mágico irradiava tanto brilho, que perto dela, todas as palavras do Livro da Verdade se revelavam para o leitor. Só a irmã não teve sonho algum, pois nem passava por sua cabeça em sair do palácio em busca de aventuras. Um dia, o irmão mais velho resolveu cumprir a missão designada pelo sonho. Ele pretendia só praticar aquilo que fosse bom e verdadeiro e com isso alcançar a verdade. O dom mais aprimorado deste jovem era o sentido da visão. Seus olhos eram capazes de enxergar todos os tesouros escondidos sob a terra e desvendar todos os sentimentos ocultos dos homens. Ele partiu para as terras distantes do norte, mas no meio da aventura se deparou com o Demônio. Este, foi deixando a visão do rapaz tão turva, que ele passou a confundir todas as imagens que via, desistiu de encontrar a Pedra e se perdeu pelo mundo. O segundo filho tinha o dom da audição. Conseguia distinguir o canto de todos os pássaros e ouvir até o silêncio. Ele também partiu pelo mundo atrás da Pedra da Sabedoria. Mas encontrou tantos maldizeres, tanta falação que também se distanciou dos homens e nunca mais voltou ao palácio. Então chegou a vez do terceiro filho conquistar o precioso objeto. Este rapaz possuía o sentido do olfato muito apurado, mas igual ao que aconteceu com seus irmãos, foi provocado pelo Demônio e fracassou na tarefa. O irmão mais novo, que tinha o sentido do paladar perfeito, também não teve sucesso: dissipou sua vida nos prazeres da mesa, se dispersando da missão. Muitos anos se passaram, até que um dia, a Princesa resolveu sair pelo mundo em busca dos irmãos e da Pedra da Sabedoria. A moça não enxergava, mas tinha um dom mais precioso do que os cinco sentidos: a determinação. Amarrou um fio na porta do palácio para não se perder no caminho de volta. Em seguida, lançou quatro folhas mágicas ao vento e teve a certeza de que seus irmãos saberiam responder ao seu chamado. Durante o trajeto, o Demônio também apareceu para a jovem. Tentou confundi-la com falsos elogios, propostas mentirosas e ameaças. Mas a princesa concentrada no seu objetivo, não desviou sua atenção para as provocações. Então, ela acreditou piamente, que a Pedra da Sabedoria estava contida em um simples punhado de terra composto por cada grão de verdade. Então, a heroína pega um torrão de terra e retorna ao lar. O final da história guarda uma bela surpresa nesta belíssima obra repleta de símbolos e alegorias. O texto de Ana Maria Machado confere beleza e um pleno

domínio da linguagem, com o uso primoroso dos sinônimos e das comparações bem articuladas. As ilustrações de Cláudia Scatamacchia ornaram de maneira magnífica esta obra imperdível para crianças com domínio de leitura. Os jovens e adultos também vão adorar. (A. C.)

025. ANDERSEN, Hans Christian. **O rouxinol e o imperador da China.** Tradução e Adaptação Cecília R. Lopes. Ilus. Cláudia Scatamacchia. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color. (Clássicos Universais)

A famosa história de Andersen aqui é apresentada em um belo livro. O tema desta história na realidade é uma crítica ao poder político, que almeja dominar todas as coisas do mundo, mas que é incapaz de ser superior ao esplendor da natureza. Neste sentido, um imperador chinês deseja a todo custo ouvir o canto de um rouxinol que vivia em seu país, cuja fama já havia corrido o mundo, mas que ele não conhecia. Indignado por não saber que havia um pássaro tão famoso em seu próprio reino, o imperador ordenou que todos os súditos fossem trazer a ave para uma apresentação ao vivo no palácio. Um pobre pescador e uma menina já tinham ouvido o pássaro cantar e satisfizeram a vontade do soberano. A pequena ave se apresentou de bom agrado aos convidados. Todos ficaram maravilhados com seu canto, principalmente o monarca. Este convidou o rouxinol para ficar morando no palácio. O rouxinol tinha permissão para sair duas vezes por dia e morava em uma gaiola de ouro. Depois de um tempo, chegou um presente para o rei: era uma caixinha de música com um rouxinol de mola, cujo canto imitava de maneira magnífica o canto do pássaro verdadeiro. Mas quando os dois pássaros fizeram um concerto juntos, o resultado foi péssimo: o canto de um não entrava em sintonia com o do outro. No entanto, havia uma diferença entre a ave verdadeira e a artificial: esta era capaz de repetir o mesmo canto trinta e três vezes sem se cansar. O rouxinol verdadeiro fica muito triste e vai embora do reino. No início, todos estavam tão maravilhados com a máquina, que não se importaram com esta fuga. A ave da caixinha de música cantava tão bem quanto a outra. O único aspecto negativo é que a música era sempre a mesma. Até que um dia, ele arrebentou as cordas e se quebrou. Consertaram a caixinha de música, mas o pássaro só podia funcionar uma vez por ano. O imperador ficou muito triste e depois de um tempo, seu estado de saúde se agravou. Um dia, já estava quase morrendo, quando ouviu um canto muito lindo na sua janela. Era o rouxinol verdadeiro que havia voltado para animá-lo. O final guarda uma mensagem nas entrelinhas muito interessante para a criança. Esta é uma bela história sobre o talento, o poder e a liberdade. É uma obra eterna da literatura mundial. Neste exemplar, as ilustrações magníficas de Cláudia Scatamacchia, com seus traços leves preenchem todos os espaços da página criando um belo efeito. Além disso, sua técnica para fazer contornos é inigualável: ela contorna as ilustrações como se esta fossem pinturas. Ótima obra para crianças, jovens e adultos. (A.C.)

026. ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **A filha do rei.** Ilus. Mariana Massarani. São Paulo : SM, 2005. 64 p. il. (Muriqui)

027. ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Onde está o rabo do sapo?.** Ilus. Elma. São Paulo : Scipione, 2005. 32 p. il. color. (Do-re-mi-fá)

Esta é uma singela história sobre animais. Um dia, o criador do mundo chamou todos os bichos da floresta. Cada um iria escolher que tipo de rabo teria. O pavão, que era muito vaidoso, escolheu o rabo mais bonito. O coelho preferiu um rabo macio e fofo como ele. Já o cavalo quis um bem grande para espanar as moscas. O canguru quis um rabo curtinho para não atrapalhar seus pulos. Mas, o sapo, como era muito preguiçoso, não queria sair da lagoa, só chegou no final e acabou ficando sem rabo. O enredo é muito engraçado, bem ao gosto das crianças pequenas. O único aspecto que soa um tanto negativo para o leitor adulto é o seguinte: a narrativa lembra

muito alguma lenda indígena brasileira. No entanto como não aparece nenhuma informação no livro neste sentido, concluímos que a história seja criação da própria autora. As ilustrações são coloridas e muito interessante, com as figuras pintadas em um tipo de papel que parece enrugado. Leitura para crianças que se iniciam na leitura e recém -alfabetizadas. (A.C.)

028. ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Rita-você-é-um-doce**. Ilus. Ricardo Montanari. 12.ed. São Paulo : Atual, 2005. 80 p. il. (Entre Linhas. Adolescência)

029. ANDRADE, Telma Guimarães Castro (Adapt.). **Tristão e Isolda**. Ilus. Jô Oliveira. São Paulo : Scipione, 2005. 72 p. il. (Reencontro. Literatura)

O enredo se passa em uma época não determinada, provavelmente no século VIII, próxima à coroação de Carlos Magno. Neste famoso romance de cavalaria, Tristão é um jovem que vai prestar serviços ao seu tio, o rei Marcos que vive na Cornualha. Após ter sido ferido pelo gigante Morholt ele é socorrido pela bela princesa Isolda, que trata dos seus ferimentos. Os dois jovens tomam um filtro mágico e se apaixonam perdidamente um pelo outro. No entanto Isolda, devido a uma promessa feita em família está noiva do rei Marcos. As diferentes versões da história no decorrer do tempo apresentam diversos motivos para justifica a razão dos amantes terem tomado a poção mágica. Nesta versão, os jovens acabam ingerindo o líquido por engano. Este imprevisto determina uma "virada" na história. Em êxtase, Tristão e Isolda não são responsáveis pelas mentiras e faltas que cometem. Fazem falsos juramentos e mentem - mas tudo é culpa da poção mágica da paixão. Esta, na verdade, impede o indivíduo de discernir as questões morais. O sujeito, movido exclusivamente pelo desejo justifica qualquer atitude sua, por mais errada que seja. Quando o efeito da poção acaba, os dois amantes continuam apaixonados, mas agora elas recuperam o senso moral e sentem culpados por estarem prejudicando todos à sua volta. Isolda é obrigada a voltar para o reino de Marcos. O casamento não é alternativa para os amantes; o que eles anseiam é a união absoluta e isso só é possível por meio da morte. Neste livro, as ilustrações de Jô Oliveira em preto e branco remetem ao traço das figuras da Literatura de Cordel. Ele cria um belo efeito a partir de diferentes texturas, equilibrando muito bem o claro e o escuro. Obra recomendada para o leitor fluente. (A.C.)

030. ANDRADE, Tiago de Melo. **3 X Amazônia**. Ilus. Rogério Coelho. São Paulo : DCL, 2005. 151 p. il.

031. ANDRADE, Tiago de Melo. **Amigo Eco**. Ilus. Angelo Abu. São Paulo : DCL, 2005. 69 p. il. (Histórias fantásticas)

032. ANDRADE, Tiago de Melo. **Olho mágico**. Ilus. Marcelo D'Saete. São Paulo : DCL, 2005. 125 p. il. (Histórias fantásticas)

033. ARAUJO, Petruccio. **A cremalheira**. Ilus. Roberto Melo. São Paulo : Cortez, 2005. 128 p. il. (Astrolábio)

034. ARDAGH, Philip. **A queda de Fergal**. Tradução David Roberts. Ilus. Alves Calado. Rio de Janeiro : Record, 2005. 139 p. il. (Aventuras improváveis, 1)

Primeiro livro da série Aventuras Improváveis, que apresenta as peripécias dos membros da família McNally: os irmãos Colette, os gêmeos Josué e Albion, Le Fay, Fergal e seu pai Rufus, que pouco se incomodava com os filhos depois da morte de sua esposa e do acidente no mar, no qual havia perdido a perna. A história começa contando como o menino Fergal encontra seu infeliz fim ao despencar da janela do hotel no qual ele e seus irmãos haviam entrado escondidos para acompanhar sua irmã Le Fay, que participava do concurso Jovem Digitador do Ano. As aventuras e desventuras destes personagens estão estruturadas em um enredo de ação, escrito em linguagem que privilegia o clima de non-sense, as situações absurdas para tecer uma crítica mordaz a respeito dos costumes. Os comentários irônicos do autor/narrador a respeito do fazer literário, do sentido da história que escreve e do destino de seus personagens enriquecem a narrativa fazendo deste livro uma ótima opção para crianças com autonomia de leitura. (S.O.)

035. ARRABAL, José. **Histórias do Brasil**. Organização Edmir Perrotti. Ilus. Sérgio Palmiro. São Paulo : Paulinas, 2005. 76 p. il. (Espaço aberto)

Este ótimo livro reúne diversos contos populares brasileiros de várias regiões brasileiras muito bem adaptados por José Arrabal. O aspecto mais interessante da obra é que as histórias são apresentadas na primeira pessoa, como se o narrador fosse um contador de "causos" ou alguém que tenha visto os personagens fantásticos. Por exemplo, a região Norte está representada pela lenda da Matintapereira, uma ave gigante fantástica. A história se inicia da seguinte maneira: "Que medo eu sentia quando ainda era garoto e a Matintapereira rondava a nossa casa, no meio da noite escura, lá em Belém do Pará!" Ela voava e piava. Toda vez que surgia à noite, no dia seguinte, de manhã bem cedo, aparecia uma velhinha pedindo fumo e uma prenda. Se alguém não desse a ela esses presentes, a vingança era fatal: a velha não ia embora. Ficava no quintal e se escondia por lá. Alguns dias depois, começava a sumir objetos na casa: as chaves, o dedal, as canetas... e depois coisas maiores como o frango e o leitão. As artimanhas da Matinta e como as famílias se defendiam das visitas da velha dão o toque de humor a esta narrativa. Um dos aspectos mais interessantes do livro é que ele mostra muitas figuras fantásticas que são pouco conhecidas pela maioria dos leitores. Merece destaque a lenda referente à região Sudeste: "A maldição do fantasma Pé-de-Louça". Este personagem vive nas praias que rodeiam a Ilha Grande, no litoral carioca. O fantasma é sempre um pescador morto nas águas do mar. Um caçara conta para o autor: "Eu estava andando na praia à noite quando alguém me chamou. Eu virei, não era ninguém." Foi quando de repente, o fantasma Pé-de-Louça apareceu: ele era imenso, barbudo e muito feio. Aí, eu fugi, mas não adiantou, ele já havia me visto". O narrador adverte que aquele que se depara com o fantasma, acaba ficando de "juízo mole", com o passar dos anos. Na região Sul, a história é do Boitatá: uma cobra gigante e iluminada, que aparece nos campos descendo de São Paulo até as terras gaúchas. A lenda conta que o Boitatá surgiu em um dilúvio, filha da escuridão com a chuva. Quando a tempestade terminou, apareceu nas coxilhas do Rio Grande uma cobra gigante. Quanto mais ela comia, mais seus olhos brilhavam. A melhor maneira de se defender do monstro é manter a respiração suspensa e os olhos fechados. O autor consegue de maneira magnífica criar um clima de medo por meio de uma linguagem coloquial, que lembra muito uma conversa, uma "contação" de caso. "Era uma noite escura, um negrume de carvão, sem uma estrela no céu... O jovem leitor vai adorar estas histórias, pois elas jogam muito bem com o suspense e a ação. As ilustrações de Sérgio Palmiro ficaram meio escuras sob o fundo cinza. O papel poderia ser de melhor qualidade. Já a capa é bastante sugestiva mostrando algumas das personagens fantásticas dos contos. Livro para crianças com domínio de leitura e para o leitor fluente. (A.C.)

036. ASARE, Meshack. **O chamado Sosu**. Tradução Maria Dolores Prades. Ilus. do autor. São Paulo : SM, 2005. n. p. il. color. (Cantos do Mundo)

Numa aldeia africana localizada entre o mar e a laguna vive Sosu, um menino que não consegue andar. Sosu é amado pela família mas sofre por não poder correr, brincar como os outros meninos, nem ir à escola. Seu maior companheiro é o cachorro Fusa. Um dia, quando os moradores da aldeia saem para trabalhar, Sosu percebe que uma enorme tempestade está se formando e teme pelos velhos e crianças que ficaram sozinhos. Ele precisa chamar os adultos de volta à aldeia com urgência, e isso só poderia ser feito por meio do toque do "tam tam". Mas como, se os instrumentos estavam tão longe de sua casa? Foi preciso muita coragem para que o menino enfrentasse o vento e a água que subia, e se arrastasse até onde estavam os tambores. Com a ajuda de Fusa, Sosu consegue alertar seu povo, que volta a tempo de salvar os parentes e também os animais. Por tudo isso, Sosu ficou famoso, apareceu na televisão e ganhou uma cadeira de rodas para conseguir ir à escola. Um dos aspectos mais interessantes desta obra é que a África não é mostrada de forma estereotipada, como costuma acontecer. Nesta história a cultura tradicional africana está presente ao lado de elementos da sociedade moderna, como a televisão. Além disso, aborda um tema delicado com muita propriedade. Sosu tem uma deficiência física que poderia fragilizá-lo, mas não é isso o que acontece. No final do livro há um mapa que mostra os países do oeste da África e informações sobre como vivem os povos dessa região, onde nasceu o autor da obra. As ilustrações são expressivas e mostram as passagens marcantes do texto. (A.T.)

037. ASSUMPÇÃO, Vera Carvalho. **Na caravela virtual**. Ilus. Dave Santana, Mauricio Paraguassu. São Paulo : Larousse, 2005. 98 p. il. (Viajando pela história)

038. AUGUSTI, Soreny de Espirito; VALVERDE, Eunice Saes Moreno. **Pequenos Leitores** [coleção]. Ilus. Rafael Barreto Herrera e Sueli da Silva Barreto Herrera. São Paulo : AUBISVPG - Sistema Vicentino de Educação, 2005. n. p. il. color. 7 v.

Conteúdo: 1. **O galinho Quiriquiqui** - 2. **A grande aventura de Joaquim e Manoela** - 3. **Uma história de formigas** - 4. **O jardim mágico** - 5. **Os mistérios do mar** - 6. **O nascimento de um menino especial** - 7. **A travessura de Mambayá**.

039. AYALA, Walmir. **O menino que amava os trens**. Ilus. Roberto Magalhães. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 8 p. il. color.

040. AZEVEDO, Artur. **Contos**. Ilus. Renato Moriconi. São Paulo : DCL, 2005. 72 p. il. (O encanto do conto)

Esta é uma ótima coletânea de alguns contos de Artur Azevedo. Durante o século XIX ele foi um dos maiores cronistas do Rio de Janeiro. Bem humorado, irônico ele soube retratar pequenos fatos cotidianos, criticando com muito humor a corrupção política que já assolava o Brasil daquele tempo: a incompetência dos funcionários públicos ou a malandragem do carioca pobre tentando sobreviver com pouco dinheiro na capital federal. O que mais impressiona em seus textos é a atualidade. Muitos contos aqui apresentados parecem notícias do último jornal, o que mostra que o Brasil pouco mudou. O conto "De cima para baixo" é uma crítica exemplar à burocracia, à ineficiência do serviço público brasileiro e ao racismo disfarçado que permeia as relações cotidianas: o ministro chega de mau humor ao seu gabinete e manda chamar o diretor geral: ele havia escrito um decreto de nomeação sem o nome do funcionário que seria nomeado. O diretor geral, após levar a bronca, vai até o chefe da terceira seção e indignado ataca: "o senhor me enviou um decreto sem o nome do funcionário nomeado!" O chefe da terceira seção, por sua vez

vai à mesa do amanuense que copiava à mão todos os documentos escritos e também o ameaça pelo erro. O amanuense, vai até o contínuo, que por sua vez, se vingava em um servente negro. Este, que não tem a quem descarregar a agressão, chega em casa e chuta o cachorro. Já o conto "O velho Lima" refere-se a um velho funcionário público que era muito desligado. No dia em que a República foi proclamada ele estava doente. Lia jornais raramente, por isso, quando melhora de saúde e retorna ao trabalho ainda pensa que o Brasil é um império. Não entende os comentários das pessoas nas ruas e no bonde. Mais surpreendido fica, quando chega na repartição e mandam tirar o retrato de D. Pedro II da parede. Junto a estes contos está o conhecido "O plebiscito", em que um garoto pergunta para o pai qual é o significado desta palavra. O pai não sabe, mas não quer dar o braço a torcer. Então, se atrapalha na resposta ao responder para o garoto que "plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, tratando-se de um estrangeirismo na política brasileira." Livro agradável, esta é uma ótima oportunidade para o leitor conhecer os costumes, do Rio de Janeiro do século XIX e compará-los com os dias atuais. As ilustrações em branco e preto são realistas e um pouco sombrias. No final do livro há uma pequena biografia de Artur Azevedo, salientando seu trabalho como jornalista e também dramaturgo. Obra para o leitor fluente. (A.C.)

041. AZEVEDO, Ricardo. **Abre a boca e fecha os olhos**. Ilus. Graça Lima. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 35 p. il. color.

Este livro apresenta poemas, quadrinhas e adivinhas relacionados à boca e aos dentes: prevenção de cáries, dentista, alimentação, limpeza dos dentes, dente mole, dente do siso, afta, mau hálito, dentadura são alguns de seus temas. Esta publicação mescla poemas mais direcionados à conscientizar a respeito da importância de se conservar os dentes sadios a outros, mais lúdicos e bem-humorados como "Boca suja": "Quando a boca tem memória/ ela vem e conta história/ Quando a boca está vazia/ ela canta e assobia/ Quando a boca sente fome/ Ela só mastiga e come/ Quando a boca está folgada/ ela vem contar piada/ Quando a boca morde a nuca/ ela está meio maluca (...)/ Quando a boca fica suja/ quem escova a dita cuja?". Boa opção para mediadores de leitura que desejem trabalhar a saúde bucal com crianças. (S.O.)

042. AZEVEDO, Ricardo. **Ninguém sabe o que é um poema**. Ilus. Ricardo Azevedo. São Paulo : Ática, 2005. 71 p. il. color. (Quero ler. Poesia)

O autor pode não saber o que é um poema, como indica o título deste livro, mas sabe como fazer poesia, principalmente para os jovens leitores. Usando palavras simples e diferentes formas de agregá-las em seus versos, Ricardo Azevedo consegue mobilizar a empatia do leitor e ativar sua imaginação: "Ou foi por falta de idéia/ Ou falta de inteligência/ Só sei que o cara plantou/ No jardim da própria casa/ Um pézimo de violência." No final da obra há um caderno informativo sobre poesia, dados biográficos do autor, além do tradicional caderno de atividades. Pena que o papel utilizado seja tão ruim a ponto de ser quase transparente. O texto e as ilustrações de uma página aparecem na página anterior formando uma "sombra" muito feia. A obra merece um tratamento gráfico e editorial mais bem cuidado. (A.T.)

043. BAG, Mario. **13 lendas brasileiras**. Ilus. Mário Bag. São Paulo : Paulinas, 2005. 32 p. il. color. (Mito & magia)

044. BAGNO, Marcos. **A lenda do Muri-Keko**. Ilus. Alê Abreu. São Paulo : SM, 2005. 64 p. il. color. (Barco a vapor. Azul)

045. BAGNO, Marcos. **Uma vida de contos de fadas: a história de Hans Christian Andersen.** Ilus. Cris Eich. São Paulo : Ática, 2005. 47 p. il. color.

Este é uma biografia romanceada sobre a vida do famoso autor de literatura infantil. Um garoto resolve ler o livro "Contos de Andersen". Ao pegar o volume, um dos personagens chamado Olé Lukoe convida o garoto para uma aventura fantástica: percorrer todos os lugares onde Andersen viveu durante a sua vida. Por meio de poderes mágicos, os dois conhecem a vila muito pobre na Dinamarca, onde Andersen passou sua infância. O garoto ajudava na limpeza de um Teatro e em troca, o porteiro o deixava entrar para assistir os espetáculos. Mais tarde, indo para Copenhague ele vai tentar a vida como ator. No entanto, devido à falta de talento para representar, começa a escrever as peças para o grupo. Dessa maneira, descobre sua verdadeira vocação. Aos poucos, seu trabalho se torna conhecido devido ao sucesso que fazia junto ao povo. Então, o diretor do Teatro Real de Copenhague encomenda alguns roteiros e oferece uma bolsa de estudos para o jovem. Desse modo, Andersen, conseguiu estudar até a Universidade. Será apenas em 1835 que escreverá suas famosas histórias de fadas. A partir deste momento, sua obra vai se tornando conhecida em toda Europa. Um dos aspectos mais originais do seu trabalho é que ele, ao contrário de Perrault e dos irmãos Grimm, não só pesquisava as narrativas populares, mas criava novos enredos e personagens a partir de temas folclóricos. Além disso, Andersen foi um grande estudioso da mitologia grega e dos contos árabes. Percorreu a Europa e o Oriente, pesquisando a literatura de diversos países. Neste livro, as ilustrações coloridas e leves combinam bem com o enredo. No final há fotos dos principais locais onde Andersen viveu. Essas fotografias poderiam ser maiores. Biografia imperdível para crianças com domínio de leitura e adultos que apreciam contos de fadas. (A.C.)

046. BANDEIRA, Manuel. **Para querer bem:** antologia. Organização Bartolomeu Campos de Queirós. São Paulo : Moderna, 2005. n. p. il. Imagens retiradas de "L'art d'être grand père" de Victor Hugo, 1888.

Esta é uma bela coletânea de diversas poesias do grande autor Manuel Bandeira. Muito bem selecionadas por Bartolomeu Campos de Queirós, o jovem leitor poderá apreciar a beleza estética e o domínio perfeito do poeta em relação à linguagem. Criando metáforas inusitadas: "Teu nome, voz das sereias/ teu nome escrevi-o na areia". Outro elemento que Bandeira dominava com maestria era o uso da concisão aliada à sonoridade dos versos: "A onda anda/ A onda ainda/ A onda, aonde?" Não sendo propriamente um autor para crianças, muitas das poesias de Manuel Bandeira podem ser perfeitamente apreciadas pelo pequeno leitor, pois ele observa de maneira surpreendente as experiências cotidianas, traduzindo em palavras as pequenas coisas que nos cercam e que toda criança conhece: o passarinho, o trem, a estrela, a flor, etc... Todas as paisagens, objetos, perfumes e animais são temas para sua poesia. "Eu vi uma rosa/ Sozinha no galho/ No jardim, na rua/ Sozinha no mundo". Em uma época tão prejudicada pela superficialidade, as poesias de Bandeira representam uma rara oportunidade para a criança lidar com a introspecção resgatando um elemento essencial da infância: a necessidade que cada um tem - algo que muito adulto esquece - de ficar consigo mesmo, apreciando uma poesia que reflete nossas sensações e sentimentos. Livro para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

047. BANDEIRA, Pedro. **Alice no país da mentira.** Ilus. Roko. São Paulo : Ática, 2005. 88 p. il. (Vaga-lume Junior)

048. BANDEIRA, Pedro. **O melhor presente.** Ilus. Osnei. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 23 p. il. color. (Histórias de comportamento)

049. BANDEIRA, Pedro. **O monstro do mar.** Ilus. Osnei. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 24 p. il. color. (Histórias de Comportamento)

050. BANDEIRA, Pedro. **Papo de sapato.** Ilus. Zivaldo. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 40 p. il. color.

051. BANDEIRA, Pedro. **O reizinho da estrada.** Ilus. Osnei. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 23 p. il. color. (Histórias de comportamento)

052. BANDEIRA, Pedro. **Uma idéia solta no ar.** Ilus. Salmo Dansa. São Paulo : FTD, 2005. 31 p. il. color. (Arca de Noé)

053. BANDEIRA, Pedro; TELLES, Carlos Queiroz. **Amor impossível, possível amor.** Ilus. Rogério Borges. São Paulo : FTD, 2005. 125 p. (Cara metade)

054. BARBOSA, Rogério Andrade. **Ai de ti, Tietê.** Ilus. Marcelo D'Saete. São Paulo : DCL, 2005. 48 p. il. color.

Esta obra é uma ficção histórica. O enredo, narrado na primeira pessoa, é sobre um garoto que faz um trabalho na escola sobre o rio Tietê. Apesar do início da história apresentar uma certa característica didática, o autor consegue imprimir um ritmo literário no decorrer dos acontecimentos. O garoto visita museus, realiza uma excursão junto com os colegas até o rio e se surpreende ao descobrir que antigamente havia competições a remo e que as pessoas nadavam no Tietê. O livro também apresenta algumas narrativas folclóricas sobre o rio criadas pelos moradores do interior do Estado. Mesclada à pesquisa, que é o tema central do livro, o autor conta a paixão do garoto por uma colega da classe. Ela faz parte da equipe que está realizando um estudo sobre os imigrantes italianos em São Paulo. Como o menino é neto de italianos, ele dá uma entrevista e desta forma ajuda a garota no seu trabalho escolar. Neste sentido, o enredo mostra a curiosidade intelectual como um fator positivo que aproxima os dois adolescentes. Este elemento garante um caráter literário ao texto. É uma história simples e singela indicada para crianças com domínio de leitura. No final do livro há um quadro com um pequeno relato sobre a história do rio Tietê. As ilustrações coloridas de Marcelo Saete são muito bonitas retratando cenas sob um ângulo original. Os desenhos têm como referência os quadros do pintor Almeida Junior sobre as monções.(A.C.)

055. BARBOSA, Rogério Andrade. **O boi-de-mamão.** Ilus. Regina Yolanda. São Paulo : FTD, 2005. 38 p. il. (Brincante)

Talvez menos conhecido do que o Boi-Bumbá e o Bumba-meu-Boi, o Boi-de-mamão é um auto popular de Santa Catarina, cuja divulgação é intento desta obra. Ele aparece descrito por uma antiga moradora da cidade de Florianópolis durante entrevista a um grupo de crianças. Com bonecos, sanfonas, violões, pandeiros e muita cantoria, faz-se a tradicional festa popular. O Vaqueiro, o Boi e o Palhaço brincam até o boi cair morto. Depois, vem o Urubu para comer a carne do animal, mas é espantado pelo Cachorro. Um dos momentos mais engraçados é a entrada do Médico, que, sem sucesso para reanimar o Boi, ainda recebe um pum de farinha na

cara. O animal ressuscita por artes do Palhaço, mas acaba por ser levado embora por um cavaleiro, montado no Cavalinho. Nessa hora, surge a figura de um bicho-papão, na forma de um boneco parecido com uma serpente e com boca de jacaré - a Bernúncia. Devoradora de crianças, ela as expelia depois pela traseira, mas era personagem aterrorizante para D. Bentinha - a entrevistada, em sua infância. Depois do medo da Bernúncia, vinha a descontração com a Maricota, uma imensa boneca: agitando os braços, ela obrigava todo mundo a se abaixar para não levar tapas, mas acabava sendo motivo de chacota quando sua calçola escorregava pelas pernas abaixo. Por fim, o desfile, e os aplausos do público. Toda movimentação é conduzida por um Cantador de versos - "Nosso boi morreu! / Que será de nós? / Mateus, traga o doutor / pra ver o que aconteceu"; "Senhora Maricota, / Nariz de pimentão, / Deixou cair as calças / Bem no meio do salão. " Essa festa apresenta semelhanças com festas populares de outros locais do Brasil, mas tem sua especificidade. A história do seu nome parece derivar do fato de que a cabeça do primeiro boi foi feita com mamão verde. A festa do Boi-de mamão pertence ao folclore de Santa Catarina, com influência portuguesa de açorianos. Histórias de bruxas, assombrações e seres assustadores junto com tradições populares devem ser preservadas, assegurando a continuidade do nosso patrimônio cultural. Como diz dona Bentinha, o Boi-de-mamão renasce a cada apresentação, diferentemente do que acontece na Farra do Boi, uma prática sulina em que os animais são brutalmente maltratados. O texto, totalmente dentro da atmosfera folclórica catarinense, termina com a oferta de "Pão-por-Deus" a cada estudante - papeizinhos recortados em forma de flores e corações com mensagens de amor e amizade: "Brilha o sol e brilha a lua, / brilha tudo o que é teu. / Brilharão também teus olhos / se me deres Pão-por-Deus." O autor fez pesquisas para a criação do texto e sua bibliografia aparece ao final do livro. As ilustrações de Regina Yolanda apresentam-se em tracejados tipo bico de pena ou em cores fortes, compondo diferentes tamanhos de desenhos: ora em página dupla, ora em pequenos quadros emoldurados pelo que relembra as rendas de bilro, famosas na região. Para crianças com domínio de leitura. (S.M.F.B.)

056. BARBOSA, Rogério Andrade. **O enigma dos chimpanzés.** Ilus. Alberto Linares. São Paulo : Saraiva, 2005. 92 p. il. (Jabuti)

057. BARBOSA, Rogério Andrade. **O tesouro de Olinda.** Ilus. Rosinha Campos. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 110 p. il. (Biblioteca Juvenil)

058. BARBOZA, Patricia. **A primeira vez a gente nunca esquece.** Ilus. Glair Arruda. São Paulo : Amarelinha, 2005. 143 p. il.

059. BARLOW, Steve; SKIDMORE, Steve. **Odisséia.** Tradução Marcelo Filardi Ferreira. Rio de Janeiro : Rocco, 2005. 192 p. (Outernet)

060. **BARNEY e você** [coleção]. Tradução Paula B. P. Mendes. Ilus. Dennis Full (fotos). São Paulo : Caramelo, 2005. n. p. il. color. 7 v.

Conteúdo: 1. **Na biblioteca**/Mark S. Bernthal - 2. **Na escola**/Mark S. Bernthal - 3. **Na fazenda**/Mark S. Bernthal - 4. **No dentista**/Linda Dowdy - 5. **No médico**/Margie Larsen - 6. **No parque**/Maureen M. Valvassori - 7. **No zoológico**/Mark S. Bernthal.

061. BASILIO, João; LEAL, Maria Teresa (Adapts). **Meu tempo e o seu: crianças e adultos escrevem sobre as delícias da infância, ontem e hoje.** Ilus. Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte : Lê, 2005. 61 p. il.

062. BAUSSIÉ, Sylvie. **Pequena história da escrita.** Tradução Marcos Bagno. Ilus. Daniel Maja. São Paulo : SM, 2005. 679 p. il. color. (Pequenas histórias dos homens)

063. BAUSSIÉ, Sylvie. **Pequena história da guerra e da paz.** Tradução Claudio Figueiredo. Ilus. May Angeli. São Paulo : SM, 2005. 93 p. il. color. (Pequenas histórias dos homens)

064. BAUSSIÉ, Sylvie. **Pequena história do tempo.** Tradução Pauline Alphen. Ilus. May Angeli. São Paulo : SM, 2005. 74 p. il. color. (Pequenas histórias dos homens)

065. BEARDSLEY, Martyn. **Sir Gauchelot.** Tradução Eduardo Brandão. Ilus. Tony Ross. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 108 p. il. (O pior cavaleiro do mundo, 1)

Esta é a genial história do pior cavaleiro do mundo, que é aceito na corte do rei Artur por ser um fiel companheiro. Ele é o anti herói típico: atrapalhado e criador de muitas confusões. Uma das passagens mais engraçadas do enredo descreve um torneio medieval, quando a orelha de Sir Gauchelot é decepada por Sir Lancelot. No entanto, o mágico Merlin com seus poderes mágicos conserta a orelha do cavaleiro e os dois ficam muito amigos, pois o personagem conquista a todos com seu jeito trapalhão. Acompanhado pelo fiel escudeiro Herbert, uma figura tão desastrada quanto seu patrão, a dupla lembra muito Dom Quixote e Sancho Pança. No enredo, a bela rainha Guinevere é seqüestrada pela feiticeira Morag. Merlin ajuda nosso anti-herói apresentando a ele seu assistente particular: um gato invisível chamado Sidney Smith. O autor é muito talentoso para criar situações repletas de humor e nonsense: um cavaleiro que vigia uma ponte há muitos anos e se sente infeliz por realizar um trabalho rotineiro e sem sentido; um rei que sofreu um feitiço e que por causa disso só fala o contrário do que pensa e sente, etc... A cena que mostra como Sir Gauchelot derrota a bruxa é muito criativa, pois ele usa sua lança torta que faz uma trajetória impossível no ar. Esta passagem celebra o lado frágil de Sir Gauchelot: será justamente seu lado desastrado o responsável por sua vitória. As ilustrações com traços soltos e estilizados de Tony Ross completam esta imperdível obra para crianças com fluência na leitura. A única ressalva do livro é que falta informação sobre o autor. Seria interessante que a editora apresentasse um pequeno texto sobre Martyn Beardsley, que é muito talentoso e pouco conhecido pelo leitor brasileiro. Além disso, a obra é o primeiro título do que parece ser uma série, mas não há na contracapa nenhuma explicação quanto ao número de volumes que a coleção terá. (A.C.)

066. BELÉM, Valéria. **Histórias da história e outras poesias.** Ilus. Adriana Mendonça. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

067. BELÉM, Valéria. **Tudo em cores e outras poesias.** Ilus. Adriana Mendonça. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

068. BELINKY, Tatiana. **17 é Tov!**. Ilus. Maria Eugênia. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 87 p. il. color.

Novo livro da coleção "Memória e Histórias", que traz excelentes títulos como "Minha vida de goleiro" de Luiz Schwarcz, "Nas ruas do Brás" de Dráuzio Varella e "Do outro lado do Atlântico" de Pauline Alphen. Desta vez as recordações são de Tatiana Belinky, imigrante russa que aqui chegou aos 10 anos de idade, em 1929. Os acontecimentos relatados remontam às décadas de 30 e 40, época em que morou com a família na rua Itacolomi, no bairro de Higienópolis em São Paulo. Foram 17 anos bons, o que nos revela o título do livro pois, na numerologia hebraica, o número 17 significa tov , ou seja, bom. Ao lado de "causos" tipicamente familiares e pessoais, em que se contam as gracinhas das crianças ou as inseguranças de uma adolescente que roía unhas, Tatiana nos brinda com verdadeiras crônicas dos costumes e da história de São Paulo. A autora fala dos casarões, dos carros da época, da rua de paralelepípedos que eram chamados de "macacos", do Colégio Mackenzie, da repercussão no Brasil de acontecimentos ocorridos na Europa (como a Guerra Civil Espanhola e, mais tarde, a 2ª Guerra Mundial). Esta tão aclamada escritora de livros para crianças e jovens declara que sua primeira paixão literária brasileira foi Monteiro Lobato e que o admirava também pela sua forte atuação política, principalmente na questão do petróleo brasileiro por ocasião do Estado Novo de Getúlio Vargas. A obra é ilustrada, contém fotografias da época e, no final, algumas informações sobre os acontecimentos citados no texto. Enfim, um livro de estrutura e linguagem simples, que emociona e informa ao mesmo tempo. (A.T.)

069. BELINKY, Tatiana. **ABC e numerais pra brincar é bom demais.** Ilus. Dulce Osinski. São Paulo : Cortez, 2005. n. p. il. color.

070. BELINKY, Tatiana. **Bisaliques: eta bisa boa!**. Ilus. Cláudia Scatamacchia. São Paulo : Paulus, 2005. n. p. il. color.

071. BELINKY, Tatiana. **Pontos de interrogação.** Ilus. André Neves. São Paulo : Noovha América, 2005. 23 p. il. color.

072. BELINKY, Tatiana. **Teatro para a juventude.** Ilus. Eduardo Carlos Pereira. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 126 p. il. (Passelivre)

Este livro apresenta quatro peças de Teatro que podem ser encenadas por pré-adolescentes. As situações inusitadas e repletas de "nonsense" permeiam que são muito engraçados. A autora domina muito bem o ritmo das ações em cena. Além disso, o texto indica de maneira muito eficaz as marcações e rubricas. Merece destaque à peça "As orelhas do rei" baseada na versão de Hawthorne sobre o mito do rei Midas. Hawthorne foi um dos primeiros adaptadores dos mitos gregos para crianças e jovens. O enredo apresenta o deus Baco realizando o desejo do rei Midas: tudo o que este tocasse viraria ouro. O soberano fica muito feliz, pois dessa maneira sua riqueza sempre aumentava toda vez que ele tocava qualquer objeto. No entanto, depois de alguns dias, Midas descobre que não podia se alimentar: todas as comidas se transformavam no preciso metal. Para sua agonia, o soberano toca em sua filha Áurea e esta vira uma estátua de ouro. Desesperado, ele implora a Baco que desfaça a magia. O deus cumpre a vontade de Midas, mas como lição pela sua ganância, faz-lhe nascer orelhas de asno. Ao adaptar este enredo para o texto teatral, Tatiana Belinky estabelece uma cumplicidade com a platéia. Os espectadores identificam o significado ético subjacente às ações dos personagens. Esta característica é muito

difícil de se conseguir no teatro para crianças. A autora sabe aliar o movimento dos atores à consistência do texto. Esta qualidade é completamente diferente da simples correria no palco, que é um recurso banal, mas muito usado em várias peças infantis. Obra destinada a crianças com domínio de leitura e para o leitor fluente. (A.C.)

073. BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **1, 2, 3 era uma vez...** Ilus. Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. São Paulo : DCL, 2005. 242424 p. il. coloril. coloril. color.

074. BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **Um mundinho de paz.** Ilus. Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. São Paulo : DCL, 2005. 24 p. il. color.

075. BENEVIDES, Ricardo. **O andar do Samuel.** Ilus. Suppa. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. 24 p. il. color. (Mais de perto)

076. BENTANCUR, Paulo. **A máquina de brincar.** Ilus. Estúdio Os Figuras. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2006. 48 p. il. color.

077. BENTANCUR, Paulo. **O olhar das palavras.** Ilus. Estúdio Os Figuras. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 62 p. il. color.

078. BENTANCUR, Paulo. **As rimas da Rita.** Ilus. Eugênio Neves. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 48 p. il. color.

079. BERGALLO, Laura. **A criatura.** Ilus. Daniel Araujo. São Paulo : SM, 2005. 192 p. il. (Barco a vapor. Laranja, 9)

080. BESSON, Luc. **Arthur e os minimoys.** Baseado na idéia original de Céline Garcia. Tradução Renée Eve Levié. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 255 p. (Arthur, 1)

081. Betto, Frei et al. **A palavra do homem: contos inspirados em temas bíblicos.** São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 62 p. (Prazer em ler)

Conteúdo: **Veneranda**/Frei Betto; **Os sonhos de Lucas**/Moacyr Scliar; **Rua da Amargura**/Luiz Vilela; **O semeador**/João Anzanello Carrascoza; **Boi**/Marçal Aquino; **Pedro Pequeno**/Wladyr Nader.

Os contos dessa coletânea foram inspirados em temas bíblicos. Bons escritores brasileiros compuseram narrativas, atualizando ficcionalmente leis éticas e morais existentes no Livro dos Livros. Como diz a contracapa da obra, "trata-se da palavra do homem trazendo para o dia a dia a palavra divina." Diferentemente do que se poderia pensar à primeira vista, as mensagens bíblicas são ressaltadas não por personagens idealmente construídos, mas por elementos ficcionais que agem como "gente de carne e osso"; ou seja, o homem é retratado com os vários traços de sua humanidade - sonhos, ganância, competitividade e incoerências. Cada conto é antecedido pela

frase bíblica inspiradora. O Evangelho de João 11, 25-26, tocando na questão da ressurreição, motivou Moacyr Scliar a contar alguns sonhos do apóstolo Lucas - sonhos premonitórios a respeito da cura de doenças, acompanhados da certeza de que, se alguns sonhos podem se tornar realidade, o desejo de vencer a Morte não lhe era possível de ser realizado nem em seus próprios sonhos. O seu consolo seria sonhar com Jesus vivo, no céu. "A Rua da Amargura" de Luiz Vilela foi inspirada no Livro de Jó 2, 9-10 - "Sua mulher disse-lhe: 'Persistes ainda em tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre de uma vez!'" A cena traz a conversa entre três irmãos a respeito da situação do pai, doente e imóvel no quarto. É como se estivesse morto, diz um irmão, mas morto ele não está retruca a irmã. As dificuldades financeiras, a conta da farmácia e um papel de propaganda - "Compro ouro. Pago bom preço" combinam-se para criar desavenças entre os três, a respeito da retirada e venda dos dentes de ouro do pai moribundo. As discussões trazem os aspectos racionais e emocionais envolvidos numa dramática situação, sem julgamentos emitidos pelo narrador. E assim esta bela obra prossegue com textos de Frei Betto ("Veneranda"), João Anzanello Carrascoza ("O sementeiro"), Marçal Aquino ("Boi") e Wladyr Nader ("Pedro Pequeno"), todos com grande densidade no tocante às relações homem e relatos bíblicos. O projeto gráfico não acompanha a beleza dos textos e enredos da obra. Apresenta, na metade da capa, a figura de um ancião sobreposta a contornos de figuras humanas compondo uma multidão, sem traços faciais. O ancião pode induzir à figura de um Deus velho e sábio, numa perspectiva de religiosidade que não é a adotada pelos contos do livro. (S.M.F.B.)

082. BLACK, Holly; DITERLIZZI, Tony. **As crônicas de Spiderwick**, v. 3 e 4. Tradução Heloisa Prieto. Ilus. Tony DiTerlizzi. Rio de Janeiro : Rocco, 2005. il. (Plena Lua. As crônicas de Spiderwick)

Conteúdo: 3. **O segredo de Lucinda** - 4. **A árvore de ferro**.

Mallory e seus irmãos gêmeos, Simon e Jared, encontraram na biblioteca da velha mansão da família, um estranho livro escrito por um tio bisavô, o "Guia de campo de Arthur Spiderwick para o mundo fantástico ao nosso redor", uma espécie de manual ilustrado a respeito de todos os seres fantásticos existentes. Depois disso, os meninos passaram a viver grandes aventuras envolvendo gnomos, trolls, ninfas, grifos, elfos, ondinas, goblins e outras criaturas desse mundo paralelo. Jared era o mais nervoso e atrapalhado dos irmãos, sempre a se meter em encrencas. Simon colecionava animais de estimação, muitos deles bem estranhos. Já Mallory, a mais velha dos três, era uma excelente esgrimista. Neste terceiro volume da saga, os meninos visitam tia Lucinda, a filha de Arthur Spiderwick, na esperança de que ela lhes dê informações úteis sobre o livro encontrado e seu autor. Eles querem saber por que as criaturas fantásticas os atormentam tanto e qual o interesse delas em possuir o Guia. Tia Lucinda vive num sanatório para doentes mentais e tenta convencer os irmãos de que eles estão correndo grande perigo. Sem levar muito a sério os conselhos da anciã, os três continuam suas investigações e acabam prisioneiros de elfos do bosque. Em "A árvore de ferro" os seres fantásticos se transformam em clones das crianças e raptam Mallory para trocá-la pelo Guia de Arthur Spiderwick. Esta coleção tem cinco volumes em edição bem cuidada (os dois primeiros resenhados na bibliografia anterior), ilustrações internas feitas a bico-de-pena e capas duras com aspecto antigo, tudo muito bonito. É aconselhável que os volumes sejam lidos em ordem numérica, pois há muitas referências a episódios anteriores que comprometem o entendimento do leitor que os desconhecem. Livros indicados para crianças com domínio de leitura. (A.T.)

083. BLOOM, Becky. **A lebre e a tartaruga**. Tradução Eduardo Brandão. Ilus. Pawlak Pawel. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. n. p. il. color.

Os bichos da floresta viviam brigando. A única exceção era Zé Lebre que, por ser considerado o mais rápido de todos, passava seu tempo como um campeão: todas as manhãs malhava um pouco e depois tomava seu café, lia o caderno de esportes do jornal, tirava uma sonequinha e à tarde, punha suas medalhas de ouro no pescoço para dar uma volta. Na verdade, Zé Lebre nunca tinha realmente ganho uma corrida e suas medalhas eram compradas em um brechó. Mas quando Vivi Tartaruga começou a praticar esporte e contagiou todos os outros bichos, que passaram a correr com ela, Zé Lebre ficou preocupado, pois estava destreinado: se os amigos descobrissem que não conseguia acompanhá-los, como iria ficar sua reputação? Uma corrida foi organizada e, depois de muito treino secreto para se preparar, Zé Lebre ganhou a primeira medalha de sua vida. No entanto, ele a entregou à Vivi Tartaruga que, com seu treinamento e entusiasmo, tinha conseguido fazer com que todos se ocupassem e deixassem de brigar. Esta bem humorada história, com ilustrações engraçadas e muito coloridas, fala da amizade mesmo quando há muitas diferenças. Ótima opção para ler aos que ainda não se alfabetizaram e de leitura para os que já lêem sozinhos. (S.O.)

084. BOBROVSKY, J. **Max o cachorro que fala.** Ilus. Fernanda R.Gomes, Juliana R.Gomes. S. Caetano do Sul, SP : Yendis, 2005. 61 p. il.

085. Boldrin, Rolando. **Proseando: causos do Brasil.** Ilus. Murilo. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 69 p. il. (Prazer em ler)

"O que é que ocê me diz, cumpadi?" de um livro que conta causos do Brasil, valendo-se de uma genuína fala caipira? "Quero contar de um cumpadi meu que, para mentir, tava sozinho". E assim, vão surgindo histórias e casos, cheios de sabedoria popular, em que o caipira arranja respostas inteligentes e bem-humoradas. Como no caso do viajante, que ao pedir pouso na casa de um caipira, responde não a todas as perguntas - trouxe cobertor, trouxe trábicêro, lençór? Então, ouve a conclusão: "Que dize que de drumi, o sinhô só trouxe os óio, né? São vinte e um casos em que o leitor encontra a expressão de uma inteligência ingênua e refinada, humor, respostas inesperadas e um linguajar típico de um tempo onde há tempo para arrastar a fala, a prosa, lembrando e comentando fatos passados: "É ou não é, muié? Minha muié se alembra do causo". O autor também é cantor, músico e ator e tornou-se conhecido do grande público pela apresentação do Programa da Rede Globo nos anos 80, o "Som Brasil", buscando novos intérpretes da música brasileira de raiz. A obra fica indicada como fonte para contadores de histórias, pois o texto traz a força da oralidade. Como leitura fica aconselhada aos que dominam a norma culta ou aos que contam com a mediação de um adulto nessas condições, pois a escrita da fala caipira não é feita em itálico ou colocada entre aspas, numa identificação de um registro diferenciado quanto à correção ortográfica. (S.M.F.B.)

086. BONASSI, Fernando. **O pequeno facista.** Ilus. Daniel Bueno. São Paulo : Cosac Naify, 2005. 63 p. il. color.

087. BORGES, José Francisco. **A roupa nova do rei: em cordel.** Ilus. Jô de Oliveira. Rio de Janeiro : Zit, 2005. 32 p. il. color.

088. BRAFF, Menalton. **Gambito.** Ilus. Pepe Casals. São Paulo : SM, 2005. 64 p. il. color. (Barco a vapor. Azul, 7)

Durante uma pescaria com o irmão mais velho, Carlinhos vê um filhote de saracura e resolve adotá-lo como animal de estimação. O bichinho fica muito assustado, treme e pia muito, comovendo o garoto que - depois de uma noite sem dormir - devolve a ave ao seu habitat natural. Esta é uma história simples, mas escrita com maestria. Ela emerge de uma outra, mais profunda, ligada ao relacionamento entre os dois irmãos e ao processo de crescimento e aprendizado do mais novo. Carlinhos admira Maurício, porém tem poucas oportunidades de interagir com ele no dia-a-dia da cidade. Ao mesmo tempo, detesta quando o irmão o chama de pirralho ou deixa evidente a diferença de idade que há entre eles. O texto é narrado em primeira pessoa pelo menino que conta como foi passar as férias ao lado do irmão e todos os desafios que precisou enfrentar para ser valorizado por ele. O episódio de Gambito, a saracura assim batizada por Carlinhos, além de traçar um claro paralelo entre a condição do filhote e a do menino, revela a este último o quanto as escolhas demandam responsabilidade e um olhar que vá além dos próprios desejos. E isto é crescer. Pena que as ilustrações desta obra não acompanham a delicadeza do texto. A ficha para o professor é competente, trazendo informações sobre os autores, contextualizando e interpretando o texto e oferecendo sugestões de trabalho. (A.T.)

089. BRAND, Christianna. **Matilda chegou.** Tradução Nina Horta. Ilus. Edward Ardizzone. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 108 p. il.

Os irmãos Brown são crianças terríveis, muito travessas e mal-educadas. Nenhuma babá consegue trabalhar na casa onde eles moram por mais de um mês. Um dia, respondendo a um anúncio colocado pelos pais nos jornais, aparece a senhora Matilda. Ela é feia, pouco simpática, mas garante que consegue "domar" as crianças. O enredo lembra muito a história de "Mary Poppins", mas neste caso há mais humor devido às traquinagens dos garotos. Assim como Poppins, Matilda é uma espécie de fada disfarçada de pessoa comum. Sua varinha de condão é uma prosaica bengala, que ao ser batida no chão provoca grandes mudanças. O método é bastante original: o toque do objeto incentiva as crianças a levarem a travessura ao seu limite máximo, até os protagonistas se cansarem do que estão fazendo. Desse modo a consciência só surge depois que o limite é ultrapassado. Por exemplo: as crianças são muito gulosas. Em uma cena, elas começam a comer pão com geléia e não querem mais parar. A babá dá uma batida com a bengala no chão e as crianças "comiam o mingau, comiam o pão com manteiga e mais geléia. E mais pão com manteiga e geléia. E mais pão com manteiga e geléia. E mais pão com manteiga e geléia". Neste sentido, a repetição de palavras é um recurso usado com maestria pela autora para reforçar o acúmulo das atitudes das personagens, que devido à magia não conseguem parar de comer. Isso cria um clima anárquico no enredo, contribuindo para o humor e o "nonsense" das situações - limite. Por exemplo: na passagem da história citada acima, os irmãos só param de comer pão com geléia depois que estão empanturrados. Então, a babá bate novamente com a bengala no chão e o encanto se desfaz. O clima surrealista também está presente nas travessuras das crianças : "Francesca tinha enchido a mamadeira do bebê com leite de barro e dava de mamar aos cachorros." Ou: "Antony enchia os tinteiros com geléia vermelha bem mole". Há um outro aspecto interessante nesta história: ela se passa no século XIX, a família retratada é da alta burguesia. Dessa maneira, o leitor tem uma oportunidade de conhecer os costumes de uma outra época: os personagens andam de cabriolés, as mulheres usam botinhas e as crianças usavam roupas duras, engomadas, bordadas. Um trecho emocionante, mas também um tanto ameaçador é quando as crianças fogem de casa e se arrependem no meio do caminho. Elas não conseguem mais voltar, pois a magia as leva sempre de volta à estrada. O único aspecto negativo do enredo é que as crianças aprendem a se comportar devido a um encanto provocado por um adulto - no caso, a bengala de Matilda - e não por causa de uma descoberta feita por elas mesmas. O final da história guarda uma despedida emocionante da babá. As ilustrações em preto e branco são bem sugestivas, pois lembram figuras de almanaques

antigos. É uma história polêmica, mas divertida. Ótimo livro para crianças com domínio de leitura. (A.C)

090. BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O menino que não teve medo do medo.** Ilus. Lelis. São Paulo : Global, 2005. 47 p. il. color.

091. BRANDÃO, Toni. **Perdido na Amazônia 1: Dan contra a terrível Doutora Nova.** Ilus. Fido Nesti. São Paulo : SM, 2005. 176 p. il. (Barco a vapor. Laranja, 7)

092. BRANDÃO, Toni (Adapt.). **Gata borralheira.** Ilus. Suppa. São Paulo : Jaboticaba, 2005. n. p. il. color.

093. BRAZ, Júlio Emílio. **Bem vindos a animal city: o caso do ovo desmemoriado.** Ilus. Jefferson Galdino. São Paulo : Noovha América, 2005. 32 p. il. color.

094. BRAZ, Júlio Emílio. **Esperando os cabeças amarelas.** Ilus. Paulo Borges. São Paulo : Arxjovem, 2005. 174 p. il. (Tudo pode acontecer)

095. BRAZ, Júlio Emílio. **Na cor da pele.** Ilus. Enéas Guerra. São Paulo : Larousse, 2005. 88 p. il. color. (Ninguém merece)

096. BRAZ, Júlio Emílio. **Outro lado da História** [coleção]. Ilus. Salmo Dansa. São Paulo : Scipione, 2005. n. p. il. color. (Outro lado da história)3 v.

Conteúdo: 1. **A galinha dos ovos de ouro** - 2. **Os músicos de Bremen** - 3. **O sapo e a princesa.**

097. BRAZ, Júlio Emílio. **A rua do terror.** Rio de Janeiro : Zit, 2005. 88 p.

098. BRAZ, Júlio Emílio. **Um garoto consumista na roça.** Ilus. Roberto Negreiros. São Paulo : Scipione, 2005. 96 p. il. (Diálogo)

099. BRAZ, Júlio Emílio (Adapt.). **Sikulume e outros contos africanos.** Ilus. Luciana Justiniani. Rio de Janeiro : Pallas, 2005. 63 p. il.

100. BRENMAN, Ilan. **A dobradura do samurai.** Ilus. Fernando Vilela. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. n. p. il. color.



Numa antiga aldeia japonesa vivia um menino chamado Mitio, filho de um famoso samurai, que era também um mestre na arte oriental de dobrar papéis - o origami. Naquele tempo, esta arte era proibida às crianças, pois o papel era muito caro e, assim,

o menino podia apenas observar o trabalho feito por seu pai. Ao completar a maioridade, Mitio pôde realizar seu grande sonho: experimentar fazer seus próprios origamis. Extremamente talentoso, Mitio aperfeiçoa sua arte, tornando-se um grande mestre e, mesmo na velhice, continua a trabalhar. Um dia, um de seus netos tenta acordá-lo, porém ele não se mexe. Ao chegar perto do avô, o menino percebe que o seu nariz está descascando e, "com muito medo, começou a puxar o que parecia ser a ponta de um papel. Para sua surpresa, o corpo do avô foi se revelando uma enorme dobradura." Ao desmanchar aquela "dobradura de gente" o menino libertou centenas de tsurus (ou grous, aves da saúde e da sorte, de acordo com a cultura oriental), que saíram voando do corpo de Mitio. A aldeia inteira foi acordada pelos gritos do menino e, assim, todos puderam ver quando o corpo do mestre foi carregado pelos ares por dezenas de tsurus. Esta bonita história, ilustrada com imagens inspiradas na pintura oriental, recria a atmosfera dos contos da tradição oral japonesa, surpreendendo o leitor por seu poético e inusitado desfecho. Ótima opção de leitura para todas as idades. (S.O.)

101. BRENMAN, Ilan. **As narrativas preferidas de um contador de histórias**. Ilus. Fernando Vilela. São Paulo : Landy, 2005. 63 p. il. color.

O livro reúne sete contos da tradição oral de vários países. "Carne de língua" e "As duas mulheres e o céu" são africanos. O primeiro conta como um rei muito poderoso salvou sua esposa de uma doença desconhecida contando-lhe histórias. O segundo explica porque o céu ficou distante da terra e a origem das estrelas. "A madrasta" e "O macaco e a velha" são histórias brasileiras muito conhecidas. Na primeira, uma menina é maltratada pela madrasta e enterrada viva por ela por ter deixado que os passarinhos bicassem os figos da figueira. Na segunda, o macaco que roubava as bananas da velha cai em uma armadilha, ficando preso a uma boneca de piche. Depois de ser comido pela velha, mesmo dentro de sua barriga, ele grita que precisa sair e a velha não tem outra alternativa a não ser soltar um grande pum para livrar-se dele. Em "A tapeçaria de Aracne" temos o mito grego que conta por que a bela tecelã Aracne foi transformada em aranha pela deusa Palas. "O imperador e a águia" (lenda asiática) mostra como a raiva e a impaciência do imperador fizeram com que ele matasse a águia, seu animal de estimação. "O lenhador e a criação das histórias" (conto das Ilhas Canárias) retoma o tema de Sherazade para mostrar como a esposa de um lenhador livrou-se de seus maus tratos e protegeu o filho que esperava contando histórias ao marido até que a criança nascesse, dia em que nascem também todas as histórias da humanidade. As bonitas ilustrações de páginas duplas acrescentam novos sentidos com cores e traços a estes contos. (S.O.)

102. BRIETMAN, Andre Koogan. **Mundo da Criança. História do mundo** [Coleção]. Ilus. Laboratório de desenhos. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. il. color. 5 v.

Conteúdo: 1. **Abu Ali conta seus burros: um conto popular do Oriente Médio** - 2. **A casa que o João construiu: um conto popular francês** - 3. **A roupa nova do imperador: um conto dinamarquês** - 4. **Os três carneirinhos: um conto popular norueguês**.

103. BRIGNANI, Darci Maria. ... **De A a Z, de 1 a 10...** Ilus. Claudia Ramos. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

104. BROWNLOW, Mike. **Pequenos robôs**. Tradução Ana Paula Corradini e Grácia Helena Anacleto. Ilus. Mike Brownlow. São Paulo : Panda Books, 2005. n. p. il. color.

105. BRUSSOLO, Serge. **O sono do demônio**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 263 p. (Peggy Sue e os fantasmas)

"O Sono do Demônio" pertence à série Peggy Sue e os fantasmas, de grande sucesso entre jovens de vários países. O livro começa com a apresentação dos personagens: Peggy e sua família: o pai, a mãe e a irmã. Dentre eles, Peggy, com 14 anos, é a única que consegue ver seres invisíveis, que tentam destruí-la. Mas isto se torna difícil porque a menina é protegida por um feitiço. Além disso, ela conta com a ajuda de um cão azul, que detecta perigos ocultos, comunicando-se telepaticamente. Nesse volume a família de Peggy é atraída para um local deserto onde o pai vai vigiar um autódromo abandonado. Aí ocorriam miragens perigosas que, ao invés de se desfazerem, abriam universos paralelos à aproximação das pessoas. O perigo estava no fato de as miragens apresentarem cenas que atendiam aos desejos das pessoas, ficando difícil resistir. Mas a verdade é que elas eram recrutadas para uma missão da qual não havia retorno....pelo menos como seres humanos, como eram antes de sucumbirem às visões. Atraídos, os pais e a irmã de Peggy desaparecem, levando a menina, o cachorro azul e o novo e estranho amigo Sebastián a procurá-los no universo fantástico, onde pessoas se transformam em árvores e legumes, flores exalam cheiros apetitosos de doces, espaços metamorfoseiam-se, como armadilhas dos Invisíveis para capturar Peggy. Cheio de peripécias, fantasia e suspense, a obra traz a marca que caracterizou Brussolo como autor de ficção científica e terror. O autor surgiu na década de oitenta e a partir de 2000 começou a escrever para jovens. Já recebeu diversos prêmios importantes. A tradução do texto é de Eduardo Brandão. (S.M.F.B.)

106. BUSS, Alcides. **Pomar de palavras**. Ilus. Márcia Cardeal. 2.ed. Florianópolis : Cuca Fresca, 2005. 24 p. il. color.

107. CALADO, Ivanir. **Nicolau e sua casca**. Ilus. Fernando Nunes. 9.ed. Rio de Janeiro : Ediouro, 2005. n. p. il. color.

Nicolau é um caramujo que tem amizade com muitas formigas, apesar delas viverem criticando seu jeito de ser. Elas não aceitam muito seu jeito manso e calmo de fazer as coisas e levar a vida. Um dia ele é encontrado por Humberto, um cupim insatisfeito com a vida em seu grupo que só pensa em produzir e que está ávido por novidades. A amizade cresce e Nicolau o convida a conhecer a sua casa enrolada onde há a sala da aventura, cheia de livros, vídeos e filmes. Humberto adora aquela sala e fica por lá um bom tempo. Entra depois na sala da beleza onde havia pinturas, esculturas, desenhos e mais filmes. Humberto fica fascinado. E por fim a sala da amizade onde os dois passam o tempo conversando. Ele experimentou assim uma nova forma de viver percebe que as formigas e os cupins não tinham e nem terão a noção da riqueza que existe em Nicolau. Está posta para as crianças a diferença fundamental entre os homens: humanistas e capitalistas. Nicolau representa aqui todo o sentido humanista dos homens. Essa bela fábula contemporânea é ótima opção para crianças com alguma fluência de leitura pensarem sobre os valores do mundo atual. (A.L.O.B.) - Resenha publicada na BBLIJ, v.6, correspondente à produção de 1995.

108. CAMPOS, Carmen Lucia; SOUZA, Shirley. **Sinto tudo isso e mais um pouco** [coleção]. Ilus. Cecília Esteves. São Paulo : Escala Educacional, 2005. n. p. il. color. 4 v.

Conteúdo: 1. **Ai! que medo** - 2. **O campeão** - 3. **É meu! É meu!** - 4. **Você não é mais meu amigo!**

109. CAMPOS, Kléber Garcia. **O último dos heróis**. Ilus. Alberto Pinto. Juiz de Fora : Franco, 2005. 31 p. il. (Leitores jovens, 6)

110. CANTE ESSA HISTÓRIA [Coleção]. Cante essa história. Ilus. Marina Ueno. São Paulo : Evoluir, 2005. il. color. 3 v.

Conteúdo: **Paratodos**/Chico Buarque de Holanda - **A paz**/Gilberto Gil e João Donato - **Passarim**/Tom Jobim e Paulo Jobim.

111. CANTON, Katia. **Era uma vez Andersen**. Ilus. Alzira Fragoso e outros. São Paulo : DCL, 2005. 66 p. il. color.

112. CANTON, Katia. **Era uma vez Perrault**. Ilus. Alzira Fragoso e outros. São Paulo : DCL, 2005. 79 p. il. color.

A escritora Katia Canton, pesquisadora de contos de fadas, adaptou seis contos de Perrault: "Pele-de-Asno", "A bela adormecida no Bosque", "Barba Azul", "Chapeuzinho Vermelho", "O gato de botas" e "Cinderela". Neste trabalho ela manteve-se fiel ao original, embora tenha criado novos finais poéticos; ao invés de serem "morais", são chamados poemas das histórias. Na verdade, porém, são imbuídos de reflexões e ensinamentos sobre a história. A obra apresenta ilustrações antigas, de Gustav Doré e outras, de autores contemporâneos: Alzira Fragoso, Elisa de Magalhães, Flávia Ribeiro, Luciana Schiller, Luiz Hermano e Márcia Clayton). A combinação das diferentes representações de imagens cria um aspecto interessante no conjunto da obra. A modernização do texto aparece em algumas expressões: o jovem chamado Marquês de Carabás "era bem bonito por natureza", em "A Bela Adormecida no Bosque" as fadas benfazejas aparecem nomeadas - Fada Aquarela, Fada Carinho etc...Além disso, é dada uma receita de molho Robert para acompanhar carnes ( o mesmo que a ogra pretendia usar para comer seus netos). Em "Cinderela", a madrinha (fada) diz: "Nada de se acomodar na tristeza. Vamos à luta!" Há uma apresentação da obra intitulada "A era dos contos de fadas" e uma introdução, "Era uma vez Perrault", ambas com muita riqueza de informações. O livro é interessante pela preservação das histórias de Perrault e pela proposta do diálogo de ilustrações, bem como a apresentação dos ilustradores e a especificação de algumas técnicas e materiais utilizados. Em "A Bela Adormecida no Bosque", Márcia Clayton usou mais de 1000 (mil) adesivos para compor o bosque - pequenas tartarugas, diminutos sapos, estrelas, folhas, expressões tipo "emotions" usadas em mensagens eletrônicas e muitos números formando um "colchão", em alusão à passagem dos 100 (cem) anos). Luiz Hermano, em "Barba Azul" usou bico de pena, pincel, aquarela, café, vinho e caneta esferográfica. "O Gato de Botas", de Luciana Schiller foi feito com cortes de tecidos, desenhos e bordados. Chapeuzinho Vermelho foi representada por meio de fotografia. Os diferentes estilos, todos coloridos, contrastam com as xilogravuras de Doré, que são um espetáculo à parte. Para crianças com domínio de leitura. (S.M.F.B.)

113. CAPPARELLI, Sérgio. **Restos de arco-íris**. 8.ed. São Paulo : L&PM, 2005. 71 p.

Em sua oitava edição, este texto é agora publicado com novo projeto gráfico. Divididos em quatro partes - As sete cores, Meio a medo, Revelações e Punhos no ar - os poemas aqui reunidos abordam temas ligados ao período de transição entre a infância e a adolescência, como o primeiro amor, as relações familiares, brincadeiras, amizades, afetividade, sexualidade e à vida política brasileira relacionada ao período em que os versos foram escritos (os anos da ditadura

militar brasileira). Boa opção para leitores, especialmente aqueles que vivem a adolescência. (S.O.)

114. CARLE, Eric. **Devagar, devagar, bem devagar**. Tradução Gilda de Aquino. Ilus. do autor. São Paulo : Brinque-Book, 2005. n. p. il. color.

O bicho-preguiça é preguiçoso? Nada disso, ele só gosta de fazer as coisas bem devagar. Bonito livro com texto em letra de forma e ilustrações de páginas duplas e cores quentes. Elas retratam, além do protagonista, vários outros habitantes das florestas da América do Sul. Outro aspecto interessante da obra é que tanto a apresentação do autor como as informações sobre o animal - dadas pela zoóloga Jane Goodall - também estão com o mesmo tipo de letra. Livro recomendado principalmente às crianças em início de alfabetização. (A.T.)

115. CARMO, Luis Claudio do. **O consultório do Dr. Coruja**. Ilus. Roberto Melo. São Paulo : Cortez, 2005. 28 p. il. color.

116. CARRARO, Fernando. **Em busca da paz**. Ilus. Ana Terra. São Paulo : Elementar, 2005. 39 p. il.

117. CARRASCO, Walcyr. **Abaixo o bicho-papão!**. Ilus. Eva Furnari. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color. (Lazuli infantil)

Esta obra de Walcyr Carrasco e Eva Furnari é bem antiga, embora a informação obtida no livro seja de que esta é a 1ª impressão (2005). Ela foi publicada pela Editora Cultrix em 1984, portanto há mais de 20 anos. Naquela época, a força do texto era maior, mas, de qualquer forma, ele ainda é pertinente. Dois irmãos, Marco e Zeca, têm pavor do bicho-papão. O medo é reforçado pela conduta dos pais, que sempre os ameaçam em nome do famoso monstro. "Não grite alto, o Bicho-papão fica bravo!, avisava a mãe". "Não façam guerra de travesseiros, senão de noite o Bicho-papão vem pegar vocês, dizia o pai." Um belo dia, os meninos resolvem enfrentar o medo e lutar contra o bicho, fosse ele qual fosse. Nas ilustrações, além dos detalhes bem humorados que marcam seu estilo, a artista usa uma bonita composição entre a cor azul - um azul forte - e o desenho hachurado em nanquim preto. História recomendada para ser lida aos bem pequenos. (A.T.)

118. CARRASCO, Walcyr. **Carolina**. Ilus. Eduardo Burato. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color. (Lazuli infantil)

119. CARRASCO, Walcyr. **A menina que queria ser anjo**. Ilus. Walter Ono. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

Esta história foi publicada pela primeira vez na década de oitenta. Apresentando um novo projeto gráfico, esta reedição é muito bem-vinda, devido ao humor da linguagem, do ritmo das cenas e principalmente pela transgressão do comportamento da personagem central. Ana Maria queria ser anjo. Anjo desses que aparecem em altar, de procissão, com asinhas nas costas. Ela achava linda aquela túnica branca, comprida... Neste sentido, o autor subverte o aspecto espiritual que o adulto confere à figuras dos anjos. O que importa no enredo é o desejo da criança. A personagem consegue todos os adereços necessários e se fantasia de anjo. Então, ela encontra um grupo de crianças nadando em um riacho, que a recebem de maneira carinhosa: "Vem, menina, tire estas asas e vem brincar com a gente! Aqui está tão bom!" Então, Ana Maria fica dividida entre seu desejo e outra vontade se impõe: ao mesmo tempo que não quer abrir mão da sua fantasia, ela

também deseja brincar com outras pessoas. O final é muito alegre e surpreendente. Há um aspecto que torna esta obra muito atual que é o seguinte: Atualmente há livros muito ruins, sobre auto-ajuda mesclados com esoterismo. A presença de "anjos" nestas obras é uma constante. É lógico que estes livros não são boa literatura. Neste sentido, esta obra de Walcyr Carrasco surpreende justamente pelo cunho subversivo que ela apresenta: aqui o "anjo" não tem nada de "angelical", não é uma figura espiritual. É simplesmente uma mera fantasia. Isso mostra que uma verdadeira obra literária é atemporal e promove sempre uma nova leitura, independente da época em que ela foi publicada pela primeira vez. Livro para crianças recém -alfabetizadas. (A.C.)

120. CARRASCOZA, João Anzanello. **O menino que furou o céu.** Ilus. Fabiana Salomão. São Paulo : Scipione, 2005. 32 p. il. color. (Crisálida)

121. CARROLL, Jenny. **O arcano nove.** Tradução Alves Calado. 2.ed. Rio de Janeiro : Record, 2005. 269 p. (A mediadora, 2)

122. CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** Tradução Monteiro Lobato. Ilus. Ícone Comunicação. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 144 p. il. color. (Clássicos Nacional)

Este volume é uma reedição. Trata-se de uma das primeiras traduções realizadas no Brasil da obra clássica de Lewis Carrol. Foi escrita por Monteiro Lobato. Nada como um grande escritor traduzindo outro. O trabalho de Lobato preserva todos os jogos simbólicos criados pelo autor inglês. Ao contrário da maioria das traduções, esta não simplifica as brincadeiras com a Lógica, o "non-sense" e as inversões dos múltiplos sentidos que Carroll cria com a linguagem. Assim, o leitor pode apreciar um jogo de sentidos muito amplo nos diálogos. O enredo é bastante conhecido: Alice, correndo atrás do Coelho Branco penetra em uma toca. Lá ela se depara com um universo fantástico repleto de cenários, e objetos inusitados: um lago salgado formado por suas próprias lágrimas, comidas que uma vez provadas, fazem o indivíduo aumentar e diminuir de tamanho. Os personagens também são todos estranhíssimos: a Lebre de Março, o Chapeleiro Maluco, uma Lagarta filósofa; um bebê que vira porco, uma rainha e um exército feito das cartas de baralho. Aliada a este universo incomum, a grande beleza do texto são os diálogos absurdos. Carroll foi um dos maiores professores de Lógica e Matemática em Oxford. Os estudiosos afirmam que o domínio que ele possuía da língua inglesa só era comparável aos jogos semânticos das peças de Shakespeare. Escrito em 1865, "Alice no país das maravilhas" significou uma revolução na Literatura para crianças. O enredo é um pretexto para Carroll inverter todos os sentidos do raciocínio - e conseqüentemente do pensamento moralista da época vitoriana. O eixo principal da obra é o contraponto entre transformação e permanência. Há uma constante mudança de cinco elementos fundamentais que todo ser humano tem como pontos de referência da realidade, ou seja: seu nome; seu corpo, o lugar onde ele está, o tempo em que vive e a linguagem com a qual se expressa. Por exemplo: na cena em que Alice duvida da própria identidade: "Que país estranho! Desde que entrei na toca do Coelho não me lembro mais do meu próprio nome... Eu me chamo... Como eu me chamo? Será que sem nome eu sou a mesma de ontem?" Ou na passagem em que a menina, que está perdida, pergunta para a Lagarta que caminho deve seguir. A lagarta responde que "todos os caminhos levam a algum lugar; por isso depende para onde você quer ir." Há também um jogo filosófico a respeito do Tempo no incrível lanche da Lebre de Março e do Chapeleiro Maluco, cujo relógio marca sempre cinco horas e por isso o chá inglês nunca termina. Há um jogo constante entre o uso coletivo da linguagem e a maneira como cada indivíduo a interpreta. Em um trecho, o Gato Careteiro afirma para a menina: "Diga o que você quer dizer." E Alice responde: "Eu digo o que eu penso". "Não - responde o gato - Nem tudo o que você diz você pensa. E muita coisa você pensa e não diz." Desse modo, o

aparente "non-sense" nos revela uma verdade precisa a respeito do comportamento humano. Além disso, Carroll não realiza apenas uma brincadeira com a Lógica e a Filosofia. Ele vai mais além: a história é uma profunda denúncia à Política inglesa. Muitos estudiosos afirmam que a Rainha de Copas é uma espécie de caricatura da rainha Vitória e da realeza: autoritária, tirana ela manda cortar as cabeça de todos aqueles que não se comportam conforme seus desejos. O autor nos mostra que não há regras para o arbítrio, como no trecho da história em que dois soldados da rainha de Copas são obrigados a pintar com tinta vermelha um pé de roseira branca, porque esta é a cor predileta da soberana. Mas o autor também nos mostra o quanto os poderosos são fracos. Há uma cena em que todos os súditos estão sendo julgados para saber quem comeu os bolos da rainha. Esta afirma para o Valete de Copas: "Você é o culpado. Primeiro será realizada a execução, depois será lida a sentença!" Alice intervém, defendendo o Valete: "Que asneira! Como a execução pode vir antes da sentença!" E quando a Rainha de Copas responde que desse jeito a própria menina terá sua cabeça cortada, Alice enfrenta corajosamente o poder afirmando: "Sou dona da minha boca e da minha palavra! Ninguém dá a mínima importância para suas ordens! Você não passa de uma rainha de carta de baralho!" E joga todas as cartas para o alto desmanchando o tribunal. Neste volume as ilustrações, apesar de pouco atraentes e possuírem um traço meio duro, fogem do padrão dos "Estúdios Disney" cujas imagens de todos os personagens do enredo monopolizam o imaginário da maioria dos leitores. Só pelo fato de não seguir o padrão do desenho americano, esta ilustração já vale, mesmo sendo um pouco feia. Mas há um aspecto negativo: nos créditos do livro não há referências ao nome do ilustrador, está escrito apenas o nome da editora. Tradução impecável, livro imperdível para crianças com domínio de leitura. Os adultos também vão adorar. (A.C.)

123. CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Adaptação Cristina Porto da tradução original de Monteiro Lobato. Ilus. Marcos Guilherme. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 48 p. il. color. (Primeiros clássicos)

124. CARVALHO, Fernando Augusto. **Coração nas palavras**. Ilus. Fernando Augusto Carvalho. São Paulo : Scortecci, 2005. n. p. il. color.

125. CARVALHO, Ilka Valle de. **Dourado e o mar**. Ilus. Mario Vale. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. 40 p. il. color. (Lua Amarela)

Dourado e Palhaço são dois peixes de aquário que vivem muitas emoções. Eles vivem na casa do menino Pedro, que vira-e-mexe brinca com eles. A vida ia fluindo mansa e conhecida, até que um gato começou a rondar o aquário, viu um fato inesperado acontecer. Os peixes então vivem a aventura de sair do aquário e de passear com liberdade por um grande lago. Esta elegia à liberdade e ao prazer de vida surge em meio a imagens coloridas e divertidas que acompanham a proposta e o clima do texto. Ótima opção para crianças recém-alfabetizadas. (ALOB)

126. CARVALHO, Roberta. **De cima para baixo, de baixo para cima**. Ilus. da autora. São Paulo : Noovha América, 2005. n. p. il. color.

127. CASADEI, Silmara Rascalha ; MACHADO, Nilson José. **Seis razões para amar a Natureza**. Ilus. Vera Andrade. 2.ed. São Paulo : Escritinha, 2006. 39 p. il. color.

128. CASÉ, Geraldo. **Histórias do menino**. Ilus. Martha Alencar. São Paulo : Paulinas, 2005. 63 p. il. color.

129. CASTRO, Maria da Gloria Cardia. **A travessia do inferno**. Ilus. Dave Santana, Mauricio Paraguassu. São Paulo : Larousse, 2005. 103 p. il. (Tempo de descoberta)

130. CAZARRÉ, Lourenço. **Clube dos leitores de histórias tristes**. Ilus. Cássio Lima. São Paulo : Saraiva, 2005. 108 p. il. (Jabuti. Aventura)

131. CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Adaptação José Angeli. Ilus. Clarissa Ballario. São Paulo : Scipione, 2005. 47 p. il. color. (Reencontro infantil)

132. CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Adaptação Luiz Antonio Aguiar. Ilus. Renato Moriconi. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 48 p. il. (Clássicos universais)

133. CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Adaptação Leonardo Chianca. Ilus. Gonzalo Cárcamo. São Paulo : DCL, 2005. 111 p. il. color.

134. CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha**. Adaptação Frederico Jeanmaire e Ángeles Durini. Tradução Sérgio Molina. São Paulo : Martins, 2005. 292 p.



Adaptação para jovens leitores da obra mais importante de Miguel de Cervantes (escritor nascido na Espanha, que viveu entre 1547 e 1616), referência na literatura universal que, ao romper com os padrões de sua época, apresentou um novo modo de compreensão do homem e de suas relações com o mundo. O romance narra as aventuras e desventuras de Alonso Quijano, "um fidalgo pobre", que vivia em um lugar da Espanha, na região de La Mancha, com uma sobrinha e uma governanta. Leitor apaixonado de novelas de cavalaria, cujos enredos mesclam o real e o maravilhoso e nos quais heróis saem em luta contra monstros e em defesa de donzelas, o fidalgo enlouquece e abandona-se a este mundo imaginário, no qual se intitula Dom Quixote: "O fato é que o tal fidalgo passava o dia inteiro lendo, e assim, por ler demais e dormir de menos, a cabeça dele ficou cheia das coisas que lia: feitiços, batalhas, duelos, amores e disparates impossíveis. E a tal ponto chegou sua crença nessas invenções, que para ele eram as histórias mais verdadeiras do mundo. Então, já totalmente louco, teve o mais estranho pensamento que nenhum louco jamais teve: achou que era bom e necessário ele virar cavaleiro andante e sair pelo mundo em busca de aventuras, expondo-se a perigos que lhe dessem fama e renome." Ao apontar a leitura das novelas de cavalaria como a razão pela qual Dom Quixote vai ao delírio, Cervantes tece uma crítica a este gênero literário, como também a um modo de ler, que interpreta literalmente estas narrativas fantásticas. Ao representarem personagens divididas, marcadas por conflitos entre a realidade e a aparência, entre a matéria e o sonho e elementos racionais e irracionais, Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança tornaram-se marcas da cultura ocidental. Esta bem realizada adaptação respeita a trama de muitos episódios vividos pelos personagens e o estilo do autor, oferecendo-se como um primeiro contato ao público adolescente para a posterior leitura do texto original de Cervantes. (S.O.)

135. CERVANTES, Miguel de. **Era uma vez Dom Quixote**. Adaptação Agustin Sánchez Aguilar. Tradução Marina Colasanti. Ilus. Nívio López Vigil. São Paulo : Global, 2005. 111 p. il. color.

O clássico de Cervantes está muito bem adaptado para crianças nesta obra. Vamos apreciar as inúmeras aventuras do anti-herói mais famoso do mundo nesta ótima tradução de Marina Colasanti. É lógico que esta clássica obra não foi escrita para crianças, mas tanto o adaptador como a tradutora soube captar o clima repleto de esperança que forma o eixo principal do enredo, que em linhas gerais é o seguinte: De tanto ler histórias de cavalaria, um ingênuo fidalgo espanhol chamado Dom Alonso decide-se se tornar um cavaleiro andante. Ele passa a se chamar

Dom Quixote de La Mancha, devido ao nome de sua aldeia. Sua mente perturbada converte todas as situações cotidianas em grandes façanhas: uma simples estalagem é um belo castelo; uma pobre aldeã vira uma magnífica princesa e moinhos de vento se transformam em perigosos gigantes. Acompanhado pelo seu fiel escudeiro Sancho Pança, Dom Quixote se considera o grande defensor dos fracos e oprimidos. O patético personagem enfrenta sempre situações supostamente perigosas, mas que na realidade são ridículas. No entanto, a grandeza do seu caráter está justamente nesta ingenuidade. O enredo é um dos mais belos retratos da nossa existência: os homens sempre têm a ilusão que suas tarefas são grandiosas, enquanto na realidade a vida humana é insignificante na ordem geral do universo. Apesar disso, Dom Quixote reforça que ter uma meta, por mais utópica que seja, é algo fundamental para o homem. Este elemento dificilmente será captado por uma criança, pois requer um amadurecimento, que é fruto da própria vivência. Mas há um outro aspecto da obra, que o adaptador consegue abordar muito bem para o jovem leitor: a dicotomia entre a realidade e aquilo que Dom Quixote imagina, ou seja, como ele transforma o corriqueiro em algo grandioso. Esta questão é abordada de maneira muito concreta pelo adaptador do romance. Além disso, o escritor e a tradutora sabem usar uma linguagem acessível, mas não simplista. Por exemplo: "Então, Dom Quixote esfaqueou os odres de vinho da estalagem e quando o vinho jorrou, achou que estava lutando contra um terrível inimigo". As ilustrações coloridas conseguem equilibrar muito bem os traços realistas e o humor. Obra imperdível para leitores fluentes. (A.C.)

136. CHAVES, Angela. **Primeiros amores**. Ilus. Melissa Guimarães. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 71 p. il. (Passelivre)

137. CHIKAMATSU. **Os amantes de Sonezaki**. Adaptação Claudio Mitsushiro Ono. Ilus. Elizabeth Tognato. São Paulo : FTD, 2005. 80 p. il. (Teatro em Prosa)

138. CLÁSSICOS adaptados Larousse [Coleção]. São Paulo : Larousse, 2005. n. p. il. color. 4 v.

Conteúdo: **O corcunda de Notre Dame**/Victor Hugo, trad. Cristianne Lameirinha - **Moby Dick**/Herman Melville; trad. Adriana de Oliveira e Paola Morsello - **Viagem ao centro da terra**/Julio Verne; trad. Cláudia Ortiz - **O último dos moicanos**/James F.Cooper; trad. Flávio Barros.

139. CLÁSSICOS em quadrinhos [coleção]. Tradução Luciana Vieira Machado. Adaptação Márcia Williams. Ilus. Márcia Williams. São Paulo : Ática, 2005. il. color. 3 v.

Conteúdo: **Mitos gregos: o vôo de Ícaro** e outras lendas - **Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda** - **Simbá, o marujo**.

Essa coleção apresenta uma característica diferenciada em relação a outras obras que utilizam a linguagem dos quadrinhos. Nessas, em geral, o enredo desenvolve-se pelas falas, pensamentos e expressões dos personagens contidos em "balões". Aqui, além dos quadrinhos, existe um narrador que conta as histórias, presente na linguagem verbal impressa em tiras brancas colocadas abaixo de um ou mais quadros. Embora a linguagem das tiras em branco seja seqüencial e corrente, ela também é seccionada em retângulos justapostos, acompanhando a divisão dos quadros. De que maneira, então, se faz a relação entre os quadrinhos e o texto? Os quadrinhos não são meras ilustrações das histórias, mas eles trazem o traço e o tom jocoso, tornando divertida e ágil a leitura. No mito da Caixa de Pandora, por exemplo, Prometeu acorrentado diz, ao abutre que lhe come o fígado todos os dias: "Eu o teria cozinhado para você, mas o fogo está em falta". À noite, quando Prometeu dorme e sua víscera se regenera, o abutre

diz "O sono é um bom remédio". Num trabalho de criação de imagens altamente elaborado, leve, jovial e muito colorido, e num reconto de histórias clássicas que não desvirtua enredos, Márcia Williams oferece uma apresentação inovadora. Aos leitores acostumados à profusão de imagens, balões, margens coloridas, desenhos e textos conjugados numa mesma página, a direção das leituras poderá ser instantânea. Para leitores acostumados às formas mais tradicionais de quadrinhos ou textos escritos, poderá haver um pequeno desafio para descobrir que, somente a leitura dos quadrinhos não é suficiente. O trabalho compõe-se da conjugação da imagem e do texto, sem que a primeira seja a ilustração do segundo. Dessa maneira, o leitor poderá conhecer e se divertir com a coroação do rei Artur, a importância de sua espada, a Excalibur, a Távola Redonda e seus cavaleiros, destacando Sir Lancelote e Sir Galahad, este último em busca do Graal. Poderá conhecer os mitos gregos de Pandora, Arion e os golfinhos, Orfeu e Eurídice, Os doze trabalhos de Hércules, Dédalo e Ícaro, Perseu e a cabeça de Górgona, Teseu e o Minotauro e Aracne contra Atena. Além disso, se divertirá com as aventuras de Simbá pelos mares. Opção para leitores experientes, jovens e adultos. (S.M.F.B.)

140. CLAVER, Ronald. **Hoje tem poesia**. Ilus. Angelo Abu. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. 32 p. il. color. (De presente)

141. COELHO, Ronaldo Simões. **Macaquinho**. Ilus. Eva Furnari. Belo Horizonte : Lê, 2005. n. p. il. color.

Breve história escrita em letra caixa alta, e lançada pela primeira vez em 1985. Um filhote de macaco sempre ia pra cama do pai no meio da noite. De tanto se mexer e pular, o macaquinho não deixava o pai dormir. Sempre dava uma desculpa para essas excursões noturnas: era o frio, a fome, o medo, o aperto do berço etc. Mas, um dia, o real motivo veio à tona e o problema foi resolvido com muito carinho. As ilustrações de Eva Furnari são perfeitas para o texto e para a faixa etária a que o livro se destina: os bem pequenos. (A.T.)

142. COLASANTI, Marina. **Uma estrada junto ao rio**. Ilus. da autora. São Paulo : FTD, 2005. n. p. il. color. (Isto e aquilo)

A estrada e o rio seguiam caminhos paralelos. Enquanto a estrada ficava parada, o rio seguia seu pequeno curso. A estrada tinha muitas utilidades: recebia carros, charretes e bicicletas; por ela circulavam homens, mulheres e crianças. Com o rio era diferente - ele podia brincar e se movimentar. Pelo menos era isso que pensava a estrada, lamentando sua sorte e invejando a de seu companheiro de trajeto. E essa estrada, na sua meninice, quis mudar o seu papel, alterando-se para viver como o rio. Para isso, com o auxílio da brisa, ondulou seu asfalto. Não se tornou rio e piorou-se, como estrada. Recapeada, tentou novamente encrespar-se com a ajuda do vento. De tal forma alterou-se, que deixou de ser estrada, pois não apresentava mais condições de trânsito. Analisada pelos engenheiros de manutenção, viu-se abandonada e invadida pelo mato. Sentindo-se destruída e sozinha, a estrada chorou. Chorou até libertar-se do asfalto e encontrar-se com a terra - tornou-se uma estrada de terra fresca. Acompanhada por flores e pássaros a estrada viu, pela primeira vez, os privilégios de ser o que era - chegar a cidades e países, escalar montanhas; perceber-se em movimento. E eis que surge um menino e seu cão descobrindo a estrada. Ao pôr do sol, a sombra de ambos alongou-se pela estrada. Esta, olhando para o rio, teve a sensação de que ele a invejava, pois era também um menino à procura de seu jeito de ser. Ler histórias de Marina Colasanti é deparar-se com o mais amplo convite para entregar-se aos mistérios da plurissignificação dos sentidos. A cada leitura, surgem novas idéias e imagens. Hábil na construção de metáforas, a linguagem que utiliza amplia a possibilidade de interpretação, sem tornar o texto hermético. Também ilustradora, seu trabalho nesta obra é primoroso, criando

desenhos com o uso de cores, sem delimitação de traços. Um belo trabalho plástico com um belo trabalho escrito. É ler para conferir! (S.M.F.B.)

143. COLASANTI, Marina. **O homem que não parava de crescer**. Ilus. da autora. 12.ed. São Paulo : Global, 2005. 47 p. il. color.

Assim como o homem não parava de crescer, a escritora Marina Colasanti também continua a ver o crescimento de sua obra, visto que este livro aparece agora em 12ª edição, pela Global Editora. O crescimento físico desmedido é metáfora para o crescimento pessoal, interior, dado pelas conquistas individuais a partir das capacidades de cada indivíduo. Um crescimento que não é linear, que se dá a conhecer em períodos, assustando quem já se acha crescido, seguro e com idéias de cuidar da própria vida. A perda do local de conforto - a cama que se tornou pequena - a perda das roupas e sapatos, a visão de locais nunca antes visitados (o alto do armário, a quina do teto), a entrada solitária no sótão, o destelhar da casa aconteceram porque Gul não parava de crescer. A princípio incomodado, com o tempo ele extraiu uma força de si mesmo para acompanhar o crescimento, sair de dentro da casa-ovo e caminhar com os próprios pés. "O tamanho do mundo é sem medida" - com esta frase a autora brinca com a linguagem e revela uma verdade vivenciada pelos que se aventuram a crescer como Cortázar, a quem ela homenageia. Como a própria Colasanti cresce e demonstra, em cada criação, a sua capacidade de lidar com palavras e imagens. Imagens criadas pela força das palavras e produzidas por seus desenhos, contrastando azul-marinho com cor de palha, em formas originais. Há de se destacar a fluidez de trânsito entre o universo cotidiano e o imaginário, na cena inicial da narrativa. Para todos aqueles que estão em processo de crescimento, que saibam disto ou não. (S.M.F.B.)

144. COLE, Babette. **Cupido**. Tradução Eduardo Brandão. Ilus. da autora. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. n. p. il. color.

Esta é uma paródia do mito de Cupido. O interessante é que se destina a crianças pequenas, recém-alfabetizadas. A autora aproveita algumas características dos personagens mitológicos em situações contemporâneas. Desse modo, Cupido é retratado como um garoto travesso, que junto com seus pais divinos, desce do Olimpo para viver na Terra, pois sua mãe, que era a deusa da beleza, queria participar do concurso de Miss Mundo. Seu pai avisa a Cupido para se comportar, pois ninguém pode descobrir que eles não são humanos. Desse modo, os três passam a levar uma vida típica de uma família de classe média urbana: vão ao supermercado e moram em um condomínio. Cupido não demora para flechar as pessoas nos parques e nas praças. No concurso de Miss Mundo, ele flecha os juízes, que se apaixonam por sua mãe e lhe dão o primeiro lugar. Desse modo é eleita a primeira miss Mundo mãe do universo. Um dia, devido às travessuras, uns homens malvados pegam Cupido e o prenderam em uma torre. Mas eles não sabem que o garoto tem asas de verdade. Então, o garoto escapa pelas janelas do castelo e acaba aprontando uma traquinagem muito engraçada com os vilões. De volta ao reino dos deuses, Cupido ganha um arco e uma flecha mais potente do seu pai. As ilustrações coloridas e bem humoradas completam esta divertida história. Para crianças recém-alfabetizadas. (A.C.)

145. COLFER, Eoin. **Pânico na Biblioteca**. Tradução Ryta Vinagre. Ilus. Tony Ross. Rio de Janeiro : Record, 2005. 95 p. il. color.

Os irmãos Marcos e Duda são obrigados pelos pais a passarem duas horas na biblioteca, três vezes por semana, durante as férias. Os meninos têm mais três irmãos e a bagunça na casa é tão grande que os mais velhos foram "condenados" a uma atividade educativa. Aterrorizados pela fama da "bibliotecária ninja", que diziam possuir uma arma que lançava batatas nas crianças mal comportadas, os meninos passaram algumas tardes confinados no tapete da seção infantil

fingindo que liam. Dona Ângela era realmente severa e não tolerava brincadeiras, risinhos e muito menos o atraso na devolução dos livros. Os castigos que aplicava eram terríveis, como o de carimbar o braço dos garotos com a frase "eu amo a Barbie", por exemplo. Este livro apresenta, com muito humor e irreverência, a visão que as crianças têm da leitura, da biblioteca e das regras que são obrigadas a seguir. É certo que também faz crítica a um tipo de bibliotecária intransigente e que se preocupa mais com a organização dos livros do que com o próprio leitor. "Não havia nada lá a não ser livros. Livros só esperando para pular das prateleiras e me fazer de bobo... A biblioteca parecia continuar para sempre. Filas e mais filas de estantes de madeira, lotadas do chão ao teto." De qualquer forma, apesar da biblioteca que intimida e da bibliotecária, os irmãos acabam se interessando pelos livros e tornam-se leitores. E isto é o que, no final, aproxima Duda da famigerada Dona Ângela. O autor é um tremendo gozador que usa o exagero como forma de fazer rir e criticar, é o mesmo que criou o polêmico anti-herói juvenil Artemis Fowl. Pânico na biblioteca é uma história movimentada, flui rapidamente e é ilustrada com desenhos monocromáticos que lembram quadrinhos. Diversão garantida. (A.T.)

146. COLLINS, Ross. **Germes**. Tradução Luzia Aparecida dos Santos. Ilus. do autor. São Paulo : Martins Fontes, 2005. n. p. il. color.

147. COLLODI, Carlo. **Pinóquio**. Tradução Carolina Cimenti. Ilus. Attilio. São Paulo : L&PM, 2005. 189 p. il. (L&PM Pocket, 480)

Publicada originalmente em formato de folhetim em um jornal italiano para crianças entre 1881 a 1883, esta narrativa de Carlo Collodi (1826-1890) tornou-se um clássico da literatura mundial. Esta tradução de Carolina Cimenti apresenta na íntegra as aventuras do famoso boneco de madeira. Portanto é uma leitura fundamental, pois preserva o enredo original apresentando um resultado muito mais amplo do que o conhecido filme de Disney ou de outras versões resumidas da obra. Mestre Cerejeira, um carpinteiro, encontra um pedaço de madeira, que chora e ri como um menino. Ele presenteia seu amigo Gepeto, que também é carpinteiro. Este fabrica uma marionete. Desde o início, à medida que está construindo o brinquedo, Gepeto percebe que o boneco já apresenta um comportamento mal educado: não obedece suas ordens e apronta mil travessuras. Pinóquio, ao sair para a rua passa a enfrentar o mundo e se envolve em inúmeras aventuras. Por ser um boneco, ele não tem consciência e se deixa levar facilmente pelas más companhias. Sente-se atraído em ganhar dinheiro sem esforço e não tem interesse em estudar. Em um teatro ao ar livre, conhece a Raposa e o Gato, dois malandros que aplicam golpes nas pessoas e enganam Pinóquio aproveitando-se da sua ingenuidade e também do seu comportamento indolente. Duas figuras se contrapõem à falta de caráter dos dois vilões: o Grilo Falante, que representa a consciência ética. Ele sempre alerta o boneco sobre o fato de que toda atitude gera um determinado resultado. A outra figura, é a Fada Azul, que aconselha Pinóquio a ser um menino ajuizado e não se deixar levar tanto pelos outros. No entanto, o boneco é desprovido do livre-arbítrio e não mede as consequências dos seus atos, pois ele não é um ser humano. Desse modo, Pinóquio repetirá muitas vezes o mesmo comportamento, se envolvendo com pessoas pouco idôneas e até mesmo praticando ações criminosas, como o roubo. Neste aspecto, a obra apresenta algumas passagens bastante "cruas" da realidade, entre elas, a cena em que o protagonista é preso. Somente a perda emocional é que promoverá uma mudança radical na estrutura da personalidade de Pinóquio. É quando o boneco vê o velho Gepeto perdido em uma pequena embarcação em alto mar. Após um naufrágio, os dois vão se encontrar em um lugar inusitado: dentro da barriga de um tubarão. Pinóquio salvará o carpinteiro desta terrível prisão e pelo trabalho e pelo esforço conseguirá cuidar do seu velho pai. Será após esta longa jornada, que o boneco finalmente, se transformará em um ser humano. Leitura imperdível para crianças e pré-adolescentes que têm um ótimo domínio de leitura para obras mais densas. (A.C.)

148. CONRAD, Joseph. **Coração nas trevas**. Adaptação José Vicente Bernardo. Ilus. Rogério Nunes. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 94 p. il. (Novas leituras)

149. CONTOS POPULARES E ESPANHÓIS. **Contos populares e espanhóis**. Tradução Yara Maria Camillo. São Paulo : Landy, 2005. 205 p.

A leitura deste livro conduz à magia e sabedoria das histórias populares. Nesta coletânea, a esperteza é qualidade preponderante. Pela argúcia, um anão vence os desafios de um gigante (O anão e o gigante), um homem "dribla" uma ordem real, escapando da morte (O galego e o cavalo do rei), uma condessa desmascara um caluniador (A sapatilha de ouro), uma princesa escapa à perseguição amorosa de seu pai (Delgadinha) Quando, porém, a esperteza tenta enganar a Morte, a situação muda de figura. Assim, o carvoeiro adiou a hora de sua "partida", mas não se livrou dela (O carvoeiro e a morte); o mesmo aconteceu com o velho que se disfarçou de menino, tal era o seu medo de morrer (O velho que virou menino). Só a Miséria conseguiu fazer um acordo com a Morte, o que explica porquê ela ainda existe no mundo (A pereira da Tia Miséria). A inteligência combinada com o uso de magia aparece no conto "Perico, o mago", em que um aprendiz, ao fim do seu curso, disputa com o mestre a posse de um livro de magia e a força de seus poderes. A estrutura dessa história é a mesma encontrada no título "O ladrão e seu mestre", coletada pelos irmãos Grimm. Semelhanças podem ser percebidas na comparação de muitas narrativas populares de vários países, fazendo com que o leitor tenha a impressão de já conhecer a história ou, algumas vezes, reconhecer diferentes partes de enredos, reagrupadas em um novo conjunto. Assim, "A flor de Cantueso" inicia-se de forma semelhante a algumas versões do conto "A Bela e a Fera", apresentando seqüência diferente em relação a ele e aproximada com a narrativa "O príncipe-canário" (em "Fabulas Italianas", de Ítalo Calvino). Fato idêntico acontece com "Angelina e o leão". A obra aqui apresentada consta de 32 contos. Em "O gorro verde" um homem ganha um gorro mágico de uma bruxa, a quem auxiliara. Com ele, poderia ler os pensamentos das pessoas. Muito animado, o homem foi falar com o advogado que o defendia numa contenda com um vizinho. E ficou sabendo que era considerado um paspalho, ainda a ser explorado. Chateado, resolveu falar diretamente com o vizinho e descobriu sua intenção de atear fogo à sua casa. Desesperado, foi até sua mulher e tomou conhecimento da sua intenção de assassiná-lo e casar-se com outro. Ao se aproximar da filha, soube que ela queria roubá-lo para fugir com o noivo e, o filho, pretendia correr o mundo, sem avisá-lo de sua partida. Constatando ter recebido um péssimo presente, o homem atirou o gorro ao fogo. Há, ainda, outras boas histórias para o leitor se divertir. Sem ilustrações internas, o livro apresenta imagens na capa, contracapa e orelhas, obras de arte pertencentes a acervos de museus e coleções particulares. Excelente opção! (S.M.F.B.)

150. CORREIA, Almir. **Anúncios amorosos dos bichos**. Ilus. Rubens Matuck. São Paulo : Biruta, 2005. n. p. il. color. (Poemas birutinhas)

151. CORREIA, Almir. **Com o rei na barriga**. Ilus. Bárbara W. Steinberg. São Paulo : Biruta, 2005. n. p. il. color. (Poemas birutinhas)

152. CORREIA, Almir. **Criando monstros e monstrões**. Ilus. Óqui. Juiz de Fora : Franco, 2005. 24 p. il. color. (Suspense, 6)

153. CORSALETTI, Fabrício. **Zôo**. Ilus. Mariana Zanetti. São Paulo : Hedra, 2005. n. p. il. color.

154. CORTIZO, Neide. **O menino e o dragão**. Ilus. da autora. São Paulo : Formato, 2005. 31 p. il. color.

155. COSTA, Silvana. **Amigos pra cachorro**. Ilus. Guto Lins. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. 32 p. il. color. (Mais de perto)

156. COUSSEAU, Alex. **Todo mundo namora menos eu**. Tradução Heitor Ferraz Mello. Ilus. Nathalie Choux. São Paulo : SM, 2005. 96 p. il. (Barco a vapor. Azul, 9)

Gregório é um menino de nove anos, protagonista de uma narrativa plena de humor e leveza. O garoto está apaixonado por Leonor, uma garota de vinte e dois anos que trabalha em uma loja de sapatos. A história de Gregório começa quando seu pai lhe dá um par de tênis vermelhos vendidos por Leonor, sua musa inspiradora. A partir de então começam suas desventuras. O mundo à sua volta parece dar provas a todo o instante de que o amor é possível. Para os outros, é claro, menos para ele! Gregório vive uma paixão que o consome. Contada pelo escritor francês Alex Cousseau, trata com delicadeza e competência de assuntos como solidão, amizade e relações entre pais e filhos. A obra conta também com vinhetas e ilustrações muito divertidas, realizadas pela ilustradora Nathalie Choux. Vale registrar que o poeta Heitor Ferraz soube muito bem traduzir e manter o clima de humor desta deliciosa história. Indicado para alunos das duas últimas séries do ensino fundamental 1.

157. COX, Michael. **Elvis e sua pélvis**. Tradução Eduardo Brandão. Ilus. Philip Reeve. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 207 p. il. (Mortos de fama)

O ídolo de rock Elvis Presley não morreu, acreditam algumas pessoas. Considerando-se que, desde sua morte em 1977, mais de quatrocentos livros foram escritos sobre o cantor e sua música, podemos dizer que ele continua presente como símbolo de uma época. Prova disso é o bem humorado e jocoso livro "Elvis e sua pélvis", cujo autor coloca-se entre os que deveriam ser internados num manicômio por se dedicarem a esta empreitada. A narrativa apresenta informações sobre a vida de Elvis, mostrando-o na ambigüidade de todo ser humano; um homem capaz de presentear desconhecidos e brincar com armas de fogo, detonando lustre de hotel e carros. É meteórica a ascensão do artista, de origem paupérrima. Do início do sucesso em 1956, até sua morte, ele comprou pelo menos mil carros para presentear conhecidos, distinguiu-se por um guarda-roupa excêntrico com vestimentas de couro, pele e lamê dourado; foi idolatrado e execrado por seus movimentos de perna e rebolados; foi rodeado por uma "gangue pessoal", os "Caras" ou a "Máfia" de Memphis, cidade que viu sua jornada às estrelas. Em seu trajeto teve como empresário o Coronel Parker, homem astucioso para o mundo dos negócios, ou, dito de forma menos elegante, um rei das mutretas (várias delas são enumeradas no texto), capaz de ganhar dinheiro até dos que não gostavam do cantor. Junto com o mundo da fama de Elvis e seu apreço pela(o)s fãs, são retratados episódios do cotidiano com os pais, namoradas e conhecidos, mostrando seu humor, preferências, passatempos e comportamentos. Dedicado por um tempo a filmagens de cinema, sem shows ao vivo e deparando-se com o aparecimento dos Rolling Stones e Beatles, Elvis precisou ser relançado e, novamente, estourou nas paradas de sucesso. Entre 1969 e 1977 "fez mais de mil aparições ao vivo". A vida intensa em maior faixa etária, ansiedade por agradar o público e alimentação desregrada com excessivo aumento de peso provocaram a morte prematura do cantor aos 42 anos, o que atraiu 75.0000 pessoas ao seu funeral. A obra intercala linguagem de um narrador com linguagem de quadrinhos, charges e partes de um suposto diário perdido do ídolo, quando, então, a narrativa é feita na primeira pessoa. Não foram apontadas as fontes de informação utilizadas, apenas são mencionados "os melhores jornais da época", sem especificações. As ilustrações são de Philip Reeve e não fica claro a quem pertence

a autoria das charges e quadrinhos. A obra completa-se com dicas para se tornar um clone de Elvis. O autor tem várias obras publicadas para crianças, muitas delas em coleções e traduzidas para países como o Brasil, Rússia, Finlândia e Coreia. Esta tradução brasileira foi feita por Eduardo Brandão. (S.M.F.B.)

158. CRESPO, Lia. **Júlia e seus amigos**. Ilus. Murilo. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 31 p. il. color.

159. CUNHA, Leo. **Contos de Grin Golados**. Ilus. Eliardo França. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. n. p. il. color. (Era outra vez)

Três histórias que partem de narrativas clássicas, mas contêm inovações do autor e elementos intertextuais. A primeira é "Chapeuzinho de Natal" na qual uma menina vai visitar a vovó e, lá chegando, não encontra o lobo e sim o Papai Noel. "Rapunzel no Alto da Torre" tem as passagens mais conhecidas do conto tradicional, porém com um toque de humor e modernidade. Por fim, "A História dos Três Porquinhos", que neste caso chamam-se Pedrito, Palito e Palhaço. Como de costume, o lobo persegue os irmãos e assopra suas casas, mas aqui o final é inesperado. Chegando na casa de Palhaço, o lobo boboca fica confuso porque "era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada..." Estas histórias são interessantes pela proposta de interferência deliberada do narrador nos enredos tradicionais e pela superposição de textos conhecidos das crianças. Como o autor diz no prefácio, trata-se de uma brincadeira com os contos. Obra indicada para ser lida aos não alfabetizados e pelas crianças com domínio de leitura. (A.T.)

160. CUNHA, Leo; MARQUES, Francisco; OBERG, Sílvia; BELINKY, Tatiana. **Cançãozinha e outros sons**. Organização Edmir Perrotti. Ilus. Eliardo França. São Paulo : Paulinas, 2005. 53 p. il. (Espaço aberto)

Esta é uma coletânea de poesias. Léo Cunha, Francisco Marques, Sílvia Oberg e Tatiana Belinky criam belos textos em que o jogo de palavras e significados estabelecem um elo com idéias inusitadas. O tema principal de algumas poesias é a música, no entanto, os autores também apresentam suas visões sobre a vida, a amizade, o amor, a saudade. Por exemplo, na poesia "Composição" Léo Cunha: "Dois pratos. O maestro mestre-cuca põe sal e mistura tudo com sua batuta colher de pau." Merece destaque também a as poesias de Sílvia Oberg "A flor da pele": "Onde nasce a flor da pele? Em que jardim? Em que canteiro?" Neste sentido, os versos tecem uma indagação criativa a respeito do desejo e do afeto. O olhar poético se estabelece em relação à paisagem, ao universo que nos rodeia. É que os poetas são capazes de olhar para o mundo como se fosse pela primeira vez e nos descrevê-lo de maneira surpreendente. Francisco Marques também apresenta um texto sensível: "Cai ou não cai estrela cadente? Se cair eu aparo no meu par de mistérios. Sua queda, estrela cadente, é um susto ou um presente?" As ilustrações de Eliardo França reforçam as imagens bem-humoradas e leve das poesias. A capa é atraente mostrando uma figura em traços leves de um músico e seu instrumento. No entanto, o papel do livro e o projeto gráfico poderiam ser de melhor qualidade, mais condizente com a beleza dos textos. Obra destinada a crianças com domínio de leitura. (A.C.)

161. D'AMBROSIO, Oscar et al. **Contando a arte de** [coleção]. São Paulo : Noovha América, 2005. 47 p. il. color.

Conteúdo: **Rubens Matuck**/Oscar d'Ambrosio - **Claudio Tozzi**/Oscar d'Ambrosio - **Adelio Sarro**/Oscar d'Ambrosio - **Tarsila do Amaral**/ Sylvia Torres.

A Coleção "Contando a arte de ..." traz biografia e obras de artistas brasileiros. O ano de 2005 contempla vida e produção de Cláudio Tozzi, Rubens Matuck, Adélio Sarro e Tarsila do Amaral. Os livros são fartos em informações e imagens, tanto das obras dos autores escolhidos quanto de fotos obtidas de acervos pessoais. Se, por um lado, tal profusão favorece a coleção como fonte de pesquisa, por outro, cria uma certa sobrecarga visual; isto se faz bastante presente, principalmente, na obra referente ao artista plástico Cláudio Tozzi, cujos trabalhos encontram-se em galerias, museus, fachadas de prédios públicos e estações de metrô em São Paulo e no Rio. As obras apresentam quadros explicativos referindo-se a fatos históricos, lugares e personagens citados pelos textos, bem como explicações mais diretamente relacionadas ao universo da arte. Todas as obras citam bibliografia de apoio. Os livros dedicados a Cláudio Tozzi, Rubens Matuck e Adélio Sarro trazem os currículos dos artistas. (S.M.F.B.)

162. DAHL, Roald. **A fantástica fábrica de chocolate**. Tradução Dulce H.Vainer. Ilus. Cláudia Scatamacchia. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 158 p. il. (Escola da magia)

Talvez a mais conhecida obra de Roald Dahl seja "A fantástica fábrica de chocolate", principalmente depois da adaptação de Tim Burton para o cinema, na qual Johnny Depp interpreta o excêntrico Willy Wonka. Porém, este não foi o primeiro filme baseado no livro, e também não é por causa dele que a obra faz grande sucesso entre as crianças. Charlie é um garoto muito pobre que vive com a família (que inclui os quatro avós) em uma casa apertada e com pouquíssima comida. Apesar de morar perto da mais famosa fábrica de chocolates do mundo, Charlie só ganhava um tablete por ano, no dia de seu aniversário. Seus avós eram muito velhos, passavam o dia todo sem fazer nada, deitados numa só cama, mas, à noite, quando Charlie ia vê-los antes de dormir, eles se animavam para conversar e contar histórias. Falavam sobre a fábrica e seus mistérios pois, apesar de os chocolates Wonka serem distribuídos e saboreados por todos que podiam comprá-los, nenhum funcionário era visto entrando ou saindo de seus portões, que estavam trancados há anos. Vovô José contou a Charlie que o Sr. Wonka era uma pessoa muito boa e cheia de novas idéias para seus doces, mas que ficou furioso quando descobriu espiões entre seus trabalhadores e então decidiu despedi-los e fechar a fábrica. Anos mais tarde, os moradores da cidade começaram a ouvir o barulho das máquinas funcionando novamente, ver a fumaça saindo das chaminés e, sobretudo, começaram a sentir o cheiro delicioso de chocolate. No entanto, a não ser por pequeninas sombras que eventualmente apareciam nas janelas da fábrica, nada indicava que ali circulassem trabalhadores. Charlie ficou impressionado com o relato do avô e isso serviu para aguçar sua curiosidade. Um belo dia, repentinamente, o Sr. Wonka anuncia pelos jornais que vai abrir suas portas para a visita de cinco crianças sorteadas através de cupons distribuídos nos tabletes de chocolates. Todos na família de Charlie têm esperança de que o menino receba um dos cupons no único tablete que ganhará dali alguns dias. Porém não foi assim tão fácil para o menino, que passará por várias tentativas frustradas até que um golpe de sorte o favoreça. Daí para a frente, a história segue descrevendo a visita das crianças premiadas ao mundo maravilhoso criado por Wonka, numa sucessão de episódios que desvendam os seus segredos e, ao mesmo tempo, eliminam do passeio uma a uma, as crianças com mau comportamento. No final da visita resta Charlie, que recebe como prêmio a própria fantástica fábrica de chocolates. Trata-se aqui de uma narrativa construída no estilo tradicional, na qual o bom é bom (e merece um final feliz), e o mau deve ser castigado. Os comportamentos não são relativizados. O texto enaltece abertamente a criança bem comportada, dócil e compreensiva. Em compensação, a garota mimada, o guloso, o fanático por tv e a viciada em chicletes serão ridicularizados por um adulto extravagante e por um bando de seres miúdos, os umpa-lumpas, vindos de um lugar fantástico. Contudo, essa estrutura de texto parece não perturbar os leitores. Como nos antigos contos de fadas, toda a tristeza e penúria que envolve a

personagem na primeira parte da história, em oposição ao deleite e fartura que Charlie vivencia depois, parece atraí-los demais. (A.T.)

163. DANTAS, Audálio. **A infância de Maurício de Souza**. Ilus. Projeto gráfico Camila Mesquita. São Paulo : Callis, 2005. n. p. il. fotos. (A infância de...)

Agora é a vez do "pai" da turma da Mônica - Bidu, Franjinha, Cebolinha, Cascão, Magali, Chico Bento - virar personagem de história. Só que não é em quadrinho. É em biografia escrita pelo jornalista e colega Audálio Dantas. O nascimento do menino Maurício já foi cercado de muito barulho: os roncões de uma caravana de motos para homenagear o filho de um dos rapazes da turma, o Tônico de Sousa. O menino cresceu ao lado da alma artista do pai, que chegou a ser galã de radionovelas. Sua mãe fazia letras para músicas que o marido compunha; uma das irmãs cantava e, um dia, ao substituí-la, Maurício ganhou o primeiro lugar num programa de calouros. Sua infância teve pião, pipa, bolinha de gude e uma turma de amigos diversificada, de várias origens. Do Vale do Paraíba a família mudou-se para a capital quando a tipografia de seu pai foi destruída. O menino aprendeu a ler em um gibi, o que era proibido nas escolas daquele tempo. Alimentado pelas histórias da avó, desenhava em folhas de papel, formava tiras que projetava num cineminha no quintal de casa. Mesmo cobrando ingresso, havia sempre público! O livro apresenta várias informações sobre o trajeto deste que se tornou o mais famoso autor de histórias em quadrinhos no Brasil, hoje dono de uma multinacional voltada ao mundo infantil. O projeto gráfico é um tanto rebuscado, com sobreposição de imagens, desenhos, fotos, textos, em cores fortes e muito contrastantes. (S.M.F.B.)

164. DEFOE, Daniel. **As aventuras de Robinson Crusóé**. Tradução Editora Nacional. Ilus. Marcelo Gava. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 527 p. (Clássicos Nacional)



Até que enfim retorna ao mercado editorial o texto integral da obra de Defoe, publicada anteriormente por esta mesma editora nos idos dos anos 50. Percebe-se isso pela opção vocabular utilizada na tradução, que recebeu nesta edição notas de rodapé explicativas. O texto integral pode ser dividido em cinco grandes partes: o famoso naufrágio de Robinson e seus vinte e cinco anos de vivência na ilha; o retorno dele à Inglaterra, recebimento de uma polpuda herança de uma fazenda no Brasil e realização amorosa e familiar na Inglaterra, sua terra natal; a viuvez e novas aventuras de Robinson pelo mar junto ao navio do sobrinho com direito à aventuras no deserto do Marrocos; o retorno dele à sua ilha agora povoada por espanhóis e ingleses na qual ele atua como governador e bem-feitor e - novo naufrágio - retorno à vida de mercador no qual se aventura pelo Oriente, passando pela Rússia e a Sibéria dos czares e por fim à China e posterior retorno à Inglaterra onde passa seus últimos anos da existência. Toda essa odisséia de Robinson, escrita por Defoe por volta de 1700 revela o olhar às vezes europeu, às vezes de crítica irônica aos europeus, como no momento da narrativa em que sua ilha é dividida entre ingleses e espanhóis e os espanhóis são pacíficos e dóceis e os ingleses truculentos. Defoe insere ainda pitadas de imaginação no seu relato de questões culturais complexas como a questão do canibalismo dos caríbas perto da ilha de Trindade e na descrição da empáfia dos chineses de alta estirpe. Esta obra de leitura imperdível para pesquisadores e profissionais da área de Humanas, é também leitura recomendada aos leitores com domínio de leitura. Esta publicação é um ótimo mote para alimentar a discussão sobre a questão da adaptação de caráter puramente mercadológico aplicada às obras de literatura clássica. Vale registrar que o mercado brasileiro, tende a apresentar textos adaptados com apenas a primeira parte desta saborosa aventura. Será que o leitor brasileiro merece tamanho desrespeito? (ALOB)

165. DELORME, Maria Ines. **4 em 1**. Ilus. Marcus Martins. São Paulo : Paulinas, 2005. 24 p. il. color. (Que história é essa?)

166. DIAS, Christina. **O galinheiro do Bartolomeu**. Ilus. Elma. São Paulo : Noovha América, 2005. 23 p. il. color.

Desde criança, Bartolomeu criava galinhas, todas brancas e iguais, tão parecidas umas com as outras que nem nomes tinham. Um dia, o garoto foi pintar a cerca do galinheiro com sua cor predileta. Sem querer, ele tropeçou e a tinta caiu sobre os ovos que estavam por perto. Mamãe galinha levou um susto, mas não deixou ninguém chegar perto dos seus ovos. Bartolomeu gostou da idéia e resolveu pintar todos os ovos com estrelas e bolinhas. Depois de um tempo, os pintinhos nasceram coloridos: Margarida era amarela e branca. Hortênsia, lilás. Rosa era vermelha. O galinheiro parecia um jardim com as galinhas coloridas como flores. Um dia, um vento muito forte levou o galinheiro pelos ares e aconteceu uma surpresa. As ilustrações são muito interessantes, mesclando giz de cera com aquarela. O fundo produz um efeito de papel amassado. Algumas imagens ficaram escuras, com o preto um tanto "carregado". História singela, que não prima pela inovação, mas cujo enredo será apreciado por crianças pequenas que já estejam alfabetizadas. (A.C.)

167. DICAMILLO, Kate. **A história de Despereaux**: que conta o que aconteceu com um camundongo, uma princesa, um pouco de sopa e um carretel. Tradução Luzia Aparecida dos Santos. Ilus. Timothy Brasil Ering. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 255 p. il. color.

Esta história tem como protagonista o pequeno camundongo Despereaux Tilling, que se apaixona por uma princesa chamada Ervilha. São muitos os encontros e desencontros até que estes dois personagens possam desfrutar de um merecido final feliz, como acontece em muitas histórias. Apreciador de música e leitor de romances de cavalaria, Despereaux mora entre as paredes do castelo no qual vive uma linda menina, a princesa Ervilha. Ao vê-la, apaixona-se por ela, jurando defendê-la de todos os males. Por esta razão, Despereaux é expulso da comunidade dos camundongos, amarrado pelo pescoço com uma linha vermelha e levado para o horrível calabouço do castelo, local imundo e escuro onde viviam ratos ferozes. Lá, convive com o carcereiro e os malvados ratos Chiaroscuro e Botticelli até conseguir escapar. Ajudado por Mig, empregada do palácio que deseja ser uma princesa, Chiaroscuro rapta Ervilha, levando-a para o calabouço. Armado com uma agulha de costura e um carretel de linha vermelha para guiar-se pelos labirintos do calabouço, Despereaux vai em busca de sua amada. No entanto, é a princesa Ervilha quem, com sua inteligência, perspicácia e bondade, consegue salvar Despereaux, Mig e até mesmo o maléfico Chiaroscuro. Despereaux não se casa com a princesa, pois mesmo num mundo tão estranho um camundongo não poderia ser marido de uma menina. Mas eles tornam-se grandes e inseparáveis amigos. Esta história mescla mitologia, fantasia e certas características dos contos de fadas com pitadas de humor e ironia apresentando um enredo no qual a amizade, a solidariedade e o enfrentamento de dificuldades e dores são trabalhados de forma bem articulada e sensível. As bonitas e expressivas ilustrações de página inteira feitas em preto e branco, retomam as passagens mais importantes do enredo enriquecendo a leitura. (S.O.)

168. DICAMILLO, Kate. **Winn Dixie meu melhor amigo**. Tradução Luzia Aparecida dos Santos. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 136 p.

India Opal é uma garota norte americana de 10 anos que recebeu este nome em homenagem à mãe, também chamada Opal, e ao país onde seu pai vivera antes de seu nascimento. Quando a menina tinha três anos, a mãe foi embora, abandonando a família e deixando o marido

inconsolável. Pastor da igreja Batista, o pai de Índia Opal só pensava em suas pregações. Um belo dia, um enorme cachorro, feio, magricela e mal cheiroso, invadiu a vida da garota fazendo com que muitas coisas mudassem, principalmente a relação entre pai e filha. Esta é uma história clássica em que uma criança com problemas familiares se apegava a um animal de estimação e, graças a ele, aprende a se relacionar, ganha confiança, descobre o sentido da responsabilidade e amadurece. Winn-Dixie, o cachorro, tem um comportamento peculiar, é muito simpático e amigoso, o que torna a dupla bastante conhecida na pequena cidade onde vivem. A menina, antes solitária, faz valiosos amigos. É uma boa história, que aborda perdas e tristezas, mas não é triste. Foi também adaptada para o cinema e é recomendada às crianças com domínio de leitura. (A.T.)

169. DIEGO, Rapi. **O sapo encantado**. Tradução Luciano Machado. Ilus. do autor. São Paulo : SM, 2005. 64 p. il. color. (Barco a vapor. Branca, 9)

Temos aqui uma outra versão da história do sapo que vira príncipe. Neste caso, o sapo não é um jovem encantado, mas um sapo comum, feliz e apaixonado por uma bela rãzinha. No brejo onde moravam, todos os bichos paravam o que estavam fazendo para escutá-lo cantar para sua amada. No entanto, aconteceu que uma sapa bruxa, por inveja ou ciúmes, transformou o bonito sapão num príncipe. O coitado ficou apavorado e extremamente infeliz. Como se isso fosse pouco, um rei triste achou o rapaz tão engraçado que resolveu casá-lo com sua filha. A princesa de olhos azuis apaixonou-se pelo príncipe, mas este não enxergava nenhuma beleza nela e só pensava em voltar à sua antiga aparência e ao seu verdadeiro amor: a rãzinha do brejo. Esta encantadora história tem um final feliz e bem humorado. O autor é cubano e foi finalista do prêmio El Barco de Vapor concedido pela Editora SM do México em 1996. As ilustrações são ótimas e seguem o mesmo tom engraçado do texto dando vida e expressão aos personagens. Obra ideal para os recém-alfabetizados. (A.T.)

170. DIOGO, Andrea V. **Linha**. Ilus. da autora. Helo Horizonte : RHJ, 2005. n. p. il. color.

171. DISNEY, Walt. **A bela adormecida**. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 16 p. il. color.

172. DISNEY, Walt. **Pluto**. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 16. p. il. color.

173. DISNEY, Walt. **Timão e Pumba**. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 16 p. il. color.

174. DOLABELA, Marcelo. **Batuques de limeriques**. Ilus. Clô Paoliello. São Paulo : Paulinas, 2005. 31 p. il. color. (Esconde-esconde)

175. DOMENICO, Guca; GODOY, Laret. **O jovem Santos Dumont**. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 215 p. il. fotos. (Jovens sem fronteiras)



A obra apresenta a trajetória de vida de Alberto Santos Dumont de modo que o leitor possa acompanhar o contexto familiar e histórico em que se inseriu o grande inventor. Por essa característica e pela fluidez do texto a narrativa foge de um lugar comum a trabalhos dessa natureza: a enumeração de fatos e datas que culminam numa descoberta ou invenção. Além disso, fica aqui marcado o sonho sempre acalentado por um menino que afirmava, em suas brincadeiras - "o homem voa"; também é enfatizada a persistência que levou o jovem a encarar vários insucessos como degraus em direção à conquista do que pretendia. O livro inicia-se por um prólogo contendo uma informação interessante. No dia em que Santos Dumont completaria 96 anos, o homem chegou à Lua (20/07/1969 - Apolo 11). Os vários capítulos são nomeados e datados. Exemplificando, em

"Henrique e Francisca" 1856, é abordado o casamento de seus pais e a formação da família; em "Paris" 1891 relata-se sua ida ao Velho Continente para tratamento de saúde de seu pai e a visita memorável à exposição que apresentava o motor de combustão interna. O último capítulo "Baile de Máscaras" encerra a obra em 1902. Mesmo aclamado pela confirmação da dirigibilidade dos balões, Alberto vê-se negligenciado pela mãe de Lurline, jovem que o atraía, sendo chamado de aventureiro! O livro mostra Alberto interessado em máquinas, desde criança, consertando vários equipamentos na fazenda de café em que morava, em Ribeirão Preto. Ressalta sua coragem e destemor, já demonstrados quando, menino, posicionou seu cavalo à frente de um trole descontrolado que levava suas irmãs. Derrubado pelos cavalos da carroça, Alberto levantou-se, pulou para o veículo e assumiu as rédeas, salvando as meninas. Os livros de Júlio Verne o acompanhavam. A narrativa traz um Santos Dumont vivo, garantindo o interesse do leitor em conhecer seu trajeto de estudos, fracassos e conquistas, com seus balões, o "Brasil", em 4 de julho de 1898, o "Santos Dumont nº 1" (20 de setembro de 1898) até o balão nº 6, cujo vôo pôs em questão a premiação de Dumont em 1901, por uma diferença de 40 segundos em relação ao tempo previsto para contornar a torre Eiffel. Com estudos e trabalhos contínuos inventou e voou com um aparelho mais pesado que o ar, o 14-Bis. Seguiu-se a máquina chamada "Demoiselle" ou "Libélula", com a qual sofreu um acidente em 1910, após o que abandonou a aviação. A debilitação de sua saúde, o abalo dos nervos, a tristeza por ver sua invenção utilizada como instrumento de destruição em conflitos armados levaram-no à morte em 1932. O livro é muito rico em informações, encontradas na própria narrativa e nos quadros explicativos colocados às margens do texto, como suportes ampliadores de conhecimentos. É uma obra que vale a pena ser lida pois mostra a força de um projeto pessoal na construção individual e coletiva. (S.M.F.B.)

176. DORIA, Carlos Alberto. **O lápis muito louco do Rei Branco**. Ilus. Rubens Matuck. São Paulo : Biruta, 2005. 60 p. il. color.

Adaptação livre do poema de Lewis Carroll.

Esta é uma recriação livre do poema Jaguadarte que está em "Alice através do espelho" de Lewis Carroll. Não é um texto de fácil entendimento, bem como o original também não o é. A produção de sentido se dá principalmente pela semelhança sonora das palavras, pelo sentido conotativo delas, pelos neologismos e onomatopéias, ou seja, acima de tudo, pelo que as palavras sugerem. Quase nada aqui é literal ou explícito e o leitor precisará usar a imaginação e ter certa experiência de leitura para apreciar a beleza do texto. O projeto gráfico é bem cuidado, moderno, traz a capa recortada, orelhas grandes e desenhos geométricos que lembram molduras. As ilustrações do artista Rubens Matuck, ao contrário, são feitas em aquarela e parecem mesmo saídas do sonho da personagem. É um contraste visual interessante e significativo, agrega valor estético à obra. No final há uma pequena biografia do autor do texto mas nenhuma palavra sobre o autor das ilustrações. É uma pena, pois Matuck tem um trabalho consistente na área de literatura para crianças e jovens, além de ser um artista reconhecido no universo das artes plásticas. Recomenda-se esta obra aos jovens que já tenham tido contato com a narrativa de Carroll e aos mediadores de leitura. (A.T.)

177. DOYLE, Arthur Conan. **O mundo perdido**. Tradução da Editora. Ilus. Francisco José da Costa. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 134 p. (Clássicos Nacional)

Este livro escrito em 1912 pelo escritor inglês Conan Doyle inspirou o famoso filme "Parque dos dinossauros". A obra merece ser lida pelo adolescente, pois é muito mais instigante do que o enredo adaptado para o cinema. O professor Challenger é um famoso paleontólogo que defende a teoria de que os dinossauros ainda existem em um local da selva amazônica. A única prova concreta que ele tem é uma foto tirada à distância de uma imensa ave. O cientista é ridicularizado

por seus colegas, mas em uma conferência em Londres, o presidente do jardim zoológico, junto com um aristocrata aventureiro chamado Sir John Roxton aceitam financiar uma viagem de exploração para o professor. Mallone, um jornalista, o naturalista Waldron e o professor Summerlee. Após um minucioso preparativo eles partem de navio em direção ao rio Amazonas. Os pesquisadores organizam uma equipe cujos guias são dois índios que conhecem todos os meandros dos igarapés e da selva. Há descrições maravilhosas e repletas de detalhes sobre a floresta neste trecho do enredo. Depois de muito navegar, a equipe percebe que a vegetação está se modificando, pois as plantas vão se tornando cada vez maiores. Então, eles encontram uma planície, onde há um enorme platô. Neste instante, todos vêem uma imensa sombra de asas voando no céu. Quando finalmente chegam ao platô, a ponte por onde tinham atravessado, despenca misteriosamente e os aventureiros ficam presos na região sem poder voltar para a floresta. Neste platô, o Tempo havia parado devido ao isolamento do lugar. Então, eles se deparam com uma cena empolgante: avistam cinco animais pré-históricos, mais altos do que elefantes. Encontram pegadas do tamanho de um homem e assistem estarecidos a uma luta entre dois megalossauros. Depois de um tempo retornam ao acampamento e conversam muito sobre estas incríveis descobertas. Durante uma tarde, o jornalista Malone resolve andar sozinho pelos arredores para fotografar a paisagem. Depois de caminhar um pouco ele se distrai e penetra em uma clareira. De repente, vê a uma certa distância, uma figura estranhíssima, semelhante a um homem-macaco. O jornalista corre de volta ao acampamento e leva um grande susto: no local estão apenas os guias. Estes, desesperados afirmam que os cientistas tinham sido levados pelos temíveis homens-macacos. Os índios que moravam ao redor do platô conheciam estes indivíduos pré-históricos e eram seus inimigos, pois os homens-macacos constantemente invadiam as aldeias indígenas para roubar alimentos. Ao chegar nas cavernas, Malone e os guias encontram os cientistas junto com quatro índios amarrados em uma árvore, cercados pelos homens primatas. Após muitas peripécias, os rapazes salvam os prisioneiros, organizam um exército junto com os índios e vencem os homens-macacos em uma grande batalha. A maneira como os heróis conseguem sair do platô e voltar para a floresta revela uma surpresa. Neste sentido é importante apontar o seguinte aspecto no enredo: transparece um muitos trechos uma visão explicitamente imperialista a respeito das terras exóticas, mesclado com certo olhar de desprezo em relação aos índios. Esta visão do europeu como sendo o símbolo da civilização, será um elemento constante em várias obras literárias inglesas do início do século XX, quando a Inglaterra dominava o maior império colonial do mundo. Apesar desta ressalva, trata-se de um livro clássico de aventuras. É uma ótima leitura para adolescentes.(A. C.)

178. DRUMMOND, Regina. **Chá das cinco**. Ilus. Maria da Glória Gosciola Vizeu. São Paulo : Ave-Maria, 2005. 31 p. il. color. (Amigos para sempre, 1)

179. DRUMMOND, Regina. **A chata daquela gorda**. Ilus. Salmo Dansa. São Paulo : Cortez, 2005. 31 p. il. color. (Navegar)

180. DUGNANI, Patricio. **O seu lugar**. Ilus. Patricio Dugnani. São Paulo : Paulinas, 2005. 31 p. il. color. (Dedo Mindinho)

181. DURINI, Ángeles. **Quem tem medo de Demétrio Latov?**. Tradução Fátima Murad. Ilus. Pablo Bernasconi. São Paulo : SM, 2005. 192 p. il. (Barco a vapor. Laranja, 10)

182. DY, Alle. **As aventuras de Fred e Margot no zodíaco**. Ilus. Jótah. São Paulo : Paulinas, 2005. 103 p. il. (Maria Fumaça. Carvão)

183. EDGECOMBE, Jane. **Voa, voa Joaninha: livro surpresa**. Adaptação Juliana Washington. Ilus. Stuart Martin. Barueri, SP : Impala, 2005. n p. il. color. Pop-ups.

Este é um livro para crianças bem pequenas. Apresenta um refinado projeto gráfico, composto por figuras que "saltam" das páginas. A história em si é bem simples servindo mais como um pretexto para valorizar as ilustrações: a Joanelha estava passeando no jardim, quando escorregou em uma folha, levou um tombo e ficou de pernas para o ar. Ela receberá ajuda de todos os bichinhos: as formigas, o gafanhoto, a libélula e até mesmo da dona aranha, que parece ser a vilã da história, mas se revela uma boa colega. As figuras, grandes e coloridas, podem ser manipuladas pela criança e se movimentam de acordo com as características dos personagens. Por exemplo: ao mexer a figura do gafanhoto, este simula um salto na página. Os recortes e as dobraduras são de ótima qualidade - condição fundamental neste modelo de livro, uma vez que todo o projeto se ancora no aspecto visual e não propriamente no texto literário. Obra para ser apresentada por um adulto às crianças que ainda não sabem ler ou para as que se iniciam na leitura. (A.C.)

184. EDUAR, Gilles. **O marujo das árvores**. Ilus. do autor. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 34 p. il. color.



Um belo dia, Nemus, a oncinha, e seu amigo, o macaco Nanica, encontraram um velho barco enalhado nos igarapés perto de onde moravam. Nemus ficou fascinado com a possibilidade de realizar seu antigo sonho: dar a volta ao mundo. Com aquele barco enorme ele poderia descer até o grande rio e, de lá, alcançar o mar. Motivado por essa idéia, Nemus começou a concertar o barco com tal obstinação que deixou Nanica preocupado. O macaquinho sabia que o amigo não tinha muita noção de quais seriam as dificuldades e perigos que teria que enfrentar para realizar seu desejo. Esta é uma história bonita porque a oncinha aprende que é preciso mais do que esforço físico para alcançar seu objetivo: é preciso um esforço intelectual também. É por meio do conhecimento adquirido em livros e mapas que será possível dominar a natureza, a força do rio, e conduzir o barco com segurança. Nemus terá que adiar seu empreendimento, planejar e ter paciência. Em compensação, terá um fiel amigo e companheiro para quando o grande dia chegar. As ilustrações deste livro são grandes, com cores fortes e traços simples, ideais para os pequenos leitores. (A.T.)

185. EISNER, Will. **Fagin o judeu**. Tradução André Conti. Ilus. Will Eisner. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 127 p. il. História em quadrinhos.



Na primeira página desta história em quadrinhos, logo após o interessante prefácio do autor, o leitor já vê antecipados na voz do protagonista o assunto e a intenção da obra: "Sou Fagin, o judeu de Oliver Twist. Esta é a minha história, que foi ignorada e negligenciada no livro de Charles Dickens". E mais abaixo a figura maltrapilha continua: "Agüenta aí, Sr. Dickens, enquanto o velho Fagin conta como tudo realmente aconteceu!!". É isso mesmo. Will Eisner, o grande mestre dos quadrinhos, cultuado por gerações de cartunistas e aficionados pelo gênero, coloca um dos grandes autores do século XIX, Charles Dickens, frente a frente com uma de suas criações, o vilão do livro Oliver Twist. Moisés Fagin, o judeu criado por Dickens, vive da exploração de crianças de rua, é ladrão, traiçoeiro, covarde e avarento. É um personagem que corresponde ao estereótipo construído nos séculos XVIII e XIX, e que foi cristalizado preconceituosamente na cultura moderna. O também judeu Eisner, conhecendo o peso dessa imagem negativa, reinterpreta o personagem, muda o ponto de vista da história e dá voz a Fagin, que se defende alegando ser fruto de uma sociedade injusta, preconceituosa e violenta. Toda a primeira parte da obra mostra a luta dele pela sobrevivência e contra as injustiças sofridas. Depois disso, Oliver entra em cena e a história fica mais próxima ao clássico, só que pela perspectiva de Fagin. Um duro diálogo final entre Fagin e o próprio Dickens

atesta a ousadia do autor. Assim, Eisner vai fundo na denúncia de uma arte que encoraja os preconceitos anti-semitas, e num posfácio com fôlego de ensaio, diz que certos personagens da ficção influenciam o olhar da sociedade e que Fagin "acabou se tornando um tipo de judeu que se incrustou na cultura e nos preconceitos populares". A título de exemplo, Eisner ainda reúne algumas gravuras que representavam os judeus de forma inadequada e pejorativa, comumente vendidas nas ruas de Londres na época de Dickens. As ilustrações originais da obra, que eram de George Cruikshank, também seguiam esse modelo, reforçando o estereótipo. Enfim, a obra é sofisticada, polêmica e muito instigante. A recriação da Londres do começo do séc. XIX está em cada detalhe, os desenhos em tons castanhos e aguados são primorosos, e a oportunidade de ver um personagem que encarna o estereótipo do mal ganhar complexidade, tornando-se "literariamente humana", é fascinante. Esta foi a última obra de Eisner, que morreu em 2005, aos 87 anos. (A.T.)

186. ELVIRE, Lorris; MURAIL, Marie-Aude. **Golém: um jogo incontrolável**. Tradução Maria Claudia Ribeiro. Ilus. Cris Eich. São Paulo : Arxjovem, 2005. 183 p. il.

187. ERBERT, Alan. **Do outro lado: ele voltou para contar**. São Paulo : Marco Zero, 2005. 63 p.

188. ESOPPO. **Fábulas completas**. Tradução Neide Smolka. Ilus. Cláudia Scatamacchia. 2.ed. São Paulo : Moderna, 2005. 193 p. il. color. (Travessias)

Este livro apresenta de maneira muito original diversas fábulas atribuídas a Esopo. Traduzidas diretamente do grego pela autora, elas são muito mais variadas do que a maioria dos enredos que normalmente são apresentadas aos jovens leitores. Ao lado de narrativas já conhecidas como "O leão e o ratinho", "O lobo e o cordeiro", etc... o leitor poderá apreciar : "O corvo e a cobra", "Os ratos e as doninhas" e outras. Há uma bela apresentação no início do livro sobre as origens da fábula: ela, provavelmente, foi criada na Ásia e daí teria imigrado para o Mediterrâneo. Na Grécia, os primeiros textos datam do século VIII a. C. Isso nos mostra que Esopo não foi criador do gênero, mas sim, o mais conhecido narrador destas pequenas histórias. Não há informações precisas quanto a sua biografia. Talvez ele tenha nascido na Trácia, no século VI a.C., mas viveu em Atenas, como um grande contador de histórias muito prestigiado. Filósofos e futuros pesquisadores, como Plutarco, que escrevia biografias, vão registrar os aforismas e fábulas atribuídas a Esopo. Desse modo, as narrativas puderam chegar até nós, atravessando os séculos, sendo adaptadas e recriadas na Idade Média e mais tarde, por La Fontaine, isso já no século XVII. Neste volume, as fábulas apresentam uma lição de moral, como o caso do macaco, que foi eleito rei pelos animais só porque era engraçado e não pela inteligência. Não demorou muito para que ele caísse na primeira armadilha que os homens prepararam na floresta. Criando alegorias sobre o poder, mostrando as fraquezas, mas também as qualidades das ações humanas, as fábulas continuam imortais. Este exemplar, em particular destina-se mais aos jovens por causa do uso da linguagem elaborada por parte da adaptadora. Por exemplo: "A raposa, regozijando-se pela circunstância, pô-se a elogiar a água em que o bode estava bebendo" ou "A ovelha sentiu-se lograda". As ilustrações de Cláudia Scatamacchia são pequenas vinhetas que dialogam muito bem com os textos e o projeto gráfico. Este livro é uma ótima oportunidade para o leitor ampliar seu repertório sobre as fábulas (A. C.)

189. ESOPPO; LA FONTAINE. **Histórias fabulosas** . São Paulo : DCL, 2005. 39 p.

190. ESPESCHIT, Rita. **O menor espetáculo da Terra**. Ilus. Demóstenes Vargas. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. 39 p. il. color.

191. ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **A guerra do gato**. Ilus. Raul Fernandes. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 24 p. il. color.

Este poema narrativo conta a história de um gatinho abandonado que passa dessa condição para a de um animal de estimação disputado por três donos. A estrutura é simples, o conjunto é equilibrado e flui com um ritmo ora regular, ora variado. Boa opção para ser lido aos pequenos. (A.T.)

192. ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. Adaptação Antonio Carlos Olivieri. Ilus. Fernando Vilela. São Paulo : FTD, 2005. 63 p. il. (Teatro em prosa)

A adaptação da obra de Ésquilo para prosa de ficção é digna de muitos elogios. A situação a ser retratada não envolve atos de luta, combates entre facções ou momentos de ação dramática, o que por si só seria sustentação de uma boa narrativa. Ao contrário, o texto atém-se ao aprisionamento de Prometeu ao topo de uma montanha, por correntes de aço feitas por Hefesto, o deus-ferreiro. O destino de Prometeu era atroz: permanecer preso à rocha, exposto ao sol impiedoso e aos ventos cortantes da noite, sem momentos de alívio. Esse era o castigo que Ihe havia imposto Zeus, pelo amor que ele dedicara à humanidade. Foi com o Titã que os homens aprenderam a caçar, pescar e domar animais; construir moradias; conhecer remédios, metais e pedras preciosas. Mas, o mais terrível ato de Prometeu foi dar à humanidade o fogo sagrado dos deuses, ameaçando-lhes o poder. Dessa forma, a obra inicia-se com a subida de um pequeno cortejo a uma montanha muito alta, o acorrentamento do titã e os diálogos travados: a arrogância de Cratos e Bias, executores dos desígnios de Zeus, a desolação de Hefesto e a resignação, sem auto-comiseração de Prometeu. Ao se ver sozinho, surgem-lhe as recordações de seus feitos, até ser interrompido pela presença de suas primas, as Oceânides. A elas, Prometeu diz ser portador de um segredo, que o faz desafiar o senhor do Olimpo, dada a sua capacidade de conhecer o futuro. Intrigadas, as Oceânides perguntam sobre os motivos do castigo de Zeus. E Prometeu acorrentado vai revelando as histórias míticas do começo do mundo, ampliando os conhecimentos do leitor de uma forma integrada, em linguagem épica. A chegada de outros visitantes - Oceano, Ió e Hermes - dá ensejo a diálogos e transmissão de conhecimentos interessantes sobre a mitologia grega e as relações dos deuses entre si e com os homens. É dentro desse contexto de pouca ação e muito diálogo que se manifesta o belo trabalho de Olivieri, preservando a dramaticidade e sustentando o interesse da leitura do texto. A introdução feita por José Arrabal é bastante elucidativa e mostra que a obra faz parte de uma trilogia com Prometeu Portador do Fogo e Prometeu Libertado. Embora não sendo a mais vigorosa tragédia de Ésquilo, ainda assim é a mais encenada nos teatros. As ilustrações de Fernando Vilela são xilogravuras inspiradas na arte da Grécia Arcaica e Clássica. Excelente opção! (S.M.F.B.)

193. EURÍPEDES. **Medéia**. Adaptação Sonia Rodrigues. Ilus. Ricardo Montanari. São Paulo : Scipione, 2005. 48 p. il. (Reencontro. Literatura)

Esta é uma adaptação em linguagem narrativa da famosa tragédia grega do dramaturgo Eurípedes. No início do livro há uma pequena apresentação do autor mostrando que o enredo da presente obra é uma peça teatral, que por sua vez, foi baseada na Mitologia Grega. A história de Medéia é uma das mais antigas do mundo. A aventura começa com o herói Jasão exigindo do rei Pélias, o trono de Lolco, que era seu por direito. Pélias manda o jovem cumprir uma missão muito difícil: trazer o velocino de ouro que estava no distante reino da Cólquida. Só assim ele receberia o trono de volta. Jasão parte em busca do objeto mágico junto com uma equipe composta pelos maiores navegadores da Grécia: os argonautas. Chegando ao reino da Cólquida, Jasão conhece Medéia, a filha do soberano Eutes. O rei impõe ao herói provas muito difíceis para conquistar o

tosão dourado: arar um campo com dentes de dragão e matar o monstro que vigiava o velocino. Medéia dominava as artes da feitiçaria. Como estava apaixonada por Jasão, ajudou o jovem com seus encantamentos e desse modo ele se apoderou do valioso objeto. Em seguida, a heroína fugiu com seu amado da Cólquida. Chegando em Lolco, quando Pélias se nega a entregar o trono a Jasão, Medéia mata o soberano de uma forma artilosa e cruel. O casal passa a morar em Corinto. Medéia terá dois filhos com Jasão. Anos depois, o herói se apaixonará por Creusa e trocará a esposa por sua nova paixão. Enlouquecida de ciúmes, a feiticeira mata os dois filhos, a amante de Jasão e em seguida se suicida. Segundo algumas versões, a heroína após sua morte, se dirigiu ao Olimpo em um carro puxado pelo sol. Já na versão da peça de Eurípedes, ela desaparece lentamente com o carro em direção ao horizonte. No Teatro, a caracterização dos personagens é um dos elementos mais significativos: ao contrário da maioria das tragédias, nesta peça o destino não é obra de um deus, mas sim, a consequência das opções humanas. Desse modo, Eurípedes foi um dos primeiros dramaturgos do mundo a apresentar em cena, o livre arbítrio. O homem, não mais submetido às divindades, mas sim à suas próprias escolhas. Esta adaptação de Sonia Rodrigues incentiva o adolescente a se interessar pela Mitologia Grega, mas está longe de apresentar as complexas questões éticas desta Tragédia, que exige a maturidade de um leitor adulto. No entanto, este livro não deixa de ser interessante, ao apresentar uma vasta galeria de heróis, reis, seres fantásticos e todos os elementos característicos do repertório mitológico. Obra recomendada para o leitor fluente. ( A. C.)

194. EURÍPEDES. **Medéia**, o amor louco. Adaptação de Luiz Galdino. Ilus. Victor Tavares. São Paulo : FTD, 2005. 112 p. il. (Teatro em prosa)

Medéia e Jasão são os personagens principais da tragédia grega escrita por Eurípedes e que estreou em 431 A.C. O fim do amor entre eles representado pela traição de Jasão com a filha do rei Creonte desencadeia uma profunda dor e revolta em Medéia, que tudo abandonara para seguir seu amado. Desses sentimentos brota uma vingança feroz. Com seus poderes de feiticeira, Medéia provoca a morte da princesa que seria desposada por Jasão e, por consequência de seu pai. Mas sua ira não seria aplacada por essas mortes. Para fazer sofrer Jasão seria necessário atingir suas relações mais profundas, ou seja, os filhos que dele gerara. E a mulher arquiteta um plano terrível, pondo-o em ação. O descontrole provocado pela dor e perda leva-a a assassinar as crianças, infringindo ao pai o desespero sentido por ela. Escrita como peça de teatro, a obra aparece aqui como prosa narrativa, num belo trabalho de Luiz Galdino. Na difícil adaptação de uma linguagem para outra, Galdino consegue preservar a dramaticidade, sem trabalhar com recursos exagerados e melodramáticos. Além disso, ressalta a inclusão de personagens populares, uma das inovações no trabalho do dramaturgo grego, notadamente no papel da ama de Medéia. É dito, por estudiosos, que Eurípedes humaniza a tragédia, questionando a existência dos deuses. A narrativa propriamente dita é antecedida por um texto escrito por José Arrabal. Este aborda os festivais dionisíacos, contextualizando Eurípedes, sua obra, e especificamente, "Medéia". Se o enredo fala da mulher ressentida com a traição do amado, Arrabal vai mais além, emblematizando o grito da mulher na negação do homem diante da finitude. Ao fim do livro há uma biografia de Eurípedes, indicando inovações introduzidas pela sua obra, o que lhe causou tensões e exílio. O adaptador Luiz Galdino e o ilustrador Vitor Tavares também são apresentados. O primeiro é ganhador de vários prêmios e tem reconhecimento internacional. O segundo também ilustra obras nos Estados Unidos e Inglaterra. Neste trabalho as ilustrações em branco e preto são bastante variáveis em termos de criatividade - ora são muito sugestivas, com sinuosidade de traços e leveza, ora são representações literais do texto. É uma excelente obra para ser lida por adolescentes, jovens e adultos. (S.M.F.B.)

195. FALCAO Adriana et al. **Contos da escola**. Ilus. Marcos Garuti. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 64 p. il. color.

196. FERNANDES, Millôr. **Abecedário do Millôr** para crianças. Ilus. Guto Lins e Susan Johnson. São Paulo : Nova Fronteira, 2005. n. p. il. color.



Por que esse abecedário para crianças é do Millôr? Ora, porque é inteligente, bem humorado e original na maneira de olhar as letras do alfabeto. Assim, o B é o 1 que se apaixonou por um 3, o N é um M perneta, o U é a ferradura do alfabeto protegendo o galope das idéias. Na maioria das vezes são objetos de observação as formas maiúsculas e minúsculas. Numa faixa lateral à direita ou esquerda de cada página há diferentes desenhos de objetos cujo nome inicia-se pela letra de referência. O livro é bem colorido feito em papel couchê brilhante. Foi aperfeiçoado, pelo autor, durante trinta anos. Em algumas situações a referência à letra torna-se difícil para a compreensão de crianças pequenas, como o M maiúsculo aludindo ao gráfico de uma firma instável. Para outras situações desse tipo há um glossário explicativo de termos. O livro termina com sugestões de brincadeiras e jogos, criativas e interessantes. Excelente opção para crianças, jovens e adultos que procuram ver imagens já conhecidas com olhares novos. (S.M.F.B.)

197. FERRARI, Florencia (Adapt.). **Palavra cigana: seis contos nômades**. Ilus. Stephan Doitschinoff. São Paulo : Cosac Naify, 2005. 87 p. il. color. (Mitos do mundo)

Conteúdo: Vásyá Pé-Branco - A cigana que sabia de tudo - O cigano no piano - O morto que pagou a sua dívida - O cigano e o gigante - São Jorge e os ciganos. Nesta coletânea conhecemos os usos, costumes e crenças dos ciganos por meio de seus valores e aventuras vividas por Vásyá Pé-Branco, uma cigana; um piano que foi mote para uma guerra, o gigante mágico e os arreios de São Jorge. Segundo a autora, uma estudiosa dos povos ciganos, eles são um povo que se espalhou pela Alemanha, França, Itália, Suíça, Espanha e Portugal. Vieram para o Brasil através dos portugueses e se espalharam pelo Nordeste. Entretanto, eles não falam um único dialeto. No Brasil temos ciganos de diferentes grupos como os Calon e os Rom. O espírito destes contos é justamente o da experiência das ruas, com sua malandragem advinda da necessidade premente de sobrevivência. A mescla da experiência de vida com o lado místico faz com que estes contos sejam muito originais na sua forma e conteúdo. Vale destacar o trabalho de colagem realizado pelo ilustrador que conseguiu deste modo "inventar com sensibilidade uma iconografia" para um povo cuja única iconografia está em sua vestimenta. Ótima proposta de leitura para contadores de histórias. (ALOB)

198. FERREIRA, Celina. **Gergelim, o palhaço**. Ilus. Ivan Zigg. São Paulo : Paulinas, 2005. 23 p. il. color.

199. FERREIRA, Hugo Monteiro. **Benedito**. Ilus. Douglas Barzon. São Paulo : Paulinas, 2005. 32 p. il. (Magia das letras. Mundo encantado)

200. FINE, Anne. **A volta do gato assassino**. Tradução Mariana Rodrigues. Ilus. Sofia Balzola. São Paulo : SM, 2005. 64 p. il. color. (Barco a vapor. Azul, 8)

Este é o segundo livro protagonizado pelo gato Veludo, conhecido dos leitores na publicação "Diário de um gato assassino" (Editora SM, 2004). Nesta obra, o "gato assassino" aparece em novas e divertidas aventuras que acontecem durante o tempo em que fica aos cuidados de um padre, enquanto Carol, sua dona, viaja de férias com a família. Os episódios são contados de forma irônica e inusitada pelo próprio gato que, com comentários sarcásticos, imprime um tom bem-humorado a sua narrativa. Decidido a não aceitar o tratamento imposto pelo padre, que lhe oferece uma refeição pouco atraente avisando-o que só lhe dará outro alimento depois que ele

tiver comido tudo, Veludo ignora as ameaças e sai com sua turma de gatos para comer sobras pela rua. Algumas peripécias acontecem até Veludo ser "catapultado" pelo padre, quando tenta fazê-lo descer do galho de uma árvore. Voando pelos ares, o bichano vai cair, justamente, na cestinha preparada pela menina Susana, vizinha de Carol, na hora em que rezava pedindo a Deus que lhe mandasse um "bichinho de pêlo macio para cuidar, igualzinho ao Veludo". Acreditando que os céus a haviam atendido, Susana não percebe que o gato é Veludo e lhe diz que o alimentará com atum e creme de leite fresco. É o detalhe que faz o malandro aceitar a "troca de identidade"... Este mal-entendido renderá mais alguns episódios engraçados até que Carol volte de viagem com a família, o engano seja descoberto e tudo volte a ser como antes. O livro oferece uma história divertida, contada do ponto de vista de um gato mordaz, que revela opiniões pouco convencionais a respeito dos seres humanos e cuja personalidade faz dele uma espécie de "parente" de outros felinos famosos - o gato de botas, Félix e Garfield. Ótima opção para leitores com autonomia de leitura. (S.O.)

201. FRAGA, Myriam. **Carybé**. São Paulo : Moderna, 2005. n. p. il. fotos. (Mestre das Artes no Brasil)

202. FRAGATA, Claudio. **Balaio de bichos**. Ilus. Biry Sarkis. São Paulo : DCL, 2005. 23 p. il. color.



No balaio de bichos acontece um pouco de tudo: há um coro desafinado de gatos, um tatu tocador de tuba, a mosca que azucrina e a libélula dançarina. Enquanto um gato dorme sorrindo, dois caracóis apostam corrida, pela parede subindo. Tem até tiranossauro dona de jardim, inventora genial na Era glacial; e dois gêmeos endiabrados que deixavam a mamãe canguru atrapalhada quando brincavam dentro de casa. Mas engraçado mesmo é o burro sabido que trabalhava na livraria - para agüentar um trabalho estafante repetia trechos do Quixote de Cervantes; nesse poema o autor alude à existência de uma cultura superficial, de verniz e ao dito : "quando um burro fala, o outro murcha a orelha". Com humor, leveza, fantasia e propriedade na criação de imagens, o autor realiza um trabalho diferenciado, pois sai do lugar comum na composição de rimas. Em alguns poemas os versos são longos, conquistando maior fluência na leitura oralizada. As ilustrações de Biry Sarkis são grandes, coloridas e bem humoradas, fazendo um dueto afinado com o texto. Excelente opção! (S.M.F.B.)

203. FRANÇA, Mary. **Fogo no céu!**. Ilus. Eliardo França. 20.ed. São Paulo : Ática, 2005. n. p. il. color. (Gato e rato)

A coleção "Gato e Rato" foi marcante na Literatura Infantil pois, à época de seu lançamento, havia poucas obras destinadas às crianças em fase de alfabetização. "Fogo no céu", de 1978, é um dos primeiros títulos da série. De lá para cá, a coleção aumentou bastante e hoje conta com mais de 30 livros, alguns deles publicados também no exterior. O texto em letra de forma era novidade, assim como o estilo dos desenhos - de um forte colorido e em páginas duplas. A temática estava sempre estreitamente ligada ao universo da criança e, no caso de "Fogo no céu", une alguns animais, a mata e um balão de festa junina num enredo simples e atrativo. As frases são curtas - duas ou três em cada página - as palavras são conhecidas do leitor e estão encadeadas de tal forma que produzem um texto cheio de ritmo. Muitos dos nossos jovens adultos, entre 25 e 30 anos, até hoje se lembram dos livros desta coleção com carinho, pois foram os primeiros que eles leram sozinhos. As novas gerações também os apreciam, como provam suas contínuas reedições. Contudo, a qualidade da obra de Mary e Eliardo França não é atestada apenas pelo sucesso das vendas, mas também junto à crítica, pelos inúmeros prêmios que receberam.

Recomenda-se a coletânea publicada pela mesma editora, intitulada Histórias da Coleção Gato e Rato. (A.T.)

204. FRANÇA, Mary. **Um gato que gosta de flores**. Ilus. Eliardo França. Riop de Janeiro : Zit, 2005. 32 p. il. color.

205. FREIRE, Norma. **A casa da Joaquinha**. Ilus. Claudio Zirotti. São Paulo : Berlendis Vertecchia, 2005. n. p. il. color.

Onde mora a joaquinha? O menino, personagem desta história, terá que seguir as instruções que a joaquinha oferece sobre como chegar à sua casa, se quiser brincar com ela. Explicações nada objetivas, aliás, mas muito poéticas. Texto delicado com ilustrações igualmente delicadas para as crianças com domínio de leitura. (A.T.)

206. FREIRE, Norma. **O gato**. Ilus. Cláudio Zirotti. São Paulo : Berlendis Vertecchia, 2005. n. p. il. color.

207. FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Adaptação Estevão Pinto. Ilus. Ivan Wash Rodrigues. São Paulo : Global, 2005. 63 p. il. color. História em quadrinhos.

208. FUITEM, Marcello. **Fantástica descoberta em Fernando de Noronha**. Ilus. Robson Araújo. São Paulo : Elementar, 2005. 64 p. il.

209. FUJIYAMA JR., Joaquim. **O menino budista e o grilo feliz**. Ilus. Joaquim Fujiyama Jr. São Paulo : Brasil Seikyo, 2005. n. p. il. color.

210. FURIASSE, Mariana. **Rafaela**. Tradução Silvana Salerno. São Paulo : SM, 2005. 160 p. (Barco a vapor. Vermelha, 11)

211. FURNARI, Eva. **Cacoete**. Ilus. Eva Furnari. São Paulo : Ática, 2005. 32 p. il. color. (Sonho e fantasia)

Cacoete era uma cidade onde todos os habitantes eram muito organizados: os nomes das ruas eram alinhadas em ordem alfabética: rua dos Alfinetes, rua das Berinjelas. Os moradores também eram ordenados desse modo. Frido, por exemplo, morava antes de Griselda e depois de Euzinete. Todas as mulheres usavam vestidos de bolinhas, os homens, calça xadrez. Quem era alto se sentava em cadeiras altas. Quem fosse baixo, se acomodava em cadeiras pequenas. Um dia, Frido decide, com muita antecedência, dar uma maçã para sua professora. Compra a fruta, mas tem uma vontade imensa em comê-la. No entanto, misteriosamente, havia terminado todas as maçãs em Cacoete. Frido se dirige a outras cidades, pois sendo um menino muito organizado é inadmissível para ele não levar uma maçã para a mestra no dia dos professores. Ele só encontrará a fruta na casa da bruxa Núrcia, que mora na floresta. A feiticeira estabelece um contraponto com o temperamento organizado de Frido. O garoto faz uma arrumação na casa, que deixa Núrcia furiosa, pois ela adora viver na bagunça. Ela persegue Frido, que foge pela estrada rumo a Cacoete. A bruxa, à medida que corre atrás do garoto, vai transformando a paisagem a sua volta: A pequena cidade de Cacoete já não era a mesma: suas ruas agora se alinhavam em uma tortuosa ordem "desalfabética". Os objetos mudaram de lugar e alguns até passaram a funcionar de modo inusitado: a panela de pressão tocava música, a escova de cabelo despenteava. Os cacoetecos tiveram que organizar comissões para lidar com as novas mudanças do lugar. A história é muito divertida, mas a grande força está nas ilustrações, que reproduzem graficamente as mesmas características dos personagens. Assim, as figuras que mostram

Cacoete são todas em linhas retas; já a floresta da bruxa apresenta traços soltos e linhas curvas. Um dos aspectos mais bonitos nas ilustrações de Eva Furnari é que ela mescla elementos díspares criando um clima surrealista. Por exemplo: uma casa tem telhado, olhos e um rabo de caracol. Além disso, ela joga com o todo e as partes das figuras criando um efeito visual muito bonito. História interessante para crianças recém -alfabetizadas. (A.C.)

212. GAARDER, Jostein. **A garota das laranjas**. Tradução Luiz Antonio de Araújo. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 132 p.

Um pouco antes de morrer, o médico Jan Olav escreve ao filho, então com 4 anos, uma longa carta contando sua relação com uma estranha moça que o fascinara na juventude: a garota das laranjas. Propositadamente, o pai esconde a carta com a intenção de adiar o momento de sua leitura para quando o menino fosse mais velho. A narrativa tem início quando Georg, já com 15 anos, lê a carta e a transcreve para nós leitores, entremeando-a com comentários próprios, contando um pouco de sua vida e sobre o impacto que o aparecimento desta carta causou em toda sua família. O escritor norueguês Jostein Gaarder, bastante conhecido pelo livro O mundo de Sofia, é um autor que faz pensar. O espaço e a vastidão do Universo são assuntos recorrentes, assim como o progresso da ciência. Por trás deles, os grandes temas: a morte, o destino, o tempo, a felicidade, o amor, as contradições da vida, o acaso, o livre arbítrio, a religião, a razão - os limites do ser humano. O leitor entra num mundo de questionamentos existenciais, de dilemas e enigmas, enfim, o mundo da filosofia. A analogia é uma constante no texto e a vida é vista como uma maravilhosa aventura. Jan Olav fala da morte, de sua morte, mas o faz através da celebração da vida, e isso é muito bonito e raro na literatura para jovens. O personagem quer transmitir ao filho sua visão de mundo, sua experiência, o legado que foi passado de geração a geração, mas sabe que lhe resta pouco tempo, que não verá o filho crescer, que é impossível conversar tão profundamente com uma criança pequena. Então, escreve para um destinatário futuro, que poderá entender a mensagem e se beneficiar dela. Jan Olav narra seu encontro com a garota das laranjas como uma história, descreve a moça envolvendo-a em mistério, transcreve suas fantasias e conta como sua imaginação ia longe quando não conseguia compreender os fatos. Compara a existência humana a um conto de fadas cheio de magia e encanto, chamando a atenção para as maravilhas da natureza, para a força das pequenas criaturas e para a harmonia do Universo. Tenta fazer o jovem entender que nos contos, assim como na vida, existem regras que devem ser obedecidas e que devemos obedecê-las mesmo sem compreendê-las, pois apesar de todo o progresso da ciência, vivemos num mundo cujo surgimento ainda é um grande mistério. Georg descobre muitas coisas sobre o pai e sobre si mesmo durante a leitura da carta, afinidades antes insuspeitadas. Também se propõe a refletir com cuidado sobre uma importante questão levantada pelo pai, algo de suma importância na vida de todas as pessoas. Livro imperdível para jovens e adultos. (A.T.)

213. GABRIEL o pensador. **Um garoto chamado Rorbeto**. Ilus. Daniel Bueno. São Paulo : Cosac Naify, 2005. n. p. il. color.

Neste livro, o conhecido compositor e cantor Gabriel, O Pensador conta a história de Rorbeto, um garoto cujo pai, analfabeto, errou ao pronunciar seu nome na hora de registrá-lo. Além deste 'r' no lugar errado, Rorbeto tinha seis dedos na mão direita, fato que ele só notou quando foi contar nos dedos a quantidade de amigos que tinha. A partir desse momento Rorbeto passa a ter vergonha da mão e tenta escondê-la dentro de uma sacola. É claro que o estratagema dura pouco e o menino se vê obrigado a tirá-la para poder escrever sua primeira letra na escola. Ao descobrirem seu segredo, os colegas não se incomodam e o menino integra-se normalmente entre a gente da Vila, como já vinha acontecendo desde que nascera. O tema, que facilmente poderia gerar um texto piegas, é abordado de forma natural, sensível, sem exageros ou lições de bom

comportamento. O final feliz reafirma valores importantes sem prejuízo para a história propriamente dita: a aceitação do diferente e a importância do letramento. Como não poderia deixar de ser, o texto tem rimas, bastante ritmo e expressões bem colocadas da linguagem oral. É uma leitura agradável, que vem acrescida de um projeto gráfico bem cuidado e ilustrações em técnica mista, principalmente colagem. Boa opção para crianças com domínio de leitura. (A.T.)

214. GAIMAN, Neil. **Sandman: a casa de bonecas**. Tradução Sergio Codespoti. São Paulo : Conrad, 2005. 240 p. il. color. História em quadrinhos. (Sandman)

Clive Baker introduz o leitor no gênero da narrativa fantástica logo na abertura do livro. Dentre os vários aspectos, ele enfatiza o tipo empregado por Edgar Allan Poe que considera que "o mundo todo é assombrado e misterioso. Não existe um status quo sólido, apenas várias realidades relativas, particulares a cada um dos personagens que são frágeis e sujeitos a erupções de outros estados e condições." Nesta narrativa, em que o onirismo e o fluxo de consciência mesclam momentos de poesia, violência e delírio, conhecemos Rose Walter. Rose é uma adolescente, neta de uma mulher que passou a maior parte de sua vida em estado de coma e que certo dia, acorda para a vida já idosa. Ela tem o desejo de conhecer seu neto Jed, irmão mais novo de Rose. Rose então recebe a missão de buscar seu irmão nos Estados Unidos. Ela não o vê há seis anos, momento em que seus pais se separaram, seu irmão foi morar com tios e ela veio morar na Inglaterra. Rose se instala em um apartamento e começa a vivenciar as experiências oníricas de seus vizinhos. Sandman, o senhor dos sonhos, desconfia que Rose é um vórtice. Sandman é um guardião dos sonhos dos homens, lorde do dono dos sonhos e amigo de todas as crianças. Rose atua como um vórtice e recebe a carga dos sonhos dos vizinhos. Enquanto isso acontece, Sandman vai em busca do seu irmão Jed. Ele é um menino órfão, de realidade sombria e que precisa de ajuda e Sandman tem um papel primordial na vida do menino. Esta é a narrativa central do livro. Outras narrativas se associam à esta principal, nas quais Sandman tem seus poderes revelados ao leitor, ao cuidar de Jed, de velar os pesadelos dos vizinhos de Rose, de dar alento a uma alma de um judeu errante que viveu em vários momentos da Inglaterra entre os séculos XV e XX. No ponto crucial de encontro da narrativas, Sandman inicia uma perseguição ao Vórtice. O Vórtice é um ser humano que torna-se o centro do sonhar. Depois ele desaparece e leva consigo a mente dos sonhadores. É um vampiro contemporâneo. Sandman salva Rose deste destino. E a partir de então Rose pensa que nós não passamos de bonecas do destino, daí a razão do título da obra. Sob o ponto de vista de Sandman o desejo e o desespero é que atuam como bonecos nas mãos dos humanos. Resta ao leitor refletir sobre estas questões. Esta inesquecível narrativa é muito bem realizada tanto em texto como em ilustração. Não há dúvida que se trata de uma obra de confecção narrativa complexa, por justapor várias narrativas que se entrelaçam somente perto do desfecho da narrativa principal. A obra usa do recurso de vários ilustradores, de forma a facilitar ao leitor a detectar as diversas narrativas: cada uma é expressa visualmente de forma diferente. Participam da realização visual: Mike Dringeborg, Malcom Jones, Robbie Busch, Dave Mckean, Michael Zulli e Chris Bachanho. Ótima opção de leitura para adolescentes a partir dos dezesseis anos, que por ser tão caleidoscópica e desafiante no decorrer de sua leitura, pode garantidamente ser conceituada como uma obra literária pós-moderna. Gaiman apresenta hoje uma obra significativa na área de HQ, que dialoga com a literatura clássica e propõe enredos complexos e desafiantes para leitores sofisticados, que na sua maioria, vão dos dezoito aos vinte e cinco anos. (ALOB)

215. GAIMAN, Neil. **Sandman: prelúdios e noturnos**. Tradução Ana Ban. Ilus. Sam Kieth, Mike Dringenberg e Malcolm Jones III. São Paulo : Conrad, 2005. 238 p. il. color. História em quadrinhos. (Sandman)

Prelúdios e Noturnos é a primeira série de histórias de Sandman, o Senhor dos Sonhos, publicada no final da década de 80 (ver vol.14 da Bibliografia - 2003). Sandman é um personagem criado pelo mais conhecido autor de quadrinhos do mundo, o britânico Neil Gaiman. O fio que alinhava os contos deste volume deve ficar um tanto obscuro para aqueles que não conhecem a história e as características de seu protagonista. O pano de fundo é o universo de Sandman, o mundo dos sonhos. Este mundo interfere na vida das pessoas de diversas maneiras, mesmo que elas não se dêem conta disso. Por outro lado, Sandman não existiria se os seres humanos não sonhassem. Ele se nutre, age, transporta-se, existe enfim, através dos sonhos humanos. Gaiman mistura mitologia grega clássica e lendas urbanas modernas numa trama de terror nunca antes vista nos quadrinhos. Nesta série inicial, membros de uma seita religiosa executam um ritual com a intenção de capturar a Morte. Seu líder pretende usufruir do poder que resultaria desse controle sobre ela. Porém, acontece que algo sai errado e quem cai na armadilha é o Senhor dos Sonhos. Todas as histórias seguintes do volume estão ligadas a este enredo principal. A arte de Gaiman é inigualável, valorizada por esta cuidadíssima edição que tem, inclusive, um prefácio assinado pelo autor e dirigido exclusivamente aos leitores brasileiros. A trama geral da obra é intrincada e profunda, os episódios ligam-se a ela de variadas maneiras, com personagens que estão em lugares e tempos distintos. O enredo é repleto de metáforas e referências culturais, principalmente ligadas à literatura e às religiões. O domínio do autor sobre a narrativa, que usa os recursos literários com precisão, une-se ao conhecimento técnico sobre a forma que escolheu para contar sua história: os quadrinhos. Enfim, trata-se da obra de um mestre do gênero, e é recomendada para jovens e adultos. (A.T.)

216. GALDINO, Luiz (Adapt.). **Popul Vuh: o livro das criações dos maias**. Ilus. Roberto Melo. São Paulo : Cortez, 2005. 64 p. il. color.

Popul Vuh significa "Coleção de folhas escritas", num dialeto quiché falado pelos antigos maias da Guatemala, Honduras e Salvador na época da conquista espanhola. Constitui o único documento escrito do povo pré-colombiano. Nesta obra Luiz Galdino recupera o conteúdo dos dois primeiros livros (de um total de quatro) do chamado "Livro Sagrado dos Maias". O trabalho apresenta mitos de criação e narrativas, encadeadas de forma bastante integrada, o que é difícil de se encontrar visto histórias de natureza mítica serem narradas de forma fragmentada. A criação da Terra foi obra de Tepeu (ser supremo do Céu) e Gucumatx (rei das águas) e só pôde ser feita após o surgimento da palavra. Mas, ao fim da criação da terra, vales, montanhas, rios, flores e animais decidiu-se criar o homem para dar glória ao mundo. Feitos de madeira, os homens decepcionaram seus criadores e foram considerados experiências falhas. As histórias que se sucedem têm, como heróis os irmãos Hunhun - Apu e Vucub-Hunapu e seus descendentes. Atraídos ao Reino dos Mortos os gêmeos não mais regressaram. A cabeça de Hunhun - Apu , colocada em uma árvore à beira da estrada, deu origem aos frutos da cabaceira, que se tornaram proibidos. A insistência da princesa Chequiq em experimentar o fruto proibido tornou-a mãe dos filhos de Hunhun - Apu, obrigando-a a fugir da ira de seu pai. Nesse episódio, a princesa é procurada por mensageiros que devem levar seu coração para o rei. Diante disso é criado um estratagema, o que remete a outras histórias de origem popular e contos de fadas, como a da Branca de Neve. Serão os descendentes da princesa que lutarão contra a raça de gigantes que sobrevive a um dilúvio que destrói a humanidade. As histórias que os filhos de Chequiq protagonizam embutem explicações sobre o porquê o veado e o coelho têm a cauda curta e o rabo do rato não tem pêlos. Serão eles, também, que irão ao Reino dos Mortos. Lá, atizando a curiosidade dos soberanos sobre a ressurreição dos mortos, liberam seu pai e seu tio, que se transformam no Sol e na Lua. O autor consegue a proeza de trabalhar com coloquialidade sem perder o tom da narrativa mítica. É interessante reforçar a presença de elementos comuns tanto às várias explicações sobre o mundo formuladas pelos homens quanto às suas histórias. O trabalho do ilustrador Roberto Melo também merece destaque. Há gravuras de página inteira que

têm uma força de expressão muito acentuada. Outras, em faixas longitudinais, mesmo se repetindo, compõem um belo projeto gráfico. Um livro que amplia os horizontes dos leitores. (S.M.F.B.)

217. GALPERIN, Claudio. **O jarro da memória**. Ilus. Laura Teixeira. São Paulo : Cosac Naify, 2005. n. p. il. color.

218. GANTOS, Jack. **Engoli a chave!**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo : SM, 2005. 187 p. il. (Barco a vapor. Vermelha, 10)



Conhecemos, sob o ponto de vista do menino Joey, como atua a hiperatividade em uma criança enquanto ela está na escola, no convívio com os colegas, os professores e finalmente, sua mãe. A história tece, pouco a pouco, os desentendimentos causados por essa doença. Joey pensa de um jeito e age de outro. Ele não consegue ter controle sobre si mesmo e assim, quando se dá conta, já se meteu em encrencas. A maior de todas foi cortar o nariz de sua colega Maria, sem querer. Essa façanha, entretanto o leva a passar uma temporada em uma escola especial. Lá, ele encontra desafios a serem empregados e a medicação certa para o seu caso. A partir de então, desafios enfrentados e de posse da nova medicação, a vida de Joey melhora de qualidade sensivelmente, inclusive na sua relação de amor que ele mantém com sua mãe alcoólatra. Esta obra literária de realização impecável demonstra um profundo conhecimento do autor não só quanto à este tema tão polêmico, como também quanto ao universo infantil. Joey é um menino que necessita urgentemente de acolhimento afetivo e ela é tão grande que lhe dá forças para enfrentar diariamente relações cheias de crueldade e pré-julgamentos injustos tão comuns ao ser humano em geral. Excelente opção de leitura para pré-adolescentes a partir dos treze anos e profissionais que lidem com este público. (ALOB)

219. GARCEZ, Lucilia. **Mãe do ouro**. Ilus. Jô Oliveira. São Paulo : Scipione, 2005. 22 p. il. color. (Do arco-da-velha. Contos)

Este é um ótimo livro que reconta a lenda da "Mãe do ouro", que é um conto popular do centro-oeste brasileiro. A obra contribui para que a criança tenha contato com este rico universo da cultura brasileira. É uma boa oportunidade para conhecer o repertório de histórias de uma região que é pouco conhecida dos grandes centros urbanos do país. O enredo se inicia com a fuga da senzala do escravo Januário, sua esposa Isolina e o filhinho de ambos. Eles fogem em uma canoa que já estava preparada no rio da fazenda. Navegaram por muito tempo, pois quando o feitor descobriu a fuga, já era tarde e eles estavam longe das terras do senhor. Quando o dia amanheceu, o casal desceu da canoa e prosseguiram a caminhada pelo cerrado. Avistaram finalmente um quilombo. Nem todos os escravos deste local se conheciam, pois tinham vindo de garimpos, minas e plantações diferentes. Apesar disso, recebiam muito bem todos que chegavam, pois eram unidos pelo sofrimento e pela causa comum: escapar da escravidão. Ali, todos comentavam a existência de uma grande mina de ouro que havia no sertão. Após permanecerem uns dias no quilombo, Januário resolveu deixar sua mulher e seu filho em segurança e partiu para o sertão junto com Pedro, que era um dos quilombolas. Os dois companheiros se guiavam pelas estrelas, pela lua e pelos rios. Improvisavam armas e instrumentos de pescaria. Depois de muitas semanas caminhando eles encontraram um outro quilombo formado por escravos que trabalhavam no garimpo. Nas profundezas da mata tentavam garimpar o ouro perto das margens do rio Paraná. Mas o trabalho era muito difícil e demorado. O ouro não aparecia tão fácil como se dizia. Muitos homens desistiam da labuta, mas Januário era persistente. Ele ficou em uma cabana na beira do rio e garimpava todo dia. Desse modo foi juntando pequenos grãos de ouro entre os cascalhos. Seus colegas mudavam de ponto, mas Januário permanecia sempre no local. Havia um aspecto solidário muito interessante no trabalho

do garimpo, que era o seguinte: uma parte do ouro seria usada para ajudar a fuga de outros escravos. O que sobrava da coleta, o sujeito podia usar para benefício próprio. Um dia, Januário achou uma grande pepita e a dividiu conforme as regras estabelecidas pelo grupo: guardou a parte que lhe cabia em uma gruta, que ficava atrás da cachoeira. À noite, os trabalhadores inventavam histórias em volta da fogueira. Contavam que no fundo do rio havia uma caverna repleta de ouro, guardada pela mãe das águas. Apesar do esforço de todos, depois de alguns meses, uma grande desgraça aconteceu: Januário pegou febre terçã e naquela mata longe de todas as aldeias, ele não conseguiu sobreviver, apesar da ajuda dos companheiros. Após sua morte, até hoje conta-se a seguinte lenda: que muitos garimpeiros mergulham no fundo do rio Paraná à procura de ouro e que muitas vezes, aparece uma luz do fundo das águas. Este brilho se transforma em uma mulher que sai do rio e espalha estrelas pelo céu. É a mãe do ouro. Neste exemplar, o papel é de ótima qualidade e as ilustrações são coloridas lembrando muitas vezes, o traço da pintura popular. História imperdível para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

220. GARCIA, Edson Gabriel. **Cochichos e sussurros**. Ilus. Ricardo Montanari. 21.ed. São Paulo : Atual, 2005. 72 p. il. (Entre Linhas. Adolescência)

221. GARCIA, Edson Gabriel. **Treze contos**. Ilus. Michele Iacocca. 22.ed. São Paulo : Atual, 2005. 47 p. il. color. (Mindinho e seu vizinho)

222. GARCIA, Eunice. **As aventuras de Briny e Spify no Planeta Terra**. Ilus. Mônica Garcia. Americana, SP : Adonis, 2005. 32 p. il. color.

223. GARCIA, Luciana. **O mais assustador do folclore: monstros da mitologia brasileira**. Ilus. Roger Cruz, Bruna Brito. São Paulo : Caramelo, 2005. 61 p. il. color.

224. GEHRES, Adriano. **O primeiro cavaleiro**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 152 p. (Passelivre)

225. GIBRAN, Kahlil. **Lázaro e sua amada**. Adaptação Mustafá Yazbek. Ilus. Myrna Maracajá. São Paulo : FTD, 2005. 64 p. il. (Teatro em Prosa)

226. GODINHO, Marilene. **Cada letra uma aventura**. Ilus. Alberto Pinto. Juiz de Fora : Franco, 2005. 16 p. il. color. (Arco-íris, 17)

227. GODINHO, Marilene. **Passarim**. Ilus. Carti. São Paulo : RHJ, 2006. 16 p. il. color.

228. GÓES, Lúcia Pimentel. **Quem faz os dias da semana?**. Ilus. Roger Mello e Graça Lima. São Paulo : Larousse, 2005. 31 p. il. color. (Banquete folclórico)

Esta coletânea baseada na passagem dos dias da semana é divertida porque explora os tipos comuns como a vaidosa, o menino birrento, o velhinho, etc. As ilustrações alegres e divertidas da dupla de ilustradores contribuem para a leveza e bom-humor desta publicação dedicada às crianças menores. (ALOB)

229. GÓES, Lúcia Pimentel. **Rodas e bailes de sons encantados**. Ilus. Roger Mello e Graça Lima. São Paulo : Larousse, 2005. 31 p. il. color. (Banquete folclórico)

Conteúdo: A sedução do beija-flor - A gaita milagrosa - Os sete sapatos da princesa - O violino mágico - A roda dos sons encantados - Mais uma contradança ou vira-que-vira.

Coletânea de recontos de raiz folclórica africana e européia, curtos e plenos de ritmo, graças ao uso de frases curtas e cheias de ação que se entremeiam a refrões que se repetem. As ilustrações retratam momentos divertidos do texto, centradas na exuberância das cores destas culturas trazidas para os dias de hoje. Ótima opção de leitura para crianças em processo de alfabetização. (ALOB)

230. GÓES, Lúcia Pimentel. **Vamos brincar com as palavras?**. Ilus. Roger Melo, Graça Lima. São Paulo : Larousse, 2005. 31 p. il. color. (Banquete folclórico)

231. GÓES, Lucia Pimentel. **Vira, vira, vira lobisomem**. Ilus. André Neves. São Paulo : Paulinas, 2005. n. p. il. color. (Estrela)

232. GÓGOL, Nicolai. **O inspetor geral**. Adaptação Roberto Prado. Ilus. Andréa Vilela. São Paulo : FTD, 2005. 144 p. il. (Teatro em Prosa)

233. GOLDIN, Alberto. **Amadeus**. Ilus. Paolo Cordoni. São Paulo : Berlendis Vertecchia, 2005. n. p. il. color.

Esta biografia sobre a infância do compositor Mozart destinada ao leitor recém-alfabetizado, apresenta um texto muito sensível. Mostra Amadeus como sendo um menino travesso, mas muito especial: ele possuía uma capacidade muito maior do que as crianças da sua idade para tocar piano, criar composições e até mesmo compor sonatas. Isso tudo só com seis anos de idade. O livro mostra as diversas apresentações e concertos que Mozart, ainda garoto, realizou na corte tocando em palácios para a nobreza européia. Mas também ressalta que muitas vezes, os adultos o apresentavam como um espetáculo exótico, um menino prodígio que sabia tocar piano com o teclado coberto por um pano, identificar os nomes de todas as notas e improvisar no órgão as tonalidades mais difíceis. Como o sensacionalismo em torno do garoto poderia ser prejudicial para sua formação, o pai de Mozart, de maneira muito prudente, achou melhor que o filho voltasse para a casa e aprimorasse seu incrível talento. O livro finaliza afirmando que esta atitude foi providencial, pois Mozart deixou de ser um "menino-espetáculo" para lapidar sua arte. Desse modo, ele cresceu e se tornou um dos maiores artistas do mundo, criando composições maravilhosas e eternas, que sempre encantarão a humanidade. As ilustrações coloridas são muito delicadas, apresentando uma boa incorporação dos espaços em branco na composição das figuras. (A.C.)

234. GOMES, Lenice. **A mãe d'água: uma lenda do mar**. Ilus. Graça Lima. São Paulo : DCL, 2005. 30 p. il. color.

235. GOMES, Lenice. **Pererêê pororóóó**. Ilus. André Neves. São Paulo : DCL, 2005. 32 p. il. color.

236. GOUVEIA, Júlio (Adapt.). **Antologia de peças teatrais: mas esta é uma outra história...**. Organização Tatiana Belinky. São Paulo : Salamandra, 2005. 79 p. (Lendo e relendo teatro)

Conteúdo: Episódios da obra de Monteiro Lobato: Reinações de Narizinho - A pílula falante - O casamento da Emília .



Médico de formação e educador nato, Júlio Gouveia junto com sua esposa, a escritora Tatiana Belinky dirigiu a primeira adaptação para a televisão da obra para crianças de Monteiro Lobato. Os programas foram ao ar na extinta TV Tupi nos fim da década de cinquenta e depois, alguns episódios reapresentado na TV Bandeirantes em 1968. Além

deste trabalho pioneiro, o casal também organizou o TESP (Teatro-Escola de São Paulo) que foi um grupo de teatro especializado em espetáculos para crianças e jovens. O TESP se apresentava não só em palcos tradicionais, mas também em escolas, praças e outros espaços alternativos. Este livro apresenta duas peças teatrais para crianças. São adaptações de dois capítulos do clássico livro de Monteiro Lobato "Reinações de Narizinho". A primeira peça, "A pílula falante" mostra o engraçado episódio em que Emília, uma simples boneca de pano, graças às pílulas do Doutor Caramujo, começa a falar como se fosse gente. O outro capítulo é o engraçado "O casamento da Emília", quando a boneca aceita se casar com o porco do sítio, o famoso Marquês de Rabcó. O grande mérito de Júlio Gouveia como escritor é que ele domina com maestria a "carpintaria" teatral: os diálogos possuem ritmo, humor e as cenas apresentam ações significativas, que incentivam o desenvolvimento do enredo. O texto, bem ao gosto do público infantil, não se perde em elucubrações desnecessárias. Ao mesmo tempo, seu texto respeita o enredo original da história de Lobato, o que é muito raro nas adaptações atuais para teatro e televisão. Sob o ponto de vista teatral, Júlio Gouveia dosa muito bem os conflitos. As ações em cenas são conduzidas com leveza, mas evitam as correrias desnecessárias (um recurso banal, mas que costuma ser muito usado no teatro infantil por autores menos experientes). É importante ressaltar um aspecto relevante desta obra: ela tanto pode ser lida e encenada por crianças que já possuem um certo domínio de leitura, como também pode ser apreciada pelo educador ou por jovens que desejam apresentar as peças para os menores. No final do livro há um ótimo ensaio de Júlio Gouveia sobre o teatro infantil e juvenil, apresentando as bases pedagógicas, técnicas e estéticas para a sua realização. (A.C.)

237. GUEDES, Luiz Roberto. **Armadilha para lobisomem: uma aventura com a turma do clube**. Ilus. Kipper. São Paulo : Cortez, 2005. 184 p. il.

238. GUIMARÃES, Josué. **Era uma vez um reino encantado**. Ilus. Rose Gaiewski. 8.ed. São Paulo : L&PM, 2005. 40 p. il.

239. GUIMARÃES, Josué. **Meu primeiro dragão**. Ilus. Laura Castilhos. 5.ed. São Paulo : L&PM, 2005. 36 p. il. color.

Esta história, de 1983, está firmemente assentada no âmbito da fantasia, o que não é muito comum nas obras mais recentes feitas para as crianças. Um garoto que vive perto de uma floresta encontra e cria um pequeno dragão. O avô não só compartilha com o neto essa experiência, como demonstra ter um grande conhecimento a respeito desses animais. O dragão recebe o nome de Maçarico, cresce e começa a se meter em encenemas. Come as galinhas do galinheiro, põe fogo pelas ventas e por aí vai, até o dia em que o menino precisa ir para a escola na cidade e a separação é inevitável. O final é feliz e não trai seu pressuposto. Boa opção para as crianças que já lêem sozinhas. (A.T.)

240. GULLAR, Ferreira. **Dr. Urubu e outras fábulas**. Ilus. Cláudio Martins. Rio de Janeiro : José Olympio, 2005. n. p. il. color.



O talento de Ferreira Gullar presenteia as crianças com esse livro de poesias. A maioria delas apresenta um animal sendo interpelado por uma criança. As perguntas são variadas: "Que bicho é você, amiga? pergunta a menina à formiga. "... que bela teia! / Quem te ensinou a tecer?" Seu tamanduá - por que o senhor tem uma língua tão fina? Em outros poemas aparecem bichos em diálogo como "A Tartaruga e o Jacaré", "O Galo e o Jabuti", "A Jia e a Jibóia". Em a "Girafa e a Zebra", a menina cochicha ao ouvido da Girafa o falatório da Zebra sobre ela; a cada comentário, a Girafa devolve a "farpa" recebida, e termina por dizer: "Coitada, a Zebra não passa/ de pobre mula listada,/ uma infeliz

alimária!/ Parece até que fugiu/ de alguma penitenciária".. Por trás das rimas, graças e ritmos, o poeta mostra que "a vida é um perde-e-ganha", que "tudo no mundo depende do nosso ponto de vista..." e que nas cidades não há lugar para animais como seres vivos, sendo considerados fontes de matérias-primas. Também se refere à existência de sonhos de grandeza escondidos por pretensa humildade. Esta obra, que o autor considera reunião de fábulas, apresenta um índice interessante. Ao lado do nome do poema, um pequeno quadrinho identifica figurativamente o animal mencionado, tal como se encontra no interior do livro. Formam um excelente par palavra/imagem, ajudando na identificação dos poemas para crianças não alfabetizadas. As ilustrações de Cláudio Martins, bastante coloridas, tornam o livro alegre e bem humorado. Embora antropomorfize animais e plantas, ele o faz com graça e sutileza. Uma excelente obra para ser lida. (S.M.F.B.)

241. HANAUER, J. E. **Mitos, lendas e fábulas da Terra Santa**. Tradução e adaptação Uri Lam. São Paulo : Landy, 2005. 215 p.

242. HARTLING, Peter. **Com Clara somos 6**. Tradução Renata Dias Mundt. São Paulo : SM, 2005. 176 p. (Barco a vapor. Vermelha, 9)

243. HAWTHORNE, Nathaniel. **O Minotauro**. Adaptação e organização Edmir Perrotti. Ilus. Adriana Caccese de Mattos. São Paulo : Paulinas, 2005. 52 p. il. (Espaço aberto)

Nathaniel Hawthorne foi um dos maiores escritores da literatura norte-americana do século XIX, autor de romances para adultos e um dos grandes adaptadores de mitologia grega para jovens. Neste livro, Edmir Perrotti apresenta o mito do Minotauro baseado na versão de Hawthorne. O herói Teseu é mostrado desde o seu nascimento. Seu pai, o rei Egeu, antes que Teseu nascesse, colocou um par de sandálias e uma espada sob uma enorme rocha. Afirmou que se o garoto fosse forte o suficiente para remover a pedra e pegar os objetos, poderia procurá-lo em Atenas, que ele o reconheceria como sendo seu herdeiro legítimo. O menino cresceu e durante a sua adolescência conseguiu remover a grande pedra. Dirigindo-se a Atenas matou vários ladrões e animais selvagens que estavam assombrando os moradores da cidade. Chegou no reino do seu pai, já aclamado como grande lutador pela população. Egeu não sabia que o herói que se dirigia à cidade era seu próprio filho. Sentiu ciúmes do jovem de quem todos já contavam tantas façanhas. Então, e aconselhado pela feiticeira Medéia, preparou um banquete para envenenar o forasteiro. Mas durante a recepção, Teseu desembainhou a espada fazendo-se reconhecer. Aceito por Egeu, partiu para a ilha de Creta para combater o Minotauro. Este, era um ser metade touro, metade homem, filho do rei Minos. Todos os anos, esta horrível criatura exigia que o reino de Atenas matasse doze jovens para alimentá-lo. Os atenienses eram obrigados a se submeter a este castigo cruel, pois tinham perdido uma guerra contra Creta há alguns anos atrás. O monstro vivia trancado no labirinto, uma construção repleta de caminhos intrincados, de onde era impossível sair. Teseu foi ajudado por Ariadne, a filha do rei. A princesa deu-lhe um fio para que o rapaz não se perdesse quando fosse sair do labirinto. O herói matou o monstro e seguindo o trajeto do fio conseguiu escapar do local. Depois da vitória, partiu em rumo a Atenas. Nesta versão, Ariadne resolve não acompanhar o herói, para ficar cuidando de seu velho pai. Depois da morte de Egeu, Teseu assumiu o trono de Atenas. Instituiu o uso da moeda e foi um monarca justo e querido pelo povo. Esta adaptação feita por Edmir Perrotti é muito interessante para os jovens leitores, pois equilibra bem a ação do herói com o significado político de cada uma de suas atitudes. O autor consegue fazer isso sem ser didático, preservando o clima de aventura da ficção. (A.C.)

244. HEIDE, Florence Parry. **Coisas de arrear**. Tradução Eduardo Brandão. Ilus. Jules Feiffer. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. n. p. il. color.

245. HELLO KITTY [coleção]. Tradução Caroline Kazue Ramos Furukawa. Ilus. Jean Hirashima. São Paulo : Madras, 2005. il. color. 5 v.

Conteúdo: **Hello Kitty ama a escola**/Elizabeth Smith - **Hello Kitty um dia com papai**/Mark McVeigh - **Hello Kitty: uma surpresa para mamãe**/Ellen Weiss - **Hello Kitty visita a vovó**/Elizabeth Smith - **Hello Kitty: Hello dia das bruxas!**/ilus. Amanda Mousler

246. HENDRY, Diana. **Um dia muito agitado**. Tradução Giovana Umbuzeiro Valent. Ilus. Jane Chapman. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

247. HENDRY, Diana. **Uma noite muito barulhenta**. Tradução Giovana Umbuzeiro Valent. Ilus. Jane Chapman. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

248. HENSTSCHKE, Liane et al. **A orquestra tintim por tintim**. São Paulo : Moderna, 2005. n. p. il. color.

249. HERGÉ. **As aventuras de Tintim** [coleção]. Tradução Eduardo Brandão. Ilus. do autor. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. il. color. História em quadrinhos. 3v.

Conteúdo: **O ídolo roubado** - **O lótus azul** - **Os charutos do faraó**.

Tintim é um personagem criado em 1929 pelo quadrinista belga Hergé (pseudônimo de Georges Remi). Considerado um dos maiores clássicos dos quadrinhos mundiais, as aventuras de Tintim foram originalmente publicadas sob a forma de tiras em preto-e-branco nos jornais da época. Mais tarde essas tiras foram coloridas, reunidas em álbuns, e ganharam o mundo vendendo milhões de cópias. As primeiras séries têm marcas da política colonialista européia, estão repletas de distorções a respeito de outros povos e culturas. O jovem Hergé usava como pano de fundo de suas histórias situações reais de conflito, partia de eventos significativos, de dados dos quais dispunha e influenciado pelos valores arraigados na sociedade em que vivia. Anos mais tarde essas histórias foram reescritas por ele, que muitas vezes desculpou-se publicamente por seus primeiros trabalhos. Os três títulos aqui apresentados não são os que causam maior polêmica por seus conteúdos considerados preconceituosos. Todos os enredos da série de aventuras de Tintim partem de uma base comum: o protagonista é um repórter que viaja pelo mundo com a intenção de investigar e resolver mistérios, crimes e conspirações. Tintim é um herói sem superpoderes, tem bom caráter, sede de aventura, e amigos fiéis que sempre o ajudam na luta pela justiça. Seu grande companheiro de viagens é Milu, um fox-terrier branco muito esperto e curioso. Outros personagens entram e saem das histórias e os mais conhecidos são o Prof. Girassol, um cientista quase surdo, o colérico Capitão Haddock e os atrapalhados detetives policiais Dupond e Dupont. Em "**O ídolo Roubado**", uma estatueta feita por índios sul-americanos desaparece do museu etnográfico. Tintim segue as pistas e acaba viajando para San Theodoro, país fictício da América do Sul. Por mero acaso, o jovem repórter torna-se ajudante de um general e se vê envolvido em episódios provocados pela instabilidade política e administrativa do país. Além de revoluções e golpes internos, San Theodoro entra em guerra contra o país vizinho (uma referência à chamada guerra do Chaco, ocorrida a partir de 1932 entre Bolívia e Paraguai). Tintim é preso inúmeras vezes, escapa da morte por fuzilamento, conhece um vendedor de armas chamado Basil Bazaroff - que vende à prestação obuses para os dois países em conflito - até conseguir chegar ao território dos índios Arumbaias e quase ser sacrificado em homenagem aos espíritos da floresta. Tudo isso acontece ao mesmo tempo em que investiga o paradeiro da peça do museu. Nos outros volumes agora reeditados, Tintim vai ao Japão em "**Lótus Azul**" e ao Egito e Índia em "**Os charutos do Faraó**". Hergé consolidou um estilo de desenho chamado de "linha clara", por ser

preciso e sem sombras. Os enredos são repletos de ação e com muitos diálogos (em geral os balões contêm bastante texto). Há visível cuidado nas traduções das expressões coloquiais brasileiras e, no caso do "Ídolo de Barro", nas várias palavras grafadas em espanhol. Bem-vinda esta coleção de tão importante personagem da história dos quadrinhos. (A.T.)

250. HERRERO, Carlos Edgard. **Olhos da selva**. Ilus. Carlos Edgard Herrero. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 120 p. il. color. (Biblioteca Juvenil)

251. HETZEL, Graziela Bozano. **Pesadelo na neve**. Ilus. Vicente Mendonça. 9.ed. São Paulo : Atual, 2005. 72 p.

252. HOHLFELDT, Antonio. **Erico Verissimo**. São Paulo : Moderna, 2005. 56 p. (Mestres da Leitura)

O autor deste livro conheceu pessoalmente Érico Veríssimo e chegou a entrevistá-lo. Ele compõe a biografia do autor com narração de fatos da vida pessoal, acontecimentos históricos, textos extraídos da própria obra autobiográfica de Veríssimo (Solo de Clarineta, 1973) e excertos de suas obras, apontando o amadurecimento do escritor. Desde a publicação inicial de textos em jornais de Porto Alegre até a escrita de sua grande saga romanesca, "O tempo e o vento", o autor realizou programas de rádio, em que contava histórias para as crianças, trabalhou em revistas, foi tradutor (francês e inglês), tendo trazido em 1933 Aldous Huxley para o Brasil. O menino que não chegou a concluir o ginásio (quinta a oitava séries do ensino fundamental atual) deixou seu estado natal pela primeira vez para receber o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, viajou para os Estados Unidos, experiência que valeu a publicação de "Gato Preto em campo de neve" (1941). Acreditando que o "engajamento do escritor deve ser com o homem e com a vida", de fatos observados no cotidiano Veríssimo partia para a escrita de romances: um corpo caído do alto de um edifício inspirou o romance "O resto é silêncio"; um acontecimento em um hospital foi o núcleo de "Olhai os lírios do campo" (1936). A publicação de "Caminhos Cruzados" valeu-lhe a ficha de comunista no Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul. O autor também produziu obras para crianças, nomeadas no fim do livro, junto com seus relatos de viagens, obras biográficas e textos de ficção. É pena que a elas não seja dado maior destaque. A obra de Antonio Hohlfeldt é muito rica em informações sobre o autor. Ilustrada com várias fotos, apresenta uma falha de diagramação na páginas 32/33, com o corte da imagem do rosto do autor. É de se destacar a qualidade do suplemento didático elaborado por Jô Fortarel. Excelente opção! (S.M.F.B.)

253. HOLEINONE, Peter (Adapt.). **O soldadinho de chumbo e outras histórias**. Tradução Denise Perrotti. Ilus. Tony Wolf. São Paulo : Paulinas, 2005. 53 p. il. color. (Fábulas de ouro)

Este livro apresenta uma coletânea de contos populares. Além de histórias mais conhecidas como "O soldadinho de chumbo", "As roupas novas do imperador" e "João e o pé de feijão", o leitor apreciará outros enredos muito interessantes e que não são tão conhecidos pelo grande público. Destaca-se a história "O camponês astuto", cujo enredo em linhas gerais é o seguinte: Um agricultor muito pobre encontra algumas moedas de ouro no seu quintal. Ele sabe que pelas leis do vilarejo, todas as coisas que estão sobre a terra pertencem ao barão. No entanto, ele esconde o dinheiro partindo do pressuposto que o patrão é muito rico e ele muito pobre. O camponês também toma o cuidado de não contar nada à mulher, que é muito fofqueira. Então ele organiza o seguinte plano: retira algumas moedas do saquinho, vai ao vilarejo e compra roscas, trutas e uma lebre. Ao chegar em casa, longe da esposa, pendura as rosquinhas nas árvores do bosque, espalha as trutas pela relva e coloca a lebre dentro uma rede de pescar perto do lago. Depois, fingindo que está muito espantado, ele chama a esposa, dizendo que

acontecer algo surpreendente no bosque. Ao chegarem lá, a camponesa fica admirada: "Este é nosso dia de sorte", ela afirma pegando as roscas nos pinheiros, as trutas na grama e a lebre dentro da rede. O camponês pede à esposa que não conte para ninguém o que eles tinham encontrado, pois aquele era um bosque mágico. No entanto, por ser muito fofqueira, a mulher depois de alguns meses não resistiu e contou o caso para uma amiga, que por sua vez contou para todas as pessoas da aldeia. O fato chegou até os ouvidos do barão, mas para a admiração de todos, o senhor não acreditou naquela história fantástica concluindo que se tratava de uma lenda criada pelos servos. Assim, o esperto camponês não só se salvou da prisão, como foi gastando de maneira moderada, sem dar na vista, todas as moedas do saquinho. As ilustrações do livro são muito bonitas, realistas e papel de ótima qualidade. O único aspecto negativo é que não há indicações dos autores e compiladores dos contos. Assim o leitor que não conhece os contos de Afanasjev dificilmente distinguirá quais são as histórias de sua autoria, daquelas que foram escritas por Andersen e das que foram compiladas pelos irmãos Grimm. Ótima obra para crianças com domínio de leitura. (A. C.)

254. HUAINIGG, Franz-Joseph. **Meus pés são a cadeira de rodas.** Tradução e adaptação Dennis Barbosa. Ilus. Verena Ballhaus. São Paulo : Scipione, 2005. 29 p. il. color.

255. IACocca, Liliana. **Lampião e Maria Bonita: o rei e a rainha do cangaço.** Ilus. Rosinha Campos. São Paulo : Ática, 2005. 64 p. il. color.

O livro retoma a história do cangaço, protagonizada por Lampião e sua mulher, Maria Bonita, contextualizando o momento histórico-social em que as ações do bando ocorreram no sertão nordestino. Na paisagem sertaneja de seca, miséria e privilégios de ricos fazendeiros, o grupo liderado por Lampião organiza-se e percorre a região reagindo à injustiça e aos abusos do poder oficial de forma também violenta. A passagem do bando de cangaceiros espalha o pânico na população sertaneja: "Amedrontadas, as pessoas do lugar recuam, se escondem, trancam tudo. Ruas vazias, lojas fechadas, gado preso, insegurança dentro de cada habitante. Agora o terror é duplo, de um lado eles, os cangaceiros, de outro a polícia que decidiu caçar os coiteiros, aqueles que protegem cangaceiros." Esta obra, que recria a atuação do grupo de Lampião e seu encontro com Maria Bonita, não assume uma postura maniqueísta condenando ou eximindo seus personagens. O texto, ainda que ficcional, revela a intenção de informar e de apontar as condições históricas que possibilitaram os episódios enfocados. As bonitas ilustrações de páginas duplas retomam as cores do sertão nordestino acrescentando nuances e novas possibilidades de leitura à história. Boa opção para leitores fluentes. (S.O.)

256. IBBOTSON, Eva. **A assombração de Hiram.** Trad. de Angela Melim. São Paulo : Rocco, 2005. 143 p. (Aventuras encantadas)

257. IKEDA, Daisaku. **O brilho dos vaga-lumes.** Ilus. Célia Sayuri Yano. São Paulo : Brasil Seikyo, 2005. 46 p. il. color.

258. IKEDA, Daisaku. **Kanta o cervo.** Ilus. Célia Sayuri Yano. São Paulo : Brasil Seikyo, 2004. 27 p. il. color.

259. IKEDA, Daisaku. **O menino e a cerejeira.** Ilus. Célia Sayuri Yano. São Paulo : Brasil Seikyo, 2005. 23 p. il. color.

260. INOUE, Takehiko. **Vagabond: a história de Musashi**, v. 1 a 4. São Paulo : Conrad, 2005. 4 v.

261. JACOB, Dionisio. **A fenda do tempo**. Ilus. Fernando Vilela. São Paulo : SM, 2005. 208 p. il. (Barco a vapor. Laranja, 11)

O casarão construído no começo do século XX, que pertencera a uma viúva muito rica - uma baronesa do café chamada Leocádia Laura - por muitos anos havia abrigado o Instituto de Ciências Históricas e Geográficas em que o lingüista Bildamaster Zarp realizava suas pesquisas. Bilda, como era conhecido, não só dominava todas as línguas vivas e mortas como também conhecia as ciências exatas. Sua teoria mais polêmica tratava do tempo e do espaço. Segundo ele, o tempo e o espaço se chocam em alguns pontos do Universo, abrindo fendas que seriam verdadeiras passagens ou portais para lugares distantes e épocas diferentes, tanto no passado como no futuro. Quando o Instituto fechou suas portas, devido a uma crise econômica no país, o pesquisador insistiu para continuar trabalhando no local enquanto o destino do imóvel não fosse resolvido, pois há muito tempo suspeitava que o solar da baronesa era um desses pontos privilegiados. Havia no porão um buraco que crescia a olhos vistos sem razão aparente. Um belo dia, ele e sua assistente Yeng-Cheng sentiram um tremor de terra assustador. Quando chegaram ao porão, verificaram que a fenda estava muito maior. Desconfiado que aquilo era mais do que algo provocado por um abalo sísmico, o professor resolveu entrar no buraco para investigar. Esta é, em linhas gerais, a trama que dá início a uma aventura em que as personagens viajam no tempo e vivem situações inesperadas. A história é bem estruturada, com muitas referências à cidade de São Paulo, dados históricos bem inseridos na trama e uma boa dose de crítica à sociedade tecnológica, à burocracia, ao poder público ineficiente e à morosidade da justiça. Tudo isso num texto que tem ora um humor sutil, com muitos toques irônicos, ora trechos abertamente engraçados. A linguagem é dinâmica, viva, sem afetação. Vale ainda destacar duas coisas: a primeira é a capacidade que o autor tem para caracterizar todas as personagens de forma a fazê-las críveis e interessantes. O retrato de Bildamaster como um grandalhão de traços nórdicos, curioso, aventureiro, sentimental, bem humorado e um tanto desastrado, termina assim: "Extrovertido como um Viking em início de viagem". O segundo destaque é que, no decorrer da narrativa, o cientista constata que a fronteira entre história e lenda é, muitas vezes, tênue. É interessante apresentar essa idéia aos jovens leitores de forma tão lúdica. As ilustrações em preto e branco têm um toque moderno, com recortes diferentes, ângulos inusitados e as figuras são expressivas e acompanham o tom bem-humorado do texto. Obra recomendada para crianças com domínio de leitura. (A.T.)

262. JACOB, Dionisio. **Vampíria**. Ilus. Cesar Landucci e Eduardo Albini. São Paulo : Saraiva, 2005. 108 p. il.. (Jabuti)

A última família de vampiros da Terra encontrava-se em grande decadência: prisioneiros em um apartamento, tomando sangue de galinha e tendo que aturar um criado malcriado e bêbado. Além disso, freqüentemente eram obrigados a fazer uma performance patética para assustar turistas. Papai Voivoda era o mais inconformado com aquela situação. De uma linhagem especial de vampiros, descendente direto de Vlad da Transilvânia, resistiu bravamente em seu castelo antes de ser capturado. Tudo o que passou depois desse fatídico dia - a humilhação, os testes em laboratório - fizeram com que perdesse todos os seus poderes. Não podia mais se transformar em nenhum animal, só conseguia hipnotizar pessoas já meio "fracas da bola" e até sua visão noturna já não era mais a mesma. Tão revoltada quanto Papai Voivoda, só sua filha Letúcia, mas não pelos mesmos motivos. É que Letúcia gostava de namorar jovens mortais e andava maldizendo o fato de ser vampira. Na família há ainda um vampirinho, depositário das maiores esperanças de Papai Voivoda, um avô já sem os dentes e mamãe Dárvula, que fora uma camponesa há séculos atrás. A frágil harmonia familiar, decorrente do desenraizamento e da contenção dos instintos naturais dos vampiros, ficou ainda pior quando Rodolfo, o corado humano namorado de Letúcia, apareceu para conhecer a família. Essa história, que alterna ora um humor rasgado, ora uma fina

ironia, terá uma reviravolta no final que surpreenderá o leitor. Com texto bem estruturado e linguagem fluida, este livro é recomendado ao leitor adolescente, principalmente por ser literatura leve porém não alienada, como é comum ocorrer nos livros com este tema. (A.T.)

263. JACOB, Dionisio. **Verdes versos**. Ilus. Michele Iacocca. São Paulo : Saraiva, 2005. 29 p. il. color. (Jabuti)

Estes breves poemas causam surpresa, curiosidade e alegria, como deve ser a poesia destinada aos pequenos. Palavras estranhas, pouco usadas ou inventadas: vale tudo para criar o inusitado, estimular a imaginação e enriquecer a experiência do leitor. "Estamos nós três na sala:/ Eu, meu gato e o Ripangolé/ Falamos bem pouco./ Comemos bolacha, tomamos café./ Meu gato se chama Felino./ E eu, Antônio José./ Já o Ripangolé, este é o seu nome,/ mas nem mesmo ele sabe o que é ..." As ilustrações bastante coloridas e de traços leves complementam as idéias sugeridas pelos poemas. Obra recomendada para crianças com domínio de leitura e para ser lida aos que ainda não estão alfabetizados. (A.T.)

264. JAF, Ivan. **Sonho de minhoca**. Ilus. Mariângela Haddad. São Paulo : Atual, 2005. 48 p. il. color. (Mindinho e seu vizinho)

Bastiana era uma minhoquinha que morava com a família num vaso que estava no parapeito de uma janela do oitavo andar de um prédio. Todas as suas irmãs viviam sossegadas, sem se preocuparem com o mundo que existia para além do vaso. Só pensavam em comer um pouquinho de terra e se enfiar mais fundo em seus buraquinhos cada vez que ouviam um barulho. Bastiana não. Ela sonhava poder descer até o térreo, atravessar a perigosa rua e ir morar ao pé de uma frondosa árvore no terreno baldio em frente. Era um terreno cheio de grama, arbustos, flores, entulho, um colchão com molas quebradas e um sofá velho abandonado. Seu pai tinha nascido naquele local e costumava contar aos filhos como a terra era abundante, fresca e cheirosa. Para Bastiana era um verdadeiro paraíso. Na primeira oportunidade, a minhoquinha deu início à sua aventura rumo ao tão sonhado terreno. Durante toda a jornada Bastiana encontrou vários insetos, pediu ajuda a eles mas poucos puderam ou quiseram ajudar. Em muitas ocasiões ela lamentou não ter asas, pernas, antenas ou mesmo uma barriga que soltasse gosma como a das lesmas para poder se locomover. Apesar dos obstáculos e da insegurança que às vezes sentia, Bastiana prosseguiu e acabou conseguindo chegar ao seu destino. O tema da viagem - uma experiência que rompe com o status anterior e resulta numa transformação, no amadurecimento da personagem - já foi bastante explorado na literatura infanto-juvenil. Neste caso, a habilidade narrativa do autor torna a história inovadora e atrai como poucas o interesse das crianças. Os bichinhos são humanizados como nas fábulas, o humor está presente em todas as situações, e a protagonista é inusitada, além de muito simpática. Enfim, história cheia de qualidades e que mereceria um projeto gráfico e ilustrações melhores. (A.T.)

265. JATOBÁ, Roniwalter. **O jovem JK**. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 159 p. il. Fotos.

266. JATOBÁ, Roniwalter. **Viagem à montanha azul**. Ilus. Paulo Sayeg. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 40 p. il. color. (Lazuli juvenil )

267. JORGE, Miguel. **O mundo de Miguelin**. Ilus. Kanton. São Paulo : Harbra, 2005. 65 p. il. color.

268. JOSÉ, Elias. **(Re)fabulando: lendas, fábulas e contos brasileiros**. Ilus. Mariângela Haddad. São Paulo : Paulus, 2005. 24 p. il. color. ((Re)Fabulando, 7)

Este livro apresenta três contos populares: "Iara, rainha de nossas águas"; "Os quatro ladrões" e "A raposa e a onça". Os quatro ladrões é o conto menos conhecido do público. É uma história que valoriza a esperteza de um caipira, que está indo à aldeia vender seu carneiro. Ele consegue ludibriar quatro ladrões, que tentam convencê-lo que o animal, na verdade, é um cão. Apresentando diálogos bem-humorados e um final engraçado, o enredo remete às antigas histórias que celebram a vivacidade e a inteligência do homem do povo. As ilustrações de Mariângela Haddad são coloridas, alegres e realistas. Obra indicada para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

269. JOSÉ, Elias. **Amor sem fronteiras**. Ilus. Fernando Pisani. São Paulo : Larousse, 2005. 85 p. il. color.

270. JOSÉ, Elias. **E o burrinho ganhou o páreo**. Ilus. Renato Moriconi. São Paulo : Larousse, 2005. n p. il. color. (Leitura e Aventura)

271. JOSÉ, Elias. **A festa da princesa, que beleza!** Ilus. Rosinha Campos. São Paulo : DCL, 2005. 39 p. il. color.

Esta é uma adaptação do conto popular nordestino "A princesa de Bambuluá" coletado por Câmara Cascudo no Rio Grande do Norte durante as suas pesquisas sobre cultura popular. Mais tarde, a história integraria sua obra clássica "Contos tradicionais do Brasil". Esta adaptação de Elias José é muito adequada para crianças. A princesa de Bambuluá vivia presa em uma caverna. Somente seu rosto aparecia em sonhos para os homens que dormiam na gruta. Para que a moça se revelar de corpo inteiro, será preciso que surja um moço corajoso que cumpra uma série de tarefas perigosas. Um rapaz tímido, mas de boa índole muito bom, consegue cumprir a missão. Desse modo, a moça se mostra para ele em toda sua formosura. No entanto, a princesa comunica que precisa voltar ao seu reino e que o rapaz necessita aprender a linguagem dos pássaros, que é a língua de Bambuluá. Só assim, ela poderá se casar com ele... O jovem se dirige a uma choupana, onde uma velha, que é grande conhecedora da língua das aves, o inicia no difícil aprendizado. No entanto, a senhora pretende casá-lo com uma de suas filhas e enfeitiça o jovem. Após um ano, a princesa volta de Bambuluá para ver se o rapaz já tinha aprendido a lição. Mas este, sob o feitiço da velha, adormece e os dois não se encontram. A moça, achando que o seu amado havia fugido, volta para seu reino. Quando o moço acorda, resolve abandonar a escola e ir atrás de sua pretendente. Depois de andar muitos dias, encontra o Príncipe e o Rei dos Pássaros. Pergunta para estes seres fantásticos onde fica o caminho para Bambuluá. Eles não sabem, mas o herói é ajudado por um velho flautista, que chama todas as aves do sertão para guiá-lo. Estas levam o moço até o reino. Lá chegando, o herói recita poesias na linguagem dos pássaros. Desse modo, acaba conquistando a simpatia de todos os súditos, revela a maldade da velha e se casa com a princesa. As ilustrações são muito bonitas, coloridas e exploram muito bem a leveza das aves com suas plumagens e cores diversas. A artista usa uma técnica especial que cria um efeito semelhante à pedra. Esta remete à imagem da caverna, que é um elemento importante na história. A ilustradora explica no fim do livro, como ela elaborou o seu trabalho. Obra imperdível para crianças com domínio de leitura e para o leitor fluente. (A.C.)

272. JOSÉ, Elias. **Mínimas descobertas**. Ilus. Luiz Maia. São Paulo : Paulus, 2005. 70 p. il. color.

273. JOSÉ, Elias. **Patati Patatá** [coleção]. Ilus. Jairo Rodrigues. São Paulo : Paulus, 2005. n. p. il. color. 4 v.

Conteúdo: **Gente e mais gente - As histórias e os lugares - Saudando quem chega - O contador de vantagens.**

274. JOSÉ, Elias. **Quem quiser que conte outra...** Organização Edmir Perrotti. Ilus. Cláudio Martins. São Paulo : Paulinas, 2005. 53 p. il. (Espaço aberto)

Este livro apresenta histórias populares que têm como temas os bichos brasileiros. A pesquisa foi realizada nas obras de Câmara Cascudo e Sílvio Romero. Podemos destacar o conto "De como macaco venceu a onça": A onça convidou o veado para ir à fazenda de um amigo. No caminho havia um riacho. A onça, muito maldosa, disse para o veado atravessar o rio pelo meio, pois ali era a parte mais rasa. O veado seguiu o conselho e quase morreu afogado. Já a onça, foi pelas beiradas e nem molhou as patas. Depois, quando os dois viram uma bananeira com dois cachos um maduro e outro verde, a onça tornou a enganar o ingênuo veado. Quando encontraram uma cobra enrolada, a onça tramou outra armadilha para o companheiro: ela ofereceu ao veado uma cobra enrolada, como se esta fosse uma pulseira. Assim que a cobra o atacou, o veado ficou muito triste com a maldade da onça. Finalmente chegaram na fazenda, os dois estavam muito cansados. A onça afirmou que a rede maior era dela, pois ela era a mais velha. A noite, ela acordou com fome, foi até o pasto, comeu uma ovelha e jogou os ossos e borrifou o sangue da ovelha perto da rede do veado. De manhã, o fazendeiro deu pela falta do bicho. Quando viu a carcaça e o sangue da ovelha perto da rede do veado, bateu tanto no animal, que este quase morreu. Os dois convidados foram embora da fazenda. Dias depois, a onça convidou o macaco para visitar a fazenda do amigo. Ele adorou o convite. Contrapondo ao comportamento ingênuo e bobo do veado, o macaco era muito esperto e soube desviar de todas as armadilhas da onça. Quando ela sugeriu para ele atravessar o riacho, o macaco respondeu: "Eu não! Vá você. Eu vou saltando de uma árvore para outra." Lá de cima, ele ria da onça. Quando viu o pé de bananas maduras, o macaco não pestanejou. Subiu imediatamente, comeu quase todas e só jogou uma banana para a onça. Caminharam juntos muito tempo; a onça sempre de cara amarrada. Quando se encontraram com a cobra, a onça disse: "Este é um belo colar!" O macaco respondeu: "Lá em casa gostamos de jóias verdadeiras." A onça sentiu muita raiva. Chegaram na fazenda e ao mostra-lhes as redes, o macaco não teve dúvidas, deu um salto na rede maior. A onça quis reclamar, mas o fazendeiro disse para o macaco: "A rede é sua, a minha casa também." O macaco cochilou um pouco, mas logo acordou porque sabia que com a onça ele precisava estar esperto. A onça saiu para o quintal. O macaco foi espiá-la escondido. A onça matou outra ovelha, pegou uma cuia, recolheu o sangue e foi jogá-lo perto do macaco. Mas este, que só fingia dormir, deu um tapa na cuia e o sangue caiu em cima da própria onça. O fazendeiro viu tudo, mas ficou quieto. Então, junto com o macaco criaram um plano para expulsar para sempre a malvada da fazenda. Esta é uma obra singela, com histórias engraçadas como esta apresentada acima. As ilustrações de Cláudio Martins reforçam o clima bem-humorado desses contos, em que a inteligência, a esperteza e a astúcia valem mais do que a força física. Obra indicada para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

275. JÓTAH. **O pequeno ilustrador.** Ilus. do autor. São Paulo : Noovha América, 2005. n. p. il. color.

276. KELLY, Emma; PLACE, Marie-Hélène. **Baltazar e a casa dos animais.** Tradução Giovana Umbuzeiro Valent. Ilus. Caroline Fontaine-Riquier. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

Quando crescer, Baltazar quer ser zoólogo: pretende cuidar e proteger "centenas de animais" como faz Luís, amigo de sua tia Amélia. O menino já tinha uma aranha (que vivia embaixo de sua cama) e também costumava dar comida aos passarinhos da vizinhança quando, um dia, tia

Amélia trouxe-lhe de presente uma linda gatinha. Aí começaram os problemas de Baltazar, pois a gata, apesar de tranquila, tentou pegar um passarinho de asa quebrada que, por sua vez, quase deu cabo de Estela, a aranha. Baltazar ficou inconformado! O que fazer? Tia Amélia e Luís terão uma participação especial no desfecho da história. É bem pertinente nesta obra a abordagem dos autores para a questão da preservação dos animais e da posição do homem frente à natureza. A gata é um animal doméstico, já o passarinho precisa de liberdade, inclusive para caçar. Muitas vezes, as crianças pequenas não compreendem esta distinção e o livro oferece um ponto de vista livre do tom puramente didático ou de denúncia. As ilustrações são bem coloridas e algumas apresentam ângulos inusitados, como aquelas vistas de cima, pelos olhos do passarinho. Um aspecto intrigante a respeito do personagem Baltazar é que ele sempre está vestindo uma roupa azul semelhante aos macacões curtos das crianças que usam fraldas e um capuz com orelhas compridas como de coelhos. Seria uma fantasia? De qualquer forma, o enredo sugere uma criança mais velha, não um bebê. Obra recomendada para ser lida aos pequenos e para as crianças recém-alfabetizadas. (A.T.)

277. KELLY, Emma; PLACE, Marie-Hélène. **Baltazar e a festa de aniversário.** Tradução Giovana Umbuzeiro Valent. Ilus. Caroline Fontaine-Riquier. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

Baltazar está triste, pois não foi convidado para a festa de aniversário de sua colega Rosa Maria. Mas ele, ao voltar para casa encontra Martim seu bichinho de estimação feito com tecido pela vovó. Baltazar junto com seus irmãos resolvem criar um aniversário para Martim. Desse modo sensível, a história mostra que podemos olhar nossas experiências sob um novo prisma: se por um lado, nem sempre seremos convidados para todas as comemorações, por outro lado, podemos superar a rejeição por meio da criatividade, inventando brincadeiras e projetos. Merece destaque a presença da avó de Baltazar durante a festa. Ela chega com sua caixa de costura, que na verdade, é o símbolo do afeto: "Vovó enfiou a mão na caixa, mostrou um novelo e disse: Com esta lã eu fiz um colete para seu pai, quando ele era pequeno. Estes são os botões do seu casquinho, Baltazar. E aqui está a linha com a qual criei Martim para você." Desse modo, o significado da festa de aniversário para a criança aparece com toda sua força. Em um trecho da história, o garoto diz para seu boneco: "O aniversário serve para a gente se lembrar do dia em que nasceu e de todos os anos que vieram depois." As ilustrações são muito bonitas, coloridas, mostrando um traço delicado e situações alegres. Ótimo livro para ser contado às crianças que ainda não se alfabetizaram e também para ser apreciada pelas recém-alfabetizadas. (A. C.)

278. KESELMAN, Gabriela. **Eu primeiro!** Tradução Cláudia Ribeiro Mesquita. Ilus. Asun Balzola. São Paulo : SM, 2005. 72 p. il. color. (Barco a vapor. Branca, 8)

Nico e Hugo já começam o dia com muita energia, correndo pela casa toda, pulando por cima das coisas e provocando um ao outro, como fazem os irmãos. A descrição dessa correria, que é na verdade um jogo dos meninos, é minuciosa e tem um ritmo frenético, demonstrando que a autora tem uma percepção acurada sobre o comportamento das crianças. Além disso, a linguagem, a diagramação do texto e outros recursos gráficos colaboram com essa atmosfera geral de dinamismo, movimento e alegria. As ilustrações são simples, coloridas e de traços grossos, bem ao gosto dos pequenos. Pena que algumas delas, as que ocupam páginas duplas, fiquem um pouco prejudicadas pela forma como o livro é costurado. Obra ideal para os leitores principiantes, especialmente aqueles com idade próxima à dos personagens. (A.T.)

279. KIMURA, Yuichi. **Uma noite de tempestade...** Tradução Lucy North e Monica Stahel. Ilus. Hiroshi Abe. São Paulo : Martins Fontes, 2005. n. p. il. color.



Em meio à escuridão, numa noite de tempestade, uma pequena cabra encontra abrigo em uma choupana vazia. Momentos depois, ela ouve a porta bater com a entrada de alguém e o som de uma respiração ofegante. Sem saber que tipo de animal poderia ser, a cabra permanece em silêncio, escutando. Fica aliviada ao ouvir o que lhe pareceram ser pisadas de cascos, imaginando que o animal não poderia ser um lobo, seu temido inimigo. Na verdade, o ruído escutado é o da bengala usada pelo lobo por causa de uma pata machucada. Mesmo sem conseguirem se ver por causa da escuridão, os dois animais começam a conversar: tentam descobrir quem é o outro, mas as respostas às perguntas que se fazem são compreendidas em contextos diferentes e eles nada conseguem adivinhar ou então, os comentários reveladores que fazem não são ouvidos por causa do barulho dos trovões. Passam uma noite agradável, comentando fatos de suas vidas até o momento em que a chuva se dissipa e, ainda no escuro, cada um deles vai para sua casa. Antes de se despedirem, combinam um encontro para almoçarem juntos no dia seguinte. E seguem seus caminhos sem saberem que, lobo e cabra, inimigos mortais, tinham se tornado amigos. Ao leitor, fica o convite à imaginação: "Mas o que iria acontecer quando os dois animais se encontrassem à luz do dia, ao pé do morro? Nem o sol da manhã, que acabava de surgir e espiava na orla do horizonte, seria capaz de responder a essa pergunta." O texto narrativo é complementado por bonitas ilustrações de página inteira, que exploram as cores sobre papel preto enfatizando a escuridão que provoca a situação vivida pelos dois animais. Algumas imagens incluídas entre a cabra e o lobo representam o que pensam enquanto conversam e, ao mesmo tempo, mostram a diferença de contextos de interpretação que faz com que os significados sejam diferentes para cada um deles. Esta bonita história discute não apenas os papéis tradicionais destes personagens, como também a linguagem e os processos de construção de sentidos. Ótima opção para crianças com domínio de leitura. (S.O.)

280. KING, Stephen Michael. **Vira-lata**. Tradução Gilda de Aquino. Ilus. do autor. São Paulo : Brinque-Book, 2005. 32 p. il. color.

O livro conta a história de um cão vira-lata que perambula pelas ruas da cidade sem encontrar comida ou um lugar para dormir. O texto curto, impresso em letra bastão, dirige-se às crianças bem pequenas, que poderão se identificar com seu simpático personagem principal. O vira-lata da história vagueia pelas páginas do livro em meio às bonitas ilustrações de página inteira, que são marca registrada do autor e ilustrador Stephen M. King, convidando o leitor a acompanhar seu caminho até o acolhimento afetuoso encontrado em uma família que o adota como bicho de estimação. A história singela apresenta um tema caro às crianças: o apego amoroso ao animal solitário encontrado na rua. O apelo visual das imagens e das cores é o ponto forte do livro, envolvendo os leitores da primeira à última página. (S.O.)

281. KORMAN, Gordon. **O filho da máfia**. Tradução Marcelo Mendes. Ilus. Ramon Muniz. São Paulo : Arxjovem, 2005. 232 p. il.

Vince Luca é um adolescente de dezessete anos. Ele convive muito com seu amigo Alex. Os dois vivem buscando formas de encontrar garotas e investir o tempo em uma primeira paixão. Bom, fazer parte do time de futebol americano é uma forma de ter acesso às festas que eles fazem cheias de garotas. Vince tem um outro problema que dificulta sua vida social e que não tem nada a ver com os dramas comuns aos adolescentes: seu pai é um mafioso e ele não concorda com a forma da Máfia agir na sociedade. Entretanto, claro, ele se apaixona por uma garota em uma dessas festas dos jogos de futebol americano. Mas com o decorrer do tempo, ele descobre que ela é filha de um agente da FBI que costuma vigiar seu pai. E agora? Já não basta ter de enfrentar suas dificuldades pessoais para se aproximar de uma garota e ainda vai ter de lidar com essa questão que ele detesta? Bem, acontece que Kendra Füller o deixa tão apaixonado que ele

vence todos os obstáculos e confusões. Ele consegue se impor frente ao pai e ainda consegue reatar com a namorada. O texto é bem-humorado, contundente e verdadeiro no discorrer sobre a máfia e seu funcionamento na Nova Iorque de hoje. Extorsão, corrida de cavalos, contrabando e fomento à prostituição continuam em pauta. O que surpreende é um adolescente assumir um destino diferente e enfrentar o pai e todo um modo de vida que ele despreza. Excelente opção de leitura para jovens e adultos. Merece registro a ótima diagramação do texto, a tradução esmerada e a revisão mal-realizada, que faz com que o leitor tropece aqui e ali no texto. (ALOB)

282. KORMAN, Gordon. **A prova.** Tradução Marcelo Mendes. Ilus. Caio Cacau. São Paulo : Arxjovem, 2005. 160 p. il. (Everest)

283. KUPSTAS, Marcia. **Um dia do outro mundo.** Ilus. Thais Linhares. São Paulo : Salesiana, 2005. il. color.

284. KUPSTAS, Marcia. **Histórias da turma.** Ilus. Evandro Luiz. 22.ed. São Paulo : Atual, 2005. 128 p. il. (Entre Linhas. Adolescência)

285. LACERDA, Nilma. **Pena de ganso.** Ilus. Rui de Oliveira. São Paulo : DCL, 2005. 143 p. il.

"Você é escritora, não é?" perguntou a velha tia Aurora à sua sobrinha. E ali, começou a se urdir, na mente da narradora, uma história. A morte da senhora desencadeou uma escrita, dolorosa, preenchedora de vazios. E assim surgiu a história da menina Aurora, nascida num tempo em que mulheres não iam à escola e deveriam apenas cumprir funções domésticas. Mas Aurora tinha um forte desejo: aprender a ler e escrever. Seu encantamento surge quando seu irmão esparrama tinta pela mesa. Chamada para limpar, a menina molha o dedo na tinta e ensaia um traço na superfície da mesa. Tomada por prazer, vem-lhe a pergunta: "o que é isso, o que é que acontece entre a tinta, o dedo da gente, um traço? Mais tarde, novas indagações - para que serve escrever? Embora não soubesse fazê-lo, ganhara a certeza de que seu traço na mesa suja de tinta, queria dizer "eu sou Aurora". Aurora tenta, por todos os meios, aprender a escrever: observa as letras nos bordados, pede ajuda aos irmãos, à vizinha. Tudo em vão. Por fim, Aurora aproxima-se de Francisco, o filho da vizinha. Nas horas de merendas que faziam juntos, o menino aceita ensinar-lhe as letras. Mas, com o que escrever? Aurora descobre que penas de ganso serviam para escrever, mas teve que aprender, depois de insucessos, que era preciso apontá-las. O segredo da situação permite a Francisco chantagear a menina, exigindo-lhe o empréstimo de um livro de Ciência do irmão, onde havia desenhos dos aparelhos urinários e reprodutores, masculino e feminino. O conflito toma conta das duas famílias. O tempo passa e permanece a história de uma menina que usava uma pena de ganso para aprender a escrever. O interesse de uma professora por Aurora não realizou seu desejo - os ataques que a menina sofria eram as desculpas para justificar a recusa dos pais. E assim a narradora marca os dois tempos entre diferentes histórias, entre diferentes possibilidades de vida e escolhas. Em sua época de meninice, era natural meninas irem à escola, aprender a escrever era algo natural. Mas não; escrever é um processo sofisticado, às vezes, de difícil acesso. É trabalhando com os conceitos de leitura e escrita que a autora realiza uma criação literária, valendo-se de uma metalinguagem. Apresentada pelo historiador Roger Chartier, orientador de pós-doutorado da autora, a obra traça, com a leveza da pena do ganso, a interdição feita às mulheres quanto ao aprendizado da leitura e da escrita, a construção histórica dos sistemas de representação, o valor dessas conquistas e as dificuldades a elas inerentes. A obra divide-se em duas partes: "Posso ver", a primeira, conta a história da menina Aurora. "Posso escrever", a segunda, traz as considerações da narradora-escritora. Um livro de muita sensibilidade, para ser lido por jovens e adultos como um convite para atentar para o significado da escrita em nossas vidas. (S.M.F.B.)

286. LAGO, Angela. **Uni duni tê**. Ilus. da autora. 3.ed. São Paulo : Moderna, 2005. n. p. il. (Girassol)

Esta obra, muitas vezes reeditada, saiu pela primeira vez em 1982. A autora recolhe fragmentos de cantigas de roda, parlendas e brincadeiras infantis e monta uma narrativa com os elementos e personagens contidos nelas. O resultado é bem engraçado e um tanto nonsense. Tudo começou quando entraram no barraco do Zé do Cravo e roubaram o salame e o sorvete colorê de sua geladeira. O desaforado ladrão ainda deixou um bilhete em código: "Uni duni tê/ salamê mingüê/ um sorvete colorê/ uni duni tê". Daí pra frente muita gente foi envolvida no caso: a Rosa, que vivia brigando com Zé do Cravo, Dona Xica, o gato dela, um elegante rapaz filho de um conde, Terezinha de Jesus e o delegado, também conhecido como Samba Lelê. As ilustrações são deliciosas. Feitas a- bico-de-pena, em preto e branco, estes desenhos gaiatos tornam a obra ainda mais divertida. Pena que nesta edição eles estejam em tamanho bem menor. Obra recomendada para ser contada às crianças não alfabetizadas e lida pelas que já têm domínio de leitura. (A.T.)

287. LAGO, Angela. **Virando onça** [coleção]. Ilus. da autora. Rio de Janeiro : Rocco, 2005. il. color. 3 v.

Conteúdo: **O bicho folharal - A casa da onça e do bode - A flauta do tatu.**

Esta é uma coleção que apresenta três contos populares recontados por Ângela Lago. Um aspecto positivo é que os textos são bem adequados a crianças recém-alfabetizadas. Faltam livros dedicados a esta faixa etária sobre lendas brasileiras, pois geralmente, as obras publicadas sobre este tema se dirigem a um leitor mais amadurecido. O primeiro volume apresenta a história do bicho folharal. Dona Onça resolveu impedir o Macaco de beber água na sua fonte. Mas o Macaco que era muito esperto consegue enganar a vilã se disfarçando de bicho folharal. As situações bem simples e concretas, os diálogos concisos e diretos contemplam a compreensão da criança pequena, que se divertirá com a esperteza do personagem fraco vencendo o forte. O segundo livro da coleção apresenta o conto "A casa do bode e da onça". Os dois animais, sem saber, construíram a mesma casa. Só que cada um pensava que estava sendo ajudado por algum bom deus. Por exemplo: o Bode trazia madeira, tijolo, organizava tudo e voltava para sua casa para dormir. Vinha a Onça, via os materiais já reunidos e construía as paredes. Terminando o serviço, ia para sua toca. Esses desencontros vão crescendo até culminar no final inesperado. No exemplar "A flauta do tatu", a Onça vivia caçoando do Tatu dizendo que ia transformá-lo em sopa. O Tatu, para se vingar, cria uma música em que ridiculariza a malvada. Após muitas peripécias, ele consegue enganá-la de maneira criativa e inteligente. Há um aspecto interessante: a autora incorpora certas expressões populares na narrativa. Por exemplo, quando o Tatu canta: "A onça quer sopinha de tatu porque não tem dente/ Não tem dente/ ô gente!". As ilustrações tentam imitar as garatujas infantis. Percebemos que intenção da ilustradora é apresentar figuras soltas, despojadas, mas o resultado soa forçado. Apesar deste deslize, esta é uma ótima coleção para crianças recém alfabetizadas ou para ser contada aos que ainda não sabem ler. (A. C.)

288. LAGRANHA, Debby. **Vamos viajar sem sair do lugar**. Ilus. Cláudio Martins. São Paulo : Paulinas, 2005. 71 p. il. color.

289. LAJOLO, Marisa (Org.). **Antologia de poesias: poesia romântica brasileira**. São Paulo : Salamandra, 2005. 64 p. (Lendo e relendo poesia)

Esta ótima antologia de poesias do período romântico da literatura brasileira é muito interessante. Além dos poetas tradicionais, como Castro Alves, Fagundes Varela, o leitor poderá apreciar os versos de algumas escritoras brasileiras pouco conhecidas: a abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta e a poetisa Narcisa Amália dos Campos. Os textos são bem selecionados, pois vão ao encontro do jovem leitor, que normalmente se identifica com os arroubos e desejos dos poetas românticos. Apesar desses versos terem sido escritos a séculos atrás, eles retratam muito bem a dicotomia entre vontade e regras sociais; o extravasamento das emoções e uma tendência aos excessos, elementos que podemos encontrar na personalidade dos adolescentes de todas as épocas. Além disso, há a beleza estética, o domínio do ritmo e do jogo de linguagem, ou seja, a poesia romântica perdura pois ela foi muito bem escrita: "Não sabes, Clara, que pena/ Eu teria se - morena/ tu fosses em vez de clara!/ Talvez...Quem sabe?... Não digo.../ Mas refletindo comigo/ Talvez nem tanto te amara!". No livro há uma ótima apresentação sobre a poesia romântica e as características principais de cada um dos poetas da antologia. O texto escrito pela educadora e crítica literária Marisa Lajolo, prima pela clareza e profundidade. Esta obra é um bom exemplo de que um livro dedicado a ajudar os estudantes no vestibular, pode muito bem ser interessante sob o ponto de vista literário e estético. (A.C.)

290. LALAU. **O caçador de palavras**. Ilus. Laurabeatriz. São Paulo : Scipione, 2005. n. p. il. color.

Esta é uma história cujo enredo de cunho surrealista mistura a palavra em si com o objeto concreto que ela simboliza. Um menino acorda ao tomar café da manhã e se surpreende porque no meio do pão ele encontra a palavra "mortadela". Ou seja: não é a mortadela, é a palavra em si que aparece escrita no meio do pão. A lição de casa do menino era levar uma palavra escrita para a escola. Ele pensa em pegar a palavra mortadela, mas acontece algo inesperado: a palavra "mortadela", com medo de ser comida, se transforma na palavra "mosca", sai voando pela sala e pousa em uma samambaia. O menino tenta pegar a palavra "mosca" com as mãos, mas ela é ligeira e se muda na palavra "vento". Esta, voa para o bosque e lá se transforma em outras palavras: folha, tatu, peixe... Mas o menino descobre a força da palavra oral e grita: Palavra "peixe" se transforme na palavra "bóia"! E a palavra obedece a ordem. O menino se encanta com o domínio que ele tem e transforma muitas palavras em outras. Até que ele escolhe a palavra "pedra" para levar para a escola como lição de casa. Coloca a palavra em uma caixa de papelão e vai para o colégio. Ao chegar na sala de aula, seus colegas não tinham feito a lição. O final da história guarda uma surpresa interessante para o leitor. Os desenhos de Laurabeatriz reforçam o enredo, mesclando muito bem a palavra escrita com o objeto que ela significa. As figuras, muito coloridas, criam uma clima muito bonito e alegre reforçado pela excelente qualidade do projeto gráfico. Ótimo livro para crianças recém-alfabetizadas. As palavras que são escritas sobre as figuras às vezes são muito escuras e não dão contraste com o fundo das imagens. (A.C)

291. LALAU. **Faz e acontece no circo**. Ilus. Laurabeatriz. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. n. p. il. color.

Durante sua apresentação no circo, um mágico tira um coelho da cartola. O coelho escapa de suas mãos e corre para dentro da jaula do leão. O leão quer pegar o coelho, o domador quer acalmar o leão, o palhaço vem para ajudar e está armada uma grande confusão! Tudo começa a sair dos eixos e o espetáculo acaba em muitos casamentos: a mulher barbada com o trapezista, a trapezista com o contorcionista, a mulher-gorila com o malabarista chinês e muitos mais... O único a ficar solteiro é o mágico, que tira outro coelho da cartola e... tudo começa outra vez. Esta história engraçada, com coloridas ilustrações que recriam cada episódio da narrativa, é uma divertida opção para crianças que começam a ler sozinhas. (S.O.)

292. LALAU. **Faz e acontece no faz-de-conta**. Ilus. Laurabeatriz. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 32 p. il. color.

Quem pensa que as bibliotecas ficam completamente silenciosas durante a noite nunca leu esta história. Nela, os personagens dos contos tradicionais saem dos livros e fazem a maior festa. A idéia não é nova, mas está bem realizada: um texto simples, em letra de forma e desenhos de páginas duplas super coloridos. Obra ideal para os que começam a ler sozinhos. (A.T.)

293. LAMB, Kathryn. **Socorro! minha família é de enlouquecer**. Tradução Maria Claudia Lopes. Ilus. Greg. São Paulo : Arxjovem, 2005. 136 p. il.

294. Larreula, Enric. **A infância da bruxa Onilda**. Tradução Irami B.Silva. Ilus. Roser Capdevila. São Paulo : Scipione, 2005. 39 p. il. color. (Novas histórias da bruxa Onilda)

Neste livro são apresentadas duas histórias da divertida bruxa Onilda. Ela conta como foi seu primeiro dia de escola. Independente, bem-humorada, alegre e amiga dos colegas, Onilda é encantadora: Todos os colegas adoram sua companhia. Ela guarda objetos inusitados na mala: um sapo, uma aranha e ossinhos de defunto, com os quais dá "embaixadas" no recreio e ganha aplausos dos meninos. Consultando seu livro de mágicas, Onilda faz aparecer orelhas de coelho na professora, transforma a mestra em um elefante e depois a faz retornar a sua forma original. Depois de um mês de aula, simplesmente coloca fogo na escola ao tentar uma experiência. Desse modo, a mãe de Onilda é chamada para conversar com a diretora e o colégio se muda para o castelo das feiticeiras, para alegria geral das crianças. No conto "Aprendiz de bruxa", Onilda, depois de quebrar a bola de cristal de sua mãe, resolve sair pelo mundo em busca de trabalho, pois quer se tornar uma grande profissional. Ela se hospeda no cemitério, um lugar muito aprazível para a personagem. Mas como é muito sociável, na primeira noite, Onilda participa de uma festa de arromba junto com os esqueletos. Apesar da farra, ela é uma garota determinada e sabe que para se tornar uma grande bruxa é preciso muito empenho. Então, começa a trabalhar na feira da cidade, vendendo poções mágicas e leitura de mãos. A grande simpatia que Onilda desperta no leitor está na sua capacidade incrível de adaptação no mundo. Ela não se intimida diante das dificuldades da vida. Por exemplo, ela narra na primeira pessoa: "Na praça, todo mundo oferecia seus produtos aos gritos. Então também ofereci o meu, gritando: Linhas da mão, poções mágicas!" Onilda não consegue vender nenhum produto, mas, para sua alegria, sua mãe a encontra na feira e a leva de volta ao castelo. Lá, a bruxinha ganha uma bola de cristal só para ela. História prazerosa para ser contada às crianças que ainda não sabem ler ou para ser apreciada por aquelas que se iniciam na leitura. (A.C.)

295. LEAL, Marconi. **O país sem nome**. Ilus. Dave Santana e Maurício Paraguassu. São Paulo : Ed. 34, 2005. 202 p. il.

Ao País Sem Nome chegaram os primos Leleco, Pepeu e Alicinha, de uma maneira inesperada. Atraídas pela luz que saía de um baú guardado no quarto do avô (já falecido), as três crianças caíram dentro do objeto sem fundo, o que as levou a viverem experiências incríveis. O primeiro a sumir foi Leleco e, em sua busca saíram Pepeu e Alicinha. À procura do primo medroso as crianças passam por vários lugares: florestas, ora maravilhosas e iluminadas por cinco sóis, ora negras e espinhentas; rio de águas negras e pegajosas, cachoeira (com água correndo para cima) e deserto. Durante o trajeto vão se deparando com personagens estranhos - Raripuedigoriemfile, um monstrengo com dois narizes, que lhes informa sobre a captura de Leleco pelos Tômades e lhes dá duas pedras pretas, sem dizer para que servem; o gigante Babal que vê as crianças como alimento, já que toda a região vive em estado de fome desde a tomada

de poder pelos Tômedes; a turma dos Redundantes, enterrados até o pescoço e que, entre falas repetitivas, desmaia de fraqueza; o povo de Hilaríade, que só canta e dança mesmo em situação de penúria. Ao chegarem à capital, Pepeu e Alicinha descobrem a organização social e política do País - dominava-o os Tômedes, que haviam arrebatado terras, riquezas e tratavam a população e todos os que vinham a ser capturados, como os "Outros", sem direitos de qualquer espécie: comida, respeito, liberdade, defesa. E foi na cidade, precisamente na região do Mercado, que encontram Leleco, aprisionado dentro de um balaio. Os posicionamentos de Alicinha e Pepeu diante das situações encontradas levam os dois a julgamento, sob acusação de serem subversivos. Condenados à pena máxima, as crianças são surpreendidas pela chegada de uma multidão de "Outros", liderada por Leleco e que retoma o poder. Como isso pôde acontecer? A resposta fica por conta da ação das pedras dadas por Raripuedigoriemfile aos meninos. Mas a alegria dura até o aparecimento do monstro de Sirccie, atraído pela oferta de comida. Apavoradas, as crianças dirigem-se para a porta de uma torre, indicada pelo monstro de dois narizes. Passando por ela, veêm-se, novamente, no quarto do avô. Mas a história da atração por uma luz parece não ter terminado por aí. A ida para mundos imaginários, a referência à dominação política e social, a força do povo são assuntos recorrentes em livros infanto-juvenis. No que se refere à passagem entre a realidade e a fantasia, esta narrativa remete-nos à história de Alice no País das Maravilhas e sua queda, por muito, muito tempo em um buraco. Quanto aos aspectos políticos, o texto não é inovador; ao contrário, há um encaminhamento fácil para a retomada do poder. Nesse momento, reagrupam-se todos os personagens encontrados no percurso dos heróis, criando um "ar de festa". O diferencial da obra está no humor presente em toda a narrativa. Alicinha é uma personagem que "não manda recado" e suas falas retratam bem o mundo pré-adolescente; às vezes, lembra a Emília de Lobato. A narrativa trabalha com intertextualidade, fazendo lembrar episódios da mitologia grega. Além disso, tem um trabalho com linguagem - junção de palavras para criação de nomes, duplos sentidos, formas diferenciadas de falas (com repetição de palavras, inversão na colocação de pronomes). Se o final é previsível e se desencadeia rapidamente a partir de um certo ponto, é uma leitura que distrai e diverte. As ilustrações, em quadros de página inteira são em branco e preto; ao mesmo tempo em que procuram criar um clima de mistério, não perdem o humor. São de autoria de Dave Santana e Maurício Paraguassu. (S.M.F.B.)

296. LEÃO, Liana. **Diferentes: pensando conceitos e preconceitos**. Ilus. Márcia Széliga. São Paulo : Elementar, 2005. 32 p. il. color.

297. LEÃO, Liana. **Julieta de bicicleta**. Ilus. Márcia Széliga. São Paulo : Cortez, 2005. 32 p. il. color.

298. LEÃO, Liana. **O livro dos pés**. Ilus. Thais Linhares. São Paulo : Salesiana, 2005. 32 p. il. color.

299. LEÃO, Liana. **O livro dos sons**. Ilus. Guilherme Z. São Paulo : Cortez, 2005. 31 p. il. color.

300. LEÃO, Liana; OTÁVIO, Luiz. **Dona Salete de Copacabana**. Ilus. Márcia Széliga. São Paulo : Salesiana, 2004. 22 p. il. color.

301. LEITE, Márcia. **Não é bem assim!: contos de dúvidas e decisões**. Ilus. Cris Burger. São Paulo : SM, 2005. 150 p. il. (Muriqui)

Conteúdo: Espelho meu - Dezesseis - Entre amigos - Linhas cruzadas.



Coletânea de quatro contos que versam sobre as primeiras decisões que a vida exige dos adolescentes: assumir ou não uma gravidez e fazer de um diário seu companheiro de dúvidas e contradições afetivas, aceitar ou não ter um biotipo diferente do vinculado pela mídia, assumir-se gay para um amigo e assumir assim sua identidade sexual e os preconceitos advindos daí e por fim, a leitura proibida de um diário do colega da tarde Vítor e assumir isso para ele. No final do livro o leitor encontrará uma seção chamada "Quer saber" que traz informações atualizadas sobre questões que os contos tratam como transtornos alimentares, sexo seguro e prevenção contra gravidez indesejada e uma digressão sobre o conceito histórico de adolescência. Estes contos literários dialogam perfeitamente com questões presentes na adolescência atual de forma honesta e aberta. Excelente opção de leitura para adolescentes a partir dos quinze anos. (ALOB)

302. LEITE, Milu. **O dia em que Felipe sumiu**. Ilus. Jan Limpens. São Paulo : Cosac Naify, 2005. 80 p. il. color.

303. LEONEL, Moriconi. **Os cavaleiros da toca**. Ilus. Joubert José Lancha. São Paulo : Cortez, 2005. 168 p. il. (Astrolábio)

304. LIMA, Edy. **Primeiro amor**. Ilus. Michele Iacocca. São Paulo : Global, 2005. 77 p. il. color.

Tudinha e Eugênio se conhecem ao viajarem sozinhos de avião: a menina, filha de pais divorciados, volta para a casa onde mora com a mãe depois de passar alguns dias com seu pai, na região do Pantanal de Mato Grosso; e o garoto deixa sua cidade para visitar o avô. Durante o voo, Tudinha mostra a Eugênio o seu segredo: escondido dentro de um sapo de brinquedo, ela traz um sapinho de verdade, ganho do pai. Separam-se ao chegarem ao aeroporto sem se lembrarem de trocar telefones, porém, durante uma visita ao zoológico, os dois se reencontram, passam a se visitar e uma forte amizade se inicia. A resistência da mãe de Tudinha em relação a seu sapo de estimação é cada vez maior e, quando chega o dia de Eugênio voltar para o Pantanal, onde mora, a menina lhe entrega o bichinho dentro do sapo de plástico, pedindo que o devolva a seu habitat de origem. O menino parte, mas Tudinha tem certeza de que terão novas oportunidades de se encontrar novamente. A história aborda o tema da amizade e da emoção de um "primeiro amor" de forma simples e ingênua e poderá ser lida por crianças com domínio de leitura. (S.O.)

305. LIMA, Heloisa Pires. **A semente que veio da África**. Ilus. Véronique Ttadjo. São Paulo : Salamandra, 2005. 55 p. il. color.

*Adansonia digitata* é o nome científico do Baobá, uma árvore enorme que, na Costa do Marfim, é conhecida como "a árvore da palavra". Em Moçambique, a mesma planta se chama Embondeiro e é considerada sagrada pelo povo. Muitas histórias, transmitidas de geração em geração, falam de sua origem, generosidade e sabedoria. A *Adansonia* é reverenciada por todo o continente e tornou-se um símbolo da luta pela integridade cultural africana. Tudo dela se aproveita: fornece água, alimento, óleo, remédios, utensílios, moradia, além de boa sombra e muita inspiração. Este livro, escrito por várias mãos, conta algumas destas histórias e também informa sobre as peculiaridades desta árvore gigante, que pode chegar a seis mil anos de vida e até trinta metros de altura. No Brasil a imagem do Baobá está intimamente ligada ao livro "O pequeno Príncipe" de Saint-Exupéry, mas algumas delas crescem aqui e são chamadas de Barrigudas. As ilustrações fortemente coloridas da obra recriam o texto por meio do traço simples, inspirado na arte africana. No final, algumas fotos mostram enormes Baobás, suas flores e frutos; há também um encarte com as regras de um jogo africano chamado awalé, que se joga com as sementes do Baobá. Por

fim, vale transcrever a frase que motivou a autora a homenagear esta magnífica árvore: "A sabedoria é como o tronco de um Embondeiro. Uma pessoa sozinha não consegue abraçá-lo". (A.T.)

306. LIMA, Maurício; BARRETO, Antônio. **O jogo da onça e outras brincadeiras indígenas**. Ilus. Dedé e Leleu. São Paulo : Panda Books, 2005. 54 p. il. color.

307. LINARES, Isabel. **Papai e mamãe estão se separando**. Ilus. Alcy linares. São Paulo : Salamandra, 2005. n. p. il. color.

Livro de imagens pertencente à Coleção Crescer, que trata de situações angustiantes para crianças, envolvendo pais e educadores em contextos complexos que exigem posicionamentos. No caso, é a separação dos pais. Há aspectos bastante positivos a serem destacados. O livro inicia-se com a imagem de uma família feliz, em harmonia, as desavenças vão acontecendo paulatinamente, de várias formas. Cada um, separadamente, brinca com os filhos, mas é o casal quem participa sua decisão às crianças. A saída do pai é dolorosa para todos, retrata-se o vazio, as reações agressivas dos pequenos. Tanto o pai quanto a mãe continuam a dedicar-se aos filhos. Aos poucos, todos voltam a sorrir e as crianças superam suas inseguranças, podendo brincar sozinhas. Foi muito feliz a construção da última imagem: há uma rachadura entre as figuras do pai e da mãe, mas ambos estão sorridentes e cada qual aparece abraçando os dois filhos. A leveza e bom humor dos desenhos de Alcy não destituem a tristeza e dificuldade da situação vivida familiarmente. O tema é tratado com muita seriedade e felizmente, para os leitores, não impinge a aceitação de novos parceiros dos pais para as crianças, prática bastante usual em livros destinados a elas. Ótima opção! (S.M.F.B.)

308. LINS, Guto. **Lá em casa tem um bebê**. Ilus. Guto Lins. São Paulo : Mercuryo Jovem, 2005. n. p. il. color.

309. LINS, Guto. **Que horas são?**. Ilus. Guto Lins. São Paulo : Mercuryo Jovem, 2005. n. p. il. color.

Obra especialmente concebida para os bem pequenos que apresenta o tema do tempo de maneira bem concreta. O relógio sinaliza o correr de um novo dia, cujas marcas principais para as crianças são: o despertar, as refeições, as brincadeiras e o sono noturno, para que tudo possa recomeçar. O texto tem rimas e cadência, além de grandes e coloridas ilustrações de páginas duplas. O verso "Que horas são? Que horas são?" é repetido em letras garrafais, o que dinamiza a leitura, inclusive em voz alta, para aqueles que ainda não estão alfabetizados. (A.T.)

310. LINS, Guto. **Zezé: trabalho não é brincadeira!**. Ilus. do autor. São Paulo : Larousse, 2005. 20 p. il. color.

311. LINS, Osman. **O diabo na noite de Natal**. Ilus. Marilda Castanha. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 55 p. il. color.

Tudo se passa na véspera de Natal. A boneca falante Lúcia dá uma festa na qual estão personagens de diferentes tradições: o Capitão Gancho, Chapeuzinho Vermelho e Cinderela de histórias clássicas infantis; o Super-Homem, das revistas em quadrinhos; Carlitos, personagem dos filmes de Charles Chaplin e também diversas figuras do imaginário popular brasileiro, como o Negrinho do Pastoreio, o Amarelinho (de nossas histórias rurais, que recebe este nome por sofrer de amarelão) e as pastorinhas integrantes do pastoril (brincadeira popular realizada na época de Natal, na qual se canta e dança canções tradicionais). Todos comemoram, quando o Capeta

invade a festa assustando e ameaçando os convidados. O Super-Homem e o Capitão Gancho tentam ir embora, mas o Diabo avisa que quem sair será devorado pelo dragão e quem ficar, terá de ir com ele para o inferno quando der meia-noite. Serão muitas as confusões até que uma solução seja encontrada para livrar os personagens do Capeta: um menino, que está acompanhado de sua mãe, enfrenta e vence o Diabo, livrando todos de suas maldades. Ao desaparecer com sua mãe, esta criança deixa os personagens perguntando-se quem seria ela: seria o Deus menino? Mas a festa continua, pois agora, as pastorinhas podem cantar e uma grande ciranda se forma com todos celebrando a noite de Natal. Esta é a única história dedicada a crianças deixada pelo escritor Osman Lins. Construída a partir das tradições dos pastores brasileiros característicos das regiões norte e nordeste e cantados na época natalina, a narrativa desenvolve-se de forma ágil, misturando com humor personagens da literatura universal, do cinema e de nossos folguedos e lendas populares. As ilustrações, em sintonia com o texto, lembram as xilogravuras de cordel e reforçam a atmosfera da história. Boa opção para crianças com autonomia de leitura. (S.O.)

312. LIONNI, Leo. **Pequeno azul e pequeno amarelo**. Ilus. Léo Lionni. São Paulo : Berlendis & Vertecchia, 2005. n. p. il. color.

313. LISBOA, Elizete. **A bruxa mais velha do mundo**. Ilus. José Carlos Aragão. São Paulo : Paulinas, 2005. 31 p. il. color. Livro em braile.

A proposta desta obra é apresentar uma história impressa em letra de forma e também em Braille, sistema de escrita adotado para a leitura através do tato. Algumas ilustrações também estão feitas com pontos em relevo propiciando a decodificação da imagem por crianças com deficiência visual. (S.O.)

314. LISBOA, Elizete. **Que será que a bruxa está lavando?**. Ilus. Maria José Boaventura. São Paulo : Paulinas, 2005. 24 p. il. color. Livro em braile.

A proposta desta obra é apresentar o texto escrito em letra de forma e também em Braille: sistema de escrita adotado para a leitura através do tato. Algumas ilustrações também têm pontos em relevo, propiciando a decodificação da imagem por crianças com deficiência visual. (A.T.)

315. LÍSIAS, Ricardo. **Greve contra a guerra**. Ilus. Newton Foot. São Paulo : Hedra, 2005. 46 p. il. color. (Turma dos Direitos)

316. LIVROS divertidos [coleção]. Ilus. José Carlos Aragão e Marcelo Bicalho. São Paulo : Paulinas, 2005. n. p. il. color. 2 v.

Conteúdo: **Badulaques e traquitanas: alguma poesia e outras brincadeiras com palavras**/José Carlos Aragão - **Eu queria ter um urso**/Marcelo Bicalho, Ilus. José Carlos Aragão.

317. LOU, Virginie. **Eu não sou macaco**. Tradução Nilma Lacerda. Ilus. Lian Wu. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005. 79 p. il.



A humilhação sentida pela narradora desta história no vestiário das meninas, transformou-se em ódio profundo. O gordo Didier, entrando abruptamente, arrancara sua calcinha, expondo-a às risadas e aos olhos observadores dos outros garotos. Sentindo-se como um macaco enjaulado, alvo de risadas quando coça a bunda, a menina jura vingança de morte. Eu não sou macaco, diz a si mesma. O ódio alimenta-se no seu silêncio, na mudez que resiste às perguntas dos professores, da orientadora

educacional, do diretor da escola. É sem palavras que enfrenta a cólera do pai, alimentada pelos problemas do dia a dia. Enquanto a garganta se tranca, o cérebro maquina muitas formas de vingança, mas todos os planos lhe parecem sem naturalidade. A exasperação que seu silêncio provoca nos outros dá-lhe a sensação de poder. A narrativa toda é construída em torno das maquinações de Joëlle, em relato pessoal. Frágil e tímida, ela vê crescer, dentro de si uma força destruidora. Mas, acaba por descobrir, no odiado Didier, traços de ternura e vivências dolorosas que a mobilizam a salvá-lo, quando a fraqueza do jovem torna-se aparente. E assim a garota descobre que, justamente por não ser gorila, não poderia se vingar, alterando, completamente, o raciocínio e a justificativa da mesma afirmação - Eu não sou macaco. O texto tece, com densidade, os diálogos internos da menina, entrelaçando-os com as conversas com outros personagens. As ambivalências do humano ficam evidenciadas, pondo em cena assuntos de ética e relações sociais. A autora, nascida em Havana, foi apresentada pelo crítico Jean Perrot como inovadora na literatura juvenil francesa. Boa opção! (S.M.F.B.)

318. LUCHETTI, José Roberto. **Alberto: do sonho ao vôo**. Ilus. Angelo Abu. São Paulo : Scipione, 2005. 47 p. il. color.

319. LUDEMIR, Julio. **Mais um pai**. Ilus. Lúcia Brandão. São Paulo : Scipione, 2006. 72 p. il. color. (Diálogo Jr)

320. MACHADO, Ana Maria. **O cavaleiro do sonho**. Ilus. Gravuras de Cândido Portinari. São Paulo : Mercuryo Jovem, 2005. n. p. il. color.

321. MACHADO, Ana Maria. **Um Natal que não termina**. Ilus. Miadaira. São Paulo : Salamandra, 2005. n. p. il. color.

322. MACHADO, Ana Maria. **Ponto de vista**. Ilus. Zivaldo. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 37 p. il.

Dois meninos, um rico e outro pobre vivem na cidade do Rio de Janeiro. Separados pela classe social em que vivem, um não sabe nada sobre a vida do outro, apesar de morarem tão perto. Traçando um paralelo em relação aos dois personagens, um golfinho e uma gaivota pensam que seria muito interessante que os garotos se conhecessem. A praia, sendo um dos poucos espaços sociais onde classes diferentes se encontram serve de cenário para amizade entre os dois. O menino da favela ensina o garoto rico a cantar rap, e a empinar pipa enquanto o amigo empresta sua prancha de surf. À medida que o tempo passa eles vão se tornando cada vez mais amigos pelo próprio convívio quase diário na praia. A autora consegue com maestria aproximar os dois meninos sem apelar para uma linguagem panfletária nem populista, o que é muito difícil neste tipo de narrativa. A literatura brasileira atual para crianças apresenta inúmeros exemplos de autores que desejam denunciar as injustiças sociais de maneira simplista e pouco convincente. Realmente, mostrar de maneira verossímil que um menino de classe rica se torne amigo de um favelado, não é proeza para qualquer escritor. Mas, em se tratando de Ana Maria Machado isso é possível. O segredo da autora está em deixar nas entrelinhas as condições sociais dos dois garotos. Em nenhum momento da narrativa ela escreve que um é pobre e outro rico. A força do texto está no ritmo da linguagem repleta de sutilezas: Por exemplo: "Montanha e mata, cidade maravilha. Gente de tudo que é jeito. Um menino lá no alto. Do morro. Outro menino lá no alto. Do prédio. Uma criança pequena, quase perdida numa cidade perdida." Mesmo no trecho que mostra os dois já adolescentes organizando uma sociedade - uma oficina de prancha de surf - este fato não se torna artificial. A escritora consegue criar um clima em que a cooperação é uma decorrência natural de uma amizade construída no dia a dia na praia. Apenas o final fica um tanto piegas, com uma narrativa feita em rimas: "a coisa mais direita, mais perto da perfeição é ter por

perto um amigo é ver no outro um irmão." As ilustrações coloridas de Ziraldo reforçam diferentes perspectivas traduzindo para o desenho a própria característica do enredo: os pontos de vista de cada classe social. É uma bonita solução, que mostra a paisagem do Rio de Janeiro cortada pelos prédio e pela favela. Ou então, imensas ondas em primeiro plano, com os dois amigos muito pequenos contrastando com a imensidão do mar. História singela e leve, para ser apreciada por crianças com domínio de leitura. (A.C.)

323. MACHADO, Ana Maria. **Procura-se lobo**. Ilus. Laurent Cardon. São Paulo : Ática, 2006. 40 p. il. color. (Clara Luz)

Ana Maria Machado é uma autora que dispensa apresentações, e este livro é um exemplo da sua arte. A história se articula a outras conhecidas das crianças num enredo inusitado para um tema recorrente: a preservação da natureza. Um anúncio nos classificados do jornal chama a atenção do desempregado Manuel Lobo. O trabalho é para um lobo. Embora a personagem não seja um bicho de quatro patas, responde ao anúncio enviando uma carta. Ninguém pode dizer que ele não seja "lobo". Consegue o emprego, não exatamente o anunciado, mas outro, por ter escrito uma carta muito boa. A narrativa segue agregando em sua trama lobos famosos de contos, mitologia, quadrinhos e fábulas. É incrível como a autora consegue dar seu recado ecológico, valorizar a palavra escrita e os contos clássicos, tocar na questão do desemprego, usar a intertextualidade, a ambigüidade que pode existir na linguagem, tudo num texto destituído do estigma pedagógico: é absolutamente literário mas contém informações. Mesmo o final, que coloca o leitor numa posição ativa em relação à preservação dos lobos, está integrado à trama. Outros autores já puseram os lobos tradicionais em situações modernas, recontando suas histórias sob diferentes enfoques, mas poucos acertaram a mão. Embora esses contos sejam fonte inesgotável de inspiração, é muito difícil criar histórias que lhes façam jus, tão grande é sua riqueza. O desconhecimento de alguma das obras mencionadas não impede que o leitor acompanhe a narrativa, mas, mesmo assim, há uma série de informações sobre elas nas duas contra-capas do livro. As ilustrações brincam com a ambigüidade do personagem e o projeto gráfico incorpora a idéia geral a uma programação visual bem solucionada, com fontes de diferentes tipos. Obra imperdível. (A.T.)

324. MACHADO, Ana Maria. **Vamos brincar de escola**. Ilus. Denise Fraifeld. São Paulo : Salamandra, 2005. n. p. il. color.

325. MACHADO, Angelo. **O boto e seus amigos**. Ilus. Clô Paoliello. Belo Horizonte : Lê, 2005. n. p. il. color.

326. Machado, Antônio de Alcântara et al. **Assim é que se conta**. Ilus. Murilo. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 70 p. il. (Prazer em Ler)

Conteúdo: A República de Coçação/Domingos Pellegrini - Gaetaninho /Antônio de Alcântara Machado - A vogal A/João Anzanello Carrascoza - Metafísica das rosas/Machado de Assis - Amigo gordo/Márcia Kupstas - Internato/Vivina de Assis Viana.

"Assim é que se conta" é uma coletânea de pequenas narrativas, escritas por autores brasileiros. Cada uma delas tem um viés especial. Há crítica social no conto de Domingos Pellegrini, "A República de Coçação" - pois não é que, depois de muitos problemas e pesquisas, descobriu-se que a terrível epidemia de coceira era ocasionada pelo uso do dinheiro? A ironia da vida aparece em "Gaetaninho", conto de Alcântara Machado, ao retratar o sonho de um menino em passear de carruagem e a sua realização, após a tragédia do seu atropelamento. Também com densidade de vida é trazida a história de tia Albertina - "A letra A" - de João Anzanello Carrascoza. "Amigo gordo" (Márcia Kupstas) lida com a idéia estereotipada de que sempre o gordo de uma turma é

responsável pelo possível sumiço da comida. Por fim, o conto "Internato" de Vivina de Assis Viana narra como os caminhos de vida podem alterar os destinos das pessoas, contradizendo opções iniciais. Entre esses autores contemporâneos destaca-se um expoente de nossa literatura, Machado de Assis. A estrutura do seu conto (Metafísica das Rosas) lembra a da Bíblia, dividida em três livros. No livro I começa a narrativa - "No princípio era o Jardineiro. E o Jardineiro criou as Rosas". A partir dessas imagens é construída a alegoria da criação do mundo e dos homens. Dessa maneira, diferentes formas de contar são apresentadas nessa obra. Se os textos trazem a força da linguagem verbal, as ilustrações pecam por não acompanhá-la, dentro da perspectiva da linguagem visual. Os desenhos são "chapados", não exploram perspectivas e apenas retratam cenas pontuais dos textos. (S.M.F.B.)

327. MACHADO, Daniela. **Quem matou Cacilda**. Ilus. Murilo Machado Gonzaga Ferreira. São Caetano do Sul : Yendis, 2005. 62 p. il.

328. MACHADO, Duda. **Tudo tem sua história**. Ilus. Guto Lacaz. São Paulo : Ed. 34, 2005. 35 p. il. color.

329. MACIEL, Maura. **A canção do verdureiro**. Ilus. Ana Raquel. Belo Horizonte : Lê, 2005. n. p. il. color.

330. MAGALHÃES JR. **Decisões que fazem a diferença**. Ilus. Filipe Rocha. São Paulo : Salesiana, 2005. 39 p. il.

331. MARCHA criança [coleção]. Ilus. Mariângela Haddad e outros. São Paulo : Scipione, 2005. il. color. 10 v.

Conteúdo: **As aventuras e desventuras de um sapo**/Luiz Cláudio Cardoso; ilus. Sônia M. de Souza - **A risada de Biriba**/Isabel Botelho; ilus. Toni e Laíse - **Tem gente?**/Telma Guimarães Castro Andrade; ilus. Mariângela Haddad - **O gato Guto e o pato Pito**/Lúcia Pimentel Góes; Martinez - **Posso ir também?**/Lúcia Pimentel Góes; Daisy Startari - **A loja da Dona Raposa**/Hardy Guedes; ilus. M. Haddad - **Lunetando**/Márcia Leite; ilus. M. Haddad - **O dragão comilão**/Rosana Rios - **Sabe quem puxou a orelha do coelho?**/Elza César Sallut; ilus. Michele - **O menino que quebrou o tempo**/José Mavíael Monteiro; ilus. Ana Raquel.

Esta série foi publicada pela primeira vez na década de oitenta pela mesma editora com o nome de "coleção Dó-Ré-Mi", com novo projeto gráfico. O livro "Lunetando" apresenta a história de Pedro, um menino que ao ganhar uma luneta passa seus dias olhando as janelas dos prédios da vizinhança. Ele descobre muitas situações cotidianas: a faxineira que sempre trabalha, um homem velho e sozinho que vive no apartamento ao lado, etc. Até que um dia, ele se depara com uma menina na janela em frente, que também tem uma luneta. Como os dois edifícios ficavam perto, a garota escreve um recado com o número do seu telefone em uma grande folha e o mostra para o menino. Assim os dois iniciam uma amizade. "A loja da dona raposa" narra as dificuldades que a protagonista tem que enfrentar para atender os pedidos malucos dos clientes da floresta: o elefante quer um cachecol para aquecer seu imenso pescoço; dona cobra deseja uma bolsa a tiracolo e a girafa, uma gravata de laço. Dona Raposa pede conselhos à amiga Onça, mas para sua surpresa, a colega também lhe faz uma encomenda inusitada. Já o exemplar "As aventuras e desventuras de um sapo" narra na primeira pessoa as travessuras de um sapinho que mergulha em uma piscina achando que está nadando em um lago. A dona da casa o pega com uma peneira de limpar piscina, mas o sapinho consegue com muito custo escapar da armadilha, mesmo se machucando na fuga. Ao voltar para casa, ele trata os ferimentos, recebendo o carinho da família e dos amigos. Em "Sabe quem puxou a orelha do coelho", o

enredo é um pretexto para uma brincadeira entre os personagens: O coelhinho Sapeca é convidado junto com seus irmãos para a Festa da Cenoura. Durante a comemoração, alguém puxa suas orelhas, mas Sapeca não percebe quem foi o responsável pela brincadeira. Só no final, o autor da travessura se revela para o leitor. "A risada de Biriba" conta a história de um palhaço que perdeu seu riso. Ele se dirige ao país do rei Risonho, onde vivem muitas risadas. O enredo valoriza o "nonsense" das situações, explorando a sonoridade das onomatopéias, que simbolizam no caso deste enredo, vários tipos de gargalhadas. Biriba descobre que o seu riso havia sido pego por uma menina triste. No entanto, os empecilhos são resolvidos pelos dois, que se tornam amigos e conseguem solucionar o caso de modo satisfatório. Coleção recomendada para crianças pequenas ou para aquelas recém-alfabetizadas. (A.C.)

332. MARIA, Luzia de. **Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra**. Ilus. Rogério Borges. São Paulo : Quinteto, 2005. 119 p. il. color.

333. MARINHO, João Carlos. **Assassinato na literatura infantil**. Ilus. Camila Mesquita. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color.



João Carlos Marinho é reconhecido por ser o autor de duas obras que marcaram a história da literatura brasileira feita para as crianças: **O gênio do crime** de 1969 e **O caneco de prata**, de 1971. Esses títulos, além de consagrados pelo público, também são festejados por todos os que acompanham a produção de livros da chamada Literatura infanto-juvenil. E o melhor de tudo isso é que, nestes quase quarenta anos que separam o escritor de suas primeiras obras, Marinho continuou produzindo narrativas instigantes, que partem de idéias e temas inovadores e/ou polêmicos, com o mesmo estilo irreverente que o caracteriza. Os personagens principais são sempre um grupo de crianças que mora em Pinheiros, um bairro da cidade de São Paulo. Neste novo lançamento, o mais interessante é o tema: a própria literatura infantil. Os pais do "gordo", um dos garotos da turma, organizam e patrocinam um concurso para premiar o melhor livro para crianças. O vencedor levará o troféu "Visconde de Sabugosa" e mais cem mil dólares. No entanto, no dia da festa de premiação, na qual seria conhecido o feliz vencedor, o jurado que desempataria o concurso é assassinado com um tiro na testa, em meio a uma enorme confusão de fumaça, gritos e correria. Os principais suspeitos são os cinco escritores finalistas e uma autora que teve seu livro desclassificado na pré-seleção. Cabe à turma do gordo investigar e desvendar o crime. Durante toda a obra o tom de crítica e deboche está presente, como, por exemplo, na descrição de uma das narrativas candidatas ao prêmio chamada "O abacateiro que ficou só". A tal história tem um enredo piegas, que aponta para o que há de mais tolo na produção do gênero. Também nos relatos paralelos, bastante freqüentes na ficção de Marinho, aparecem estes elementos exagerados e risíveis, como estratégia de reflexão social. É o caso do episódio que envolve o frade amigo da família do gordo, ele vai a um leilão tentar arrematar uma sandália que foi da Madre Teresa de Calcutá e acaba arranjando briga com oito seguranças que, mais tarde, fazem uma passeata em frente à delegacia do bairro em protesto pela violência do religioso. Enfim, para não deixar dúvidas quanto à ironia do texto, a assassina não é ninguém menos do que a poetisa Valkyria Waleyra, jurada do concurso. Ela matou porque seria denunciada por ter comprado um diploma universitário falso, vendido pelo filho de outro jurado. Sob certa perspectiva, esta obra é um interessante documento do modus vivendi de determinado grupo social urbano, podendo ser pensada como uma paródia aos valores das classes abastadas e intelectualizadas nos dias de hoje. A linguagem usada pelo autor contém fortes traços da oralidade que caracteriza essas pessoas e a metrópole. Enfim, mais uma vez Marinho traz um tipo de narrativa que tem faltado ao jovem brasileiro: a que une crítica social e qualidade literária. (A.T.)

334. MARINHO, João Carlos. **O gênio do crime**. Ilus. Mauricio Negro. 5.ed. São Paulo : Global, 2005. 142 p. il. color.

Quinquagésima oitava edição! E esta ficção policial e de mistério da literatura infantil brasileira ainda é digna de ser reeditada! O mistério da reprodução ilícita de figurinhas de craques de futebol pode até já ter sido desvendado para muitos leitores, mas, o humor com que João Carlos Marinho apresentou o gordo e sua turma ao público traz o desejo de repetir o prazer da leitura do texto. Para aqueles que não conhecem o enredo, além de um mistério a ser solucionado, há a apresentação de um velho-tempo-novo. Isto significa falar de um tempo em que existia concurso de figurinhas, sabatina (prova), DKW (marca de automóvel), Cine Metro, capas de chuva de borracha - novidades antigas para leitores mais jovens. Mais do que isso, o livro apresenta a possibilidade de se pensar uma aventura em que jovens protagonistas de uma classe média circulam por uma São Paulo referenciada pelos bairros, ruas e cruzamentos, atrás de suspeitos ligados a uma fábrica clandestina. Raramente encontrado na literatura infantil, está aí o cenário da cidade, aonde o leitor pode reconhecer seus espaços. Espaços por onde ele transita com graça como, por exemplo, quando o gordo diz preferir o Viaduto do Chá ao de Santa Efigênia, "por uma questão particular de opinião". Se a aventura e o mistério dão o tom da obra, esta não deixa de lado a gravidade do que ocorria no país nos fins dos anos 60: a censura, perseguição e tortura política. Isto é sutilmente nomeado no episódio em que o gordo, tendo sido capturado pelos bandidos, é coagido a falar por meio de ameaças e demonstrações de torturas. A valorização do estrangeiro aparece com a contratação de um detetive escocês, o maior do mundo. Diz o texto: "A fábrica clandestina é chefiada por um gênio do crime, cérebro fora do comum, pensa em todos os detalhes; para enfrentá-lo é preciso um gênio da altura dele e aqui no Brasil não tem; nossos detetives são primários, subdesenvolvidos." Esses dados mostram que humor não é incompatível com seriedade. Há passagens com forte teor emocional, mesmo que ligeiras, como por exemplo, o encontro do menino que salva o gordo com o bandido aprisionado. Características de boa literatura transcendem o tempo e o espaço; mas, muitas vezes, conservam fortes marcas do seu tempo de produção. Assim, percebe-se nesta obra a exposição de duas situações atualmente bastante discutidas: a do portador de deficiência mental e a do jovem com excesso de peso. No primeiro caso, ocorre um enredamento de um diretor de escola nas dificuldades enfrentadas pelo pai de um deficiente mental (o gordo adotando posturas de pessoas com deficiência), com a finalidade de conseguir matrícula no meio do ano (o objetivo era prosseguir nas investigações dentro da escola). No segundo caso, os amigos comentam sobre as bolsinhas de banha do gordo, seus tremeliques de gelatina e a falta aparente de umbigo. Estas situações aparecem como dados de realidade, sem questionamentos e reforços positivos ou negativos por parte do autor. Isto posto, fica o convite para a leitura da obra, com ilustrações de Mauricio Negro. (S.M.F.B.)

335. MARINHO, Jorge Miguel. **Lis no peito: um livro que pede perdão**. São Paulo : Biruta, 2005. 181 p.

336. MARINS, Francisco. **Expedição aos martírios**. Ilus. Oswaldo Storni. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 123 p. il. (Roteiro dos Martírios)

Este é o primeiro livro da trilogia "Roteiro dos Martírios", publicada pela primeira vez em 1952. Este é um relançamento com novo projeto gráfico. Trata-se de um romance histórico que se passa na época das expedições bandeirantes. Narra as aventuras do jovem Tonico, um menino que vive na cidade de Itu. Junto com seu amigo Perova e o indiozinho Pixuíra, os três partem com a expedição de Langsdorff, que é formada por cientistas e artistas. A missão é pintar, pesquisar e registrar a flora, a fauna e a população das florestas brasileiras. A primeira etapa da viagem é a cidade de Cuiabá. Toninho tem a esperança de encontrar seu tio Juvenal, que havia partido para

Cuiabá há muitos anos e não dera notícias. Há alguns aspectos muito interessantes nesta obra: os três adolescentes estão viajando e trabalhando entre homens; não são jovens confinados na redoma da proteção familiar. Neste sentido, a aventura na mata representa um ritual de passagem para os garotos em direção à vida adulta. Neste universo, a inteligência, a destreza e a coragem são instrumentos fundamentais para enfrentar e dominar a Natureza. Mas o domínio aqui não significa subjugar um povo ou escravizar índios. Trata-se de uma expedição científica em que os valores culturais dos naturalistas prevalecem sobre a força bruta dos bandeirantes. Outro elemento importante é a amizade entre Toninho e o índio Pixuíra. O menino admira a destreza e o conhecimento que o índio tem da natureza inóspita da floresta. Mas este respeito é demonstrado naturalmente por meio das ações das personagens sem resvalar pelo lugar-comum de muitos livros atuais para jovens, que tentam transmitir mensagens edificantes sobre Ecologia. Após inúmeras peripécias, os garotos chegam à vila Cuiabá. Neste local, há a lenda da serra dos Martírios, que narra a existência de uma imensa montanha de ouro escondida em uma região próxima ao arraial. Participando de uma nova expedição, eles partem em canoas por rios muito perigosos na tentativa de encontrar as minas. Toninho, no entanto, só se preocupa em encontrar seu tio. Este primeiro livro termina no trecho em que os heróis avistam a região da mina de ouro, mas ainda não conseguem desembarcar no local, pois a correnteza é muito perigosa. Portanto, não há uma final articulado, já que este é o primeiro livro da trilogia. Trata-se de uma obra muito interessante, mas que apresenta esta ressalva: para ser bem compreendida e apreciada é necessário ler os três volumes da série. As ilustrações são maravilhosas, feitas em bico-de-pena, retratando as paisagens de forma muito detalhada. Obra para jovens com domínio de leitura. (A.C.)

337. MARINS, Francisco; DONATO, Hernâni. **Histórias populares**. São Paulo : Harbra, 2005. 72 p. il. color.

338. MARQUES, Francisco. **Muitos dedos: enredos - um rio de palavras deságua num mar de brinquedos**. Ilus. Fotos de Marcelo Berg. São Paulo : Peirópolis, 2005. 101 p. il. fotos.



Esta obra do conhecido Chico dos Bonecos é uma preciosidade para todos aqueles que gostam de contar histórias. No prefácio, o autor diz que "qualquer semelhança com propostas educativas será mera coincidência" para, logo em seguida, pontuar que se houver essa coincidência, ela é bem-vinda. Claro! Porque é impossível não pensar em belos trabalhos que podem resultar destas "provocações" e dessas dicas que um contador experiente como Chico, cantor e encantador de platéias, dá aos leitores. Os textos remetem a imagens muito plásticas, o livro todo parece um grande cenário. Há neste cenário espaço para brincadeiras com palavras inventadas, gestos, bonecos, narração de histórias, pequenos truques, trava-línguas, dança, poesia, mágica, música, teatro, jogral, enfim, tudo o que efetivamente tem no livro e o que poderia ter. Os encontros do artista com o público fazem a liga de toda a obra: as crianças nas escolas e os adultos nas oficinas oferecidas aos educadores. Tudo o que acontece nesses encontros provoca no contador uma resposta íntima, que ele transforma em arte e devolve ao público. É bonito de se ver ao vivo, e é bonito de se ver escrito. A maior dica: incorporar os imprevistos. Acompanha um CD em que Chico conta algumas das histórias e fala três poemas que são puro som: rima e ritmo. Obra indispensável para mediadores de leitura e contadores de histórias. (A.T.)

339. MARTINELLI, Tania Alexandre. **Debaixo da ingazeira da praça**. Ilus. Evandro Luiz. São Paulo : Saraiva, 2005. 135 p. il.

340. MARTINELLI, Tania Alexandre. **Pontos na barriga**. Ilus. Natália Forcat. São Paulo : Atual, 2005. 16 p. il. color. (Mindinho e seu vizinho)

341. MARTINS, Adilson. **Lendas de Exu**. Ilus. do autor. Rio de Janeiro : Pallas, 2005. 175 p. il.

Este interessante e bonito livro apresenta mais de quarenta histórias cujo protagonista principal é Exu, orixá que pertence ao panteão africano e que é muitíssimo respeitado por todos os que seguem os cultos tradicionais trazidos para o Brasil pelos escravos. Esta poderosa entidade é freqüentemente associada à figura do demônio cristão, o que é um equívoco, já que "a concepção de um ser inteiramente mau era para o negro africano, absolutamente inexistente." O autor explica ainda que este desvio a respeito da natureza de Exu se deve a uma tentativa dos missionários cristãos da época de desmoralizá-lo e de impor aos escravos sua própria religião. Na verdade, Exu é um orixá muito poderoso, pertence à mais alta hierarquia de deuses africanos, é responsável pela comunicação entre os homens e os deuses e está associado ao destino de cada um. Exu tem um caráter ambíguo, ao mesmo tempo pode ser implacável e protetor, e por isso não convém desagradá-lo. As histórias refletem toda esta complexidade. Algumas nos lembram narrativas conhecidas, enquanto outras nos parecem totalmente inéditas. São contos enxutos, às vezes num tom admonitório, outras vezes explicando a origem ou o porquê das coisas. Há também bastante humor neles, pois Exu tem um lado bem malandro e esperto. O autor escreve numa linguagem fluida e espontânea, o que aviva a leitura, e as pequenas ilustrações negras do início de cada conto têm um toque de humor muito próprio para os enredos. O glossário no final do livro é muito útil para aqueles que não estão familiarizados com as palavras de origem africana e com os nomes das entidades. Enfim, esta é uma obra importante no contexto de uma cultura popular carente de valorização e também por dar a conhecer a um público leigo a riqueza dessa mitologia religiosa. (A.T.)

342. MARTINS, Cláudio. **Fruta pão**. Ilus. do autor. São Paulo : Paulinas, 2005. n. p. il. color.

343. MARTINS, Cláudio. **O gato e os gatunos**. Ilus. do autor. São Paulo : Paulus, 2005. n. p. il. color.

344. MARTINS, Cláudio. **Meu livro de terror**. Ilus. do autor. São Paulo : FTD, 2005. n. p. il. color. (Ai, que medo)

A proposta deste livro é desmistificar medos. Medos de bruxa, caipora, mula-sem-cabeça, vampiro, caveira, enfim, medos comuns em crianças (só em crianças?). As soluções apresentadas para o enfrentamento são simples - se a bruxa oferecer maçã, diga que já lanchou. Se a mula-sem-cabeça aparecer, pense que ela não tem boca pra morder. O caipora é um caipira e a caveira é pura brincadeira. Mas, espere aí! A história pode não ser tão simples assim e a leitura do resto do livro não ser muito recomendável...Pelo menos, é o que avisa o narrador, antecipando uma reviravolta na tranqüilidade recém - adquirida. Durante um apagão, ele mesmo vê no quarto um bicho horroroso, com garras e bocarra - um LOBISOMEM! Como pode ser verdade? Ora, quando a luz voltou, tudo se solucionou. As sombras projetadas pelo brilho de uma estrela sobre os brinquedos haviam se misturado e criado uma imagem assombrosa. Afinal, a figura era resultado de um erro de observação. Isto acontece porque o nome do livro é "Me livro do erro" e não Me livro do terror, como pode sugerir uma leitura rápida do título da capa. A possibilidade de "confusão" é dada pelo projeto gráfico: num quadrado branco aparece escrito "Livro do Erro". Fora dele, acima, um pequeno quadrinho apresenta o pronome Me ; ao lado do E e do O da última palavra, aparecem o T e o R, brincando com as duas faces do tema: observação e assombração. Porém, a surpresa não pára aí. Aliviado, apagando a luz para dormir, o menino vê e ouve - o quê? - GRRRRRRRRR. Se, a princípio, a leitura deste livro não parece fugir às tentativas de dessacralizar medos infantis, de uma forma pouco criativa (parte inicial do livro), ela

se desdobra em surpresas a partir do sumiço da luz. A combinação da ausência dos pais, da escuridão da noite, da leitura de um livro de mistério e da superposição de sombras dos brinquedos no quarto reverte a tranquilidade adquirida. Mas, ainda aí, o quadro não se fecha. E continua o mistério - monstros existem ou não? A relação do tema com o jogo das letras dá o viés da graça e estranhamento do livro. O passar de olhos pelo título poderá induzir a diferentes nomeações: Meu livro do terror, meu livro do terror, meu livro do erro. Será que o terror é uma questão de erro? As ilustrações são do próprio autor. As cenas da escuridão são marcantes com jogo de preto e azul. A mudança para a claridade, com a página já branca e ilustração colorida, traz um alívio da tensão, que é fugaz, pois ao virar da outra página, novamente impera o negro, o azul e a figura de um enorme monstro verde. (S.M.F.B.)

345. MARTINS, Eliana. **Cara de bolacha**. Ilus. Elisabeth Teixeira. São Paulo : Scipione, 2005. 24 p. il. color. (Do-ré-mi-fá)

346. MARTINS, Eliana; RIOS, Rosana. **O caminho das pedras**: peça em um ato. Ilus. Joubert. São Paulo : Cia. das Letras, 2004. 125 p. il.

Essa peça de teatro tem, como protagonistas, uma menina e um menino. O menino encontra a garota a jogar o tradicional jogo das cinco pedrinhas, ou cinco saquinhos. Tentando jogá-lo, mas sem paciência, arremessa quatro pedras para cantos diferentes. A última é jogada sobre uma grande pedra existente no cenário. E, o que parecia uma pedra, começa a falar...A personagem refere-se, então, a um Mundo das Pedras (mencionado no livro "O Último portal", da mesma editora). Falando sobre a História e mitos, a mulher-pedra começa a contar um mito japonês; mas, a história não pôde ser completada porque uma das pedras atiradas pelo menino viajou no tempo e no espaço, interrompendo o mito. Este fato acontece nos quatro pontos cardeais, envolvendo histórias ligadas a quatro elementos: fogo, água, terra e ar. Os meninos devem, então, deslocar-se no tempo e no espaço e reparar o dano provocado, restabelecendo a possibilidade de continuação da história. Exemplificando: no mito do Minotauro, a pedra jogada pelo menino bateu nos portões do labirinto, atraindo a atenção dos guardas do rei. Os mitos mencionados são o de Amaterasu (fogo), Hutu (terra), Minotauro (ar) e um mito tupinambá (água). Os diálogos entre o menino e a menina são típicos dos pré-adolescentes - "você está tirando uma com a minha cara?". No final da obra há informações sobre os mitos e bibliografia. Para um maior conhecimento dos mitos seria aconselhável a leitura de outros textos. Mas como teatro, esta peça poderá render um bom entretenimento e provocar o desejo de melhor conhecimento do assunto. (S.M.F.B.)

347. MARTINS, Georgina. **Minha família é colorida**. Ilus. Maria Eugênia. São Paulo : SM, 2005. n. p. il. color. (Muriqui Júnior)

348. MARTINS, Iraê. **Uma oficina animal**. Ilus. Paulo Debs. São Paulo : Duna Dueto, 2005. n. p. il. color.

349. MARTINS, Mauro. **Feliz aniversário, Dani!**. Ilus. Ivan Zigg. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. n. p. il. color. (Ciranda)

350. MATTOS, Cyro de. **O goleiro Leleta e outras histórias de futebol**. Ilus. Alberto Stefano. São Paulo : Saraiva, 2005. 63 p. il.

São quatro histórias que dão uma boa idéia da paixão que grande parte da população brasileira nutre pelo futebol. O poeta baiano Cyro de Mattos, com vasta obra também em prosa, transforma em contos o que viveu e sentiu em menino, quando jogava nos times de rua, em campinhos

maltratados, onde garotos desconhecidos tornavam-se heróis fugazes em jogos disputadíssimos. Toda a emoção proporcionada pela bola rolando aparece nestas narrativas. A admiração pelo drible genial, pela defesa perfeita, o amor e respeito pela camisa e cores do time do coração e, sobretudo, a paixão pelos grandes ídolos do futebol da época. No entanto, o que mais atrai o leitor nessas histórias é o que há de familiar e de pitoresco nelas: a bola chutada forte, que cai no rio e é levada pela correnteza inviabilizando o término da partida, o juiz que é padre, que comanda o jogo de batina e dá uns tiros para o alto quando sua mãe é insultada, o goleiro com lombrigas, que passa mal embaixo da trave, e por aí vai. Alguns episódios são parecidos com as conhecidas histórias de pescador, em que a proeza é aumentada para causar maior emoção. A maneira de o autor exprimir-se é simples e fluida, resgatando certas gírias e jargões do universo futebolístico. Enfim, histórias recomendadas para crianças com domínio de leitura embora, mais uma vez nesta coleção, as ilustrações e projeto gráfico deixem a desejar. (A.T.)

351. MAZZETTI, Maria. **Sereiazinha Cristal**. Ilus. Mario Vale. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. 48 p. il. color. (Lua amarela)

Esta é a história da Sereia Cristal que vive no penhasco incrustado no mar. Ela vive cantando e escovando seus longos cabelos e cantando. Ela canta muito bem e graças ao seu canto o mar que a rodeia é tão calmo e plácido. Certo dia, ela recebe um convite para cantar na televisão do mar com o intuito de embalar crianças ranhetas que não conseguem dormir. Seu canto é de "uma vozinha doce, doce, toda feita de marmelada e açúcar-cande". Só que aos poucos ela foi derretendo, por causa da forte luz da televisão, ela derreteu e virou uma nuvenzinha. Aí choveu muito e a sereiazinha foi tomando forma novamente. O programa teve de continuar sem luzes, mas seu canto iluminou o sono das crianças. Esta deliciosa história lembra o som aconchegante das cantigas de ninar. As ilustrações que acompanham o texto são narrativas e criam uma boa cadência ao texto verbal. Ótima opção de leitura para crianças recém-alfabetizadas ou para ser contada às crianças menores. Vale ressaltar a iniciativa bem-vinda desta editora em reeditar esta obra desta escritora dos anos 60. Afinal, os bons textos para crianças são eternos! (ALOB).

352. McCUTCHEON, Marc. **A menina que batizou um planeta e outras histórias extraordinárias de jovens cientistas**. Trad. Clara Lacerda. Ilus. Jon Cannell. São Paulo : Cosac Naify, 2005. 80 p. il.

O livro reúne nove histórias de jovens que, ao observarem determinados fenômenos, conseguiram fazer descobertas e invenções que provocaram mudanças no mundo moderno. De forma coloquial, as narrativas apresentam adolescentes (cinco americanos, um francês, uma menina inglesa e uma irlandesa) que se interessaram por assuntos científicos, trabalharam sobre novas idéias, descobriram e criaram coisas notáveis: projetos de foguetes que foram fundamentais para que o homem chegasse à Lua em 1969; o nome dado a um novo planeta do sistema solar – Plutão; histórias de ficção científica que ficaram famosas em todo o mundo; o aparelho para projetar imagens que se tornaria um dos inventos de maior impacto no cotidiano das pessoas em todo o mundo – a televisão; a descoberta de fósseis de milhões de anos, essenciais para a paleontologia; códigos difíceis que revolucionaram a criptografia; a resolução de cálculos matemáticos complexos que permitiram o avanço da astronomia; experiências que colocaram em cheque o tratamento do "toque terapêutico"; e um método de escrita e leitura para cegos – o método *Braille*, até hoje utilizado por deficientes visuais em todo o mundo. Algumas destas histórias apresentam inventos mais instigantes do que outros, porém oferecem possibilidades de contato com fatos reais protagonizados por jovens que, em diferentes países e contextos histórico-sociais, enfrentaram dificuldades com obstinação e inteligência para realizarem seus sonhos. Boa opção para pré-adolescentes e adolescentes. (S.O.)

353. McDONALD, Megan. **Judy Moody adivinha o futuro.** Tradução Isa Mara Lando. Ilus. Peter Reynolds. São Paulo : Salamandra, 2005. 173 p. il.

Judy Moody, nesta obra, envolve-se em tarefas de adivinhação. Tudo começa com um Anel Astral que muda de cor conforme o humor de quem o coloca, encontrado dentro de uma caixa de cereal. O objeto a leva para o mundo das adivinhações. Ela busca saber, a priori, a cor que ficará o anel na mão dos amigos; depois, testa o poder de dormir com o dicionário debaixo do travesseiro para aprender ortografia, sem estudar. Pretende tornar-se a Bela Adormecida da Ortografia. Os seus insucessos reforçam o desejo de tornar-se a Madame M. Judy faz experiências de leitura de ovos quebrados, tintas jogadas em pires, sempre na busca de fazer uma grande adivinhação. No seu empenho, descobre que o professor Nelson está apaixonado e, mais do que isso, quem é a eleita do seu coração. Mas, nesse momento, a menina dá conta de que há coisas que se percebe, sem se explicar. E, quanto ao futuro, ele está nas mãos das pessoas, carregado de muitas mudanças de astral. O texto traz a marca de Judy - sempre em busca de algo, persistente, curiosa, inconformada. Estes traços ganham vida nos diálogos com seus amigos, pais e irmão, sempre acompanhados pelas suas mudanças de humor, o que a aproxima dos leitores a caminho de uma pré-adolescência. As ilustrações de Peter Reynolds seguem as características do texto. (S.M.F.B.)

354. McDONALD, Megan. **Judy Moody salva o mundo.** Tradução Isa Mara Lando. Ilus. Peter Reynolds. São Paulo : Salamandra, 2005. 173 p. il.

A menina Judy Moddy é personagem de muitas histórias. Suas aventuras acontecem no cotidiano - em sua casa, na escola, com seus amigos. Nesta obra, Judy envolve-se em dois projetos: vencer um concurso de apresentação de desenhos para band-aids da marca Listras Malucas e preservar florestas do planeta. Do primeiro consegue Menção Honrosa, enquanto seu irmão (menor) tira o segundo lugar. Quanto ao segundo projeto, bem, salvar o planeta seria uma tarefa bem mais difícil. Mas, por incrível que pareça, Judy consegue mobilizar toda sua classe, juntar plásticos e latas, angariando dinheiro. A verba arrecadada tem, como destino, o plantio de árvores na Floresta Tropical das Crianças na Costa Rica (nome de uma organização não governamental originada pelo esforço para recuperar a floresta tropical pertencente ao Instituto Tropical de Ciências na Costa Rica, em 1985). A tarefa mais difícil foi conseguida em trabalho de equipe, dando à classe o Prêmio Girafa (conferido a quem estica bem o pescoço para olhar em volta, a favor de uma boa causa), geralmente concedido às quintas séries do colégio. A narrativa é escrita com humor, com diálogos bastante próximos às falas de crianças rumo à pré-adolescência (sarcasmos, ironias, gozações). Sustentada por questões ecológicas, a história "passa longe" de uma forma de veicular informações ambientais, pois ela o faz de maneira integrada ao texto. Judy Moody e seu mundo cativam o leitor. Mais do que ensinar, suas aventuras divertem o leitor que, certamente, se depara com informações interessantes durante a leitura. As ilustrações em branco e preto têm traço leve, adotam diferentes perspectivas, exprimem emoções numa feliz parceria com o texto escrito. (S.M.F.B.)

355. MEDEARIS, Angela Shelf. **Os sete novos: um conto de Kwanzaa.** Tradução André Jenkino do Carmo. Ilus. Daniel Minter. São Paulo : Cosac Naify, 2005. n. p. il. color.

De acordo com o texto introdutório incluído nesta publicação, esta história foi escrita especialmente para o feriado cultural chamado Kwanzaa (que significa "primeiros frutos" na língua africana suáli), criado nos Estados Unidos e celebrado por pessoas de ascendência africana em vários países do mundo com o objetivo de possibilitar o resgate das tradições destes povos. A narrativa desenvolve-se a partir do provérbio africano "um feixe de galhos é inquebrantável".

Numa pequena aldeia de Gana vivia um homem que, depois da morte da esposa, criava sozinho os seus sete filhos. Todos eles eram belos, mas viviam brigando entre si desde o amanhecer até a noite. Com a morte do pai, os irmãos recebem a notícia de que teriam que cumprir um desejo deixado por ele em testamento para receberem sua herança: teriam que aprender a fazer ouro com sete novelos de fios de seda, antes que a lua surgisse na noite. Cada um deles recebeu um novelo de cor diferente e, percebendo que só com a união e cooperação de todos poderiam descobrir como cumprir esta tarefa no prazo estipulado, decidem trabalhar juntos. Pela primeira vez, conseguem fazer alguma coisa sem brigas e resolvem tecer os fios para fazer um tecido que, ao ser vendido, lhes renderia moedas de ouro, cumprindo, dessa forma, o desejo do pai. Como não poderiam obter um tecido grande o bastante com apenas um novelo, trançam os fios de todos os novelos em um único tecido multicolorido. A bela peça foi vendida para o tesoureiro do rei, que lhes pagou com uma sacola de ouro. Assim, os irmãos aprendem, finalmente, a lição que o pai queria lhes ensinar: a que juntos e em harmonia, se tornariam melhores e mais fortes. A narrativa incorpora valores morais fundamentais da tradição do povo de Gana, como união, cooperação, determinação e criatividade e, ao mesmo tempo, aspectos de seu cotidiano, como é o caso da arte de tecer, pela qual são famosos. As bonitas ilustrações de página inteira apresentam imagens em cores fortes e grafismos da arte africana enriquecendo o texto. Ótima opção de história para ser contada ou lida para crianças e jovens. (S.O.)

356. MEIRELLES, Cecília. **As palavras voam: antologia.** Ilus. Cláudia Scatamacchia. São Paulo : Moderna, 2005. n p. il. color.

Esta é uma ótima seleção dedicada ao público adolescente de diversas poesias da grande escritora Cecília Meireles. Os textos são acessíveis ao jovem leitor ao mesmo tempo que propicia uma ótima oportunidade para um contato maior com a obra da poeta. Cecília Meireles possui obras clássicas dedicadas às crianças, mas há inúmeras poesias suas dirigidas ao leitor adulto que podem perfeitamente serem apreciadas por jovens. Ela possui aquele dom raro para equilibrar leveza de imagens e profundidade de idéias. Há também um desejo de evasão, fluidez e soltura que o jovem experimenta nesta fase da vida. É como se a poesia de Cecília Meireles transformasse em palavras os desejos de liberdade do adolescente aliado a um certo romantismo etéreo: "... o mar tem e não tem sereias: eu navego e estou parada; vejo mundos e estou cega, porque isso é mal de família, ser de areia, de água, de ilha..." Naquela idade em que todo leitor geralmente está com os sentimentos aflorados, a poesia de Cecília Meireles toca fundo, pois ela expressa os afetos mais profundos por meio da linguagem. O movimento, a água, a nuvem, ou seja, o transitório da vida e a transformação constante são os temas prediletos da autora: "sobre o leito frio/ sou folha e pertença/ a um profundo rio/ pela noite afora/ vão virando sonho/ músicas de outrora". Desse modo nada é definitivo, nem a identidade do ser humano: "coração sem mestre/ sonho sem lugar/ quem há que me empreste/ barco de embarcar?" Este maravilhoso livro é para o adolescente literalmente embarcar e sair voando. As ilustrações poderiam ser mais nítidas, apesar das imagens possuírem bastante afinidade com o texto: lembram ninfas, bosques, heras e orvalhos. (A.C.)

357. MELLO, Conceição. **O lago lilás.** Ilus. Leo Queiroz. Brasília, DF : Argus, 2005. 29 p. il. color.

358. MELLO, Conceição. **O príncipe da terra dos sonhos.** Ilus. Victor Gerhardt. 2.ed. Brasília, DF : Argus, 2005. 32 p. il. color.

359. MELLO, Roger. **João por um fio.** Ilus. do autor. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 48 p. il. color.

360. MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. Tradução Monteiro Lobato e Adalberto Rochsteiner. Ilus. Francisco José da Costa. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 207 p. il. (Clássicos Nacional)

Moby Dick é a mais conhecida obra de Herman Melville, escritor nascido em Nova York no ano de 1819. Foi um fracasso de crítica e público na ocasião de suas primeiras publicações (1851) em Londres e, logo depois, nos Estados Unidos. Melville morreu sem imaginar que Moby Dick seria considerada sua obra-prima, reconhecida como um clássico universal. A história da baleia branca e de seu obsessivo perseguidor, capitão Ahab, foi traduzida e adaptada no mundo todo e é hoje objeto de estudos sob vários aspectos. O enredo do livro é bastante conhecido e já foi adaptado para todas as mídias. A versão cinematográfica mais famosa é a de John Houston (1956), em que Gregory Peck interpreta o capitão Ahab. A presente tradução de Monteiro Lobato é primorosa pela linguagem. "Faço-me ao mar" ou "A proposição alegrou-me imenso" são pequenos exemplos do quanto ela é sugestiva. Por outro lado, há um vocabulário específico, um jargão de marinheiro que Melville conhecia bem, já que ele próprio esteve embarcado, e que pode apresentar uma certa dificuldade para o leitor. Além disso, a caça à baleia é descrita em detalhes, assim como os procedimentos para tirar tudo o que dela se aproveita além da própria carne; no convés do navio havia uma verdadeira usina para fundir o toucinho das baleias. O dia-a-dia dos homens em alto mar por meses a fio é descrito em minúcias, assim como os barcos, os instrumentos, as armas e os códigos de conduta. O narrador é o jovem marinheiro Ismael, que durante muitos capítulos descreve tudo e conta inúmeros episódios paralelos, mas deixando claro que o melhor ainda está por vir. A figura do capitão com uma perna feita de osso de baleia paira nas entrelinhas e na atmosfera criada pelo autor. Ahab é descrito no início da narrativa, é constantemente mencionado pelo narrador e por outros personagens, mas só aparece efetivamente no final da obra. O mesmo acontece com a baleia que, aliás, é um cachalote. A fama de Moby Dick a precede e é incrível como Melville faz o leitor ansiar pelo desfecho da história, pela grande luta final entre o homem e a "fera". A presença cultural africana é marcante no livro, e a maneira como o autor refere-se a ela é completamente inusitada para a época. Um grande exemplo dessa abordagem se concentra no personagem Queequeg, um arpoador negro, príncipe de sua tribo e amigo de Ismael. Eles embarcam juntos na baleeira chamada Pequod. O enorme canibal não é apenas forte fisicamente, mas também é um personagem forte. É bem humorado, equilibrado, ético e se torna herói ao salvar dois marinheiros da morte certa. O texto está cheio de símbolos e sinais cujas fontes são aborígenes e africanas. Basta dizer que os três arpoadores do Pequod são pagãos. Este respeito pelas diferenças contrasta com o pensamento geral da época de Melville e o diferencia de outros escritores seus contemporâneos. Este é, certamente, um dos maiores méritos do livro. A edição aqui analisada não prima por um projeto gráfico diferenciado, como todos os outros títulos desta coleção; a capa recebeu um colorido mais forte, porém, internamente, tem uma única ilustração que se repete em todos os inícios de capítulos. Recomenda-se aos jovens e aos adultos. (A.T.)

361. MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. Recontado por Fernando Nuno. Ilus. Nelson Cruz. São Paulo : DCL, 2005. 95 p. il. color. (Correndo Mundo)

Nesta edição, a conhecida história de Moby Dick é recontada por Fernando Nuno, que consegue preservar os principais elementos que compõem a essência da obra consagrada como um dos maiores clássicos de todos os tempos. A obsessão de um capitão de navio pela captura e morte de uma baleia, que lhe arrancara a perna alguns anos antes, vem apaixonando gerações. Já escreveu Rachel de Queiroz ao prefaciar a obra Moby Dick, a fera do mar, publicada em 1988 pela Ediouro: "Se me perguntassem qual foi o livro que mais me marcou os primeiros anos de leitura, eu responderia sem hesitar que esse livro foi Moby Dick". Esta adaptação tem linguagem clara, o texto flui e os personagens são apresentados com suas características originais. As

ilustrações de página inteira, do conhecido artista Nelson Cruz, contribuem para tornar o enredo ainda mais marcante. São imagens fortes, que transmitem movimento e ação. No final, alguns textos contextualizam a obra, explicam o vocabulário, falam sobre o autor e indicam algumas das interpretações que, ao longo dos anos, foram sendo dadas à narrativa. Enfim, é uma boa oportunidade para aproximar leitores iniciantes de uma das obras mais significativas da literatura mundial. (A.T.)

362. MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. Recontado por Fernando Nuno. Ilus. Angelo Abu. São Paulo : DCL, 2005. 112 p. il. (Correndo mundo)

Esta é a edição de bolso da obra clássica recontada por Fernando Nuno na coleção "Correndo Mundo" da DCL. O texto é exatamente o mesmo, assim como as explicações finais. A diferença é o tamanho do livro e o ilustrador. Aqui as imagens são em preto e branco, com traços grossos e contundentes. O artista ressalta mais a densidade da história. É interessante comparar as diversas ilustrações para o mesmo enredo. Os ilustradores sentem e interpretam o texto de maneiras diferentes, concretizando essa impressão no traço do desenho. Também uma boa opção. (A.T.)

363. MENÉNDEZ-PONTE, María. **Quero um irmãozinho**. Tradução Luciano Machado. Ilus. Gusti. São Paulo : SM, 2005. 64 p. il. color. (Barco a vapor. Branca, 10)

De um "quero um irmãozinho!" a um "quero um irmãozinho!" o personagem desta narrativa demonstra o seu empenho em acabar com a solidão que sente e o cansaço de ter "dupla personalidade": ser vendedor e comprador, caubói e índio, pai e filho. Sua reivindicação ecoa em gritos, cartazes e, até mesmo, na criação de um irmão imaginário, o Chimba. Durante a passeata pela casa, os pais acabaram perdendo a paciência. Com o irmão imaginário, a mãe ficou um pouco incomodada e o pai até que entrou na brincadeira no começo... mas só no começo! A grande saída foi a descoberta do segredo para conseguir um irmãozinho! Uma semente a ser colocada na barriga de sua mãe! A ajuda do avô, a ida à floricultura e a escolha de sementes com nome adequado a meninos ( narciso era um nome feio, mas pelo menos era de menino) parecia encaminhar bem a situação; mas o avô também comprou um vaso com terra e não era bem aí que o menino queria colocar o que comprara. A oportunidade criada pela mãe dormindo no sofá foi perfeita para colocar as sementes em seu umbigo. O problema aconteceu quando foi regá-las...Depois da briga, da confusão e do abraço da mãe, o menino percebeu que era o pai que tinha uma semente especial que, plantada dentro da mãe, não precisava de água. A beleza da narrativa está em vários aspectos: no empenho da criança em fazer valer seu ponto de vista, na captação de características do universo infantil, retratadas com simplicidade e propriedade, na solicitação à ajuda do avô para uma tarefa que exigia a presença de um adulto e, principalmente pelo fato de que, após a notícia de que iria ganhar um irmãozinho, o menino diz: "obrigado, mamãe. Agora, além de cuidar do narciso, vou cuidar da sua barriguinha." Dessa forma, o menino acrescentou cuidados e afetos em sua vida e não, simplesmente, usou o tempo de atenção à planta como tempo de espera, de desvio de atenção, substitutivo de algo desejado e ainda não obtido. A autora, nascida na Espanha, passou a escrever para crianças após o nascimento de seu primeiro filho. Atualmente tem mais de vinte títulos publicados para crianças e jovens. As ilustrações, a cargo do argentino Gusti têm acentuados contornos em preto e são muito coloridas. Há uma observação a ser feita: no cartaz confeccionado pelo menino para ser conduzido em passeata, a mensagem - "quero um irmãozinho" - aparece escrita "Kero um irmanzino", que foi reproduzida no texto verbal (página 11) estabelecendo a adequação texto e ilustração. Se a escrita de "Kero" pode apontar um momento da construção da representação em língua portuguesa pela criança, o mesmo não acontece com "irmanzino", o que pode trazer

indagações à criança que se detiver nesse detalhe. Excelente narrativa para ser conhecida pelas crianças, por leitura oral ou silenciosa. (S.M.F.B.)<sup>1</sup>

364. MIRANDA, Ana. **Lig e o gato de rabo complicado**. Ilus. Ana Miranda. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. n. p. il. color.

365. MIRANDA, Eraldo. **História de mãe**: adaptação do conto Mãe, de Hans Christian Andersen. Ilus. Márcia Széliga. Juiz de Fora : Franco, 2005. 16 p. il. color. (Confabulando, 5)

366. MIRANDA, Eraldo. **Ludens, a cidade dos bonecos**. Ilus. Ellen Pestili. São Paulo : Elementar, 2006. 36 p. il. color.

367. MISSE, James. **O melhor presente**. Ilus. Marcelo Garcia. São Paulo : Pé de Letra, 2005. n. p. il. color.

368. MITCHELL, Adrian (Adapt.). **Odisséia**. Tradução Hildegard Feist. Ilus. Stuart Robertson. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 64 p. il. color.

A obra em versos de Homero é constituída por três poemas distintos pelo assunto: o primeiro narra a viagem de Telêmaco em busca das notícias do pai; o segundo as peripécias do regresso de Ulisses à Ítaca, o terceiro, o extermínio dos pretendentes da viúva Penélope. Nesta adaptação francesa, o autor optou pelo ponto de vista do segundo poema, ou seja, contar as aventuras vividas por Ulisses no seu retorno à Ítaca. Esta narrativa enxuta e cheia de ação surge em meio à páginas ilustradas, que se preocupam inclusive em dar informações sobre dados referentes à época em que esta epopéia foi escrita, portanto, a segunda metade do século VIII a.C. Boa opção de leitura para pré-adolescente que merecem ter um primeiro contato com esta obra-prima da literatura. (ALOB)

369. MIYAURA, Junji. **O jovem rei**. Ilus. Ernesto Miyaura. São Paulo : Seicho-no-iê, 2005. 22 p. il. color.

370. MIYAURA, Junji. **Viagem à procura de Deus**. Ilus. Ernesto Miyaura. São Paulo : Seicho-no-iê, 2005. 22 p. il. color.

371. MOISÉS, Carlos Felipe. **Poeta aprendiz**. Ilus. Emerson Luiz e Werner Schulz. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 32 p. il. color. (Lazuli infantil)

372. MOLNÁR, Ferenc. **Os meninos da rua Paulo**. Tradução Paulo Rónai. Ilus. Tibor Gergely. São Paulo : Cosac Naify, 2005. 255 p. il.

"Os meninos da rua Paulo" é um clássico juvenil, universal, escrito em 1907, por um húngaro judeu, de classe média. No Brasil, a primeira edição data de 1952, fazendo parte da Coleção Saraiva, numa das maiores tiragens do país. Com várias reimpressões, foi adotado em escolas de todo o nosso território e marcou, de maneira indelével alguns leitores que se identificam ora no prefácio, ora na orelha do livro. O excelente prefácio do saudoso tradutor da obra Paulo Rónai e posfácio de Nelson Ascher trazem informações e análises interessantíssimas, das quais serão pontuados alguns aspectos. Rónai pergunta: "Como é que um livrinho escrito especialmente para adolescentes de Budapeste se metamorfoseia numa obra-prima clássica, lida com encanto por pessoas de todas as idades, de todos os países?" Segundo Rónai, Ferenc soube captar características de uma época de transição, de mudança de costumes e início de industrialização.

As lembranças de sua própria infância, vivida com seus amigos em condições diferentes, aliadas à capacidade de narrar de vida especial a uma rua, a dois grupos oponentes de meninos com idade média de 14 anos. O motivo da tensão era a disputa do terreno de um dos grupos, que lhes permitia jogar péla (um jogo primitivo de tênis), o que não era possível no território ocupado pelo outro grupo. O desenrolar dos acontecimentos conflitantes desenvolve-se ao lado da vida cotidiana, dentro da família e da escola. Contudo, os adultos não tomam as rédeas dos encaminhamentos e das decisões. O leitor encontra aqui grupos de meninos que se auto-regulam em suas relações, fragilidades, medos, inseguranças, valores, posições de hierarquia; não são super-heróis, mas meninos que pensam estratégias, arriscam-se, posicionam-se, perdem e ganham, em defesa de seu espaço de imaginação e ludicidade - apresentam-se com as ambigüidades próprias de seres humanos. A lealdade às suas bandeiras, a defesa arraigada do território, as estratégias de ação são condutas muito fortes nos garotos; essas características dos personagens relacionam-se, na visão de Nelson Ascher, à sobrevivência de um patriotismo depois de uma frustrada tentativa de independência da Hungria em relação à Áustria. É interessante pontuar, também, que Ascher observa que "o verdadeiro tema do romance é o das relações complexas que, em situações difíceis e independentemente de sua idade, homens estabelecem entre si." Por isso, a rua Paulo pode ser qualquer rua do mundo, seus meninos, garotos e garotas de todo o planeta, em qualquer tempo e época. Tais condições tornam-no um clássico, traduzido para vários idiomas. Ao leitor brasileiro foi dado o privilégio de ser traduzido por um húngaro, também judeu, com versatilidade na língua portuguesa. As bibliografias que completam a obra são ricas em informações. É imperdível a leitura desse livro e a CosacNaify merece ser parabenizada por essa iniciativa! (S.M.F.B.)

373. MONTEIRO, Walcyr; VALE, Fernando. **Histórias brasileiras e portuguesas para crianças.** Ilus. João Bento. Belém, PA : Paka-Tatu, 2005. 106 p. il. color.

374. MORAES, Renato Kuyawski Leite de. **Histórias que o besouro me contou.** Ilus. Gilles Eduar. São Paulo : Ática, 2005. n. p. il. color.

375. MORAIS, Luciola. **A minha floresta.** Ilus. Dilce Laranjeira. São Paulo : Duna Dueto, 2005. n. p. il. color.

376. MORECAMBE, Gary. **Na pista do Conde Krinkodemo.** Tradução Rafael Mantovani. Ilus. David Roberts. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 126 p. il. (As lendárias adagas de Drácula)

Drácula é um personagem conhecido mesmo por quem nunca leu o romance de Bram Stoker. Há uma enorme quantidade de adaptações feitas desde sua publicação, em 1897, até hoje, para adultos e crianças e em todo o tipo de mídia. Grande também é a quantidade de obras que fazem referência ao famoso vampiro, na esteira do sucesso do livro e do fascínio exercido pelo tema. A história aqui resenhada é sobre um vampiro em busca de uma adaga que pertenceu ao conde Drácula e que traria poderes ilimitados a quem a possuísse. Tudo acontece num país fictício da Europa chamado Guetcha, governado por um rei um tanto obtuso mas bondoso. Conde Krinkodemo vai a Guetcha procurar a adaga, que foi escondida no palácio do rei há muito tempo. Um camponês ingênuo e o mordomo do rei são as primeiras vítimas de Krinkodemo, que os transforma em estátuas. Daí em diante a aventura se desenrola entre feitiços e transformações envolvendo um policial, um cientista especialista em "folclore e história dos vampiros" e o filho do conde que é meio humano, meio vampiro. O texto tem tiradas de humor e está longe de apresentar cenas sangrentas ou de terror verdadeiro. As ilustrações são bonitas, feitas a bico-de-pena num estilo "gótico". Bom entretenimento para crianças com domínio de leitura. (A.T.)

377. MOTTA, Maria Aparecida. **Aurora da vida**. Ilus. Isis Zahara. Campinas : Autores Associados, 2005. n p. il. color. (Ciranda de Letras)

378. MOZART, Wolfgang Amadeus; SCHIKANEDER, Emanuel. **A flauta mágica**. Adapt. Rosana Rios. Ilus. Nelson Cruz. São Paulo : Scipione, 2005. 48 p. il. color. (Reencontro. Literatura)

Esta é uma adaptação do enredo da ópera "A flauta mágica". Apresentada pela primeira vez em 1791, "A flauta mágica" é uma das maiores obras-primas da ópera mundial. O libreto pode ter sido inspirado na "Vida de Setos" obra escrita em 1731, relacionada com os mistérios egípcios. O enredo de "A flauta mágica", em linhas gerais é o seguinte: A princesa Pamina foi raptada por um terrível feiticeiro chamado Sarastro. O príncipe Tamino, ao ver o retrato da princesa em um camafeu, se apaixonou e se ofereceu para resgatá-la. A pedido da rainha da Noite, o herói parte junto com um caçador de pássaros chamado Papagueno. Os dois companheiros são protegidos pelos gênios da floresta. Além disso, recebem uma flauta mágica e um carilhão que tem poderes fantásticos. Tamino e Papagueno partem para cumprir a terrível missão. Depois de muito andarem pela floresta, chegam ao castelo de Sarastro. Pamina está lá, prisioneira e sendo atormentada pelo escravo do soberano, um homem muito malvado chamado Monostatos. Ao ver Tamino, a jovem também se apaixona. Um dos sacerdotes do palácio diz para Tamino que Sarastro não é mau, mas justo e honesto. O príncipe fica confuso com esta declaração. O soberano reforça para o herói que a rainha da Noite é uma mulher má e perigosa, mas que a verdade se revelará no devido tempo. O rei submete o jovem e seu escudeiro a três provas muito difíceis. É importante ressaltar que Papagueno confere um tom cômico, que equilibra muito bem o temperamento sério de Tamino, típico do herói que precisa superar diversos obstáculos para alcançar o que deseja. No caso, a mão de Pamina. A primeira prova é a do silêncio. Quando Pamina vai se encontrar com o amado, não entende porque ele não responde às suas perguntas. Ela se sente rejeitada, mas os três gênios a ajudam explicando que Tamino estava proibido de falar. No entanto, Papagueno, que é muito tagarela, não consegue ficar quieto e acaba sendo expulso do castelo. Pamina se oferece para ficar ao lado do amado nas duas últimas provas: a do fogo e a da água. Os dois superam com sucesso a empreitada protegidos pelo som da flauta mágica. Neste sentido, a música possui um poder superior ao da força física. Ela confere aos parceiros o alento necessário para seguirem adiante e não se deixarem intimar pelas dificuldades. Enquanto isso, Papagueno, triste e desconsolado, pensa em morrer nos bosques. Ele é salvo pelos três gênios, que orientam o herói a tocar seu carilhão mágico. Papagueno obedece ao conselho e a música do instrumento faz surgir uma companheira para o personagem. Mas de repente, na escuridão das trevas, chega a Dama da Noite com seu exército, guiado por Monostatos. Este, que também almejava a mão de Pamina se afastou do soberano e passou para o lado da rainha. No entanto, os sacerdotes do palácio e Tamino, com os poderes de sua flauta mágica, destroem os vilões. O final feliz coroa esta obra-prima da Literatura universal. Esta adaptação de Rosana Rios está bem adequada à crianças com domínio de leitura, apresentando uma linguagem narrativa escrita na terceira pessoa. As belas ilustrações de Nelson Cruz em aquarela completam a magia do enredo (A. C.)

379. MUGNAINI Jr., Ayrton. **A jovem Chiquinha Gonzaga**. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 142 p.

380. MUNDURUKU, Daniel. Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias. São Paulo : Salamandra, 2005. 88 p. (Lendo e relendo)

381. MUNDURUKU, Daniel. **Os filhos do sangue do céu e outras histórias indígenas de origem.** Ilus. Rosinha Campos. São Paulo : Landy, 2005. n. p. il. color.

Os filhos do sangue do céu são os membros do povo indígena Tariano. Eles surgiram no mundo após o estrondo de um grande trovão, que se cobriu de sangue e, depois, transformou-se em carne. O aprendizado deste povo, desde a busca de comida até "fazer criança, pescar, flechar, plantar roça" fez-se pela observação do comportamento dos animais. Em sua história, o tuxaua Buopé foi o líder que dominou outros povos e assentou o povo Tária na lauareté-Cachoeira. Assim é contada a história desse povo, presente no Alto Rio Negro e na Colômbia, com cerca de duas mil pessoas; mas, ela é contada, nessa obra, com um "jeito indígena" de narrar e ver o mundo, ou seja, em profunda conexão com a natureza, poesia e sonhos premonitórios. Recontada por Daniel Munduruku, junto a outras histórias de origem narradas no livro - "Como surgiu o milho", "Como surgiu a mandioca e outras aventuras dos filhos das onças" e "Como apareceu o fogo" - ela é apresentada como um mito de origem desse povo, embora o autor explique, em uma introdução, que as histórias não são lendas nem mitos, mas "sentidos da existência das pessoas que as escutam". Comumente encontrada, a lenda da mandioca aqui apresenta versão diferente da história de Manu. Não só as histórias, mas a forma de contá-las, conduz o leitor para o universo indígena, termo defendido em contraposição a "índio". A diferenciação dos termos é explicada em tarja verde, lateral e longitudinalmente disposta na página 22. Outras tarjas aparecem com explicações complementares sobre povos ligados à histórias. Interessante é a da página 58, que fala sobre o "surgimento de uma nova categoria de indígenas: os índios urbanos. Estes deslocaram-se para perto de grandes cidades (Cuiabá, Manaus) por causa dos conflitos de terras nas aldeias. O fato é visto com preocupação pelas várias demandas que cria e pela crise de identidade que provoca nos indígenas jovens. Ao fim do livro há indicações de obras para maior conhecimento do universo indígena. As ilustrações de Rosinha Campos usam cores da terra e do céu, com grafismos, desenhos de animais e estilizações. A capa vermelha remete ao título da obra. (S.M.F.B.)

382. MUNDURUKU, Daniel. **A velha árvore: uma história de amor para idosos.** Ilus. Elza Keiko. São Paulo : Salesiana, 2005. 31 p. il. color.

383. MURPHY, Mary. **Pedro e Bóris.** Tradução Giovana Umbuzeiro Valent. Ilus. Mark Oliver. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color.

384. MURRAY, Roseana. **Carona no jipe.** Ilus. Helena Alexandrino. São Paulo : Salamandra, 2004. n. p. il. color. (Tampa do céu)

Este é um sensível livro de poesias em que um menino cria um jipe a partir de sucatas e materiais bem simples: uma folha de papel, um lápis, um pote. Neste brinquedo fabuloso, os pára-brisas são de orvalho e as portas "se abrem para um céu de abracadabra". A autora mescla esta descrição imaginária com pequenos versos retirados de cantigas de roda e parlendas. Desse modo, o jipe guarda uma mala encantada com pedaços de tempo/ "sol e chuva e casamento de viúva" e o garoto convida o leitor para passear no seu jipe: "um-dois-três se você é freguês espere sua vez". As metáforas são bem empregadas, de maneira lúdica e sensível: faróis são comparados a girassóis e o motor do carro é um moinho mágico. Além disso, Rosena Murray consegue captar um instante que é muito comum no cotidiano das crianças: aquele momento mágico em que ela embarca de tal maneira no mundo do faz-de-conta, que se esquece do que existe em volta, até mesmo da presença de outras pessoas. De certa forma este brincar infantil se assemelha à imaginação criadora da escritora que sabe incorporar em seu texto o lirismo subjacente nas cenas do dia-a-dia. As ilustrações coloridas de Helena Alexandrino se

harmonizam muito bem com o clima delicado e leve do enredo. Ótima obra para ser lida a crianças que ainda não se alfabetizaram ou para ser apreciada por aquelas que já sabem ler. (A.C.)

385. MURRAY, Roseana. **Duas amigas**. Ilus. Andréia Resende. São Paulo : Paulus, 2005. n. p. il. color. (Arteletra)

Esta sensível história mostra a amizade de infância entre duas garotas. Ana e Rita são vizinhas e amigas inseparáveis: estudam na mesma escola e brincam todos os dias. O tempo passa e a amizade permanece. No entanto, um dia, Ana precisou mudar de país. Na despedida elas prometem que serão amigas para sempre. Toda semana chegava uma carta. Ana, que estava tão distante, ao abrir a correspondência, sentia o cheiro do quintal, da terra molhada e do bolo de fubá. Rita ao abrir a carta da amiga parecia ver a paisagem de terras distantes. Ana havia se tornado artista plástica e Rita estudava Teatro. Então, chega o tempo do encontro e Ana revela: "Minha filha nasceu: ela se chama Rita como você". Então, segundo a autora "... a cortina se abre e o cenário é a vida. Uma Ana, duas Ritas, infinitamente amigas". As ilustrações delicadas e leves embelezam ainda mais esta singela história sobre o afeto e a amizade de uma vida inteira. Livro para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

386. MURRAY, Roseana. **Maria-Fumaça cheia de graça**. Ilus. Demóstenes Vargas. São Paulo : Larousse, 2005. 30 p. il. color.

387. MURRAY, Roseana. **Pera, uva ou maçã**. Ilus. Ana Raquel. São Paulo : Scipione, 2005. 55 p. il. color. (Crisálida)

Este é um belo livro de poesias que apresenta uma visão lírica e profunda do mundo, a partir dos fatos mais corriqueiros: a moça que volta a ser menina segurando uma boneca nos braços, um garoto que viaja nas asas da sua pipa, uma ilha misteriosa, que qualquer pessoa pode alcançar, basta ter olhos e sensibilidade para enxergá-la: "construo com areia e vento/ um pouco de sal do tempo/ um castelo encantado/ onde sou rei." Os versos não possuem rimas, mas uma intensa sonoridade poética: "para o teu nascimento/ o céu se arrumou inteiro: as estrelas escreveram teu nome/ cometas construíram um caminho com poeira de luz/ para que o teu destino/ carruagem carregada de sonhos/ pudesse pas-sar." A autora domina com maestria uma visão lírica aliada ao jogo de palavras e significados: "me escondo atrás da porta/ atrás do armário/ me escondo dentro de mim..." As poesias deste livro, devido à riqueza do vocabulário podem ser apreciadas por crianças com domínio de leitura, pois requer uma certa experiência com a linguagem poética. As ilustrações coloridas de Ana Raquel completam esta bela obra. As imagens são muito delicadas e sugestivas apresentando um clima onírico, que muitas vezes lembra os quadros surrealistas do pintor Magritte por causa das combinações inusitadas de figuras que se completam de maneira original. Por exemplo: um pião desenhado em uma mão azul re-plena de estrelas como se fosse um céu. (A.C.)

388. MURRAY, Roseana. **Rios da alegria**. Ilus. Andréia Resende. São Paulo : Moderna, 2005. 32 p. il. color. (Veredas)



Um dos pontos que distinguem a obra poética de Roseana Murray é que, na maioria de seus poemas, o plano da significação se sobrepõe ao da sonoridade. Isto é incomum na poesia feita para crianças e jovens. Em geral, o ritmo e as rimas dão o tom, os sons das palavras são importantes e as figuras de sonoridade, como as assonâncias e aliterações, são abundantes. Mas em Roseana é diferente. A força de sua poética está na capacidade que a autora tem de construir belas imagens com palavras simples. São

imagens poderosas, que arrancam o leitor do lugar comum e o colocam num mundo de experiências vitais e estéticas. Abro a palavra concha / cuidadosamente / para que o mar / aí contido / não se derrame. / Cubro a pele / com a palavra penumbra, / suntuosa como unguento / e me desmancho / em seu silêncio. / Como o vento / afiando um penhasco, / existe a hora sagrada / de afiar palavras: / quando o canto dos pássaros / se arruma em suas gargantas / e a lua assombra / o primeiro beijo dos amantes (*Pele e outras palavras*). É uma poesia que, acima de tudo, cultiva a emoção, o espanto diante do mundo e do belo. Em “Rios de alegria”, os elementos da natureza são presença constante, assim como a paz e o amor. Livro imperdível. (A.T.)

389. MUYLAERT, Anna. **Gato e sapato**. Ilus. Mauricio Negro. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color.

390. NAIFY, Simone Cosac. **O tapete de Maria**. Tradução Maria Helena Arrigucci. Ilus. Marta Manetti. São Paulo : Cosac Naify, 2005. n. p. il. color.



Esta é a história de amor entre Maria e Stéfano. A paixão entre os dois era tão grande que toda vez que se olhavam, brotava um girassol na paisagem. Um dia, Stéfano parte para a guerra e depois de alguns anos, quando cessa o conflito, ele não volta para casa. A mulher jura que encontrará o amado e resolve tecer um longo tapete que a levará para o céu. A narrativa, como no mito de Penélope celebra a persistência e a fidelidade do amor. Todos na aldeia consideravam Maria como louca, mas ela não se importava, continuando com tenacidade seu trabalho. Mas um dia, quando Maria já estava muito velha e o tapete quase cobria a cidade inteira, ocorreu uma forte tempestade no lugarejo. Devido à força das águas, a vila se encontrava isolada do resto do país. Quando finalmente, parou de chover, todos ficaram felizes, pois tinham sido salvos graças ao imenso tapete que fora usado como escudo protetor contra os raios e o dilúvio. A cidade inteira decidiu agradecer à Maria e lhe pedir desculpas pelo fato de caçoarem dela como sendo a velha louca. Foram todos à sua casa, mas quando chegaram perto viram que o campo inteiro estava coberto de girassóis, o tapete havia desaparecido, assim como Maria. As ilustrações são muito delicadas. Apresentam traços finos em branco e preto, onde a cor se insinua de maneira criativa. Algumas páginas não têm texto escrito nem ilustração, são em uma única cor "chapada". Este recurso estabelece um jogo interessante entre o traçado em preto das figuras que retratam os personagens. A ilustradora Marta Manetti é italiana, mora em Florença tendo já ilustrado vários livros infantis em seu país. Este é um texto sensível que lembra as antigas histórias de contos de fadas. Obra para o leitor fluente. (A.C.)

391. NAZARETH, Carlos Augusto. **O menino detrás das nuvens**. Ilus. Márcia Széliga. Juiz de Fora : Franco, 2005. 28 p. il. color. (Andorinha, 4)

392. NICOLELIS, Giselda Laporta. **Como é duro ser diferente**. Ilus. Andréa Vilela. São Paulo : Quinteto, 2005. 114 p. il. color.

393. NICOLELIS, Giselda Laporta. **Tali**. Ilus. Marília Pirillo. São Paulo : Saraiva, 2005. 61 p. il. color. (Jabuti. Vida)

394. NÓBREGA, Maria José; PAMPLONA, Rosane. **Na panela do mingau** [coleção]. Ilus. Marcelo Cipis. São Paulo : Salamandra, 2005. n. p. il. color. 4 v.

Conteúdo: **Diga um verso bem bonito!: trovas - Enrosca ou desenrosca?: adivinhas, trava-línguas e outras enroscadas - Era uma vez...três!: histórias de enrolar... - Salada, saladinha: parlendas.**

Esta coleção apresenta quatro livros sobre brincadeiras e trovinhas folclóricas. O exemplar "Enrosca ou desenrosca" é dedicado à adivinhas e trava-línguas. O aspecto mais interessante é que as adivinhas são bastante originais, o que significa uma pesquisa cuidadosa por parte das autoras deste repertório popular. Por exemplo: "Pardal pardo/ Por que palras?/ Palro e sempre palrarei/ Porque sou o pardal pardo/ Palrador pardo del rei!" Ou este outro versinho: "Carvalheira tem cem ramos/ cada ramos tem cem ninhos/ cada ninho tem cem ovos/ Quantos são os passarinhos?/ Se os ramos somam um cento /Se os ninhos um cento são/ Vezes cem dos cem ovinhos/ A resposta é um milhão". Já o volume "Diga um verso bem bonito!" propicia à criança uma leitura prazerosa de várias trovas populares. Estas apresentam imagens bem humoradas escritas em uma linguagem acessível, mas nem um pouco simplista, como podemos observar nestes versos: "Quem quiser saber meu nome/ Dê uma volta no jardim/ Que meu nome está escrito/ Numa folha de jasmim" Outra trovinha repleta de ritmo: "Eu de cá e tu de lá/ No meio fica a lagoa/ De dia não tenho tempo/ De noite não tem canoa". "Eu vou dar a despedida/ Como deu o quero-quero/ depois da festa acabada/ Pernas pra que te quero!" O exemplar "Era uma vez... três!" mostra histórias cumulativas e pequenos enredos que se repetem infinitamente: "Era uma vez uma galinha pedrês e um galo francês. Eram dois, ficaram três. Queres que te contes outra vez? Era uma vez uma galinha pedrês e um galo francês..." etc... Já o volume "Salada, saladinha", ao lado de parlendas mais conhecidas como "hoje é domingo pé de cachimbo..." apresenta outras brincadeiras e trocadilhos que farão o encanto das crianças. A pesquisa do repertório foi tão primorosa que as autoras apresentam as parlendas por categorias. Assim, no capítulo intitulado "Parlendas para pular corda", há os seguintes versos: "Batalhão, ão, ão/ Quem não entra é um bobão! Abacaxi, xi, xi/ Quem não sai é um saci". Já no capítulo dedicado às "parlendas para brincar de roda" os versos são para serem recitados com jogos de bola ou outras brincadeiras realizadas em grupo: "Maria Viola/ Quem tá com a bola?/ Lá vai a bola/ Girar na roda/ Passar depressa/ E sem demora". Ou as excelentes "parlendas para acabar", que é uma seleção de versos que costumam ser recitados nos finais das histórias populares: "Foi um dia/ Uma vaca chamada Vitória/ Morreu a vaquinha/ Acabou-se a história!". As ilustrações de Marcelo Cipis reforçam o bom-humor dos textos. O ilustrador interpreta o enredo "ao pé da letra". Por exemplo: nos versos "pula, pipoca" a ilustração é uma panela de pipoca ou no trava línguas "cara a paca pagará" aparece o desenho de uma paca ao lado de cédulas de dinheiro. O belo projeto gráfico, as cores alegres e fortes das páginas completam esta coleção imperdível para crianças pequenas. (A.C.)

395. OBEID, César. **Minhas rimas de cordel**. Ilus. Regina Drozina, Valdeck de Garanhuns. São Paulo : Moderna, 2005. 48 p. (Veredas)

396. OBEID, César (Adapt.). **O soldadinho de chumbo**: adaptação para cordel do conto de Hans Christian Andersen. Ilus. xilogravuras de Ernesto Bonato. Juiz de Fora : Franco, 2005. 20 p. il. (Confabulando, 4)

Esta é uma obra interessante por várias razões: resgata a beleza dos versos da literatura de cordel ao mesmo tempo em que apresenta a história clássica de Andersen, adaptando o enredo do soldadinho de chumbo apaixonado pela bailarina. A metrificação é muito bem articulada: "O castelo era feito/ De papel e cartolina/ Até o lago de celofane/ Tinha água cristalina/ Mas sua atenção/ Foi para a bailarina". O herói passa por inúmeras aventuras: primeiro, um vento o carrega do parapeito da janela para a rua. Em seguida, cai a chuva e um grupo de meninos coloca o soldadinho dentro de barquinho de papel. A embarcação entra em um bueiro de rua, deságua no rio e depois, no mar. O soldadinho acaba sendo engolido por um enorme peixe. Este acaba sendo pego, é levado para o mercado e comprado pelo mãe do menino que era dono do soldadinho. A história guarda um final inesperado após tantas peripécias do herói. Nesta

adaptação, a linguagem popular se equilibra muito bem com o tema de amor e as imagens romântica do enredo: "O chumbo do soldadinho/ Fundiu-se com a cartolina/ Essa história nos mostrou/ Que o amor predomina/ E agora o soldadinho/ Vive junto à bailarina". As ilustrações em xilogravura são muito bonitas, mesclando diversas texturas e traçados. Livro muito interessante para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

397. ORTHOF, Sylvia. **Guardachuvando doideras**. Ilus. Constança Lucas. 17.ed. São Paulo : Atual, 2005. 47 p. il. color. (Mindinho e seu vizinho)

Edição com novo projeto gráfico da história inteligente e divertida, contada pelo personagem Dito, às vésperas de completar cem anos. Nela, ele rememora sua infância de garoto pobre e conta como ganhou um guarda-chuva muito especial, que havia pertencido ao seu bisavô, seu avô e a seu pai. Relíquia de família, aquele guarda-chuva não podia ser usado, apesar de não haver outro para abrigá-lo em suas andanças pelas ruas chuvosas de Petrópolis, cidade onde vivia. Cansado desta situação, Dito teve uma idéia para resolver seu problema quando percebeu que muita gente esquecia seus guarda-chuvas no trem e que estes ficavam abandonados na seção de achados e perdidos da estação. Esta história, no entanto, não se limita a lembranças de infância. Dito reflete sobre a vida, a passagem do tempo e sobre a própria criação literária, pois é escritor. Conforme cria o enredo organizado a partir de fatos acontecidos em sua infância, Dito conversa com o leitor e com o editor que publicará sua história: tece comentários a respeito de seu próprio texto, insere pedidos em relação ao projeto gráfico e fala da função da literatura e de seus usos na escola de forma crítica, original e bem humorada. Em uma das passagens, avisa o leitor que escreverá capítulos curtos, pedindo ao editor que os publique em páginas separadas, pois, assim, "as pessoas que não gostarem de ler, podem ler um capítulo por dia, o que será rápido, sobretudo se for dever de colégio". Em outra, conta que está confuso a respeito de uma referência feita sobre a ópera "O Guarani", mas avisa que "como este livro não é didático, não quer ensinar coisa alguma" (...) "lavo minhas mãos, como Júlio César. Ou será que foi Pôncio Pilatos? Tanto faz. Acho que ambos devem ter lavado as mãos muitas vezes, durante a vida". A história irreverente lança um olhar crítico sobre o fazer literário, a literatura infantil contemporânea e seus usos na escola sem cair no didatismo ou no tom discursivo. Excelente opção para crianças com domínio de leitura. (S.O.)

398. ORTHOF, Sylvia. **Um pipi choveu aqui**. Ilus. Cláudio Martins. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color.

Nova edição desta antiga história de Sylvia Orthof (de 1983) cujo humor e rimas encantam os pequenos. Enquanto a professora explica sobre o ciclo da água - a evaporação e a chuva - Pedroca, apertado para fazer pipi, só pensa em desaguar. Como é usual na obra da autora, a crítica aparece de forma bem humorada e a saída para o personagem é usar a imaginação. Em sua aula expositiva, a professora transmite informações científicas que estão completamente desvinculadas da realidade imediata do aluno. Ela tem o poder da palavra, não quer ser interrompida e espera uma atitude passiva da criança. No auge da intolerância, expulsa o menino da classe quando ele molha as calças e a sala. No entanto, Pedroca supera a situação de forma exemplar. É um personagem ativo, que revela a forma de aprender das crianças e não se deixa abater. Sua capacidade criativa o resgata da humilhação e do papel limitado que lhe foi reservado. As novas ilustrações de Cláudio Martins ganharam cores fortes e detalhes divertidos que enriqueceram ainda mais esta obra. O ritmo cadenciado e a brincadeira com as palavras também a tornam uma ótima história para ser contada ou lida em voz alta. (A.T.)

399. OTTONI, Álvaro. **A história de um sorriso**. Ilus. Walter Lara. Juiz de Fora : Franco, 2005. 24 p. il. color. (Ler com prazer, 2)

400. OTTONI, Álvaro. **O pato pastel.** Ilus. Osório Garcia. Juiz de Fora : Franco, 2005. 24 p. il. color. (Ler com prazer, 20)

401. PAES, João Francisco. **Eca! dá um bucadim....** Ilus. Naomy Kuroda. São Paulo : Saraiva, 2005. n. p. il. color. (Jabuti)

402. PAIVA, Flavio. **Benedito Bacurau, o pássaro que não nasceu de um ovo.** Ilus. aquarelas de Estrigas. São Paulo : Cortez, 2005. 56 p. il. color.

Inclui CD com narração e ilustrações musicais de Antônio Nóbrega..

403. PAMPLONA, Rosane. **O homem que contava histórias.** Ilus. Sônia Magalhães. São Paulo : Brinque-Book, 2005. 71 p. il. color.

Será que tem sentido contar histórias quando não há público para ouvi-las? Essa questão foi levantada por um garoto ao personagem narrador das histórias dessa coletânea. Talvez a bela resposta encontrada ao final do livro satisfaça o leitor. Se isto não acontecer, certamente ele já terá se deliciado com as narrativas que compõem a obra, de variadas origens. Por não ser possível falar de todas, torna-se mais difícil a escolha. Da China vem a questão "Dignidade ou riqueza?" cuja justificativa de escolha espanta pela simplicidade do raciocínio. A narrativa italiana "Uma questão de interpretação" traz um debate de idéias sem palavras, pondo em questão o que é sabedoria. "A questão de ponto de vista", da tradição sufi mostra as reações de dois amigos diante do arremesso de um côco sobre a cabeça de cada um. A figura de Nasrudin, também da tradição sufi aparece na coletânea, mostrando sua astúcia para conseguir alimento. Um conto conhecido, que traz o olhar de inveja de um ser sobre outro (o vagalume quer ser a estrela, esta, a lua que, por sua vez, deseja ser o sol...) chama-se "Insatisfação" e vem da Grécia. Todas as histórias carregam belas imagens e idéias. As ilustrações, muito grandes, parecem, em algumas páginas "sufocar" o texto escrito, apequenando as letras. Sua autora, ao final do livro, apresenta algumas de suas opções para compor as ilustrações, a partir de pesquisa de padronagem de tecidos, indicando suas origens.. Seu relato é mais interessante do que o efeito final dos desenhos apresentados. A beleza maior desta obra está na seleção das histórias, não muito comuns e encantadoras. Há uma lista de obras de consulta, com autores nacionais e estrangeiros. Excelente opção! ( S.M.F.B.)

404. PARK, Linda Sue. **Por um simples pedaço de cerâmica.** Tradução Eneida Vieira Santos. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 167 p. il.



A história se passa no século XII, em uma aldeia coreana chamada Ch'ul'p'o, famosa por sua arte cerâmica. Orelha-de-pau é um menino órfão que vive com seu amigo chamado Homem-garça embaixo de uma ponte. Todos os dias, o menino observa atentamente o trabalho do melhor ceramista local, um velho chamado Min. Com o tempo, passa a ajudá-lo tanto no pesado serviço de rachar a lenha para o forno da cerâmica e de buscar argila junto ao rio, como também em pequenos trabalhos domésticos para sua esposa. O garoto acompanha incansavelmente o ofício do ceramista na esperança de que, um dia, ele lhe conceda a honra de ensinar-lhe este trabalho. Porém, Min é sempre rude e mal se comunica com o menino, dizendo-lhe que esta é uma arte que se passa de pai para filho e que, portanto, não pode ensiná-lo, já que seu filho havia morrido quando criança. Um ano e meio se passa e, um dia, o representante do imperador chega à aldeia para escolher o artesão que será honrado com uma encomenda imperial. Todos os mestres preparam-se para expor seus trabalhos. Orelha-de-pau descobre que um deles, chamado Kang, havia criado uma

nova técnica entalhando a cerâmica de forma a produzir desenhos coloridos nos objetos que fazia. Com isto, apesar de não ser o melhor artista, Kang foi o escolhido para preparar a encomenda. No entanto, reconhecendo que Ming tinha os trabalhos mais perfeitos, o emissário do imperador pede a ele que faça uma cerâmica com entalhes e lhe envie para que possa propor-lhe uma encomenda imperial. Orelha-de-pau tem grande afeto por Min, venera-o como um verdadeiro mestre e ama profundamente a sua arte. A esposa do artesão trata o menino como a um filho, dando-lhe afeto e comida abundante para que ele possa levar também para seu amigo inseparável, o Homem-garça. O menino se oferece para transportar as peças até o palácio do imperador, uma vez que Min está muito velho para fazer tal viagem. O garoto segue pelas montanhas, carregando nas costas o cesto com os objetos que irá mostrar ao emissário imperial. Mas, durante a viagem, é atacado por assaltantes que destroem os vasos. Desesperado, Orelha-de-pau consegue recuperar um pedaço de cerâmica no qual o detalhe da incrustação, o esmalte e a cor permanecem intactos. É este pequeno fragmento que ele mostra ao emissário imperial, que reconhece a perfeição da cor e o brilho do trabalho executado, fazendo o convite para que Min produza para o palácio. O pequeno pedaço de cerâmica contém a beleza e a grandeza do trabalho do mestre e revela que o máximo pode estar impregnado no mínimo. O menino volta à aldeia e lá, recebe a notícia de que o Homem-garça havia morrido em um acidente. Min e sua esposa o acolhem e pedem que venha morar com eles. Finalmente, Orelha-de-pau consegue quebrar a última barreira de resistência de Min, que decide ensinar-lhe sua arte. Esta narrativa é escrita em sintonia com o seu tema - a arte oriental, feita artesanalmente com paciência e lentidão. A história se desenvolve aos poucos, exigindo atenção e familiaridade com a literatura por parte do leitor e sua beleza revela-se gradativamente, pois sua trama é tecida aos moldes do mestre artesão que cria o seu objeto. Nesta história, a autora reconstrói o cotidiano dos ceramistas coreanos do século XII inspirando-se em pesquisas históricas, lendas e peças de cerâmicas expostas em museus de arte da Coreia. Ótima opção o leitor fluente. (S.O.)

405. PASSANDO A BOLA. **Passando a bola.** Ilus. Paulo R. Masserani, Eduardo Fonseca Jr. e Patrícia A. S. de Almeida. Americana, SP : Adonis, 2005. il. color. 6 v. Cada livro é acompanhado de um cenário e personagens para recortar.

Conteúdo: **Amor circular**/Dilvanir Gonçalves; ilus. Paulo Roberto Masserani - **Bichinhos solidários**/Sílvia Regina Delázari Ferreira; ilus. Patrícia Alexandra Scalon de Almeida - **Doce água do rio**/Leila Seleguini; ilus. Paulo Roberto Masserani - **Quem é o culpado?**/Kleber Roberto de Campos; ilus. Eduardo Fonseca Jr. - **Samira, a minhoca de sorte**/Vera Lúcia Seléto; ilus. Paulo Roberto Masserani - **Um porquinho diferente**/Sílvia Regina Delázari Ferreira; ilus. Patrícia Alexandra Scalon de Almeida.

406. PATRIOTA, Margarida. **A guerra das sabidas contra as atletas vagais.** Ilus. César Landucci. São Paulo : Saraiva, 2005. 116 p. il. (Jabuti. Vida)

407. PENA, Martins. **O noviço.** Adaptação José Arrabal. Ilus. Rogério Borges. São Paulo : FTD, 2005. 128 p. il. (Teatro em prosa)

O trabalho aqui apresentado traz, em prosa narrativa, o texto escrito para teatro por Martins Pena em 1845. Sátira dos costumes da sociedade da época, o texto desmascara o comportamento de um caçador de dotes, Ambrósio, que se casa com Florência, uma viúva rica. Os filhos da mulher, Juca e Emília, e seu sobrinho Carlos representam possibilidades de partilha de herança, o que desagrade o falso marido apaixonado. Por isso, Ambrósio tenta encaminhar todos ao convento, convencendo a mulher dos perigos do mundo - farsas, traições e safadezas. Mas Ambrósio acaba em maus lençóis quando Rosa, sua esposa deixada no Ceará, chega ao Rio em busca de seu homem. E aí, forma-se a confusão! A agudeza da crítica, o humor da peça teatral permanecem

na adaptação de José Arrabal. Com um personagem -narrador, o leitor vai acompanhando o desenrolar dos acontecimentos - "Venha comigo, leitor!" assim começa o texto. E após uma pequena introdução sobre a peça em si, entra-se "na casa onde começa a história". É interessante notar que o adaptador utiliza recursos de metalinguagem para construir seu texto. Por exemplo: "Enquanto cuida de ler, repare, caro leitor, o artifício de agora usado para mudar as personagens em cena" (pg 34) ou " No teatro, o solilóquio liga situações" (pg. 68). Dessa forma, o leitor pode apreciar uma boa história e acompanhar um interessante trabalho de adaptação da linguagem teatral para a narrativa. A obra inicia-se por um texto do próprio Arrabal discorrendo sobre o humor e a brasilidade do autor, sobre o nascimento do teatro brasileiro e a comédia de costumes, inaugurada em 1838 por Martins Pena, "O juiz de paz na roça". O adaptador também escreve sobre a obra "O Noviço" e seu trabalho de adaptação. Ao final, há uma biografia do autor, adaptador e ilustrador. Este, o conhecido Rogério Borges, criou belas imagens a partir de gravuras em metal de um livro do século XIX, escaneadas. Seu trabalho fez uma feliz combinação com o texto e o contexto da época. Arrabal convida o leitor a ler e conferir o criticismo e o humor da obra de Martins Pena. Além desse convite, o leitor poderá, também, ler e acompanhar o trabalho de adaptação realizado nessa obra. (S.M.F.B.)

408. PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho.** Ilus. Denise Nascimento. São Paulo : Paulinas, 2005. 46 p. il. color. (Árvore falante)

409. PERES, Sandra. **Antigamente & tente entender.** Ilus. Zé Tatit. São Paulo : Cosac Naify, 2004. n. p. il. color.

410. PERLMAN, Alina. **Diferentes somos todos.** Ilus. Cecília Esteves. São Paulo : SM, 2005. 72 p. il. color. (Muriqui Júnior)

411. PERLMAN, Alina. **Não posso ter o que quero?.** Ilus. Freddy Galan. São Paulo : DCL, 2005. 30 p. il. color. (Por que..)

412. PERRAULT, Charles. **A bela adormecida no bosque.** Tradução Ana Maria Machado. Ilus. Gustavo Doré. São Paulo : Global, 2005. 31 p. il. color. (Clássicos universais)

Esta é uma maravilhosa tradução da versão original de "A bela adormecida" coletada por Charles Perrault. Sabemos o quanto este famoso conto foi modificado por inúmeros tradutores, que tentaram "amenizar" as passagens mais "cruas" do texto original. O grande mérito do trabalho de Ana Maria Machado é que ela preserva o texto de Perrault na íntegra. Publicado pela primeira vez na França em 1696, "A bela adormecida" fazia parte do repertório dos contos populares que circulavam pela Europa desde a Idade Média. Por isso, algumas passagens da história são violentas e o enredo apresenta um final um tanto traiçoeiro, elementos muito presentes nas narrativas populares. Atualmente, os contos de fadas foram muito banalizados pelos desenhos animados realizados pelos estúdios Disney, que sempre aplainaram de modo maniqueísta os comportamentos ambíguos das personagens. No conto original, as fadas que oferecem graças à princesa (que por sinal não se chama Aurora) são sete e não existe bruxa nem feiticeira, apenas, uma fada mais velha, que fará a terrível profecia: a criança, quando crescesse iria furar a mão em um fuso e morreria. Mas a jovem a fada jovem reverte o feitiço afirmando que a princesa apenas dormiria um sono profundo e que um príncipe quebraria a maldição. O rei publica um decreto proibindo qualquer pessoa de usar rocas e fusos. No entanto, muitos anos depois, quando estava com os pais em um castelo na floresta, a princesa encontrou uma velha em uma torre, usando um fuso e a profecia se cumpriu. A fada boa imediatamente com sua varinha de condão, fez com que todas as pessoas e até mesmo o fogo do castelo adormecessem junto com a princesa. Um dia, um príncipe foi caçar e ficou curioso em saber de quem era aquele misterioso castelo. Cada

camponês dizia uma coisa: que era um lugar mal assombrado; que as feiticeiras se reuniam lá durante suas seções. Então, o príncipe "sentiu alguma coisa se aquecer dentro dele e não hesitou em crer que estava destinado a se envolver naquela aventura tão bela." O jovem foi andando pela mata, que se fechava à medida que ele passava, mas seguiu adiante. Passou por corredores e salões fechados, onde todos os empregados dormiam. Chegou em um quarto dourado, viu uma princesa "cujo brilho tinha algo divino". Então, como o encantamento chegara ao fim, a princesa acordou. Todos nos castelo também despertaram e o capelão realizou o casamento dos dois. Eles viveram no castelo e tiveram dois filhos. O pai do príncipe era um homem bom e justo, mas sua mãe era uma rainha má. Os camponeses diziam que ela era uma ogresa, isto é, que comia crianças. Quando o rei morreu, o príncipe subiu ao trono. Um dia, ele teve que ir a um reino vizinho em uma guerra e o seu país ficou sob o comando da rainha. Esta, mandou a nora e os netos embora para uma casa de campo. Alguns dias depois, a ogresa ordenou ao mordomo matá-los, pois pretendia comê-los. No entanto, o homem enganou a soberana sacrificando três animais no lugar deles. A princesa e seus filhos ficaram protegidos na casa do mordomo, que morava na floresta. Mas um dia, a rainha passeava pelo bosque e ouviu a voz do neto. Acabou descobrindo o que havia acontecido e ordenou que fosse preparado um imenso tonel com víboras, sapos e cobras para que lá fosse jogados a princesa e os filhos. No dia da execução, o príncipe apareceu e então, a própria rainha, sem outra saída se matou: caiu dentro do tonel e morreu. O final do conto apresenta uma moral da história, que é muito interessante, pela ambigüidade de sentido: "um amor como este (da história) aspira ser conjugal, e não serei eu, com meu coração que irá defender esta moral". As ilustrações de Gustave Doré e um projeto gráfico muito bem feito embelezam ainda mais este livro imperdível. Para crianças com domínio de leitura, jovens e adultos. (A.C.)

413. PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Tradução Maria Stela Gonçalves. Ilus. Andréa Vilela. São Paulo : Paulus, 2005. 295 p. il. color.

Nesta edição dos Contos de Charles Perrault, o leitor encontrará "A Bela Adormecida no Bosque", "Chapeuzinho Vermelho", "O barba azul", "O gato de botas", "As fadas", "A gata borralheira ou o sapatinho de cristal", "Ricardo do topete", "O pequeno polegar", em narrativas acompanhadas por uma moral em verso, já que as histórias buscavam a educação das crianças na corte francesa do século XVII. Vale ressaltar algumas passagens de certos contos, no sentido de se conhecer suas formas, nas histórias desse que é considerado o iniciador dos contos de fadas para crianças. Em "A Bela Adormecida no bosque", a maldição jogada à princesa recém-nascida é feita por uma velha fada (e não uma bruxa), que não fora convidada porque há mais de cinquenta anos não saía de uma torre. Passados os 15/16 anos, ao se aproximar a data da jovem picar o dedo num fuso, ela chega a um sótão onde encontra uma boa velha fiando, a qual não ouvira falar da proibição do rei para realizar essa atividade ( não era a bruxa maldizente disfarçada, como aparece nas versões Disney). Ao adormecer a princesa, todos no castelo foram tocados por uma fada e adormeceram (menos o rei e a rainha). Não se menciona um beijo para acordar a princesa e o príncipe estranha as vestimentas da moça (afinal haviam se passado cem anos). A história não finda com o casamento dos dois. Prolonga-se com o ocultamento do enlace para os pais do príncipe e o nascimento de duas crianças, Aurora e Dia. Mais tarde, ao conviverem com a avó, mãe do príncipe que era ogra, as crianças são desejadas por ela para serem comidas. O mesmo acontece com a princesa. Porém, todos são salvos por um mordomo que engana a rainha. Quando tudo é descoberto, a própria rainha dá fim à sua vida. É comum encontrarmos esse relato a partir do casamento do príncipe e da jovem como um conto de fadas sem vinculação com o da Bela Adormecida. Em "Chapeuzinho Vermelho" , quando já na casa da avó, o lobo convida a menina a se despir e ela se espanta com o corpo de sua "avó" sem roupas; somente depois disso, vêm as perguntas que todos conhecem. E a história finaliza-se com o lobo comendo a menina. " A gata borralheira" traz um dado interessante - para conseguir a abóbora e os ratos que iam ser

transformados, a madrinha da jovem (que era fada), pede sua ajuda. Ao fim da história, a jovem perdoa suas irmãs e as casa com senhores da corte. Esta obra também apresenta três contos em versos: "Grisélida", "Pele de Asno" e "Os três desejos ridículos". Antecedendo sua transcrição há um prefácio. Nele tem-se a explícita declaração de que os contos visam instruir e divertir ao mesmo tempo. Preocupando-se com o pudor e a decência, Perrault critica uma certa negligência de fábulas antigas em relação a bons costumes. Há que se lembrar que Perrault envolveu-se na "Querela entre os Antigos e Modernos", contestação de uma aclamada perfeição atingida pela cultura greco-romana e sua supremacia sobre o espírito moderno. Os textos de "Pele de Asno" e "Os três desejos ridículos" são dirigidos a figuras da nobreza feminina francesa, mostrando a circulação do autor na corte, no encontro das preciosas, em que se liam contos de fadas. Outros títulos aparecem na obra, em versos e prosa: "Os amores da régua e do compasso e os do sol e da sombra" (dedicado ao Cardeal Richelieu), "Um pequeno polegar antes da época", "Diálogo do Amor e da Amizade" (em prosa e verso), "O Espelho ou a Metamorfose de Orante", "O corvo curado pela cegonha ou o ingrato perfeito", entre muitos outros. Num texto intitulado "O Labirinto de Versalhes" há menção às fábulas de Esopo - o Amor propõe a Apolo colocar máximas em fábulas, como orientação a amantes. Seguem-se trinta e três fábulas cujas morais falam de relações amorosas. No caso da raposa e das uvas, a moral é a seguinte: "Quando de uma encantadora beleza/Um sedutor mostra afastamento,/É inútil dizer, é inútil fingir, /É que ele não a pode atingir." (pg.77). A dificuldade do texto dessa obra reside numa sofisticação de vocabulário, com uso de segundas pessoas verbais, histórias em versos e grande intertextualidade com elementos da cultura grega. Para o entendimento da obra como um todo faltou uma contextualização da vida, atuação do autor e referência aos propósitos a que serviam os textos apresentados. É uma leitura que amplia o conhecimento sobre Charles Perrault, mostrando-o não só como adaptador de contos de fadas para crianças, mas também como um intelectual com livre trânsito na corte francesa de Luís XIV, desde que o leitor já tenha algum conhecimento sobre o assunto. Para jovens e adultos com fluência de leitura. (S.M.F.B.)

414. PERRAULT, Charles. **O pequeno polegar**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. Ilus. Clotilde Perrin. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. n. p. il. color.

A tradução de Rosa Freire d'Aguiar da história do Pequeno Polegar traz, segundo Tatiana Belinky, a voz da própria Mamãe Gansa. Entendida como contadora de histórias, a Mamãe Gansa aparece na capa do livro original de Perrault como uma tecelã - uma mulher que tece fios de histórias. E por esta fidelidade ao original, o conto é finalizado com uma moral escrita em versos. Se, para muitos leitores, a inclusão da moral direciona a atribuição do significado da leitura, é preciso lembrar que Perrault adaptou contos populares no século XVII, com finalidades educativas. Mas, com moral explícita ou sem ela, a história do Pequeno Polegar continua encantando crianças e adultos. A sagacidade do menino com o tamanho de um dedo polegar salvou a ele e seus irmãos por várias vezes - quando foram deixados pelos pais na floresta e em seus confrontos com um terrível Ogro. Os estratagemas do Pequeno Polegar fizeram o Ogro enganar-se e matar as próprias filhas, permitiram que o menino se apoderasse das suas mágicas botas de sete-léguas e de todo o seu tesouro. Mas, termina o narrador "muitas pessoas não estão de acordo com esta última circunstância e afirmam que o Pequeno Polegar jamais roubou o Ogro". Dentre as várias versões para o enriquecimento do diminuto menino, há as que afirmam que com as botas de sete-léguas ele garantia notícias de amantes para mulheres que lhe pagavam muito bem. E ainda, que comprou cargos recém-criados para seu pai e seus irmãos. A dramaticidade da história revela-se nas ilustrações de Clotilde Perrin, retratando uma floresta amedrontadora, um Ogro feroz e um clima de penúria e tensão. Uma obra que dá a dimensão de condições de vida precárias, tais como as vividas por antigos camponeses. Se a pobreza em destaque era rural, nem por isso deixa o leitor experiente de perceber a atualidade do conto, ao mencionar a compra de cargos para parentes. Boa opção de leitura. (S.M.F.B.)

415. PIAL, Arlette. **Bruxilda e a pirâmide dos alimentos.** Ilus. Mirella Spinelli. São Paulo : Elementar, 2006. 47 p. il. color.

416. PILKEY, Dav. **Ricky Ricota e seu super-robô contra os Mosquitos Mutantes de Mercúrio.** Ilus. Martin Ontiveros. São Paulo : Cosac Naify, 2005. il.

417. PILKEY, Dav. **Ricky Ricota e seu super-robô: a primeira aventura robótica.** Tradução Daniel Lembo Schiller. Ilus. Martin Ontiveros. São Paulo : Cosac Naify, 2005. 111 p. il.

418. PINA, Sandra. **Débora: arrumando por dentro.** Rio de Janeiro : Zit, 2005. 103 p.

419. PINGUILLY, Yves. **Contos e lendas da África.** Tradução Eduardo Brandão. Ilus. Cathy Millet. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 255 p. il. (Contos e lendas)

O autor desta obra revela, em posfácio, sua intenção em divulgar "as emoções da gente africana", conhecidas por ele em leituras realizadas ou ouvidas "in loco", já que é velho freqüentador do continente da África. Ele diz, também, buscar ressaltar similaridades entre contos africanos e contos populares de outros países, de forma a criar pontes entre as pessoas, de várias localidades e idades. E, de fato, Yves Pinguilly consegue seu intento, pois escreve com "alma africana", tal a sua familiaridade com a cultura do continente. Diferenças nos modos de dizer criam poesias: o tempo transcorre em estações de água e estações de seca; o amor é comparado às pintas do leopardo, que não se apagam; na aldeia, as vacas tornam os homens ricos, mesmo na tristeza. As relações profundas do homem com a natureza aparecem no culto aos totens, nas crenças relacionando rituais com animais mortos e prevenção de loucura nos filhos, na comparação dos morros com as tetas de vaca e das corridas do homem com a rapidez da chuva e do vento. É possível constatar os "caminhos parecidos" dos contos aqui apresentados e histórias populares de outros locais - a bondade premiada pela solidariedade a um velho asqueroso, o roubo da pele de elefante que vestira uma jovem que se banhava no lago, desafios e artimanhas entre homens, animais e gênios. As ilustrações de Cathy Millet seguem os traços da cultura africana, retilíneos, alongados, estilizados. Em preto e branco, sugerem trabalhos feitos a carvão. Um mapa da África antecede os contos, assinalando seus países de origem e o nome dos seus povos. Há, também, um pequeno dicionário de termos africanos para facilitar a leitura. São 17 histórias e o último conto "Buti de Djibuti" conta como o povo de Djibuti recuperou seu orgulho negro ao retomar a cor da pele, perdida no dia em que choveu leite branco de camela sobre a cidade. (S.M.F.B.)

420. POMÉS LEIZ, Juliet. **Simon em: é sabado! o que vamos fazer hoje?.** Tradução Luciana Félix. Ilus. da autora. São Paulo : Francis, 2005. n. p. il. color.

Este livro aborda o assunto da separação dos pais de uma forma simples e direta. Diferentemente de outras obras, feitas com o intuito de esclarecer dúvidas, apresentar conflitos e indicar possíveis soluções para eles, este texto mostra o pequeno personagem tranquilo em relação à sua condição de filho de pais separados. Nas entrelinhas, assim como na ilustração, fica claro que os pais do menino têm uma relação amigável, apesar das visíveis diferenças entre eles. Simon vive com a mãe, mas passa alguns finais de semana com o pai. Em ambas as casas ele tem um quarto só para si, muita atenção e carinho. A família não foi destruída, mas ganhou nova forma. Do ponto de vista psicológico, há muitos aspectos que poderiam ser analisados nesta obra, mas o que deve importar para o pequeno leitor é a abordagem otimista para uma situação cada vez mais comum na sociedade. As ilustrações são bonitas e detalhadas, contam mais coisas a respeito das personagens e do ambiente em que vivem, aprofundando a idéia geral do texto. O

projeto gráfico é caprichado e inova ao mostrar esboços das ilustrações e rascunhos da autora nas capas internas e guardas do livro. Boa opção para as crianças que já lêem sozinhas e para ser contada às não alfabetizadas. (A.T.)

421. POMÉS LEIZ, Juliet. **Simon em: já chegou o Natal!** Tradução Luciana Félix. Ilus. da autora. São Paulo : Francis, 2005. n. p. il. color.
422. PONTES, João. **Velas ao vento.** Ilus. Daniel Rodrigues. Juiz de Fora : Franco, 2005. 36 p. il. (Ler com prazer, 25)
423. PORTER, Eleanor. **Pollyanna.** Adaptação de João Anzanello Carrascoza. Ilus. Orlando. São Paulo : Ática, 2005. 64 p. il. color. (O tesouro dos clássicos)
424. PORTER, Eleanor. **Pollyanna.** Adaptação Cristina Porto. Tradução Monteiro Lobato . Ilus. Camila de Godoy. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 64 p. il. color. (Primeiros Clássicos)
425. PORTINHO, Rita. **Pesquisando o universo.** Ilus. Sandra Bianchi. Belo Horizonte : Lê, 2005. 31 p. il. color.
426. PORTO, Cristina. **A escolinha da Serafina.** Ilus. Michele Iacocca. São Paulo : Ática, 2005. 64 p. il. (Serafina)
427. POSSOLO, Hugo. **O bricabraque.** Ilus. Werner Schulz. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color. (Lazuli infantil)
428. POUGY, Eliana. **Para olhar e olhar de novo.** Ilus. Rogério Borges. São Paulo : Moderna, 2005. 55 p. il. color.
429. PRADO, Zuleika de Almeida. **A fuga da de Simão e Badu.** Ilus. Júlia Bianchi. São Paulo : Cortez, 2005. 31 p. il. color.
430. PRATA, Liliana. **O diário de Débora II: final feliz.** São Paulo : Marco Zero, 2005. 56 p.
431. PRESS, Julian. **Operação dragão amarelo.** Tradução Sonali Bertuol. Ilus. Julian Press. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 131 p. il.
432. PRIETO, Heloisa. **O jogo da parlenda.** Ilus. Spacca. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 47 p. il.
433. PROTETI, Joao. **Efeito pазsarinho.** Ilus. João Proteti. São Paulo : Cortez, 2005. 32 p. il. color.
434. QUEIROS, Bartolomeu Campos de. **História em 3 atos.** Ilus. André Neves. São Paulo : Global, 2005. n p. il. color.

Texto inovador à época de seu lançamento (1980), e que até hoje não perdeu seus méritos - o que acontece com as verdadeiras obras de arte. O autor exercita seu talento para a síntese poética construindo uma brincadeira na qual um gato, um pato e um rato participam de um jogo no qual perdem ou trocam letras e sílabas das palavras que os designam, imprimindo novos sentidos ao escrito. Desta forma, o ato de ler torna-se uma atividade divertida, enriquecida pelo

lado expressivo e criativo da linguagem. O humor associado ao trocadilho, os sentidos ocultos das palavras, a sonoridade que beira a dos trava-línguas, a reiteração de estruturas sintáticas e sonoras, tudo isso torna a leitura de "História em 3 atos" uma rica experiência estética. Obras como esta fazem de Bartolomeu Campos de Queirós um dos mais importantes escritores brasileiros para crianças e jovens da atualidade. As novas ilustrações de André Neves, assim como o uso de diferentes tipos de composição gráfica em um projeto atualizado, contribuem para a valorização desta reedição. (A.T.)

435. QUEIROS, Bartolomeu Campos de. **As patas da vaca**. Ilus. Walter Ono. 10.ed. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color.



Este é um livro maravilhoso, repleto de jogos com a linguagem. O autor cria um clima de "nonsense" ao estabelecer um elo entre uma vaca, suas quatro patas e uma pata (o animal) com seus dois pés. O autor cria muitas brincadeiras de múltiplos significados entre os números e as palavras homônimas: o bicho "pata" e a palavra "pata designando" pé: "Se uma vaca tem quatro patas e uma pata tem quatro pés, uma vaca com quatro patas caminha com oito pés." O jogo semântico se amplia para outros objetos, em uma espécie de corrente de idéias e analogias: a vaca dá leite; a leiteira tem bico-de-pato e asas. O enredo vai se abrindo para novas brincadeiras cada vez mais absurdas: a vaca ganha quatro bicos de patas e quatro pares de asas transformando-se em um ser fantástico que voa. As ilustrações muito engraçadas de Walter Ono incorporam nas figuras o jogo de palavras apresentando imagens também inusitadas: uma vaca que tem quatro bicos de pato, quatro pares de asas e quatro leiteiras no lugar das patas. O texto finaliza mostrando que uma história que tem vaca e pata, leite e ovo acaba dando em bolo. Livro imperdível para ser lido à crianças que ainda não sabem ler e também para aquelas recém alfabetizadas. (A.C.)

436. QUINO. **Cada um no seu lugar**. Tradução Monica Stahel. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 128 p. il.

O nome de Quino remete, imediatamente, às famosas tiras da Mafalda; mas aqui, o trabalho de Joaquín Salvador Lavado não traz ao encontro do leitor a famosa garota contestadora e sua turma. Com seu estilo de cenas em tiras, uso apenas do branco e do preto e pouquíssimo recurso à linguagem verbal, ele continua a desnudar uma visão crítica da sociedade moderna; contudo, não se vale de seus personagens já conhecidos do público ou mesmo, apresenta novos figurantes do seu "time" de companheiros. Aparecem aqui empresários, donas de casa, funcionários públicos, fazendeiros. Em muitas cenas é o cotidiano o grande revelador das relações humanas, quer ocorram entre casais, patrões e empregados, populações rivais. Ou seja, os personagens dessa obra são adultos. É difícil falar da obra de Quino, pois a leitura de sua criação implica na visão global das cenas, observação atenta de traços do desenho e de pequenos detalhes, às vezes muito sutis. Sua sutileza, fino humor e apresentação de situações, às vezes marcadas pela imprevisibilidade da cena final, tanto agradam a um leitor experiente quanto representam um desafio para outros. A fim de tentar criar uma pálida idéia da visão e humor de Quino, o leitor imagine uma noiva com seu buquê de tomadas elétricas, um indivíduo frente à porta do diretor geral da empresa, aonde se lê "Feche a porta antes de entrar" ou, Sherlock Holmes com seu companheiro num campo de batalha onde todos estão mortos, dizendo "O caso é complicado, Watson: Num raio de 20 milhas, não há um mordomo de quem se possa suspeitar". Imperdível! (S.M.F.B.)

437. QUINTANA, Mario. **Lili inventa o mundo**. Ilus. Suppa. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color.

Bem-vinda reedição de "Lili inventa o mundo", do grande poeta Mário Quintana. O livro agora é grande, com ilustrações gaiatas em tons predominantemente quentes. Os poemas foram selecionados por Mery Weiss, principalmente os escritos para a coluna do autor no jornal Correio do Povo de Porto Alegre. Eles têm diversos tipos de versos, dos regulares aos livres, passando inclusive pela prosa poética. O cenário é uma pequena cidade onde Lili mora: "Cidadezinha cheia de graça... / Tão pequenina que até causa dó! / Com seus burricos a pastar na praça... / Sua igreja de uma torre só..." A linguagem é trabalhada para realçar o registro amoroso e encantatório, formado pelos elementos sonoros associados a belas imagens, o que propicia uma experiência estética fundamental ao pequeno leitor. A obra já foi adaptada para o teatro por Dilmar Messias e obteve grande sucesso. (A.T.)

438. RABELO, Gabriela. **Nem tudo está azul no país azul.** Ilus. César Landucci. São Paulo : Mercuryo Jovem, 2005. 55 p. il. color.

439. RAMOS, Anna Claudia. **Brincadeira de criança.** Ilus. da autora. São Paulo : Larousse, 2005. 31 p. il. color. (Coisas de criança)

440. RAMOS, Anna Claudia. **Brincando na escola.** Ilus. da autora. São Paulo : Larousse, 2005. 31 p. il. color. (Coisas de Criança)

441. RAMOS, Mario. **Eu sou o mais forte.** Ilus. do autor. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 32 p. il. color.

O lobo gabava-se de sua força, até que um dia encontrou alguém mais forte do que ele. Esta história simples, de caráter fabular e aparentemente previsível, torna-se atraente porque tem sua dose de surpresa. Quem vai desbancar o lobo? Além disso, as ilustrações grandes e expressivas ajudam a criar o clima satírico que envolve todos os personagens (que são tradicionalmente vítimas do lobo) num jogo bem feito de intertextualidade. Obra especialmente indicada aos pequenos. (A.T.)

442. RANDON, M. Augusta. **Psique e Eros.** Ilus. Beatriz Balen Susin. São Paulo : Paulinas, 2005. 39 p. il. (Enredos e paixões)

Esta é uma adaptação do famoso mito grego. Psique era uma bela jovem que não conseguia se casar, apesar de ser muito cortejada. A deusa Afrodite, a rainha da beleza, sentia muita inveja da adolescente. Seguindo o conselho do oráculo, os pais de Psique resolvem abandoná-la em um rochedo para que ela se case com a Morte. Eros, o filho de Afrodite obedece as ordens da mãe e leva a Morte para desposar a donzela. No entanto, ao ver a bela jovem, ele imediatamente se apaixona por ela. O deus do amor, leva a adolescente para seu palácio e lá oferece tudo o que Psique deseja. No entanto, Eros impõe uma condição à sua esposa: ela não pode fazer perguntas sobre seu passado, nem conhecer verdadeiramente sua identidade. Depois de um tempo, influenciada pelas irmãs, que afirmam ser Eros na realidade uma serpente traiçoeira, Psique ameaça matar o marido com uma faca. No entanto, no momento em que está para consumir o assassinato, se arrepende do gesto. Eros acorda, vê a faca na mão da jovem e resolve abandoná-la e retorna para a casa da sua mãe Afrodite. Desesperada, Psique terá que se submeter a três difíceis tarefas impostas pela deusa da beleza. Somente desse modo ela terá Eros de volta. A moça, depois de enfrentar muitos percalços vence todos os obstáculos e se casa com Eros. Neste livro, toda a força e significado do mito às vezes são prejudicados por uma certa simplificação da narrativa. No entanto, como se trata de um primeiro contato do jovem leitor com a mitologia, esta adaptação apesar dos deslizes, não deixa de ser interessante. Só o fato de simplesmente contar a história sem tentar impregná-la com discursos de auto-ajuda - algo que

atualmente tem acontecido muito em diversos livros de mitologia - já é um fator positivo. Há um pequeno texto no prefácio explicando algumas características da sociedade de Atenas e da importância da mitologia para os gregos antigos. Obra recomendada para crianças com experiência de leitura. (A.C.)

443. RAQUEL, Ana. **Imágicas: histórias do arco da velha.** Ilus. Ana Raquel. Belo Horizonte : Lê, 2005. n. p. il. color.



Este delicioso "álbum de imagens" (sei lá se o termo adequado é esse mesmo...) é uma retrospectiva visual criada pela conhecida ilustradora mineira Ana Raquel, após 25 anos de dedicação ao universo dos livros infantis. O livro abre com um texto da ilustradora dizendo que este é um mosaico de seu trabalho e que deixa para o leitor inventar ou rever suas imagens. Diz ela sobre a proposta: "Sem personagem principal, sem roteiro rígido, com mil portas para fugir do consenso e mesmo da obrigação de adivinhar um roteiro. Para ser degustado com calma e na contramão do dia-a-dia, não só por pequenos leitores vorazes de imagens". Ao passear pelas páginas vamos revendo paisagens, personagens, papagaios e passarinho, bilhetinhos e tal que conhecemos de obras que a ilustradora imprimiu sua expressão artística de textos literários infantis escritos por Ronaldo Simões Coelho, Ângela Lago, Sylvia Orthof, Marcos Bagno, Stella Maris Resende e tantos outros. Esta ilustradora, que iniciou suas primeiras aquarelas em livros infantis cobertos de detalhes e sob uma perspectiva nova: a perspectiva de baixo para cima, no dizer da linguagem do cinema, demonstrou logo de cara que tinha uma cumplicidade muito grande com a infância. Virou parceira dela cobrindo de imagens e fazendo leituras artístico-pessoais das histórias infantis. Uma sorte grande para nós que trabalhamos na área de literatura infantil e para as crianças brasileiras de ontem, de hoje e de amanhã, é claro! Com o passar do tempo, ela enfrentou as novidades: a passagem da ilustração feita no papel artesanal para a ilustração por computador. Como boa nordestina que é, o que ela tem feito com o computador é lhe tirar a frieza dessa tecnologia e transformar suas imagens-tecno em verdadeiras colchas artesanais de ilustrações que nos envolvem de forma arrebatadora no seu rico e divertido universo visual. Uma obra imperdível para todos que conhecem e queiram conhecer este universo tão mágico. Só sugiro que em uma próxima edição, coloque-se uma lista com os títulos dos livros que ela ilustrou. Afinal estamos em um país que ainda engatinha quando o tema é registro histórico e memória. (ALOB)

444. RAQUEL, Ana; BRANT, Fernando. **Chico, o caminhador: Rio São Francisco.** Ilus. Ana Raquel. Belo Horizonte : Lê, 2005. n. p. il. color.

Este belo livro apresenta a trajetória do rio São Francisco retratando a vida do homem ribeirinho. A obra foi idealizada em um projeto chamado "Caminho das águas", desenvolvido durante a década de noventa. Neste trabalho, uma equipe formada por artistas e educadores navegaram em uma barca oferecendo oficinas culturais para os moradores das cidades à beira do rio. A ilustradora Ana Raquel participou desta atividade fotografando a paisagem e a população local. Depois, o compositor e poeta mineiro Fernando Brant interpretou as imagens em forma de versos. O texto apresenta uma linguagem sensível e lírica. Revela-se mais como uma prosa poética do que propriamente uma poesia rimada. "... Os moradores vivem a música do rio e dançam festas coloridas. Meninos desenham luas e brinquedos, há bicicletas na terra e vasos na janela." As descrições demonstram uma visão crítica a respeito da pobreza da população ribeirinha. No entanto este olhar jamais é panfletário pois está ancorado na sensibilidade do autor. Há sempre uma valorização da esperança. Se por um lado, há muita pobreza, há também as festas populares, a feira, o plantar e o colher, as casas simples e bem arrumadas, os bordados, enfim, toda uma beleza no modo de encarar a vida e o tempo. Este livro celebra uma parte fundamental da cultura brasileira praticamente desconhecida pela criança que vive nos grandes centros

urbanos. As fotos se harmonizam com algumas ilustrações formando um efeito muito bonito, que valoriza ainda mais esta bela obra. Para crianças com domínio de leitura e adolescentes. (A. C.)

445. RASPE, Rudolph Erich. **As loucas aventuras do Barão de Munchausen**. Tradução e adaptação Heloisa Prieto. Ilus. Laerte. 2.ed. São Paulo : Salamandra, 2005. 69 p. il. (Meus clássicos)

Quem se atreveria a não acreditar nas aventuras vividas e contadas pelo Barão de Munchausen, testemunhadas como verídicas por Gulliver, o viajante, Simbad, o marujo e Alladin, dono da lâmpada maravilhosa? A tradutora e adaptadora Heloisa Prieto deu crédito a elas e, junto com as bem humoradas ilustrações de Laerte em segunda edição pela Salamandra, traz, aos leitores, doze aventuras do famoso Barão. Qual a mais incrível? Aquela em que, atingindo um cervo com uma espingarda com munição de caroços de cereja, encontra-o, dois anos depois, como uma cerejeira ambulante que lhe forneceu frutos deliciosos? Ou a sua condução de um cavalo bravo, conseguindo fazê-lo adentrar num salão de chá, cumprimentar as senhoras e trotar entre a louça fina, sem quebrar nenhuma peça? Mais do que isso, no combate aos turcos, esse cavalo foi partido ao meio (o que explicava que a água que bebia saía imediatamente). Felizmente esse episódio foi resolvido com a ajuda do veterinário que costurou o animal com brotos de louro, o que permitiu a formação de um caramanchão que dava sombra ao Barão em suas viagens sob o Sol. São muitos os que dizem serem mentiras as histórias do Barão, mas ele garante que elas não podem ser confundidas com invenções de pescadores ou aventureiros. (S.M.F.B.)

446. REDMOND, Diane. **Billy Bobo na piscina**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo : Ática, 2005. 48 p. il. (Bang on the door. Billy Bobo)

Este livro mostra uma história ingênua mas simpática centrada em situações típicas do cotidiano da criança. Billy está ansioso pois terá sua primeira aula de natação e sente medo em tirar a bóia. Há algo de "nonsense" no comportamento do personagem que é atrapalhado e engraçado. Por exemplo: ele veste a blusa sobre a bóia e à beira da piscina se apresenta com calção, pé-de-pato, óculos, bóia, só faltando um escafandro. Mas Billy consegue superar o medo de nadar com o apoio do professor e dos amigos. O mérito do livro é que ele não apresenta os chavões dos livros de auto-ajuda e isso se deve muito ao bom humor como os problemas cotidianos são abordados. A única ressalva é que o apelido do "Billy Bobo" transmite algo pejorativo que não corresponde à personalidade do personagem: ele é atrapalhado, engraçado, mas não bobo. Pelo contrário: é um menino que sabe lidar com suas fraquezas de uma maneira positiva e superá-las de modo lúdico. As ilustrações são com traços simples e muito marcantes, bem ao gosto do pequeno leitor. Obra para ser lida para crianças que ainda não estão alfabetizadas. Aquelas que têm entre seis e sete anos também gostarão da história. No entanto, como o enredo é um tanto longo para ser lido diretamente por esta faixa etária, é interessante que um adulto estabeleça a intermediação. (A.C)

447. REDMOND, Diane. **Dora drama quer ser atriz**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo : Ática, 2005. 47 p. (Bang on the door. Dora Drama)

448. REVIVER [coleção]. Ilus. Marcelo Martins, Lúcia Brandão, Rogério Soud e Cárcamo. São Paulo : Escala Educacional, 2005. n. p. il. color. 6 v.

Conteúdo: **O conde de Monte Cristo**/Alexandre Dumas; adapt. Leonardo Chianca - **Odisséia**/Homero; adapt. Luiz Galdino - **Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda**/adapt. Índigo - **Robinson Crusoe**/Daniel Defoe; adapt. Marcelino Freire - **Romeu e Julieta**/William

Shakespeare; adapt. Toni Brandão - **Sonho de uma noite de verão**/William Shakespeare; adapt. Antonio Carlos Olivieri e Edu Otsuka.

449. REY, Marcos. **Dinheiro do céu**. Ilus. Orlando. 7.ed. São Paulo : Global, 2005. 140 p. il color.

Em 7ª edição pela Editora Global, esta obra do conhecido escritor Marcos Rey (falecido em 1999) vem agora com novas ilustrações de Orlando. Antecedendo a história, há um texto em que o autor dá um "Olá" aos leitores; neste pequeno recado, Marcos Rey diz que o enredo surgiu a partir da sugestão de educadores interessados numa narrativa em que um protagonista jovem "já começasse a viver no intrincado mundo dos adultos". Assim, o autor deu vida a Danilo Marino, um jovem de 16 anos que é o narrador da história. Logo de início, Danilo vê-se em apuros pois seu avô, Dom Francesco, torna-o cúmplice de um segredo: a fuga do velho para a cidade de Chiaromonte, na Itália. A família fica em polvorosa com o sumiço. Danilo só estava autorizado a revelar o mistério da ausência do avô, quando o navio já estivesse afastado do porto de Santos. O motivo da inesperada viagem surgira com perspectiva de uma herança, ou seja, iria cair "dinheiro do céu"; com isto, criavam-se possibilidades de uma nova vida para a família: mudança de casa, dote atraente para a moça de 26 anos, um curso de medicina para o filho frustrado em sua escolha profissional, uma vida só de estudos para o caçula e ajuda a obras de caridade. Esclarecido o motivo do sumiço, o mistério continuou com uma nova pergunta: como Dom Francesco conseguira o dinheiro para a viagem? Em meio à expectativa da família, ausência de notícias do avô e especulações de todos os possíveis beneficiários da tal herança, Danilo vai vivendo suas primeiras experiências amorosas e profissionais, tentando sair de seus embaraços. Muitas vezes, conta com a ajuda do tio Salvador, irmão de sua mãe, que habitava o quartinho nos fundos da casa. Socialista, com pendores artísticos, Salvador representa a figura "à parte" dentro da família de classe média. Dentro do contexto de 1964, em que a história se desenvolve, Salvador decepciona-se profundamente com a tomada do governo brasileiro pelos militares. A narrativa, portanto, apresenta um panorama histórico. Por isso, é datada na menção de muitos aspectos; nas marcas de carros mencionadas - Citroen, Aero-Willys, Oldsmobile - em seriados de TV - Dr. Kildare - em usos (máquina de escrever e leitura de fotonovela) e costumes - a preocupação da filha ficar "solteirona". Há também referência a muitas criações da música popular brasileira da época e obras literárias nacionais e internacionais. É uma história divertida que retrata o cotidiano de uma família do Bexiga, às voltas com suas preocupações, sonhos, desavenças momentâneas e reconciliações. Por isso, também não falta a referência à festa de Nossa Senhora Achirópita. Tudo é feito com leveza e criação de metáforas interessantes. Por exemplo, "o sorriso era repetido como uma dízima periódica". Mas, e o vô Francesco? Voltou com a herança? O leitor vai descobrir o que aconteceu na página 129. A narrativa alonga-se um pouco mais, relatando algumas experiências de Danilo e reflexões sobre seu futuro. Talvez a melhor finalização da história ocorresse com os esclarecimentos dados pelo senhor Francesco à família. Contudo, adeuses, recados e "depois do fim da história". parecem surgir mais como adendos do que como partes essenciais da narrativa. Assim, a forma como foi finalizada a história torna patente a preocupação em "falar" ao jovem, em passar-lhe uma mensagem de firmeza e confiança no futuro. De qualquer forma, é uma boa opção de leitura. (S.M.F.B.)

450. REY, Marcos. **O mistério do 5 estrelas**. Ilus. Alê Abreu. 21.ed. São Paulo : Global, 2005. 125 p. il.

Esta história policial, publicada pela primeira vez em 1981 com grande sucesso entre os jovens, é apresentada agora por nova editora, com novo projeto gráfico, capa e ilustrações. Leonardo Fantini, o Leo, é um garoto que mora no Bexiga, estuda à noite e trabalha como mensageiro num hotel cinco estrelas. Leo está muito contente com o emprego porque além de ganhar boas

gorjetas, tem a oportunidade de conhecer gente famosa e importante. Um dia, Leo desconfia que um assassinato foi cometido no apt. 222, ocupado por um homem conhecido como Barão. Suas suspeitas se confirmam no momento em que encontra um corpo escondido na lavanderia do hotel, mas acontece que o rapaz leva uma pancada na cabeça, desmaia e o morto desaparece. Além de sua família, poucas pessoas acreditam na história de Leo, entre elas o porteiro que lhe conseguiu o emprego e Ângela, sua “quase-namorada”. O Barão tratou de desacreditá-lo perante a gerência, acusando-o de furto e provocando sua dispensa. A história segue com o protagonista tentando provar a veracidade de suas acusações contra o Barão, ao mesmo tempo em que se esconde tanto da polícia quanto dos bandidos que o perseguem. Enredos em que personagens jovens assumem o papel de detetives, desvendam crimes e até prendem os bandidos foram muito comuns nas décadas de 80 e 90, mas poucas obras apresentavam tramas bem estruturadas, verossímeis e alguma coisa além do puro entretenimento. Não é o caso deste texto do consagrado escritor Marcos Rey, pseudônimo de Edmundo Donato. Além das principais características do gênero estarem muito bem inseridas na trama, o autor contextualiza a história caracterizando a época, o local e as personagens, fornecendo elementos que dão a conhecer as relações sociais e de trabalho, além do modo de vida dos moradores de um peculiar bairro paulistano. O Bexiga aparece como uma área com muitos casarões antigos e teatros, intensa vida noturna, fusquinhas rodando pelas ruas e cuja população é majoritariamente descendente de italianos. No decorrer da narrativa aparece o “Nono” com seus vários trabalhos, a pizza, o vinho e muito mais. Ângela, a garota por quem Leo está apaixonado, mora num edifício no Morro dos Ingleses, que fica no mesmo bairro mas que abriga uma classe social mais abastada. Outro personagem interessante é Gino, primo de Leo, um jovem que sofre de paralisia e se locomove numa cadeira de rodas. Gino joga xadrez muito bem e, por isso, tem facilidade em raciocinar dedutivamente. Ele ajuda Leo nos momentos mais complicados, o raciocínio lógico é um instrumento valioso para se desvendar um mistério. Enfim, não faltam ao enredo pistas falsas, vilão acima de qualquer suspeita, seqüestros, disfarces e um final feliz, com os criminosos na cadeia e Leo readmitido no emprego. As ilustrações são em preto e branco, com vários tons de cinza e pontuam os momentos marcantes do texto. (A.T.)

451. REY, Marcos. **O rapto do garoto de ouro**. Ilus. Rogério Soud. 12.ed. São Paulo : Global, 2005. 126 p. il. color.

Reedição do livro de literatura para jovens do escritor Marcos Rey, de grande sucesso nos anos 80. A trama detetivesca envolve o rapto de Alfredo, um rapaz que tem uma carreira bem sucedida como cantor e é conhecido com o nome artístico de Garoto de Ouro. A história se passa na cidade de São Paulo, especificamente no bairro da Bela Vista, tradicional reduto de emigrantes italianos. Ao preparar-se para a comemoração de seus dezesseis anos com um jantar que reuniria amigos, familiares e empresários em uma cantina do bairro, Alfredo é seqüestrado. O enredo desenvolve-se a partir deste fato, que desencadeia ações variadas de seus amigos e familiares para descobrir pistas dos seqüestradores e para levantarem o dinheiro pedido como resgate. Os nomes que constam de uma agenda encontrada no local do crime por amigos de Alfredo são investigados por eles e, como em um jogo de xadrez, as peças vão sendo movimentadas para que o xeque mate no criminoso seja possível. A trama envolvente e ágil poderá agradar leitores adolescentes, apesar de apresentar "marcas" do tempo em que foi escrita (em sua 12a. edição, o texto menciona objetos que hoje são ultrapassados, como é o caso dos long-plays e compactos gravados pelo protagonista Alfredo e o uso do cruzeiro como moeda vigente). (S.O.)

452. REYNOLDS, Peter H. **O ponto**. Tradução Monica Stahel. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 32 p. il. color.

Vashti era uma garota que pensava e dizia que não sabia desenhar. Um dia, na aula de artes, a professora sugeriu que ela deixasse, pelo menos, uma marca no papel. Então a menina fez um diminuto ponto no centro da folha. A professora pediu que ela assinasse o trabalho e o pendurou em cima de sua mesa. A partir desse dia, Vashti desenhou muitos pontos de diversos tamanhos e cores, e suas obras fizeram sucesso na exposição da escola. Este livro é importante porque demonstra de forma literária o valor de um incentivo e de uma boa palavra, principalmente quando se trata de alguém que está começando uma atividade ou aprendendo algo. O mais interessante é que o texto não torna a menina uma artista, alguém que ficou famosa, cujo futuro profissional estaria diretamente ligado ao episódio narrado. Vashti apenas foi capaz de se soltar, trabalhar com afinco e participar do evento escolar. E isto não é pouco. Além de tudo, a menina compreendeu tão bem a importância do ocorrido que pôde ajudar um colega a enfrentar situação semelhante. Um livro para todas as idades. (A.T.)

453. RIBEIRO, Eid. **Anjos e abacates**. Ilus. Zéflavio. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. n. p. il. color.

454. RIBEIRO, Jonas. **Ciranda de meias**. Ilus. Laz Muniz. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. 40 p. il. color. (Mais de perto)

455. RIBEIRO, Jonas. **De volta para casa**. Ilus. Márcia Széliga. Juiz de Fora : Franco, 2005. 64 p. il. (Leitores jovens, 7)

456. RIBEIRO, Jonas. **A descoberta**. Ilus. Jonas Ribeiro. São Paulo : Cortez, 2005. 20 p. il. color.

457. RIBEIRO, Jonas. **Faniquito e siricutico no mosquito**. Ilus. André Neves. São Paulo : Elementar, 2006. 16 p. il. color.

458. RIBEIRO, Jonas. **A gargalhada de alegria de Dona Ecologia**. Ilus. André Neves. São Paulo : Elementar, 2006. 13 p. il. color.

459. RIBEIRO, Jonas. **A história bela do gato e da panela**. Ilus. Jonas Ribeiro. São Paulo : Cortez, 2005. 16 p. il. color.

460. RIBEIRO, Jonas. **Sete aventureiros e a guerra de travesseiros**. Ilus. Alessandra Tozi. São Paulo : Salesiana, 2005. 24 p. il. color.

461. RIBEIRO, Jonas. **A viagem da saudade**. Ilus. Claudia Cascarelli. Juiz de Fora : Franco, 2005. 16 p. il. color. (Pôr-do-sol ou pôr-da-lua: a escolha é toda sua, 4)

462. RIBEIRO, Nye. **Conta mais uma**. Ilus. Ana Terra. Campinas, SP : Roda & Cia, 2005. 19 p. il. color. (Flor e ser)

Vovó Milota contava muitas histórias para seus netos, que sempre pediam mais uma. Um belo dia, cansada de sempre repetir os mesmos contos que as crianças já sabiam de cor, vovó Milota resolve inventar uma nova história. Onde será que ela vai buscar inspiração para criar enredo e personagens? Este livro, com grandes imagens fortemente coloridas, retrata de forma lírica uma situação comum aos contadores de histórias em geral. As possibilidades de criação são infinitas, mas a demanda por novas histórias também é. Nesta obra, a personagem vai enchendo sua cesta de idéias ao fazer uma caminhada por um bosque próximo à sua casa. Realmente, a

natureza é uma fonte imensa de inspiração. Boa opção para as crianças que já lêem sozinhas. (A.T.)

463. RIBEIRO, Nye; MIRANDA, Simão de. **Tem gente olhando**. Ilus. Karen Elis Tessitore Cormnacchia. Campinas : Papyrus, 2005. 24 p. il. color.

464. RICCI, Tânia. A galinha sábia. Ilus. da autora. São Paulo : Brasil Seikyo, 2005. n. p. il. color.

465. RIORDAN, James (Comp.). **Histórias do mar**. Tradução Monica Stahel. Ilus. Amanda Hill. São Paulo : Martins Fontes, 2005. 79 p. il. color.

Como o próprio título antecipa, e o belo prefácio confirma, o mar é o tema comum das nove histórias reunidas nesta obra. Em algumas delas é o pano de fundo, o cenário do conto, em outras é quase um personagem com vida própria, temperamento e poder de decisão. Uma coisa é certa: o mar é determinante no enredo e no desfecho de todas as histórias. Esta característica da obra já a tornaria interessante e uma opção de leitura, mas há nela outras qualidades: a seleção feita pelo autor, que contempla países diferentes alternando narrativas conhecidas e obscuras, a apresentação das fontes de onde foram recolhidas, a linguagem correta, fluida, e as ilustrações bonitas num projeto gráfico caprichado. Vale destacar o conto do Senegal intitulado Vento-do-mar e suas belíssimas imagens: "O dia todo, Vento-do-mar percorre ilhas e mares, florestas e planícies, refrescando rebanhos e plantas, animando pássaros e anunciando as mudanças de estação. Às vezes, ao entardecer, quando está cansado, ele dobra as asas e vai baixando, junto com o pôr-do-sol. Vento-do-mar flutua abaixo das nuvens, paira por um momento, escolhendo uma duna de areia ou uma clareira da floresta para aterrissar. Então ele desce e se acomoda para descansar." (A.T.)

466. RIOS, Rosana. **O livro das encrencas: o que fazer nas situações atrapalhadas da vida**. Ilus. Patricia Lima. São Paulo : Ática, 2005. 79 p. il. color.

467. ROCHA, Ruth. **Um cantinho só pra mim**. Ilus. Zivaldo. São Paulo : Melhoramentos, 2005. n. p. il. color.

468. ROCHA, Ruth. **Leila menina**. Ilus. Mariana Massarani. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005. 27 p. il. color. (Aventuras brasileiras)

469. ROCHA, Ruth. **O pequeno Mozart**. Ilus. Cláudia Scatamacchia. São Paulo : Noovha América, 2005. n. p. il. color.

470. ROCHA, Ruth. **O rato do campo e o rato da cidade**. Ilus. Marilda Castanha. São Paulo : FTD, 2005. n. p. il. color. (Lê prá mim)

Esta é uma fábula bastante conhecida cuja autoria é atribuída a Esopo. A família de ratos que morava no campo recebeu a visita do primo Jôni Raturbano. Foi oferecida a ele uma comida simples e saborosa, que o ratinho comeu com satisfação. Porém, Jôni, que morava na cidade, não parava de se vangloriar da qualidade e quantidade das comidas que havia em sua casa, deixando os "caipiras" maravilhados. Quando ocorreu o inverso, ou seja, o ratinho do campo foi à casa do primo da cidade, a verdade apareceu: havia sim, muita e variada comida na casa de Jôni, mas a dificuldade de acesso a ela também era enorme. Um monte de gente e um gato tornavam a vida na cidade perigosa e cheia de sobressaltos. Depois de passar um dia inteiro desejando os alimentos sem poder comê-los, o ratinho do campo decidiu voltar rápido para casa. Esta história,

tantas vezes recontada, sofreu algumas modificações ao longo do tempo, mas até hoje encanta os leitores. A presente edição tem ilustrações grandes e coloridas, perfeitas para o texto. (A.T.)

471. ROCHA, Ruth. **A turma da nossa rua** [coleção]. Ilus. Walter Ono. São Paulo : FTD, 2005. il. color. 3 v.

Conteúdo: **Armandinho, o juiz - A decisão do campeonato - O piquenique do Catapimba.**

Comemorando 35 anos das muitas histórias de Ruth Rocha, a FTD traz edições renovadas das aventuras da "Turma da nossa rua", uma homenagem da escritora a seus amigos de infância. Para quem as conhece, vai ser bom recordar os apuros que passou Armandinho, o juiz de futebol, quando só era chamado de ladrão ou por causa da intromissão do papagaio do seu Manuel na arbitragem do jogo final do campeonato de futebol; ou as frustrações de duas turmas que organizaram seus piqueniques separadamente, esquecendo algo essencial - de que jeito terminar um dia que prometia ser tão legal? Para os que ainda não entraram nessa turma, fica o convite para a leitura dessa coleção! (S.M.F.B.)

472. ROCHAEL, Denise. **Boca de piranha.** Ilus. Denise Rochael. São Paulo : Cortez, 2005. n. p. il. color.

473. ROCHAEL, Denise. **Brasil em preto e branco.** Ilus. Denise Rochael. São Paulo : Cortez, 2005. 32 p. il. color. (Pátria amada)

474. ROCHAEL, Denise. **Olha a ariranha...** Ilus. Denise Rochael. São Paulo : Cortez, 2005. n. p. il. color. (Bichos de água doce)

475. RODANTE, Antonio. **Um passarinho passeou na areia da praia.** Ilus. Werner Schulz. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color. (Lazuli infantil)

476. RODRIGUES, Juciara. **A história de cada um.** Ilus. Maria Eugênia. São Paulo : Scipione, 2005. n. p. il. color.

A professora pede para as crianças trazerem fotos da família e da época em que elas eram pequenas para uma atividade que será realizada na escola. Cada capítulo apresenta um personagem e a maneira como ele se relaciona com a família: José era o segundo filho e não tinha muitas fotos porque na época em que nasceu seus pais trabalhavam muito. Já Pedro possuía muitas fotos de primos, tios e parentes. O enredo é um pretexto para mostrar como as famílias são diferentes com regras e convivências que variam: algumas, seus membros tem o costume de fazerem todas as atividades juntas; em outras, as pessoas são mais independentes. Algumas crianças tem pais separados, outras têm irmãos do primeiro casamento dos pais. Certas famílias mudam constantemente de cidade; outras moram na mesma casa há muitos anos. A obra é engraçada e interessante sem resvalar para um "psicologismo", o que seria comum neste tipo de enredo. O tema é tratado de maneira simpática transmitindo nas entrelinhas um significado amplo da palavra "família": pessoas que possuem fortes laços emocionais, mesmo quando não vivem sob o mesmo teto. As ilustrações de Maria Eugênia são alegres e coloridas equilibrando muito bem alguns traços de garatuja com figuras mais realistas. Obra indicada para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

477. ROMERO, Silvio. **O careca.** Ilus. Rosinha Campos. São Paulo : Ática, 2005. 31 p. il. color. (Do arco-da-velha. Silvio Romero)

Silvio Romero foi um dos primeiros folcloristas brasileiro. Viveu no século XIX e um dos seus trabalhos principais foi recolher contos de diversas origens, na tentativa de estabelecer uma ligação entre a cultura popular e a erudita. Este volume apresenta uma história coletada por Silvio Romero em Pernambuco: Um pescador durante um longo período em que não conseguia pescar nenhum peixe, se comprometeu a entregar seu filho recém-nascido para a cabocla das águas. O garoto passou toda sua infância sozinho no castelo no fundo do rio, mas durante a adolescência, apareceu um sujeito dizendo ser seu pai. Este, entregou-lhe um maço de chaves avisando que ele precisava fazer uma viagem muito longa, mas que o rapaz podia cuidar do palácio sozinho. No entanto, o pai impôs uma condição: o jovem não poderia abrir determinadas portas da residência. Apesar disso, como o garoto era muito curioso, desobedeceu a ordem entrando em um dos quartos. Neste, ele encontrou um cavalo, que lhe deu o seguinte aviso: Por não ter cumprido a promessa feita ao pai, o rapaz teria que correr o mundo em uma missão, para se redimir do erro que cometera. O animal avisou-lhe que deveria levá-lo junto, assim como vários objetos mágicos que poderiam ajudá-lo na sua tarefa. Quando o pai chegou da viagem descobriu o que o moço fizera. Saiu em seu encalço, mas o rapaz, usando os objetos encantados, conseguiu escapar da perseguição. Quando o jovem chegou perto de um castelo, o cavalo lhe avisou que ele encontraria um boi morto próximo a um rochedo. Seguindo o conselho do amigo, o herói abriu a bexiga do boi e a colocou sobre sua cabeça, como se fosse um chapéu. Dirigiu-se ao castelo e se ofereceu para trabalhar no local. O velho jardineiro que o atendeu, ficou com pena do moço e o aceitou como seu ajudante. Deu-lhe o apelido de Careca, pois o rapaz, obedecendo as ordens do cavalo mágico, não disse ao jardineiro seu verdadeiro nome. O rei do castelo tinha três filhas. Todos os dias, o jardineiro levava um buquê de flores para cada uma das moças. Certa vez, a filha caçula do rei viu o rapaz sem o estranho chapéu que ele usava. Admirou seus belos cabelos dourados e se apaixonou por ele. Desde então só queria que o Careca entregasse flores a ela. Certa vez, houve uma festa no reino, uma grande cavalhada. O rapaz pediu ajuda a seu cavalo mágico e conseguiu uma armadura e uma lança para participar da competição de argolinhas. Venceu o torneio, mas voltou ao castelo assim que a disputa terminou. Todos os súditos queriam saber quem era o misterioso herói, mas ninguém o conhecia. No entanto, a princesa caçula desconfiava que o guerreiro de cabelos dourados era o ajudante do jardineiro. Após um tempo, o Careca matou uma fera que vivia atacando o reino, ganhando a prova de todos os outros concorrentes. O rei queria recompensar aquele misterioso herói, mas ele nunca revelava sua identidade. Isso só acontecerá no final da história, quando a princesa caçula, contra sua vontade, está prestes a casar. Este conto popular apresenta uma série de características típicas do folclore nordestino: a influência dos contos ibéricos de cavalaria mesclada aos costumes das festas pernambucanas, como a cavalhada e o torneio de argolinhas. O relato também apresenta uma continuidade meio truncada, que é muito comum neste tipo de narrativa. Por exemplo: a família de pescadores que aparece no início da história, sem nenhuma justificativa, desaparece no decorrer da trama. Isso ocorre muito nas histórias folclóricas, pois elas foram recontadas por diversas gerações. No entanto, um adolescente atual dificilmente conhece esses elementos literários citados acima. Por isso, a narrativa pode soar estranha, truncada para a maioria dos leitores. Este é um livro destinado a jovens com bastante experiência de leitura e adultos. As belas ilustrações coloridas de Rosinha Campos e o cuidadoso projeto gráfico completam a obra. (A. C.)

478. RUMFORD, James. **Chuva de manga**. Ilus. James Rumford. São Paulo : Brinque-Book, 2005. n. p. il. color.

A história do menino Tomás se passa em uma longínqua aldeia africana, no Chade. Neste lugar pobre, seco e muito quente todos ficam felizes e desfrutam do frescor da água, quando chove. Em um dia de chuva, Tomás encontra uma tampinha de refrigerante no chão e a guarda. Conforme o tempo passa, as flores das mangueiras que crescem por ali vão caindo e deixam em

seu lugar pequenas frutas verdes. Tomás encontra mais coisas, que guarda cuidadosamente: uma lata de leite vazia, fragmentos de metal e arame retorcidos, latas de sardinha e mais tampas de garrafas. Os meses correm, as mangas ganham tonalidades novas e agora estão amarelo-ouro e avermelhadas. O plano de Tomás também amadurece, ele pede ajuda ao pai e, da sucata que juntou, os dois fazem um carrinho. É com ele que, depois de saborear uma manga suculenta, Tomás se junta a outro amigo para brincar. Esta história apresenta ao leitor infantil a beleza proveniente das coisas simples: "Vem um pouco de chuva, floresce a mangueira. Vem uma pequena idéia, floresce a imaginação", dizem os versos que introduzem a narrativa. Sem ser um conto de ensinamento, esta história nos permite refletir sobre a riqueza da imaginação, que torna possível que do pouco se faça muito. Com poucos elementos, esta história também cria significados valiosos: um menino pobre, a chuva, mangas, pedaços de coisas que ninguém mais quer e muita imaginação transformam a dura realidade de Tomás. As belíssimas ilustrações de página inteira retomam os momentos mais importantes da história em uma explosão de cores e traços que enriquecem a leitura do texto. Os personagens são apresentados em imagens cheias de movimento e expressão, em cenários que contextualizam uma aldeia africana e o seu cotidiano ao leitor brasileiro. Nas beiradas das páginas, encontramos delicados galhos de mangueira com flores que se transformam em frutos que mudam sutilmente de cor, marcando a passagem do tempo. Esta história foi escrita pelo americano James Rumford a partir de suas memórias do tempo em que viveu no Chade. Excelente opção para ler aos que ainda não se alfabetizaram e para os que já lêem sozinhos. (S.O.)

479. SABINO, Fernando et al. **Histórias de professores e alunos**. Ilus. Renato Moriconi. São Paulo : Scipione, 2005. 70 p. il. (O prazer da prosa. Contos)

Em todos os contos desta coletânea há o mesmo cenário: escola, alunos e professores. Mas em cada um deles existe uma abordagem especial e a marca do seu autor. Fernando Sabino inicia a obra com "Reunião de mães", que, na verdade, é chamada de reunião de pais; nela, o elemento masculino presente fica estrangido diante das perguntas das progenitoras e das observações do Diretor. Segue-se "Aula de inglês" de Rubem Braga, em que com a proposição de perguntas - is this an elephant? Is it a book? Is it a handkerchief? Is it an ashtray? - sustenta uma narrativa bem humorada ( é importante dizer que houve falha no escrito em letra corrida abaixo do desenho de um cachimbo - it's aparece com todas as letras unidas!). Leonardo Arroyo comparece com o impactante "O filho da iniquidade". Essa história revela a proximidade da relação entre um menino e sua professora, cuja atenção preenche um pouco a lacuna da falta da mãe e suaviza as dificuldades enfrentadas pelos desmandos de suas irmãs já adultas. O impacto ocorre quando uma das irmãs, alegremente, conta a outra a notícia da morte da professora, gritando "A mãe do Ernestinho morreu!" Paulo Mendes de Campos traz "Primeiras leituras" mostrando que, a princípio, embirrou com Machado de Assis. Sergio Porto cria uma narrativa em que inventar histórias até morrer é o castigo imposto pela professora D. Margarida ao menino, que se atreveu a dizer-lhe que o tempo passara e a cena dos alunos em sala de aula era irreal, pois muitos deles já haviam morrido. Com "O aluno relapso" Ledo Ivo mostra como rascunhos de adolescência podem não corresponder ao desenho final criado por metamorfoses que a vida traz a cada indivíduo. "Volta às aulas" de Carlos Eduardo Novaes apresenta o bigodudo Juvenal Ouriço como aluno inscrito e freqüentador de um jardim de infância. Mal cabendo nas pequenas cadeiras, tomando cerveja na hora do recreio, pedindo uma história de Cassandra Rios (autora famosa pela temática forte de seus textos) no lugar de Branca de Neve, esse pai de cinco filhos pensou que, ao invés de mandá-los para a escola era preferível contar-lhes o que aprenderia a cada dia, como forma de economizar e não abrir falência. O famoso "Conto de escola" de Machado de Assis encerra a coletânea. Nessa história, que fala de tempos de palmatória, a proposta de trocar lição por dinheiro foi considerada ato de corrupção, castigada com doze bolos (batidas da palmatória) nas mãos dos infratores, delatados por um aluno da classe. Quase todos os autores desta obra

dedicaram-se ao jornalismo. As ilustrações são em branco e preto, algumas repetindo-se com inversão do branco e do preto em duas imagens idênticas, num interessante efeito de mudança visual do conjunto; são de autoria de Renato Moriconi. Há um detalhe a ser mencionado em relação ao tamanho das letras: os textos iniciam-se com letras maiores (em relação à fonte escolhida) do que as que os constituem no enredo propriamente dito. É, sem dúvida, uma ótima leitura! (S.M.F.B.)

480. SALES, Herberto. **Romãozinho e outras histórias.** Ilus. Eugênio Neves. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 64 p. il.

Herberto Sales nasceu na Bahia em 1917 e faleceu em 1999. Foi um grande jornalista e escritor de livros para crianças, tendo recebido a menção honrosa do prêmio internacional Hans Christian Andersen por seu livro "O sobradinho dos pardais". Atualmente não é um autor muito conhecido, por isso é interessante esta iniciativa da editora em apresentar este livro para a nova geração. Esta publicação de "Romãozinho e outras histórias" mescla os enredos de contos populares com lendas indígenas. Destaca-se a história de Romão, um menino levado, que sempre culpa o ser mágico Romãozinho - uma espécie de saci-pererê do lugarejo - pelas suas travessuras. Após ter enganado muitas pessoas, o garoto se depara um dia com o próprio Romãozinho, leva um tremendo susto e acaba revelando a verdade: era ele o autor das travessuras. Outro conto sensível é "Flor-do-Mato": Janjão era um menino que morava no interior e criava seus próprios brinquedos. Um dia, ele conhece uma menina chamada Flor-do-Mato. Ela lembra uma ninfa ou uma lara das matas, mas é uma garota e convida Janjão para ir à floresta junto com ela. O final desta aventura é surpreendente. Resgatando a cultura dos vaqueiros do sertão, descrevendo paisagens brasileiras, o enredo apresenta um quadro desconhecido para a criança urbana, promovendo a valorização da nossa cultura popular. A grande beleza da história também está na linguagem empregada pelo autor, que faz muitas referências às imagens de um Brasil rural: a vara de camboatá, a enxurrada que leva os bois pelo rio, o fogão a lenha e o bolo de fubá etc. As vinhetas ilustradas por Eugênio Neves remetem ao traçado das figuras da literatura de cordel compondo muito bem com o "clima" das histórias. Obra para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

481. SAMPAIO, Marcio. **Dr. Clorofila contra Rei Poluidor.** Ilus. Sandra Bianchi. São Paulo : Cortez, 2005. 71 p. il. color.

482. SANCHES NETO, Miguel. **Amanda vai amamentar.** Ilus. Mario Guerreiro. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 22 p. il. color.

483. SANCHES NETO, Miguel. **Estatutos de um novo mundo para crianças.** Ilus. Raul Fernandes. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 24 p. il. color.

484. SANDRONI, Luciana. **Ludi na TV** (outra odisséia da marquesa). Ilus. Humberto Guimarães. 2.ed. São Paulo : Salamandra, 2005. 80 p. il.

Uma família se vê as voltas com uma frustração: a televisão de casa quebrou. Ludi, uma menina de por volta os dez anos, vai ter de ficar sem o programa de tv favorito chamado "Os melhores momentos da bruxa". Mas, por incrível que pareça, ela é sugada pela tv quando Seu Geraldo vêm para consertá-la. Lá,,ela participa de um concurso de iogurte e cria a maior confusão ao denunciar o uso de corantes. Depois, ela cai em um anúncio de shampoo para piolhos. E então em um anúncio de ração para cachorros. Aí vem o anúncio do biscoito come-come. Bem, esta idéia da autora, de alguém que adentra os anúncios de televisão é nítida influencia do filme italiano "Os ladrões de sabonetes", que também traz uma visão bem-humorada e crítica sobre a

influência da televisão na vida das pessoas. Do mesmo modo que Emília de Lobato se intromete no percurso dos contos de fadas na obra "O sítio do picapau-amarelo", este texto busca fazer o mesmo com o universo dos programas de televisão. Ludi muda o andamento dos anúncios, insere crítica nos programas de culinária, futebol e "mete a colher" no andamento de uma novela. A narrativa corre de forma dinâmica e ágil porque mescla discurso indireto livre com diálogos. Diz o texto: "É, no horário das sete, corrupção, traição, mau-caratismo e safadeza caem muito bem mesmo. Sangue, só depois das oito (pág. 68)" Esta crítica feita pela família de Ludi aos personagens da novela que adentram sua casa é realmente muito original na área de Literatura infantil como um todo. Temos raríssimos textos que tratem do tema e que não sejam maniqueístas. Aqui, o pessoal da novela resolve voltar para a televisão porque consideram que "O mundo real é muito chato, o jeito é entrar numa novela, num filme, num livro...e não sair nunca mais"., o que nos parece uma paráfrase da conhecida frase de Monteiro Lobato: "Quero fazer livros em que as crianças vivam neles como eu vivi em Robinson Crusóé". Esta narrativa antropofágica, entretanto, cai numa solução escapista que é a das personagens da novela voltarem para tv, como se nada tivesse acontecido e a família de Ludi voltar a vida como antes. Então, esta experiência ousada acabou não sendo assimilada por ninguém? Mas diante das poucas obras que ousaram tratar do assunto, esta foi das melhores. Pena que agora que a obra foi reeditada, a autora nem a editora tiveram a presença de espírito de acertar esse descompasso do final da obra. Leitura indicada para pré-adolescentes. O que mais vale nesta reedição da obra é o novo projeto gráfico e as originais ilustrações de Humberto Guimarães. (ALOB)

485. SANTANA, Ailton Rodrigues. **Bolinha de tudo**. São Paulo : Scortecci, 2005. 20 p.

486. SANTOS, Joel Rufino dos. **Uma estranha aventura em Talalai**. Ilus. Jonatas Tobias. São Paulo : Global, 2005. 46 p. il. color.

Em 9ª edição pela Editora Global, "Uma estranha aventura em Talalai" surge ilustrada por Jonatas Tobias. A história contrapõe dois momentos na vida dos habitantes de uma ilha de pescadores: antes e depois do encontro com Patrick, um sueco saído do mar, com ar de velho amigo da população local. Como um cidadão do mundo, o estrangeiro parecia sentir-se à vontade em terras desconhecidas. O estranhamento ficou por conta do pessoal da ilha. Como aquele homem trocava de roupa na frente das mulheres, falava em "ensinar", quando o aprendizado de todos acontecia por imitação, ajudava as pessoas de várias maneiras e, ainda por cima, conversava com o Dono da ilha sem abaixar os olhos? Pois foi o "alamão, a barata descascada" (como chamaram o estrangeiro) quem ajudou os pescadores a romper o silêncio e a passividade impostas pela condição do seu ofício do mar. Foi ele quem lhes ensinou a tornar as jangadas mais velozes com o uso da quilha, a entender que o uso dos materiais da floresta não era roubo passível de castigo. Castigo terrível, aliás: ser colocado dentro de um saco com gatos e jogado ao mar, tendo a pele arrancada antes de morrer. O próprio Patrick foi vítima do castigo, pois o Dono acompanhou, na surdina, a construção ilícita de uma jangada, com as madeiras da floresta. Mas, a presteza de alguns pescadores em libertá-lo, evitou o pior; o estrangeiro saiu com vida do saco da morte. E, depois disso, houve a exigência dos pescadores sobre usos e costumes da ilha, no sentido da sua dignificação. Patrick foi embora por insistência dos amigos ilhéus, mas deixou com eles algo difícil de nomear. O narrador dessa história conta-a como uma reminiscência, pois acha-se, ao fazê-lo, diante de uma nova Talalai, com suas jangadas, crianças e muito muitas casas do que "há muitos anos atrás" - uma Talalai provavelmente desconhecida por Patrick. Os momentos de imaginação mais forte ficam por conta da aparição do Navio Fantasma, atravessado internamente por uma jangada com quatro homens, e da descrição de peixes-assombrados. Esta obra já recebeu muitos prêmios. Ganhou o Jabuti da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, foi indicada para o Prêmio Hans Christian Andersen, ganhou Menção Honrosa na Feira de

Bologna e foi considerada altamente recomendável para jovens pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. (S.M.F.B.)

487. SANTOS, Joel Rufino dos. **Gosto de África: histórias de lá e daqui.** Ilus. Cláudia Scatamacchia. São Paulo : Global, 2005. 44 p. il. color.

Esta é uma bela coletânea de lendas africanas e brasileiras. Um aspecto interessante é que as narrativas dos dois países são apresentadas de maneira intercalada. Por exemplo: o primeiro capítulo mostra uma história do Senegal, o segundo, um conto da Bahia, no terceiro capítulo o autor narra a lenda do leão de Mali, depois, uma aventura sobre os escravos do Maranhão, etc... Desse modo, Joel Rufino escreve de maneira original e sensível sobre os elementos comuns e as particularidades das duas culturas. Merece destaque o conto "As pérolas de Cadija." Ela era uma menina cujo pai ficou viúvo e se casou pela segunda vez, Cadija era muito maltratada pela madrasta e por sua filha. Um dia, a mulher mandou que a enteada lavasse uma colher com as águas do mar. Mas esta ficava muito longe, lá em Dakar. A garota pegou seu irmãozinho e foi cumprir a tarefa. Atravessou rios e campos. Um dia, ela encontrou um homem que lhe disse para tomar muito cuidado quando fosse atravessar a savana sozinha. Ela poderia encontrar o Quibungo, um monstro com um buraco no pescoço que engolia todo mundo. Além disso, outro ser terrível vivia no deserto: o Abutre Mortal, devorador de corações. Desanimada, Cadija sentou-se em uma pedra, um "dijin" apareceu: era uma figura mágica, protetor dos ventos. Ele deu diversos conselhos à menina. Cadija seguiu suas ordens e desse modo conseguiu enfrentar os monstros. Quando chegou em Dakar ouviu um mendigo na feira lhe dizer que só lavasse a colher quando a lua aparecesse. Cadija obedeceu esta regra. Assim que colocou a colher no mar, esta voltou cheia de pérolas. A heroína pegou o irmãozinho e foi embora para casa. Abrindo o saco de pérolas, a menina fez a divisão das jóias. A madrasta ficou louca de ciúmes e resolveu também partir em busca de mais pérolas. A mulher deixou sua filha tomando conta da casa e vigiando Cadija. Um dia, como a mãe estivesse demorando muito para voltar, a filha abriu o panelão de cuscuz e levou o maior susto: no meio da panela encontrou um coração. Desmaiou na hora, pois ela sabia o que aquilo significava: sua mãe havia sido devorada pelo Abutre Mortal, um dos monstros das savanas. Imediatamente, Cadija pegou seu irmão, fugiu de casa e foi morar bem longe dali. Entre os contos que representam o Brasil, podemos destacar a história de "Bonsucesso dos Pretos" uma lenda do interior do Maranhão. Há muito tempo atrás, nos tempos da escravidão uma jovem escrava desagradou o senhor. Aborrecido ele mandou que levassem a jovem à floresta. Ela foi amarrada em uma árvore para morrer de fome e sede. Passou uma semana e o senhor pediu ao feitor que fosse ver a negrinha na mata. Pensou que ela já estivesse morrido, no entanto, a moça continuava viçosa e mais bonita do que antes. Ela confessou ao homem que era ajudada por uma madrinha, que aparecia todo dia para lhe dar água e comida. Passou mais um mês e quando o feitor voltou à floresta, não havia ninguém no tronco da árvore. A escrava havia fugido. No lugar em que ela tinha sido amarrada, ele encontrou uma imagem de Nossa Senhora. O feitor pegou a santa e a levou para o fazendeiro. Este executou uma série de ordens que atraíram desgraças para suas terras: deu praga no algodão, diversos empregados foram picados por cobras e muitos escravos fugiram para a mata organizando um quilombo chamado Bonsucesso dos Pretos. O grande mérito deste livro é a riqueza da narrativa. Sua linguagem é variada, há certas expressões que remete à oralidade das antigas contadoras de histórias: "Então o velho disse: eu bem que lhe avisei". As ilustrações leves e harmônicas de Cláudia Scatamacchia completam este livro imperdível para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

488. SANTOS, Joel Rufino dos. **O grande pecado de Lampião e sua terrível peleja para entrar no céu.** Ilus. Jô Oliveira. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. n p. il. color.

Com base nas histórias dos folhetos de literatura de cordel, o autor conta a discussão entre Lampião e São Pedro na porta do céu. A forma é o diálogo rimado, em que o narrador está presente na figura do cantador. A oralidade, a ironia, o tema religioso e a moral são características marcantes neste tipo de narrativa. O famoso cangaceiro quer entrar no Paraíso e precisa convencer o santo de que é merecedor. O reboliço é grande, todos os santos dão opinião, o livro da Verdade é aberto e então... Será que Lampião consegue entrar no céu? As ilustrações têm as particularidades próprias da arte popular: traços simples e cores fortes. Obra recomendada para crianças com domínio de leitura. (A.T.)

489. SANTOS, José. **ABC quer brincar com você.** Ilus. Alcy. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. n. p. il. color. (Lazuli)

490. SANTOS, José. **Estrelas do céu e do mar.** Ilus. Mariângela Haddad. São Paulo : Paulus, 2005. 32 p. il. color.

Este é uma biografia romanceada sobre a vida do famoso autor de literatura infantil. Um garoto resolve ler o livro "Contos de Andersen". Ao pegar o volume, um dos personagens chamado Olé Lukoe convida o garoto para uma aventura fantástica: percorrer todos os lugares onde Andersen viveu durante a sua vida. Por meio de poderes mágicos, os dois conhecem a vila muito pobre na Dinamarca, onde Andersen passou sua infância. O garoto ajudava na limpeza de um Teatro e em troca, o porteiro o deixava entrar para assistir os espetáculos. Mais tarde, indo para Copenhague ele vai tentar a vida como ator. No entanto, devido à falta de talento para representar, começa a escrever as peças para o grupo. Dessa maneira, descobre sua verdadeira vocação. Aos poucos, seu trabalho se torna conhecido devido ao sucesso que fazia junto ao povo. Então, o diretor do Teatro Real de Copenhague encomenda alguns roteiros e oferece uma bolsa de estudos para o jovem. Desse modo, Andersen, conseguiu estudar até a Universidade. Será apenas em 1835 que escreverá suas famosas histórias de fadas. A partir deste momento, sua obra vai se tornando conhecida em toda Europa. Um dos aspectos mais originais do seu trabalho é que ele, ao contrário de Perrault e dos irmãos Grimm, não só pesquisava as narrativas populares, mas criava novos enredos e personagens a partir de temas folclóricos. Além disso, Andersen foi um grande estudioso da mitologia grega e dos contos árabes. Percorreu a Europa e o Oriente, pesquisando a literatura de diversos países. Neste livro, as ilustrações coloridas e leves combinam bem com o enredo. No final há fotos dos principais locais onde Andersen viveu. Essas fotografias poderiam ser maiores. Biografia imperdível para crianças com domínio de leitura e adultos que apreciam contos de fadas. (A.C.)

491. SANTOS, Maria de Lourdes dos. **Suri e Handoku.** Ilus. Tânia Ricci. São Paulo : Brasil Seikyo, 2005. n. p. il. color. (Personagens budistas)

492. SANTOS, Walther Moreira. **Quem vai ajudar o lobo mau?.** Ilus. Walter Moreira Santos. Belo Horizonte : Lê, 2005. n. p. il. color.

493. SARDINHA, Walter. **Pecus, um amigo muito especial.** Ilus. Lúcia Hiratsuka. São Paulo : Cortez, 2005. 102 p. il. (Astrolábio)

494. SARUE, Sandra. **A poltrona vazia.** Ilus. Marcelo Boffa. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 23 p. il. clor.

495. SATRAPI, Marjane. **Persépolis 2**. Tradução Paulo Werneck. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. n. p. il. color.

496. SAVAGET, Luciana. **Dadá, a mulher do Corisco**. Ilus. Miadaira. São Paulo : DCL, 2005. 32 p. il. color.

497. SAVAGET, Luciana. **É meu! Cala boca! Quem manda aqui sou eu!**. Ilus. Roger Mello. São Paulo : Larousse, 2005. 29 p. il. color.

498. SAVAGET, Luciana. **Operação resgate em Bagdá: a batalha invisível**. Ilus. Thaís Linhares. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005. 80 p. il.

499. SAVARY, Flavia. **A arca do tesouro**. Ilus. Jonas Ribeiro. São Paulo : Salesiana, 2005. 23 p. il. color.

500. SAVARY, Flavia. **Memória de baleia**. Ilus. Marco Aragão. São Paulo : Salesiana, 2005. 24 p. il. color.

501. SAVARY, Flavia. **Oitavo aniversário, primeiro amor**. Ilus. Rogério Soud. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 32 p. il. color.

502. SCLIAR, Moacyr. **Gota d'água**. Ilus. Nelson Cruz. São Paulo : Global, 2005. 22 p. il. color. (Magias)

Belo conto do escritor gaúcho Moacyr Scliar. É a história de uma gota d'água que, ao ser iluminada por um raio de sol, deixa deslumbrado um menino triste. É também a história de uma gotinha com personalidade, que quer ser importante e fazer a diferença neste mundo. Ela sai em busca de seu desejo, percorre um longo caminho e - é claro - seu percurso a traz de volta ao garoto. Obviamente que o enredo tem a ver com o ciclo da água, mas é contado de tal forma que o leitor até se esquece da lição de ciências. Ou melhor, jamais irá esquecê-la. (A.T.)

503. SCLIAR, Moacyr. **Respirando a liberdade**. Ilus. Cris Eich. São Paulo : Larousse, 2005. 103 p. il. (tempo de descoberta)

504. SECCO, Patricia Engel. **A lagoa encantada**. Ilus. Edu A. Engel. 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, 2005. n. p. il. color.

Há muitos anos, em um país distante vivia um rei vaidoso e egoísta. Um dia, ele notou alguns fios brancos no seu cabelo e algumas rugas no rosto. Sentiu raiva ao perceber que estava envelhecendo e decidiu que a partir daquela data nenhuma pessoa idosa poderia viver no seu reino. Todos os anciãos foram exilados. Em pouco tempo só havia jovens e crianças vivendo no país. Este começou a não progredir, pois junto com os velhos, a experiência também havia sido banida da região. Um dia, apareceu no reino uma velha maltrapilha, que era na verdade uma feiticeira disfarçada. Ao ser maltratada pelo rei, ela transformou em pedra todas as mulheres do reino, dizendo que elas só voltariam à forma humana quando alguém conseguisse tirar das águas do lago uma bela taça de ouro. Mas apesar da tarefa parecer simples, nenhum jovem conseguiu cumpri-la. O objeto podia ser enxergado facilmente no fundo do lago, mas quando as pessoas mergulhavam, ele misteriosamente desaparecia. Um dia, um moço chamado João foi visitar seu velho pai, que estava exilado nas montanhas ao norte do reino. O ancião, que era muito sábio e conhecia muito bem seu país, deu o seguinte conselho ao filho: ao invés de mergulhar no lago, ele deveria subir na árvore mais alta que ficava próxima à margem, pois a taça estava escondida

entre os galhos. Apenas sua imagem é que se refletia nas águas. João conseguiu pegar o objeto valioso e se dirigiu ao castelo. Mas, o rapaz que era sincero, disse a verdade: quem havia desvendado o mistério tinha sido seu velho pai e que ele sim, deveria ser recompensado. Neste momento, apareceu novamente a feiticeira, que enfrentou o rei afirmando: "Foi graças à sabedoria de um homem mais velho que o reino foi salvo. Vossa Majestade não acha que os mais velhos merecem respeito?" Então, o soberano reconheceu seus erros e a partir daquele dia todos os idosos puderam voltar do exílio. Desde então, eles passaram a ser respeitados e ouvidos com atenção. As ilustrações são muito bonitas e delicadas remetendo às imagens chinesas. Os personagens e a paisagem são semelhantes às pinturas orientais. O enredo é bem construído, mas o leitor que já conhece algumas lendas do Japão ou da China, fica com a sensação que já leu este conto em algum lugar. Ficamos na dúvida até que ponto é uma obra autoral ou uma recriação feita pela autora de uma lenda muito antiga. Não há explicações na apresentação do livro quanto a este aspecto. Obra interessante para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

505. SEGAL, Lore. **Toupeirinha e seus porquês**. Tradução Eduardo Brandão. Ilus. Sérgio Ruzier. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2004. n. p. il. color.

O livro apresenta quatro histórias curtas protagonizadas por Toupeirinha e sua vovó Toupeira, que moram em um buraco do chão na floresta. Em "Toupeirinha perde os óculos", Toupeirinha deixa seus óculos cada hora em um lugar, apesar de ser avisado pela vovó que precisa colocá-los sempre na mesinha de cabeceira ao lado de sua cama. Como as toupeiras não enxergam quase nada, Toupeirinha vive tropeçando à procura dos óculos. Em "Puxe o zíper, Toupeirinha!", Toupeirinha desobedece sua avó e sai desagasalhado para brincar na neve. Apesar disto, é a vovó Toupeira quem fica resfriada e é o neto quem cuida dela com amor. "Por que Toupeirinha gritava" revela o motivo pelo qual Toupeirinha vive aos berros. Sua avó lhe pede: "Pelo amor de Deus, pare de gritar!", mas ele continua até descobrir que não precisa fazer isto para ganhar mais atenção. "Toupeirinha e seus porquês" mostra como as perguntas sem fim que Toupeirinha faz à vovó transformam-se em uma grande brincadeira: Vá pegar o guardanapo, a vovó lhe pede. Por quê?, pergunta ele. É que vamos jantar formiga com língua de sapo. Estas divertidas narrativas e seus simpáticos personagens mostram a importância do afeto, apesar das dificuldades do dia-a-dia. As ilustrações engraçadas e coloridas complementam as histórias apresentando seus personagens e as situações mais importantes para o leitor que se inicia na leitura. Boa opção para os pequenos. (S.O.)

506. SELEGUINI, Leila. **O sistema ecológico faz eco, lógico!** Ilus. Paula Watson. 2..ed. Americana, SP : Adonis, 2005. 15 p. il. color. (Passando a bola)

507. SEUSS, Dr. **Ah, tudo que você pode pensar!** Tradução Monica Rodrigues da Costa, Lavínia Fávero e Gisela Moreau. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 47 p. il. color. Acompanha texto original em inglês.

"Você pode/ pensar em/ alguns pássaros./ Pode sim, falando sério./ Pode pensar sobre o azul/ ou pensar sobre o amarelo..." (...) "Ah, TUDO/ que você pode imaginar/ apenas se tentar!/ Se tentar, você pode imaginar/ um GUFINHO se aproximar./ Você pode pensar o tempo todo./ Pode imaginar o ZOPO./ Zopo. Zopo. Lindo zopo./ Lindo zopo/ com uma cereja no topo." Neste tom bem-humorado, os versos e as ilustrações deste livro instauram uma atmosfera de non- sense, que surpreende o leitor e o convidando a brincar com a linguagem e seus significados. Lugares inesperados, cheios de personagens malucos como Gufinhos, Truvas, Zopos, Gablugos, Zongas, Renga-Ringuente-Rangedores, Curvolês, entre outros, fazem da leitura deste livro um jogo com a capacidade de imaginação de cada leitor. Dr. Seuss é o pseudônimo de Theodor Seuss Geisel, poeta americano consagrado por sua obra dedicada às crianças. (S.O.)

508. SILVEIRA, Maria José. **Floriana e Zé Anibal no Rio do "Bota-abaixo" na época da República.** Ilus. Angelo Abu. Belo Horizonte : Formato, 2005. 54 p. il. color. (Meninos e meninas do Brasil)

"Floriana e Zé Anibal no Rio do Bota-Abaixo na Época da República", de Maria José Silveira, é uma criação literária baseada em fontes históricas. A autenticidade das fontes é completada por um trabalho de pesquisa iconográfica realizado pelo ilustrador mineiro Angelo Abu, que insere na obra fotografias de época tiradas por Marc Ferrez, Augusto Malta e J. Gutierrez e telas de Félix Taunay, Emil Bauch, Rugendas e Friedrich Hagedorn. O resultado é uma obra interessante e instigante. O cenário da história é a cidade do Rio de Janeiro no começo do século 20, momento em que o crescimento da cidade exige a abertura de ruas e grandes avenidas, como a avenida Rio Branco. Só que o progresso é feito às custas da destruição dos cortiços, nos quais os negros recém-alforriados vivem. A menina Floriana é filha de um jornalista, portanto vive numa família em que o estudo é valorizado. Sua mãe emprega a negra Safira para lavar as roupas da casa. Estabelecida esta relação de trabalho, a família de Floriana se envolve com os estudos do menino Zé Anibal, filho de Safira. Narrada com competência pela antropóloga Maria José Silveira, a história transita pelo mundo dos abolicionistas e dos descendentes de escravos. O texto mescla momentos poéticos com descritivos, em que o leitor é informado sobre o que seja a roda dos expostos, o cortiço, a capoeira, a abolição da escravatura e suas conseqüências sociais e o valor de se saber ler e escrever como forma de ascensão social. Indicado para as disciplinas de português, história e geografia de 3ª e 4ª séries (ou 4º e 5º anos) do ensino fundamental. (ALOB)

509. SILVESTRE, Ricardo. **Mmmmonstros!** Ilus. Carlos Brito. São Paulo : Salamandra, 2005. 40 p. il. color.

510. SISTO, Celso. **Eles que não se amavam.** Ilus. André Neves. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005. 32 p. il. color.

511. SISTO, Celso. **Emburrado.** Ilus. Suppa. São Paulo : Paulus, 2005. n. p. il. color.

512. SNICKET, Lemony. **O escorregador de gelo.** Tradução Ricardo Gouveia. Ilus. Brett Helquist. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 275 p. il. (Desventuras em série, 10)

Que motivos terá um leitor para dedicar tempo a conhecer as desventuras de três crianças órfãs, sempre em situações de risco? Não será por estar desavisado do conteúdo infeliz da obra, pois o narrador alerta, logo no início, que a narrativa é "aflictiva e enervante", desaconselhando a leitura do livro. E é esta a "isca" que pesca o leitor, segurando-o durante todos os títulos desta série, cujo livro em questão é o décimo volume. Em "O escorregador de gelo" os irmãos Baudelaire, Violet, Klaus e Sunny vêm-se separados. Numa cadeia de montanhas, as "Montanhas de Mão-Morta", os adolescentes Violet e Klaus despencam em um trailer, enquanto Sunny, o bebê, vai em sentido contrário, na companhia de um grupo nada amistoso: o conde Olaf, Esmé Squalor, sua namorada, um homem com ganchos no lugar das mãos, duas mulheres e três novos capangas. A trama gira em torno de uma organização secreta, a C.S. C, em cuja base de operações Olaf acreditava haver arquivos que o incriminavam. Por isso, seu interesse em destruí-la, junto com a vontade de apossar-se da fortuna dos irmãos Baudelaire, cujos pais haviam pertencido a essa organização e desaparecido desde um incêndio em sua casa. Muitas perguntas são feitas nessa história enquanto os mais velhos Baudelaire tentam subir a montanha, pois já estavam em busca dos segredos que envolviam a morte de seus pais: o que queria dizer C.S.C.? Por que era uma atividade secreta dos pais? Por que havia passagens secretas nas casas dos participantes? Ao mesmo tempo, a pequena Sunny fica numa situação de serviçal do grupo e com a sua linguagem

de "tatibitate", irrita os adultos, faz-se de desentendida, disfarça suas idéias e, com isso, tem uma atuação em que demonstra não ser mais um bebê, participando de forma ativa nos enfrentamentos das dificuldades surgidas. O narrador é onisciente e alerta o leitor que, se ele já acompanhou a história dos três órfãos, sabe que a base de operações da C.S.C. foi destruída, o que é desconhecido pelas crianças já que elas "não estavam lendo sua própria história" (o que reforça o caráter ficcional do relato). Assim, ao chegarem ao local da organização, deparam-se com uma área incendiada, as ruínas de uma biblioteca e com uma queda d'água congelada, semelhante a um escorregador de gelo, que será o elo entre os participantes da história que se encontram em diferentes patamares da montanha. Nesse volume os Baudelaire encontram Quigley Quagmire, também sobrevivente de um incêndio que matou seus pais. O maldoso conde Olaf e sua trupe têm o desprazer de se deparar com o Homem com barba mas sem cabelo e a Mulher com cabelo mas sem barba. A complexidade do enredo aparece em uma narrativa ágil, fluida, de humor sutil, irônico e objetivo na expressão de valores éticos colocados de forma integrada com as escolhas de elaboração do texto. A referência às obras literárias de Leon Tolstói, "Ana Karenina" e "O Jardim de Proserpina" de Algernon Charles Swinburne integra-se ao desenvolvimento do enredo. Como nos outros volumes, o narrador anuncia que as desventuras vão continuar, numa carta ensopada que aparece incompleta, dirigida ao editor. A leitura do décimo volume é compreensível sem a dos volumes anteriores mas, provavelmente, despertará a vontade de conhecer as outras desventuras e divertir-se com o estilo do autor, cuja identidade também fica em suspenso pela leitura na orelha posterior do livro (Lemony Snicket também é personagem). (S.M.F.B.)

513. SNICKET, Lemony. **A gruta Gorgônea**. Tradução Ricardo Gouveia. Ilus. Brett Helquist. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 287 p. il. (Desventuras em série, 11)

A carta ensopada que anuncia o undécimo livro das desventuras dos irmãos Baudelaire já aponta o ambiente subaquático em que eles vão viver fortes emoções, desde seu encontro com o submarino Queequeg, até sua ida à Praia de Sal, local aonde, muito tempo atrás, receberam a notícia do incêndio que fez desaparecer seus pais. A bordo do submarino, Violet, Klaus e Sunny conhecem o capitão Andarré e sua enteada Fiona e reencontram Phil, antigo conhecido da Serraria Alto-Astral (volume 4). Juntos, eles irão à gruta Gorgônea, em busca de um açucareiro, cuja posse estava sendo disputada por membros da organização secreta C.S.C e pelo grupo de vilões comandados pelo conde Olaf. Nessa empreitada um inimigo poderoso ameaça os irmãos Baudelaire e Fiona - o Mycelium Medusóide, um tipo de fungo existente na caverna, cujo veneno provocava morte rápida. Os conhecimentos de micetologista de Fiona ajudam na primeira parte da expedição à caverna, mas são insuficientes para livrar a pequena Sunny da ação do perigoso fungo. A aflição gerada pelo risco de morte da irmã, o encontro com Olaf no fundo do mar e o medo das suas ameaças de tortura, os sustos com as mudanças de posicionamentos de Fiona (ora ao lado dos meninos, ora ao lado de Olaf) criam o clima de suspense sustentado nos vários volumes da coleção, sempre apresentada como leitura maçante para o público. Tão maçante que o narrador sugere que o leitor ganhará mais em ler sobre o aborrecido tema do ciclo das águas, com os fenômenos de evaporação, condensação e precipitação, do que ler a obra em questão. Esse, aliás, é um recurso repetitivo usado para interessar o leitor nessas desventurosas peripécias dos três órfãos. Neste undécimo volume há menção a episódios narrados em outros volumes, o que é feito com bastante propriedade; isto, contudo, não anula o fato de haver um excesso de referências, dada a extensão das desventuras dos Baudelaire. É neste volume, aliás, que, pela primeira vez, é rompido esse ciclo na vida das crianças, mudando sua sorte ao encontrarem Kit Snicket. Os códigos para marcação do encontro foram assinalados em trechos de dois livros de poemas: "A morsa e o carpinteiro e outros poemas", de Lewis Carroll e "A terra desolada" de T.S. Eliot. As características de fino humor e ironia do autor permanecem nesta

narrativa, aguçando a curiosidade do leitor para a leitura do décimo segundo volume, anunciado por fragmentos de cartas rasgadas dirigidas ao editor da obra. (S.M.F.B.)

514. SOARES, Ricardo. **O Brasil é feito por nós?**. Ilus. Tânia Ricci. 18a.ed. São Paulo : Atual, 2005. 48 p. il. color. (Mindinho e seu vizinho)

515. SORDI, Rose. **Mariana do contra**. Ilus. Fido Nesti. São Paulo : FTD, 2005. n. p. il. color.

516. SOUSA, Paula Cristina Brolezi de. **Uma aquarela de paz**. Ilus. da autora. Juiz de Fora : Franco, 2005. 16 p. il. color. (Arco-íris, 18)

517. SOUZA, Flávio de. **Chapeuzinho Adormecida no País das Maravilhas**. Ilus. Ana Raquel. São Paulo : FTD, 2005. 71 p. il. color. (Isto e Aquilo)

518. SOUZA, Gláucia. **O menino de sons**. Ilus. Daniel Rodrigues. Juiz de Fora : Franco, 2005. 28 p. il. color. (Miralua, 5)

519. SPACCA. **Santô e os pais da aviação: a jornada de Santos Dumont e outros homens que queriam voar**. Ilus. Spacca. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. n. p. il. color. História em quadrinhos.



Esta publicação, realizada na forma de história em quadrinhos, é a mais especial dedicada ao mercado editorial de livros infanto-juvenis, a tratar dos 100 anos da aviação. Ela consegue reunir em uma só obra a competência e excentricidade do inventor Santos Dumont junto ao percurso de sua pesquisa dentro do contexto de época. Afinal, foi no início do século XX que vários inventores se concentraram em resolver o mistério e o desafio de encontrar um meio de transporte que fizesse o homem voar e percorrer em segurança grandes distâncias em um tempo menor do que nos meios de transporte de então. Paralelamente ao andamento destes fatos históricos, que revelam o quanto o universo da Ciência é desafiante e por vezes lúdico e imprevisível, conhecemos a ousadia de "Santô", apelido carinhoso que a sociedade francesa deu à Santos Dumont, que além de obstinado tornou-se rapidamente uma celebridade parisiense graças ao traço do caricaturista Sem, que vire-e-mexe registrava os feitos do inventor com muito humor e originalidade. Para completar esta deliciosa aventura, a obra ainda brinda o leitor com um ótimo quadro cronológico dos fatos da vida do biografado e do percurso de sua pesquisa e descobertas. Uma obra de leitura imperdível para gente de todas as idades e especialmente para leitores com domínio de leitura. (ALOB)

520. SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. Tradução Antonio de Macedo Soares. Ilus. Art Spiegelman. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 295 p. il. História em quadrinhos.



Esta é uma narrativa comovente e de caráter histórico. Ela conta, sob o ponto de vista do autor e quadrinista Artie Spiegelman, todo o processo de vida de seu pai polonês, que conseguiu sobreviver aos campos de concentração de Auschwitz e Dachau. Este triste e verdadeiro depoimento é dado pelo pai ao filho, no decorrer de um ano. Os encontros entre os dois são cheios de conflitos. O filho só consegue compreender o comportamento do pai racionalmente, mas emocionalmente essa convivência lhe era nefasta. Percebe-se que eles se respeitam e se amam muito, mas que as marcas deixadas pelo

tempo da guerra, fizeram de seu pai um homem ansioso, nervoso e cheio de manias. Este texto, escrito e realizado na forma de histórias em quadrinhos, consegue ser ao mesmo tempo, ágil e profundo, em sentimentos e experiências relatadas. Fica claro para o leitor que as condições humilhantes e as situações-limite vividas pelos judeus nos campos de concentração foram muito marcantes em suas vidas, mas não os impediu em meio a tanto sofrimento vivenciarem momentos de solidariedade e amizade, concretizados em pequenos e importantes gestos. Merece registro apontar que os alemães são representados como cães e os judeus como ratos. E a suástica, símbolo máximo do nazismo alemão, vêm acompanhado de uma caricatura de Hitler como rato. No decorrer da leitura, o leitor é mantido em suspense quanto à esta escolha, até que no princípio da Segunda parte da história ele insere uma citação feita em um jornal alemão de 1930 que diz ser o rato o animal mais pestilento e o maior portador de bactérias do reino animal, o compara então aos judeus e termina dizendo: "Abaixo o Mickey Mouse! Usem a suástica". Este texto contundente e verdadeiro trabalha as contradições, conflitos e fantasmas que passeiam pelas mentes dos judeus marcados pela guerra e registra ao público em geral, o quanto estas marcas foram passadas para as gerações seguintes que tiveram convivência afetiva com eles. Imperdível leitura para adolescentes e adultos. Vale apontar o quanto este texto é literário, em detrimento dele se dar na forma de quadrinhos, o que é bem raro de ser encontrado na produção editorial como um todo. Este livro foi ganhador do Prêmio Pulitzer, um dos mais importantes da literatura norte-americana e a nosso ver, de forma merecida. (ALOB)

521. STANNARD, Russel. **O tempo e o espaço de Tio Albert**. Tradução Ricardo Gouveia. Ilus. Laerte. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 158 p. il.

522. STEVENSON, Robert Louis. **A ilha do tesouro**. Adaptação Renato Modernell. Ilus. Jótah. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 2005. 72 p. il. color. (Primeiros clássicos)

523. STEWART, Paul. **Fora da trilha: crônicas da Fímbria**. Tradução Ricardo Gouveia. Ilus. Chris Riddel. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 253 p. il.

A Fímbria é um lugar fantástico - a "terra dos confins" - onde vive o personagem Twig, um menino de estranha aparência. Abandonado ao nascer, ele é criado por um casal de arboritrolls e experimenta a difícil sensação de sentir-se diferente de todos os outros habitantes que vivem ali. Depois que saber sua verdadeira origem, Twig sente que precisa descobrir quem ele realmente é e, para isto, deixa a caverna onde vivia com os arboritrolls e aventura-se por caminhos desconhecidos. Twig caminha "fora da trilha" e, assim, inicia uma longa jornada de desafios e de aventuras mal sucedidas, nas quais sempre é perseguido e maltratado por outros seres. Suas dificuldades chegam ao fim quando ele encontra os piratas do céu e passa a navegar com eles pelos ares, até descobrir as circunstâncias em que foi deixado na floresta dos arboritrolls por seu verdadeiro pai: Quintinius Verginix, o capitão do navio. Esta narrativa de ação delirante, repleta de episódios e de uma infinidade de personagens fantásticos retoma alguns pressupostos dos contos de tradição oral: a idéia da busca da identidade e da construção de um caminho próprio para a conquista da autonomia e da maturidade por meio do enfrentamento de desafios. As bonitas ilustrações feitas em bico de pena recriam cenas e exploram as emoções vividas pelos personagens enriquecendo a leitura. Boa opção para leitores fluentes. (S.O.)

524. STRACHAN, Linda. **Qual é a cor do amor?**. Tradução Gilda de Aquino. Ilus. David Wojtowycz. São Paulo : Brinque-Book, 2005. n. p. il. color.

525. STRAUSZ, Rosa Amanda. **Fábrica de monstros**. Ilus. Michele Iacocca. São Paulo : Global, 2005. n. p. il. color.

Como acontece com muitas crianças ao irem dormir à noite, o menino Pedro via monstros em todas as sombras de seu quarto. Enxergava de tudo: um "corcunda, de olho vermelho e longas pernas de aranha", um fantasma enorme, um monstro esquisito e até uma onça pintada e um touro. Mas, ao acender a luz de seu abajur, percebe que sua "fábrica de monstros" é, na verdade, feita com os objetos cotidianos de seu quarto de dormir. Com ilustrações coloridas de página inteira que mostram a transformação dos objetos do quarto do garoto com a luz apagada e com a luz acesa, esta pode ser uma história interessante para crianças pequenas que vivem a fase de medo do escuro. (S.O.)

526. STRAUSZ, Rosa Amanda. **O livro do pode-não-pode.** Ilus. Eduardo Albini. São Paulo : FTD, 2005. 31 p. il. color. (Tião Parada cidadão na estrada)

527. STRAUSZ, Rosa Amanda. **Quanta casa!** Ilus. Eduardo Albini. São Paulo : FTD, 2005. n. p. il. color. (Tião Parada cidadão na estrada)

528. SUZUKI, Ana Franca. **Quando papai foi pra guerra.** Ilus. Denise Nascimewnto. São Paulo : Atual, 2005. 63 p. ul. (Entre Linhas. Sociedade)

529. SUZUKI, Koji. **Ring: o chamado.** Quadrinhos Misao Inagaki. Roteiro Hiroshi Takahashi. Tradução Drik Sada. São Paulo : Conrad, 2005. 2v p. il. História em quadrinhos.

530. SYPRIANO, Lilian. **O guloso.** Ilus. Cláudio Martins. Belo Horizonte : Compor, 2005. n. p. il. color.

Diversão garantida para os pequenos neste livro de imagens em que um ratinho guloso não consegue fazer passar pela porta de sua toca um enorme pedaço de queijo. A solução que o protagonista encontra para o problema é previsível, mas provoca boas risadas graças aos encantadores desenhos de Cláudio Martins. Enredo simples, ilustrações que mantêm o encadeamento da história, enfim, uma boa opção dentro desta categoria de livros para crianças que é tão pouco explorada. (A.T.)

531. SYPRIANO, Lilian. **Ração não.** Ilus. Cláudio Martins. Belo Horizonte : Compor, 2005. n. p. il. color.

532. SYPRIANO, Lilian. **Sol ou chuva.** Ilus. Cláudio Martins. Belo Horizonte : Compor, 2005. n. p. il. color.

Livro de imagem que apresenta uma simpática família de ratinhos que se prepara para passear, depois de olhar pela porta do lugar em que vivem e se deparar com um belo dia de sol. Prontos para sair, percebem que o tempo mudou e uma forte chuva cai lá fora. A alternância entre sol e chuva repete-se algumas vezes até o momento em que todos resolvem ir até a porta para descobrir o estranho "fenômeno" meteorológico: na verdade, trata-se do jardineiro que, ao molhar com o regador o jardim para o qual dá a pequena porta da toca dos ratinhos, cria a impressão de que uma "chuva" vai e volta, dependendo dos movimentos feitos por ele. A seqüência desta divertida narrativa feita com imagens e cores poderá ser acompanhada por crianças que ainda não aprenderam a ler e por aquelas que se iniciam na leitura. (S.O.)

533. TAPAJÓS, Paulinho. **A lenda da Vitória-régia.** Ilus. Thaís Linhares. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005. 32 p. il. color.

Este livro apresenta de maneira sensível, a lenda da vitória-régia em forma de poesia. As rimas e o ritmo são criados de maneira harmônica: "Certa vez ela pescava/ Acarás e lambaris/ Tão bela que encantava/ Sabiás e colibris". A lenda é sobre o amor impossível da índia Taionê pelo índio Ipurinã. Os dois pertenciam à duas tribos inimigas. Tendo que enfrentar inúmeros obstáculos e cansada de ter que amar escondido, Taionê mergulha em um misterioso riacho. A jovem se transforma na linda flor da vitória-régia. Na lenda, a índia desapareceu no fundo das águas em uma madrugada. Por isso é que a flor da vitória-régia só abre suas pétalas à noite. Segundo o mito, Ipurinã sempre aparece no lago para chorar a perda da amada. Suas lágrimas é que fazem brotar as flores sobre as grandes folhas. Sob o ponto de vista literário os versos criam um jogo interessante com a sonoridade de muitas palavras indígenas: "Até que Taionê / Certa note caminhava/ Com o guerreiro Ipurinã / Às margens de um lago estranho/ Que chamava saracá". No final do livro há um glossário apresentando o significado das palavras tupis que aparecem nos versos. As ilustrações de Thaís Linhares, apesar de serem coloridas e realizadas em aquarela são meio pesadas e os traços das figuras humanas não primam pela harmonia. Alguns grafismos indígenas, apesar de serem muito bonitos não são bem incorporados à ilustrações resultando em um excesso de imagens sobrepostas. Apesar disso, é uma leitura interessante, pelos elementos literários apresentados acima. Obra para crianças com domínio de leitura. (A.C.)

534. TAPAJÓS, Paulinho. **A lenda do Uirapuru**. Ilus. Thaís Linhares. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005. 31 p. il. color.

Este livro conta em forma de poesia, a lenda do uirapuru adaptada pelo compositor e músico Paulinho Tapajós. A índia Unauá, ao ser perseguida por guerreiros inimigos, pede proteção ao deus Anhum, o senhor da música. Este oferecera à jovem uma bela voz e com seu dom Unauá cantava as mais suaves canções. O final, muito delicado e triste mostra o surgimento do pássaro uirapuru, famoso por seu belo canto. A beleza desta poesia está nas rimas realizadas com o vocabulário indígena, explorando a sonoridade e o jogo da linguagem: "um dia a bela Unauá/ No monte Uassari/ Colhia o seu butiá/ Como se fosse um bem-te-vi". No final há um glossário com as palavras indígenas apresentadas no decorrer do poema. As ilustrações em aquarela mostram um resultado desigual: em algumas páginas há um belo trabalho com os grafismos indígenas, mas os retratos das figuras humanas não possuem a mesma qualidade. A leveza dos versos merecia um projeto gráfico também mais primoroso e um papel de melhor qualidade. Apesar destes aspectos negativos, esta obra poética merece ser lida por crianças com domínio de leitura devido ao texto bem articulado e ao primor da linguagem.(A.C.)

535. TATIT, Paulo; DERDYK, Edith. **Ora bolas**. Ilus. Andrés Sandoval. São Paulo : Cosac Naify, 2005. 48 p. il. color. Acompanha CD de música.



Este CD contém três músicas, duas melodias para brincar de karaokê e uma faixa chamada Toque musical em que os criadores relatam sobre os instrumentos e arranjos das músicas. O livro gira em torno de duas músicas de ritmo marcado: Siricutico e Ora Bolas. Siricutico é uma divertida brincadeira com as palavras, típica das poesias infantis; Ora bolas é um exemplo da tradição da embolada, uma variação do repente nordestino, em que uma pergunta engata em nova pergunta até retornar ao início: a bola. O livro apresenta as letras de música na forma de texto com ilustrações lúdicas de Edith Derdyk. A proposta e a realização são excelentes, mas fica a ressalva de que poderia conter mais músicas no CD. Ótima opção musical para crianças não alfabetizadas e em fase de alfabetização. (ALOB)

536. TAVANO, Silvana. **Creuza em crise: quatro histórias de uma bruxa atrapalhada**. Ilus. Graça Lima. São Paulo : Cia. das Letrinhas, 2005. 94 p. il. color.

A bruxa Creuza, protagonista destas quatro histórias, é uma personagem envolvente porque enfrenta suas dificuldades sem se deixar abater pelo medo, vergonha ou tédio. Creuza tem a tendência de exagerar seus problemas, é preocupada e muito ansiosa, o que a torna bastante engraçada. Na primeira história, Creuza quer ir ao casamento da prima na Espanha, mas tem medo de andar de avião. Mesmo assim ela vai, e, por precaução, leva sua vassoura disfarçada de cabide. No final, acaba adorando o método moderno de voar. Na segunda história, a melhor amiga de Creuza a convida para um fim de semana na praia. Acontece que a bruxa não queria vestir maiô porque achava seu corpo parecido com o de uma cegonha: pernas finas e corpo "cheinho". Com criatividade e bastante disposição, Creuza dá um jeito e consegue conhecer e curtir o mar sem ter que colocar a roupa que a deixaria constrangida. Em "Dias de cão", o primo Eric veio visitar Creuza, mas não avisou que traria seu dobermann junto. Além de não ser muito chegada a cachorros, Creuza temia por sua gata Araci. Quando os dois animais se encontram, a bruxa percebe que se preocupou à toa. Na última história Creuza está entediada e começa a procurar alguma coisa para pôr fim àquela mesmice de vida de bruxa. É claro que uma bruxinha tão esperta encontrou algo bem depressa. É interessante notar como a autora consegue caracterizar a personagem através do próprio enredo e da linguagem, sem quase nenhuma descrição. A repetição, os bordões e os elementos gráficos dão a idéia exata do medo, da aflição e da ansiedade da bruxa. As ilustrações contribuem para essa caracterização da personagem e reforçam o caráter bem humorado do texto. Obra recomendada para crianças com domínio de leitura. (A. T.)

537. TAVANO, Silvana. **O mistério da gaveta**. Ilus. Fabiana Salomão. São Paulo : Saraiva, 2005. 51 p. il. color. (Jabuti)

Narrada em primeira pessoa pela própria personagem, esta história é interessante porque fala sobre o processo de criação. Vó Delma é um desenho feito por um escritor que, depois de algumas tentativas para criar uma história, acabou desistindo e engavetando os esboços. Vó Delma já tinha seus traços definidos, sua personalidade delineada: era uma velhinha muito ativa, alegre, que gostava de fazer tricô rodeada de novelas coloridas e sentada em sua cadeira de balanço. Feito isso, o autor "empacou". Não conseguindo sair deste ponto, resolveu viajar. Sozinha, entediada e infeliz dentro daquela gaveta, a personagem começa a fazer tricô e enquanto trabalha vai imaginando diversas histórias que poderia protagonizar. Decidiu fazer uma echarpe e, conforme escolhe as cores, surge uma grande idéia em sua cabeça. O tema, que envolve personagens fazendo sua própria história, não é novo, mas aqui é tratado com competência. A vontade que Delma sente de ganhar o mundo, sair da gaveta, o medo de se tornar personagem secundária, "uma ilustraçãozinha de canto de página", ou pior, criar bolor e ser jogada na lata do lixo, espelham as angústias de qualquer autor. Por outro lado, a consciência de Delma sobre suas próprias limitações faz com que ela devolva ao escritor a responsabilidade da elaboração do texto. Infelizmente, as ilustrações desta obra são de canto de página, estão longe de explorar as possibilidades que o enredo oferece. Apesar disso, é uma boa opção de leitura. (A. T.)

538. TAVARES, Ulisses. **Quem é ela?**. Ilus. Elma. São Paulo : Noovha América, 2005. n. p. il. color.

539. TEZUKA, Osamu. **Buda**, 1 a 10. Tradução Drik Sada. Ilus. do autor. São Paulo : Conrad, 2005. il. História em quadrinhos. 10 v.

Conteúdo: 1. **No reino Kapilavatsu** – 2. **O nascimento de Sidartha** – 3. **A outra margem do rio** – 4. **Em busca da iluminação** – 5. **O início da jornada** – 6. **Na floresta de Uruvella** – 7. **Um**

**caminho solitário – 8. O dia do despertar – 9. Os primeiros ensinamentos – 10. Os novos discípulos.**

O mestre dos quadrinhos criou a mais extensa biografia de extrema qualidade visual sobre o menino indiano de baixa casta, que graças a uma iluminação espiritual passa a ser chamado de Sidarta, o novo Buda. Como Buda ele realiza inúmeros milagres, tornando-se um exemplo de vida impoluta que vive em prol de uma sociedade mais humana e solidária. Vai ser neste momento que discípulos surgem para seguir seus passos e dar forma a uma nova religião: o budismo. Esta enorme história em quadrinhos foi realizada na forma de mangá, sendo fiel no relatar e registrar os diversos episódios da vida deste grande líder espiritual. Ótima leitura para adolescentes em busca de levantar questões existenciais e de crença pessoal. Boa opção de leitura para as aulas de História que focalizem a sociedade indiana. (ALOB)

540. THAMOS, Marcio. **O umbigo do rei.** Ilus. Ricardo Girotto. São Paulo : Escrituras, 2005. n p. il. color. (Escritinhas)

541. THOMAZ, Samir. **Garoto em parafuso.** Ilus. Lúcia Brandão. São Paulo : Scipione, 2005. 127 p. (Diálogo)

542. THOMPSON, Colin. **Castelos.** Tradução Jerone Vonk. Ilus. Colin Thompson. São Paulo : Brinque-Book, 2005. n. p. il. color.



As obras de Colin Thompson têm a capacidade de nos transportar a mundos incríveis, saídos de sonhos malucos, surreais. Foi assim com os títulos publicados anteriormente pela mesma editora: "Como viver para sempre", "Uma torre para o céu" e "O violinista". Em "Castelos" as imagens surpreendem e propiciam uma viagem fantástica a cada página, a cada nova leitura, a cada novo detalhe descoberto. Há uma enorme quantidade de histórias que podem surgir a partir destes castelos de ar, de fogo, de purê de batata ou da cidade de Atlântida. O grande forte destas ilustrações são as cores e os detalhes. Há nelas também muito humor, ora sutil, ora mais carregado de ironia. O texto, embora cause menos impacto do que as imagens, também é bem humorado, acompanhando o clima onírico geral da obra. Imperdível para todas as idades. (A.T.)

543. TIELOY. **Tieloy conta uma história** [coleção]. Ilus. Andréia Hecksher. Rio de Janeiro : Federação Espírita Brasileira, 2005. il. color. 4 v.

Conteúdo: 1. **O tatu cavaleiro** - 2. **Bem me quer, bem me quer** - 3. **O papagaio que falava latim** - 4. **O rei cansado**

544. TOLEDO, Vera Vilhena de. **Tropeiros: viajantes e aventureiros.** Ilus. Meire de Oliveira. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 111 p. il. color. (Aventuras da história)

O texto narra a viagem inaugural de Bento, filho de Sebastião, com a tropa de seu pai, que saía de São Paulo e se dirigia ao Rio de Janeiro, como tantas outras. O ano é 1814. Na sucessão de paradas, o jovem vai percebendo que o percurso dos tropeiros parecia um rosário, "cujas contas marcavam o descanso, o fim e o início de jornadas sempre iguais, cheias de fadiga e trabalho à espera dos pousos, onde o espírito podia voar livre". Nesses momentos, de homens reunidos, podia-se comer o feijão, a carne-seca e a farinha, a jacuba (mistura de água, farinha de mandioca e rapadura), tirar bichos-de-pé, descansar, ouvir histórias, lendas e contos de assombração, muitas vezes narrados por homens de outras tropas que se encontravam no cruzamento de caminhos. Certa vez, bateu a solidão no menino e ele procurou o livro e o caderno dados pelo

padrinho. Na viagem, a tropa seguiu o rio Paraíba e Bento conheceu a Capela de Nossa Senhora Aparecida e a história de sua imagem; passou por Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal, onde teve a oportunidade de ver pés de café. A chegada ao Rio mostrou-lhe o burburinho de pessoas. A atenção de seu pai se manifestava nas explicações sobre a história da cidade - "Dom João iluminou as principais ruas do Rio com luminárias de azeite de baleias, acesas à noite e apagadas ao amanhecer" [...] "Quando a família real chegou por aqui..." A influência britânica e francesa ficaram-lhe evidenciadas na existência de grandes firmas e na elegância e luxo da Rua do Ouvidor. A emoção de presenciar os fogos na Festa do Divino impregnou-se, para sempre, dentro dele. A volta para São Paulo foi marcada pela tragédia - a morte de Sebastião, picado por uma cobra. E assim, Bento assume o comando da tropa, apoiado em Chico Guedes. A amizade dos dois estende-se, posteriormente, por novos caminhos e aventuras, como a descoberta de um tesouro, indicado no velho livro que Bento recebera do padrinho. A narrativa segue um ritmo compassado, parecendo retratar a toada de uma tropa. Ela é elaborada pelo neto de Chico Guedes, que reúne as narrativas do avô, o livro e o caderno do menino Bento e sua própria experiência. Esse romance histórico retrata a vida e os costumes dos tropeiros, tão importantes na unificação do território brasileiro. Obra recomendada para leitores experientes, jovens e adultos

545. TOLSTÓI, Liev. **Contos da nova cartilha: primeiro livro de leitura.** Tradução M. Aparecida B. P. Soares. São Paulo : Atelie Editorial, 2005. 191 p.

Finalmente chega ao leitor brasileiro esta rara e bela obra do grande romancista russo Liev Tolstói. Poucas pessoas conhecem seu trabalho pedagógico junto a crianças carentes realizado em sua propriedade rural na Rússia durante o século XIX. O presente volume não é um livro didático no sentido tradicional, pois a obra ao invés de apresentar atividades pedagógicas, mostra fábulas, contos, relatos do cotidiano das crianças e pequenas adivinhas. Em 1859, Tolstói abriu em "Iásnaia Poliana", que era a imensa fazenda da sua família, uma escola para os pequenos camponeses, filhos dos servos. Eles aprendem as matérias tradicionais, mas o método de Tolstói era absolutamente inovador para a época. Seus alunos não levavam lições de casa, tinham liberdade para se sentar onde quisessem, não havia provas nem notas. Em seus diários, o grande escritor anota que "a obrigação da escola não é levar o saber, mas sim levar o gosto pela idéia do saber". Todo o material didático foi criado e escrito pelo próprio Tolstói. O volume chamado "Abecedário" foi publicado em 1872. Tinha setecentas páginas dividido em quatro livros. Nos anos posteriores foram realizadas várias edições, tanto da obra completa ou apenas de algumas partes. Esta tradução em português apresenta quarenta adivinhas retiradas do volume "Nova cartilha" e cinquenta e seis textos do "Primeiro Livro de Leitura", que receberam o título geral "Contos da nova cartilha". Merecem destaque os pequenos contos baseados em fatos reais vividos por seus alunos: a primeira viagem a uma aldeia; a tempestade no bosque; a primeira caçada, a festa da colheita... Desse modo, o jovem leitor brasileiro terá a oportunidade de desfrutar aquela experiência única, que só um grande escritor é capaz de nos proporcionar: uma viagem no tempo, nos transportando de maneira visceral para a vida rural das crianças e adolescentes da Rússia do século XIX. Além destas narrativas baseadas em acontecimentos reais, outra beleza literária são as fábulas de Esopo recontadas por Tolstói: "O leão e o ratinho"; "Os dois burricos" e outras. Há também alguns contos folclóricos russos e de vários países. As adivinhas também são muito interessantes porque mostram determinados elementos da cultura russa, tão diversos da brasileira. Por exemplo: "Não é urso, mas é peludo, não é cavalo, mas é orelhudo" (o gorro de orelhas). Os capítulos apresentam alguns pequenos desenhos feitos pelo próprio escritor. Acompanham algumas fotos magníficas, como a que mostra Tolstói ensinando Botânica às crianças em um campo florido de bétulas. Livro imperdível para os jovens leitores e adultos. A editora poderia lançar os outros livros desta coleção didática do escritor. (A.C.)

546. TORIYAMA, Akira. **Dragonball**, 1 a 7. Tradução Drik Sada. Ilus. do autor. São Paulo : Conrad, 2005. il. color. História em quadrinhos. 7 v.

A saga de Dragonball, que foi inicialmente publicada na forma de fascículos, volta agora ao mercado editorial na forma de livros. A saga como um todo terá 32 volumes e cobrirá dez anos na vida de Goku e Bulma. A história se baseia em sete questões fundamentais: desejar e dar sentido a um desejo, descobrir que o aprendizado de uma luta marcial acompanha o indivíduo na formação do seu caráter - que vai normalmente da adolescência à vida adulta - trabalhar sua força de vontade, conhecer e superar seus limites, desenvolver habilidades, assim como valorizar a noção de respeito à experiência dos mestres, no caso, mestre Kame, Tsuru, Karin, Kami-Sama (Deus) e Picollo Daemon (o Diabo) e ainda; cultivar o valor da amizade e coleguismo de uma forma divertida e lúdica. A trama desta saga, em forma de mangá, trata de um menino órfão de avô, sem pais, chamado Goku que vive como um eremita e tem por volta de catorze anos. O primeiro ser humano que ele conhece é Bulma. Ela é uma adolescente e tem dezesseis anos, vive em uma cidade, tem facilidade de lidar com a tecnologia de ponta, tanto é que cria um radar que identifica os lugares em que se encontram as esferas do dragão, que orienta a busca e a aventura como um todo. Bulma é milionária, porque seu pai é um inventor muito famoso por ter criado as pílulas Hi-poi. Cada pílula jogada no chão transforma-se ou em um meio de transporte (carro, avião, barco) ou em uma residência (cabana, casa, mansão, iglu, etc). Bulma está de férias na escola e se impõe a missão de ir atrás das esferas do dragão. Nesta primeira tentativa, os dois ainda estão muito incipientes no que diz respeito ao universo dos desejos. Assim que conseguem reunir as sete bolas, o dragão as toma de volta e elas só voltarão ao universo dali um ano. E então eles passarão nove anos ainda, em busca de reunir as bolas mágicas. Dentre as muitas aventuras, Goku ganha do Mestre Kame a Kintoún, uma nuvenzinha que o leva para passear por todos os cantos. Os dois começam esta aventura juntos, cheia de estranhamento causado pela primeira convivência de Goku com a sociedade e os valores do mundo contemporâneo, que até então, ele desconhecia completamente. Este estranhamento e visão de mundo tão diversas entre Goku, Bulma e os demais participantes desta grande aventura, proporcionam momentos hilariantes! Esta bem elaborada saga é uma deliciosa e imperdível opção de leitura para pré-adolescentes, adolescentes e gente que ama de todas as idades que amam mangás. (ALOB)

547. TUCCI, William. **A invasão dos erros de português**. Ilus. Renato Moriconi. São Paulo : Scipione, 2005. 48 p. il. color. (Diálogo Jr)

548. TUFANO, Douglas (Org.). **Antologia da poesia portuguesa: de Camões a Pessoa**. 2.ed. São Paulo : Salamandra, 2005. 152 p. (Lendo e relendo poesia)

Esta antologia apresenta os principais poetas portugueses de épocas e estilos distintos. Sob um aspecto, podemos perceber que se trata de um livro para ajudar o jovem a ler as obras que costumam ser mais solicitadas no vestibular. Isso compromete a organização da antologia, pois ao pretender fixar um panorama muito geral da poesia portuguesa, o livro mostra um desequilíbrio na apresentação dos textos. Desse modo, o leitor que está apreciando o romantismo das poesias de Almeida Garret, se depara logo em seguida com as reflexões filosóficas dos versos de Antero de Quental, imediatamente é apresentado aos versos épicos de Camões, ao lirismo intenso das poesias de Florbela Espanca, ao ceticismo e à modernidade de Fernando Pessoa. O resultado seria melhor se a obra fosse organizada em uma série, por eixos temáticos ou até mesmo dividida de um modo mais tradicional, por épocas históricas. Apesar deste deslize, é um livro que merece ser lido por jovens, devido ao valor inegável dos grande autores que ele apresenta. (A.C.)

549. TUTKIAN, Jane. **A cor do azul**. Ilus. Saulo Garroux e David Garroux. 22.ed. São Paulo : Atual, 2005. 104 p. il. (Entre linhas. Cotidiano)

Ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura Juvenil de 1984, esse livro está em sua 22ª edição, incluído em nova série. A narrativa traz a história de uma jovem de treze anos em seu momento de transição da infância para a adolescência. Por isto, o enredo é cheio de inquietudes, perguntas, dúvidas e descobertas. Mas, a boa obra literária não se vincula a um tema específico - ela é múltipla na abordagem do mundo. Por isso, em "A cor do azul" o leitor viverá a expectativa dos moradores de uma pacata ruazinha, assustados com a presença de estranhos e a possibilidade de desapropriação. As crianças também vivem o mistério, que se revela depois como a chegada de um circo. A menina narradora conta seus anseios, as dificuldades de seu cotidiano sem dinheiro, as descobertas do corpo feminino e da concepção de bebês dentro do contexto de ansiedade e curiosidade para conhecer o mundo mágico do circo e de seus artistas, que passa a absorver todos os seus pensamentos e de sua turma de amigos. Ver, finalmente o espetáculo, foi ter conhecido "o outro lado do sol", o que lhe suscitou perguntas - "poderia ser positivo o que na verdade era mentira"? Cheia de devaneios, metáforas, a escrita desse livro rompe com algumas regras de pontuação, gerando impactos interessantes. Trabalhando com intertextualidade, são bem inseridos no texto excerto de "Música ao Longe" de Érico Veríssimo e um poema de Mario Quintana. Opção imperdível! (S.M.F.B.)

550. TWAINE, Mark. **As aventuras de Tom Sawyer**. Tradução e adaptação Ana Maria Machado. Ilus. Ana Raquel. São Paulo : Scipione, 2005. 48 p. il. color. (Reencontro Infantil)

551. TWAINE, Mark. **O príncipe e o pobre**. Trad. e adapt. Luiz Antonio Aguiar. Ilus. Maurício Veneza. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 128 p. il.

Esta é uma ótima adaptação da clássica história de Mark Twain. Na corte de Henrique VIII na Inglaterra, o garoto Eduardo, herdeiro do trono e Tom, menino pobre, se encontram por acaso. Para espanto de ambos, os dois são fisicamente muito parecidos. Eles trocam de roupas e de papéis. Desse modo vivem uma aventura incrível: o mendigo que finge ser príncipe passa a viver no castelo e o nobre, disfarçado de maltrapilho se muda para o mais miserável cortiço de Londres. Este maravilhoso livro de Mark Twain transmite nas entrelinhas uma crítica ao poder, à pobreza e às diferenças sociais. O grande instrumento usado pelo autor é que ele não modifica a personalidade dos seus personagens e isso provoca verossimilhança à situação. Ou seja: Eduardo, o príncipe travestido de pobre fica indignado quando é maltratado, chutado, quando passa fome e não tem onde tomar banho. Por outro lado, o mendigo sente-se confinado, sem a liberdade das ruas vivendo cercado de etiquetas no castelo. A confusão aumenta quando o rei falece e o jovem pobre é nomeado imperador. Após inúmeras peripécias, enquanto Tom, no palácio recebe os súditos em infindáveis audiências, precisa resolver diversas intrigas e questões burocráticas, seu companheiro passa por inúmeras aventuras: foge da polícia, aprende a brigar por comida, é constantemente ridicularizado pois teima em afirmar que ele é o verdadeiro rei da Inglaterra. A questão se esclarece somente na festa da coroação. O grande mérito desta obra se deve ao talento do autor: ele foge do lugar comum, pois não faz o garoto pobre ficar amigo do menino rico - um recurso banal, mas muito usado por autores para jovens quando querem abordar o antagonismo das classes sociais. Ao contrário deste viés sentimentalista, Mark Twain mostra justamente o contrário: o príncipe vivencia na própria pele o que é a vida de pobre. Ele passa fome, luta por comida, é caluniado e tem que fugir da polícia. Já o mendigo, também não tem uma vida esplendorosa só porque está morando no castelo. O menino é obrigado a suportar todo isolamento, responsabilidade e solidão do poder. Livro imperdível para crianças com domínio de leitura, jovens e adultos. (A.C.)

552. URBIM, Carlos. **Lata de tesouros**. Ilus. Guazelli. Porto Alegre : Projeto, 2005. 51 p. il. color.

Esta obra foi inicialmente publicada por esta mesma editora, em 1993, com o título Dona Juana. O autor faz um relato em 1ª pessoa, uma espécie de "memórias inventadas", em que coloca a renomada escritora uruguaia Juana de Ibarbourou como personagem. Para tanto, volta aos anos 20 e ambienta a história em uma chácara na fronteira entre Brasil e Uruguai, onde a família do garoto Carlos trabalhara durante uma temporada. Dona Juana morava no local com o marido e um filho pequeno; escrevia muito, principalmente à noite na mesa da sala, quando o silêncio na casa era total. Havia uma grande afinidade entre Carlos e a jovem senhora, sendo que a convivência entre eles marcou a vida do menino para sempre. A personalidade alegre e carinhosa da dona da casa, as conversas durante os longos passeios pelo campo, as histórias que contava, assim como seus próprios poemas e contos, que ela compartilhava com as crianças, influenciaram Carlos de tal maneira que ele, mais tarde, veio a dedicar-se ao mundo das letras. Era um ambiente rico em estímulos e vivido com intensidade pelo garoto. Ele costumava guardar todas as suas preciosidades numa lata: rascunhos de poemas de dona Juana, o bilboquê ofertado por ela, figurinhas, ossos de mocotó, enfim, seus "tesouros". O relato é belíssimo e mostra um pouco da cultura daquela época, como por exemplo, as revistas e jornais que eram lidos, os jogos infantis, as músicas de carnaval, os filmes (que eram em preto e branco e com música ao vivo) etc. Há também, entremeando a história e no início de cada capítulo, textos e poemas de autoria de Juana de Ibarbourou. As ilustrações a bico-de-pena são delicadas e em perfeita harmonia com o tema e com o clima da narrativa. Ao final da obra encontra-se a biografia da poetiza, as referências bibliográficas e notas explicativas para o vocabulário regional utilizado, além dos dados biográficos dos autores de texto e ilustração. Há também um poema de Carlos Urbim em homenagem à Juana de Ibarbourou. Obra recomendada aos leitores experientes, jovens e adultos. (A.T.)

553. VACONCELOS, Claudia. **Uma história da China: a história do papel numa lenda cheia de magia**. Ilus. Murilo. São Paulo : Nova Alexandria, 2005. 47 p. il. color.

554. VASQUES, Marciano. **Uma aventura na casa azul**. Ilus. Lúcia Hiratsuka. São Paulo : Cortez, 2005. 47 p. il. color. (Navegar)

555. VASSALLO, Marcio. **Mario Quintana**. São Paulo : Moderna, 2005. 56 p. fotos. (Mestres da leitura)

Essa obra apresenta o homem e alguns de seus poemas. Mas seria possível separar o Mario introspectivo, solitário, pouco afeito às aulas de Matemática, apaixonado por Cecília Meireles e Greta Garbo, morador de hotéis - da poesia que nele próprio habitava, dissociando-os? A poesia dava humor ao seu dia a dia quando, ao não conseguir dirigir, ele dizia que os postes vinham correndo em sua direção. Não é curioso que um de seus livros chama-se "Da preguiça como método de trabalho"? Com essa mesma característica bem humorada tratava os temas da morte e do tempo - "a morte é falta de assunto". Mario foi motivo de preocupação para seus pais: passou a infância doente e, quando jovem, tinha "vida de poeta", o que significava na época boêmia, vadiagem e falta de rumo. Com o apoio de amigos conseguiu livrar-se do vício da bebida. Trabalhou como assistente na farmácia do pai, atuou em livrarias, jornais, fez traduções (Virginia Woolf, Balzac, Proust ...). Sua estréia literária foi em 1940 com "A Rua dos Cataventos". Publicou obras para crianças, que são nomeadas ao fim do livro, mas não são destacadas no conjunto da obra. Conhecer esse poeta que não foi eleito para a Academia Brasileira de Letras é fundamental a todos que desejam "desdobrar" uma leitura da vida. E ele é aqui apresentado pelo narrador do texto, por depoimentos de amigos, conhecidos e parentes e pela amostragem de sua

obra, convidando o leitor a buscar mais e mais. É de se destacar a qualidade do suplemento literário elaborado por Jô Fortarel, ampliando a visão da obra. Excelente opção! (S.M.F.B.)

556. VASSALLO, Marcio. **O menino da chuva no cabelo**. Ilus. Odilon Moraes. São Paulo : Global, 2005. 24 p. il. color.

Quantos meninos sonham um dia tornarem-se jogadores de futebol? Assim como aconteceu com Arthur, o protagonista desta história, a vida leva as pessoas por outros caminhos, mas as lembranças de infância permanecem. Belas ilustrações para um texto poético sobre um menino que vivia com a bola grudada no pé e uma paisagem de chuva no olho. Obra recomendada àqueles que já têm idade suficiente para se lembrar da infância. (A.T.)

557. VECCHI, Maria Helena Mariani. **Manuela, a boneca tagarela**. Ilus. Genivaldo de Souza. São Paulo : Espaço Editorial, 2006. 37 p. il.

558. VENEZA, Maurício. **Dois sapos batendo papo**. Ilus. do autor. São Paulo : Formato, 2005. 22 p. il. color. (Quem diria!)

Esta história faz uma brincadeira com um episódio bastante comum nos contos de fadas: o do sapo que vira príncipe com o beijo de uma princesa. Nesta narrativa a situação se inverte e, por meio da conversa de dois sapos na beira da lagoa, o leitor acompanha o que aconteceu a um deles: uma princesa havia aparecido, perguntado se ele era um príncipe e, antes mesmo que ele lhe respondesse, o tinha agarrado e beijado. A graça da situação fica por conta do narrador da história - o sapo - que conta o que aconteceu de seu ponto de vista: aos olhos do sapo, a princesa é "horrorosa", pois tem "aquela horrível cor rosada, parecendo um... um... um pêssego!", tem "a mão quente" e o beija com "aquela boca horrivelmente pequena e cor de cereja". O outro sapo acompanha a narração do amigo até descobrir que a princesa era humana e pedir que pare de contar coisas "repugnantes". Aqui, o olhar do sapo guia o leitor, o que implica fazê-lo mudar de lado e olhar a situação de outra perspectiva. Assim, a história possibilita a compreensão de que os sentidos são construídos a partir do lugar pelo qual vemos o mundo. Boa opção para crianças com domínio de leitura. (S.O.)

559. VENEZA, Mauricio. **A galinha Lili e outros bichos de pelo e pena**. Ilus. Fábio Sgroi. São Paulo : Salesiana, 2005. 31 p. il. color.

560. VENTRELLA, Roseli. **Alex Fleming: arte & história**. São Paulo : Moderna, 2005. 48 p. il. (Arte & contexto)

561. VERÍSSIMO, Erico. **As aventuras de Tibicuera**. Ilus. Rodrigo Rosa. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 195 p. il.

Este livro escrito em 1937 tornou-se um clássico da literatura brasileira para crianças. O personagem principal é Tibicuera, um índio Tupinambá, que ao descobrir um segredo do pajé da sua tribo, desafia a morte e consegue viver por quatrocentos anos desde mil e quinhentos até os anos trinta do século XX. Espectador e participante de fatos marcantes da História nacional, Tibicuera está presente na primeira missa, fica amigo de Anchieta, luta contra os invasores franceses, vive no quilombo dos Palmares, une-se aos inconfidentes, participa da independência e da proclamação da república. A narrativa é feita na primeira pessoa: "Eu me encontrava na Bahia, já cansado de muitas aventuras. De repente ouvia uma gritaria que vinha dos lados da praia. Uns vinte e seis navios chegavam na direção do porto. Traziam bandeiras desconhecidas nos mastros." Há um aspecto positivo no enredo, pois ele não é didático, mesmo quando são

necessárias algumas explicações históricas. Por exemplo: no capítulo em que o personagem participa das Bandeiras, o texto se inicia da seguinte maneira: "Tibicuera continuava a viver. O pajé tinha razão. O espírito pode vencer o tempo e a morte. O Brasil ia para diante. E eu, junto. Cidades floresciaam, engenhos cresciam e vilas eram construídas. Então as bandeiras exploravam o território nacional". Há uma certa dose de humor, quando o protagonista, durante a época da independência observa D. Pedro I afirmar que ficaria no Brasil, mas percebe que o príncipe ficou com uma expressão de quem não sabia muito bem como governar o país. No decorrer de suas aventuras, o índio é alfabetizado por padres jesuítas e consegue, após muitos anos, se tornar sapateiro e laçao de uma família rica que vive no Rio de Janeiro. Sendo muito querido pela família, ele aprimora seus conhecimentos lendo os livros na biblioteca da casa e depois, na única biblioteca pública que havia na cidade. O final do livro guarda uma surpresa agradável neste esforço de Tibicuera. Merece ressalva, no entanto, uma certa visão paternalista do autor em valorizar a assimilação do índio na civilização branca. No entanto, como este livro foi escrito em 1937, esta visão a respeito do índio, como um indivíduo que devia ser assimilado e não respeitado em sua própria cultura, era defendida por muitas pessoas na nossa sociedade. Para o leitor adolescente atual seria interessante que houvesse um pequeno texto introdutório explicando estas questões. Há um elemento que é importante em romances históricos: não só a época que o texto retrata, mas também o período em que ele foi escrito, ou seja, as influências que o próprio autor recebe do contexto histórico no qual ele vive. Afinal, a década de trinta no Brasil, para um adolescente do século XXI é muito distante. Obra interessante para o jovem que já é leitor fluente. (A.C.)

562. VERÍSSIMO, Erico. **Clarissa**. Ilus. Paulo von Posei. 5.ed. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 178 p. il.

Esta é a clássica história da adolescente Clarissa escrita na década de trinta por Érico Veríssimo. É o primeiro livro do autor. A personagem principal é uma jovem que se muda de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul para viver com a tia na capital. Enquanto estuda, Clarissa, que é muito curiosa, observa compara e descobre, para sua admiração, que os adultos muitas vezes são moralmente frágeis. Este é o caso de Ondina, uma pensionista do local, que trai e mente para o marido. Há também uma viúva rica que mora na casa ao lado, cujo filho doente mostra para a jovem como a vida é contraditória e muitas vezes dura. Merece destaque a figura do músico Amaro que contempla Clarissa em seu desabrochar para a vida. Este personagem impregna um olhar masculino muito sensível na trama. A narrativa é feita na terceira pessoa, mesclada com a presença do pensamento ou da fala da protagonista. É como se a própria Clarissa narrasse suas experiências cotidianas. Por exemplo: "Um mulato aparece na rua carregando uma barra de gelo. Que bom se eu tivesse dinheiro para comprar um picolé!" Uma das belezas do texto é o talento de Érico Veríssimo para perceber como uma adolescente se sente: "Em uma esquina estavam dois rapazes. Quando ela passou, cochicharam, arregalaram os olhos e a examinaram de alto a baixo. Que sensação de frio e calor ao mesmo tempo!" Há a descoberta da sexualidade, mas de uma maneira sensível e profunda, muito diferente do modo muitas vezes banal como ela é retratada em muitos livros ditos atuais para os jovens do século XXI. Por isso, Érico Veríssimo será eterno: ele é capaz de captar e transmitir as sensações que uma adolescente tem a respeito das mudanças do seu corpo e do mundo à sua volta. O autor também apresenta a inocência típica do jovem que, inesperadamente têm certas reações infantis: a saudade dos pais, do seu bichinho de estimação, etc.... Clarissa tem o desejo de conhecer as pessoas. Todos tem um mistério e escondem um segredo. Clarissa faz quatorze anos, ganha um sapato de salto alto e passa na escola. O livro acaba com a jovem voltando para sua cidade - e encontrando o primo Vasco. Enquanto isso, Amaro fica triste na pensão, pois ele ama a adolescente de um modo delicado e silencioso. Livro fundamental para adolescentes com domínio de leitura. (A.C.)

563. VERÍSSIMO, Luis Fernando et al. **Histórias de humor**. Ilus. Roberto Negreiros. São Paulo : Scipione, 2005. n. p. il. color. (O prazer da prosa. Contos)

Conteúdo: Millôr Fernandes, Stanislaw Ponte Preta, Antônio de Alcântara Machado. Graciliano Ramos, João do Rio, Lima Barreto, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo.

Este livro reúne nove contos de escritores brasileiros de diferentes épocas (contemporâneos e também dos séculos XIX e XX), nos quais o humor se revela sob diferentes facetas: na crítica dos costumes, na ironia, no sarcasmo, na alegoria e até mesmo na tragédia. Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes e Stanislaw Ponte Preta exploram situações cotidianas contemporâneas para divertir e criticar, como o encontro entre vizinhos, a ignorância do rico americano diante dos quadros de um museu, o garoto que consegue safar-se da fúria do pai por ter quebrado a vidraça de casa com a bola de futebol. Antonio de Alcântara Machado, Graciliano Ramos, Lima Barreto, João do Rio, Aluísio Azevedo e Artur Azevedo criam textos mais alegóricos, com situações que exploram o non-sense, provocando o estranhamento e o riso, pois apesar da distância que nos separa do tempo em que foram escritos, estes contos preservam sua atualidade e agudeza de pontos de vista. Boa opção de leitura para jovens. (S.O.)

564. VERNE, Júlio. A volta ao mundo em 80 dias. Tradução e adaptação Maria Alice de A. Sampaio Dória. Ilus. Neuville e L. Bennett. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 128 p. il. (Júlio Verne)

Esta coleção apresenta três obras adaptadas de Júlio Verne para jovens. A adaptação respeita a linguagem e o universo do autor. Neste sentido, a coleção não deixa de ter seus méritos, pois pode incentivar o leitor a descobrir a obra deste grande escritor e posteriormente procurar versões mais completas. Além da história bastante conhecida de "Volta ao mundo em oitenta dias", podemos destacar os outros dois volumes que apresentam enredos menos famosos, mas nem por isso, pouco interessantes. A narrativa "Da Terra à lua" mostra o período após a guerra de Secessão nos Estados Unidos, quando houve um grande período de paz e progresso. Devido à prosperidade alcançada, os membros do Clube do Canhão resolvem exercitar seus conhecimentos bélicos ao progresso científico. Sir Impery Barbicane, presidente do clube já tem planos bem traçados para o futuro. Todos os associados são convocados para trabalhar nesta façanha: levar três homens à lua por meio de um canhão, que é capaz de lançar um projétil tripulado até o satélite. Ao analisar a obra de Verne, tornou-se lugar comum considerar que ela antecipou a criação de muitas descobertas científicas do século XX e do atual, como se o maravilhoso da ficção previsse a tecnologia do futuro. Apesar deste elemento visionário ser uma característica de seus livros, há um aspecto mais profundo do que este em suas obras. Por exemplo, no caso desta narrativa "Da Terra à Lua", os trechos mais interessantes são as discussões sobre os aspectos éticos que estão encobertos no progresso da civilização. Ou seja: qual é a verdadeira finalidade do homem em querer conquistar o espaço sideral? Não é apenas por curiosidade, ou por amor à Ciência. O que impulsiona este projeto é muito mais a vontade de dominar outros mundos, da mesma forma que na Terra, os países mais ricos dominam os mais pobres. Neste sentido merece destaque os debates do "Clube do canhão", quando as pessoas das mais diferentes profissões expõem suas idéias. É lógico que em uma sociedade imperialista como a americana, os indivíduos que defendiam o projeto acabam vencendo a discussão. No entanto, ocorre algo inesperado no dia do lançamento do foguete. Este fato mostra ao homem que ele terá que agüentar as conseqüências dos seus atos toda vez que enfrentar as forças do Universo. Já o outro livro de Verne, "O raio verde" apresenta o seguinte enredo: a jovem Helena Campbell, deseja ver o misterioso raio verde, pois segundo a lenda, quem o vê uma vez na vida, nunca mais se engana nas questões relacionadas aos sentimentos. O talismã está escondido em uma ilha dos mares da Escócia. Durante uma estadia no local, Helena lê no jornal uma notícia

sobre uma estranha gruta perto dali, onde os marinheiros juram ver uma luz muito forte e verde. Seus tios, os irmãos Campbell pretendem casá-la com o jovem cientista Aristobulus Ursiclos, que não medirá esforços para satisfazer os desejos da moça. Os personagens enfrentarão inúmeros perigos através do mar até alcançar o objetivo. O final guarda uma surpresa para o leitor. Nesta história, uma característica importante é o papel desempenhado pela mulher, pois a figura feminina quase não é relevante em outros livros de sua autoria. Neste caso, Helena Campbell é uma moça que vai atrás do que almeja, mesmo correndo inúmeros riscos. Esta é uma coleção interessante para jovens com domínio de leitura. As ilustrações são muito bonitas, feitas em serigrafia. (A.C.)

**Esta resenha refere-se também às referências de nºs 565 e 567**

565. VERNE, Júlio. **Da Terra à Lua**. Tradução e adaptação Maria Alice de A. Sampaio Dória . Ilus. Montaut e Pannemaker. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 126 p. il. (Júlio Verne)

566. VERNE, Júlio. **O raio verde**. Tradução e adaptação Maria Alice de A. Sampaio Dória. Ilus. L. Bennett. São Paulo : Melhoramentos, 2005. 126 p. il. (Júlio Verne)

567. VERSIANI, Ivana. **A revolta das bruxinhas**. Ilus. Henfil. 9.ed. Sabará, MG : Dubolsinho, 2005. 72 p. il.

568. VIANA, Vivina de Assis. **Arco-íris tem mapa?**. Ilus. Marilda Castanha. São Paulo : Scipione, 2005. n. p. il. color. (Crisálida)

Esta bela obra, que é uma reedição, narra o cotidiano de menina do interior de Minas Gerais. As descrições são muito sensíveis mostrando a paisagem e os costumes da cultura interiorana: o queijo feito em casa; dar milho às galinhas; a tulha e o curral. Quando chove, a menina fica curiosa, deseja o arco-íris e o sol atrás da nuvem que parece neblina. A autora sabe captar a linguagem do homem interiorano, que revela uma grande sabedoria popular: "pai, você me ensina a olhar o tempo?" E o pai responde: "essas coisas a gente não ensina, só aprende. E aprende observando, sabendo olhar." Assim a paisagem dá avisos para o homem, com a chuva e o vento. A autora sabe jogar com os diversos significados da palavra "tempo". Ela remete aos fenômenos da Natureza: sol/chuva / tempo de plantar/tempo de colher e no sentido cronológico, quando o texto se refere aos anos que passam na vida de cada indivíduo: os avós que ficam velhinhos e morrem, as crianças que nascem, etc... A autora também joga a espera e a paciência: o tempo para o leite virar queijo, para o bolo ficar pronto. Nesta relação temporal Há um elo entre os homens e a Natureza. Desse modo, a obra apresenta um ponto de vista original devido a seguinte razão: A maioria dos escritores, quando abordam este tema costumam apresentar personagens que almejam "entender" o tempo e o modo de aproveitá-lo. Neste caso, a beleza do enredo está justamente no fato da escritora não querer "explicar" a temporalidade, mas apenas mostrar como ela transparece nos fatos cotidianos: o sol que se levanta, nas crianças que crescem, na semente que germina. Desse modo, quando chove e faz sol o tempo parece estacionar. O arco-íris protege a casa tecendo uma rede invisível sobre a paisagem. O sítio em que sua família vive, segundo as explicações do pai, está no centro do mapa de Minas Gerais. Mas será que arco-íris tem mapa? As ilustrações coloridas de Marilda Castanha completam este belo trabalho. Obra imperdível para crianças com domínio de leitura e para o leitor fluente. (A. C.)

569. VIANA, Vivina de Assis. **Sabe de uma coisa?: diário de uma adolescente**. Ilus. Mariângela Haddad. 17.ed. São Paulo : Atual, 2005. 88 p. il. (Entre Linhas. Adolescência)

570. VIEIRA, Alice. **Os olhos de Ana Marta**. São Paulo : SM, 2005. 175 p. (Barco a vapor. Vermelha, 8)



Os olhos de Ana Marta foi considerado, por alguns críticos, como o melhor romance juvenil da renomada escritora portuguesa Alice Vieira. Duas vezes candidata ao prêmio Hans Christian Andersen da IBBY (International Board on Books for Young People), a autora possui uma vasta obra que, infelizmente, é pouco conhecida no Brasil. A história de Marta, narrada em primeira pessoa e cuja voz dirige-se a alguém que, a princípio, não é conhecido, é sobre sua vida num casarão cheio de portas fechadas e sua angústia diante de uma família pouco afetiva e cheia de segredos. Flávia, a mãe da menina, não permitia que ela a chamasse de mãe "porque estava velha demais para ser mãe fosse de quem fosse". Tampouco pronunciava o nome da filha, era constantemente acossada por terríveis crises de dor de cabeça, quase não saía do quarto e vivia dizendo que estava enlouquecendo. O pai de Marta só se interessava por ela quando suas notas de francês eram baixas. Durante muito tempo Marta fantasiou que fora trocada no hospital, que aqueles não eram seus pais verdadeiros. Relacionava esse pensamento aos contos de fadas que Leonor, a empregada da casa, contava-lhe. Leonor é uma personagem maravilhosa, está na família desde a antiga geração e foi quem cuidou do pai de Marta quando este era pequeno. Leonor conta histórias com voz sussurrada, histórias ouvidas de sua avó. É através dela que o leitor fica conhecendo as cantigas populares, as ladainhas portuguesas, as superstições e a arte de fazer um chá. O grande segredo desta família vai sendo revelado aos poucos, ao mesmo tempo em que a menina segue em busca de sua identidade. A estrutura do texto é muito bem realizada, as personagens são fortes, marcantes, e - embora seja uma narrativa densa e emocional - ela não inspira desencanto ou revolta, há uma leveza na maneira de narrar e na linguagem utilizada. O fato da obra não ter sido adaptada ao português do Brasil também contribui para essa graciosidade. Algumas explicações são dadas em notas de rodapé e há um glossário no final. É o suficiente. Porém, como Bartolomeu Campos Queirós salienta no prefácio, "nem sempre queremos interromper nossos arrebatamentos de leitores com as formalidades dos dicionários." O leitor experiente pode se deixar levar pela leitura que o entendimento virá. Obra imperdível. (A.T.)

571. VIGNA, Elvira. **Viviam como gato e cachorro**. Ilus. Elvira Vigna. Belo Horizonte : Dimensão, 2005. n. p. il. color. (Ciranda)

Esta é uma antiga história de Elvira Vigna, publicada em 1978, que narra a convivência entre um gato e um cachorro. Nada de aventuras mirabolantes, mistérios ou eventos maravilhosos, e sim a singela descrição do cotidiano de dois seres que acabam se tornando amigos apesar das diferenças e dos conflitos. Alfredo, o gato, e Joaquim, o cachorro, são semelhantes aos humanos não só em relação aos nomes. Obra indicada aos que já lêem sozinhos e para ser lida às crianças não alfabetizadas. (A. T.)

572. VINAVER, Naoli. **Nasce um bebê... naturalmente!**. Ilus. da autora. São Paulo : Mercuryo Jovem, 2005. 48 p. il. color.

573. WATANABE, Luci Guimarães. **Rah, o mensageiro do sétimo raio**. Ilus. Marcos Guilherme. 17.ed. São Paulo : Atual, 2005. 64 p. il. (Entre Linhas. Mistério)

574. WHITE, T. H. **A chama ao vento**. Tradução Maria José Siqueira. Ilus. Alan Lee. São Paulo : W11, 2005. 201 p. il. (O único e eterno rei, 4)

Neste quarto volume (Os três primeiros volumes foram resenhados na bibliografia anterior) da saga do rei Arthur, encontramos os personagens velhos, cansados e desiludidos. Trata-se dos

últimos anos do reinado, quando o declínio dos Cavaleiros da Távola Redonda e o fracasso de seus ideais provocavam no rei uma profunda tristeza. Todos os esforços de Arthur em estabelecer a justiça e a paz foram em vão. A Távola dividiu-se em facções e seus membros lutavam entre si. O rei modificou o sistema e as leis em prol dos mais fracos e da justiça, e estas mesmas leis foram usadas contra ele. Em todo o relato, o clima é de desilusão e tragédia. Arthur tornou-se mais sábio mas não alcançou seu intento, o mundo continuava injusto e as guerras eram cada vez mais cruéis. O rei questiona seus próprios valores, filosofa, tenta entender seu fracasso, mas preserva seu temperamento benevolente e, até certo ponto, ingênuo. Tanto que, ao sair para a guerra, nomeia Mordred, o filho que tivera com sua meio-irmã - e que o odiava - como Lorde Protetor do país e de Guenevere. Em sua ausência, Mordred proclama-se rei e tenta casar-se com a rainha. No final do livro, Lancelot, seu melhor amigo, encontra-se exilado por ter sido flagrado com a rainha, e Mordred provoca uma guerra por vingança aprisionando Guenevere, vítima de uma cilada. Sentindo que seus dias estavam contados e com um último fio de esperança, Arthur trata de manter vivas as suas idéias fazendo de um pequeno pajem seu porta-voz. Conta toda a história ao menino e o faz prometer que a transmitirá ao mundo. A missão do jovem será manter ardendo a chama do ideal dos Cavaleiros da Távola Redonda para além de Arthur. Os apêndices deste volume seguem o mesmo modelo dos livros anteriores. Há informações sobre autor e obra, uma pequena descrição dos personagens principais e algumas palavras sobre o artista Alan Lee, responsável pelas belas ilustrações de todos os volumes. (A.T.)

575. WILD, Margaret. **Raposa**. Tradução Gilda de Aquino. Ilus. Ron Brooks. São Paulo : Brinque-Book, 2005. n. p. il. color.



"Pela floresta chamuscada, por cima de cinzas quentes, corre Cão, com uma ave presa em sua grande boca. Ele a leva para sua caverna, acima do rio, e lá tenta tratar da asa queimada de Galha." Porém, a galha não quer mais viver, pois jamais conseguirá voar novamente. E Cão lhe responde que, apesar de ser cego de um olho, "a vida ainda é boa". Dias depois, Cão consegue convencer Galha a subir em suas costas e corre com ela pela floresta. Ela lhe diz : "Voa Cão, voa! Eu serei o olho que lhe falta, e você será minhas asas." Nesta história, o drama destas personagens - a experiência da perda e da dor vividas - faz com o sentimento de compaixão e solidariedade transforme-se em uma forte amizade. Porém, um dia, aparece a Raposa que só conhece a solidão e a raiva e, por isso, sente inveja da relação de Cão e Galha. Convida Galha para correr em suas costas, afirmando que é muito mais rápida que Cão. Galha resiste durante algum tempo, mas sucumbe ao desejo de voar outra vez e, durante a noite, vai embora com a Raposa, que corre pelas colinas até chegar ao deserto vermelho e quente. Ela pára e sacode Galha de cima de suas costas, dizendo: "Agora você e Cão saberão o que é a solidão." E parte, deixando a ave para trás. Galha pensa que seria mais fácil morrer ali, mas lembra-se de seu amigo Cão perceberá seu desaparecimento ao acordar e sentirá sua falta. Essa lembrança a faz ter forças para seguir cambaleante pelo longo caminho de volta. Esta narrativa trata de temas essenciais à condição humana - tanto aqueles que nos são caros, como a lealdade, a amizade, o amor; quanto outros, nem sempre reconhecidos, como a traição, a solidão, as perdas e a inveja. Na floresta devastada pelo fogo, uma bela amizade alimenta a esperança e cria a possibilidade de sobrevivência das personagens Cão e Galha, apesar da Raposa. O bonito projeto gráfico, com ilustrações em páginas duplas feitas com traços fortes e com texturas que exploram os contrastes entre as cores e os claros e escuros reforçam o vigor dos sentimentos experimentados pelas personagens, enriquecendo o texto. Ótima opção para crianças com domínio de leitura. (S.O.)

576. WILLIAMS, Sam. **Diga paz**. Tradução e Adaptação Sâmia Rios. Ilus. Mique Moriuchi. São Paulo : Scipione, 2005. n. p. il. color.

577. WILSON, Jacqueline. **O projeto Lottie**. Tradução Mari-Jô Zilveti. São Paulo : SM, 2005. 239 p. (Barco a vapor. Vermelha, 7)

Charlie (apelido de Charlotte) é uma menina de seus 10 ou 11 anos de idade, bastante inteligente, de personalidade forte e um tanto arrogante, que vive com a mãe em um pequeno apartamento num bairro tranqüilo de Londres. O relacionamento das duas é peculiar porque a mãe é bastante jovem, trata a garota como se fosse uma amiga ou irmã mais nova. Quando Jô, a mãe, engravidou do namorado, este não quis assumir a paternidade e, por isso, Charlie não chegou a conhecê-lo. Jô também não recebeu apoio da família, precisou trabalhar e cuidar de Charlie sozinha. Por estes motivos mãe e filha tornaram-se muito unidas. Quando o ano letivo começa, a novidade na escola é a nova professora da classe de Charlie. Logo de início, a Sra. Beckworth já se mostra bastante enérgica, impõe limites e enfrenta a insolência de Charlie. Apesar disso, a garota demonstra interesse pelo trabalho proposto pela professora sobre a época Vitoriana. Charlie não quer fazer uma tarefa escolar convencional, de modo que resolve escrever um diário como se fosse de uma menina que viveu na Inglaterra do século XIX. Esta forma de narrar, com uma história dentro da outra, é chamada de narrativa em abismo na teoria literária e, neste caso, é interessante porque coloca o leitor em contato com duas protagonistas da mesma idade, vivendo situações parecidas, porém em épocas diferentes. O livro é dividido em capítulos temáticos duplos para o mesmo tema, ou seja, há dois capítulos intitulados Escola, dois para Casa, dois para Brinquedos e livros, e assim por diante. O primeiro é o da época atual e o outro é protagonizado por Lottie, a menina Vitoriana. Se o tema é a comida, há o capítulo da história de Charlie, que gosta de cozinhar e fazer bolos confeitados, e o capítulo do diário de Lottie, que é obrigada pela patroa a fazer geléia de mocotó. Como não poderia deixar de ser, há muito em comum entre as meninas, como a ausência do pai, a falta de dinheiro e, principalmente, o medo que sentem quando percebem que suas respectivas mães podem se unir a outro homem. Mais tarde, o leitor descobrirá que Lottie também é apelido de Charlotte. A narrativa é muito bem construída, a linguagem é coloquial e todos os episódios se encaixam bem, propiciando fluidez na leitura. Há várias referências a obras e autores do século XIX, explicadas em pequenas notas de rodapé. Enfim, um bom livro para o leitor fluente. (A.T.)

578. WOLFF, Fausto. **Sandra na terra do antes**. Ilus. Roberto H. G. Eppinghaus. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005. 126 p. il.

579. ZATZ, Silvia. **Uma peça a mais: a magia dos jogos de tabuleiro**. Ilus. Guazelli. São Paulo : Cia. das Letras, 2005. 135 p. il. color.

580. ZOTZ, Werner. **Garnisé gabola acabou gabiru**. Ilus. Suppa. 6.ed. revista e atualizada.ed. Florianópolis : Letras Brasileiras, 2005. 36 p. il. color.

Esta obra é uma reedição muito bem-vinda. Ela foi anteriormente publicada pela Editora Nórdica, em 1986. E como toda boa obra, retorna ao mercado. Nesta história conhecemos o galinheiro criado pelo Seu Urbano. Ele e sua família se mudaram para a cidade, mas o tédio logo se instaura na vida do homem. Para combatê-lo, ele resolve criar o galinheiro novo, onde há um grupo de galinhas e vários pintos. Como o galo morre, o garnisé toma seu lugar e se afeiçoa ao poder. Mas os pintos começam a crescer e tornam-se frangos. O garnisé então começa a lhes infernizar a vida. Só que os guris que passam por lá resolvem dar uma ajuda aos frangos e.... uma nova ordem passou a tomar conta do galinheiro. Esta narrativa, na realidade, é uma fábula que critica o poder despótico e revela o quão frágil ele é. Uma boa leitura para crianças recém-alfabetizadas, que traz de volta para o meio urbano um pouco da vivência do meio rural por meio de ilustrações de página inteira muito divertidas e bem-realizadas. (ALOB)

581. ZWICKER, G. **A esquecida.** São Caetano do Sul : Yendis, 2005. 126 p.

## ÍNDICE DE AUTORES, TRADUTORES E ADAPTADORES

Os números referem-se à numeração das referências bibliográficas, não das páginas

Abramovich, Fanny, 001  
Abreu, Aline, 002, 003  
Abreu, Márcia, 004  
Acioli, Socorro, 005  
Aguiar, Luiz Antonio, 006, 007, 008, 009, 010  
Aguiar, Luiz Antonio, trad. e adapt., 011, 012, 132, 551  
Aguilar, Agustín Sánchez, adapt. 135  
Albagli, Fernando, 013, 014, 015  
Albergaria, Lino de, 016, 017, 018, 019  
Alcy, 020  
Almeida, Miguel de, 021, 022  
Alphen, Pauline, trad., 064  
Anacleto, Grácia Helena, trad., 104  
Andersen, Hans Christian, 023, 024, 025, 365, 396  
Andrade, Telma Guimarães Castro, 026, 027, 028, 331  
Andrade, Telma Guimarães Castro, adapt., 029  
Andrade, Tiago de Melo, 030, 031, 032  
Angeli, José, adapt., 131  
Aquino, Gilda de, trad., 114, 280, 524, 575  
Aquino, Marçal, 081  
Aragão, José Carlos, 316  
Araújo, Luiz Antonio, trad., 212  
Araujo, Petruccio, 033  
Ardagh, Philip, 034  
Arrabal, José, 035  
Arrabal, José, adapt., 407  
Arrigucci, Maria Helena, trad., 390  
Asare, Meshack, 036  
Assis, Machado de, 326  
Assumpção, Vera Carvalho 037  
Augusti, Soreny de Espírito, 038  
Ayala, Walmir, 039  
Azevedo, Artur, 040  
Azevedo, Ricardo, 041, 042

Baeta, Luiza, trad., 024  
Bag, Mario, 043  
Bagno, Marcos, 044, 045  
Bagno, Marcos, trad., 062, 218  
Ban, Ana, trad., 215  
Bandeira, Manuel, 046  
Bandeira, Pedro, 047, 048, 049, 050, 051, 052, 053  
Barbosa, Dennis, trad. e adapt., 254  
Barbosa, Rogério Andrade, 054, 055, 056, 057  
Barboza, Patricia, 058  
Barlow, Steve, 059

Barreto, Antônio, 306  
Barros, Flávio, trad., 138  
Basilio, João, 061  
Baussier, Sylvie, 062, 063, 064  
Beardsley, Martyn, 065  
Belém, Valéria, 066, 067  
Belinky, Tatiana, 068, 069, 070, 071, 072, 160  
Belinky, Tatiana, org., 236  
Bellinghausen, Ingrid Biesemeyer, 073, 074  
Benevides, Ricardo, 075  
Bentancur, Paulo, 076, 077, 078  
Bergallo, Laura, 079  
Bernardo, José Vicente, adapt., 148  
Bernthal, Mark S., 060  
Bertuol, Sonali, trad., 431  
Besson, Luc, 080  
Betto, Frei, 081  
Bicalho, Marcelo, 316  
Black, Holly, 082  
Bloom, Becky, 083  
Bobrovsky, J., 084  
Boldrin, Rolando, 085  
Bonassi, Fernando, 086  
Borges, José Francisco, 087  
Botelho, Isabel, 331  
Braff, Menalton, 088  
Brand, Christianna, 089  
Brandão, Eduardo, trad., 065, 083, 105, 144, 157, 244, 249, 419, 505  
Brandão, Ignácio de Loyola, 090  
Brandão, Toni, 091  
Brandão, Toni, adapt., 092, 448  
Brant, Fernando, 444  
Braz, Júlio Emílio, 093, 094, 095, 096, 097, 098  
Braz, Júlio Emílio, adapt., 099  
Brenman, Ilan, 100, 101  
Brietman, Andre Koogan, 102  
Brignani, Darci Maria, 103  
Brownlow, Mike, 104  
Brussolo, Serge, 105  
Buss, Alcides, 106

Calado, Alves, trad., 121  
Calado, Ivanir, 107  
Camillo, Yara Maria, trad., 149  
Campos, Carmen Lucia, 108  
Campos, Kléber Garcia, 109  
Campos, Kleber Roberto de, 405  
Canton, Kátia, 111, 112  
Capparelli, Sérgio, 113  
Cardoso, Luís Cláudio, 331  
Carle, Eric, 114

Carmo, André Jenkino do, trad., 355  
Carmo, Luis Claudio do, 115  
Carraro, Fernando 116  
Carrasco, Walcyr 117, 118, 119  
Carrascoza, João Anzanello, 081, 120, 326  
Carrascoza, João Anzanello, adapt., 423  
Carroll, Jenny, 121  
Carroll, Lewis, 122, 123, 176  
Carvalho, Fernando Augusto, 124  
Carvalho, Ilka Valle de, 125  
Carvalho, Roberta, 126  
Casadei, Silmara Rascalha, 127  
Casé, Geraldo, 128  
Castro, Maria da Gloria Córdia, 129  
Cazarré, Lourenço, 130  
Cervantes, Miguel de, 131, 132, 133, 134, 135  
Chaves, Angela, 136  
Chianca, Leonardo, adapt. 133, 448  
Chikamatsu, 137  
Cimenti, Carolina, trad., 147  
Claver, Ronald, 140  
Codespoti, Sérgio, trad., 214  
Coelho, Ronaldo Simões, 141  
Colasanti, Marina 142, 143  
Colasanti, Marina, trad. 135  
Cole, Babette, 144  
Colfer, Eoin, 145  
Collins, Ross, 146  
Collodi, Carlo, 147  
Conrad, Joseph, 148  
Conti, André, trad., 185  
Cooper, James F., 138  
Corradini, Ana Paulo, trad., 104  
Correia, Almir, 150, 151, 152  
Corsaletti, Fabrício, 153  
Cortizo, Neide, 154  
Costa, Monica Rodrigues da, trad., 507  
Costa, Silvana, 155  
Cousseau, Alex, 156  
Cox, Michael, 157  
Crespo, Lia, 158  
Cunha, Leo, 159, 160  
D'Aguiar, Rosa Freire, trad., 414  
Dahl, Roald, 162  
D'Ambrosio, Oscar, 161  
Dantas, Audálio, 163  
Defoe, Daniel, 164, 448  
Delorme, Maria Inês, 165  
Derdyk, Edith, 535  
Dias, Christina, 166  
Dicamillo, Kate, 167, 168

Diego, Rapi, 169  
Diogo, Andréa V., 170  
Disney, Walt, 171, 172, 173  
DiTerlizzi, Tony, 082  
Dolabela, Marcelo, 174  
Domenico, Guca, 175  
Donato, Hernani, 337  
Donato, João, 110  
Doria, Carlos Alberto, 176  
Dória, Maria Alice de A. S., trad. e adapt., 564, 565, 566  
Dowdi, Linda, 060  
Doyle, Arthur Conan, 177  
Drummond, Regina, 178, 179  
Drummond, Regina, adapt., 023  
Dugnani, Patrício, 180  
Dumas, Alexandre, 448  
Durini, Ángeles, 181  
Durini, Ángeles, adapt., 134  
Dy, Alle, 182

Edgecombe, Jane, 183  
Eduar, Gilles, 184  
Eisner, Will, 185  
Elias, José, 273  
Elvire, Lorris, 186  
Erbert, Alan, 187  
Esopo, 188, 189  
Espescht, Rita, 190  
Espinheira Filho, Ruy, 191  
Ésquilo, 192  
Eurípedes, 193, 194  
Falcão, Adriana, 195  
Fávero, Lavínia, trad., 507  
Feist, Hildegard, trad., 368  
Félix, Luciana, trad., 420, 421  
Fernandes, Millôr, 196  
Ferrari, Florencia adapt., 197  
Ferreira, Celina, 198  
Ferreira, Hugo Monteiro, 199  
Ferreira, Marcelo Filardi, trad., 059  
Ferreira, Sílvia Regina Delázari, 405  
Figueiredo, Claudio, trad., 063  
Fine, Anne, 200  
Fraga, Myriam, 201  
Fragata, Cláudio, 202  
França, Mary, 203, 204  
Freire, Marcelino, adapt., 448  
Freire, Norma, 205, 206  
Freyre, Gilberto, 207  
Fuitem, Marcello, 208  
Fujiyama Jr., Joaquim, 209

Furiasse, Mariana, 210  
Furnari, Eva, 211  
Furukawa, Caroline Kazue Ramos, trad., 245

Gardner, Jostein, 212  
Gabriel O Pensador, 213  
Gaiman, Neil 214, 215  
Galdino, Luiz adapt., 194, 216, 448  
Galperin, Cláudio, 217  
Gantos, Jack , 218  
Garcez, Lucilia, 219  
Garcia, Céline, 080  
Garcia, Edson Gabriel, 220, 221  
Garcia, Eunice, 222  
Garcia, Luciana, 223  
Gehres, Adriano, 224  
Gibran, Kahlil , 225  
Gil, Gilberto 110  
Godinho, Marilene, 226, 227  
Godoy, Laret 175  
Góes, Lúcia Pimentel, 228, 229, 230, 231, 331  
Gógol, Nicolai, 232  
Goldin, Alberto, 233  
Gomes, Lenice, 234, 235  
Gonçalves, Dilvanir, 405  
Gonçalves, Maria Stela, trad. , 413  
Gouveia, Júlio adapt., 236  
Gouveia, Ricardo, trad. , 512, 513, 521, 523  
Guedes, Hardy, 331  
Guedes, Luiz Roberto, 237  
Guimarães, Josué, 238, 239  
Gullar, Ferreira, 240

Hanauer, J. E., 241  
Hartling, Peter, 242  
Hawthorne, Nathaniel, 243  
Heide, Florence Parry, 244  
Hendry, Diana, 246, 247  
Henstschke, Liane, 248  
Hergé, 249  
Herrero, Carlos Edgard, 250  
Hetzl, Graziela Bozano, 251  
Hohlfeldt, Antonio, 252  
Holanda, Chico Buarque de, 110  
Holeinone, Peter adapt., 253  
Homero, 368, 448  
Horta, Nina, trad., 089  
Huainigg, Franz-Joseph, 254  
Hugo, Victor, 138

Iacocca, Liliana, 255

Ibbotson, Eva, 256  
Ikeda, Daisaku, 257, 258, 259  
Índigo, adapt., 448  
Inoue, Takehiko, 260

Jacob, Dionisio, 261, 262, 263  
Jaf, Ivan, 264  
Jatobá, Roniwalter, 265, 266  
Jeanmaire, Frederico, adapt., 134  
Jobim, Paulo, 110  
Jobim, Tom, 110  
Jorge, Miguel, 267  
José, Elias, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274  
Jótah, 275

Kelly, Emma, 276, 277  
Keselman, Gabriela, 278  
Kimura, Yuichi, 279  
King, Stepen Michael, 280  
Korman, Gordon, 281, 282  
Kupstas, Marcia, 283, 284, 326

La Fontaine, 189  
Lacerda, Clara, Trad 352  
Lacerda, Nilma, 285  
Lacerda, Nilma, trad., 317  
Lago, Angela, 286, 287  
Lagranha, Debby, 288  
Lajolo, Marisa, org., 289  
Lalau, 290, 291, 292  
Lam, Uri, trad. e adapt., 241  
Lamb, Kathryn, 293  
Lameirinha, Cristianne, trad., 138  
Lando, Isa Mara, trad., 353, 354, 446, 447  
Larreula, Enric, 294  
Larsen, Margie, 060  
Leal, Marconi, 295  
Leal, Maria Teresa, adapts., 061  
Leão, Liana, 296, 297, 298, 299, 300  
Leite, Márcia, 301, 331  
Leite, Milu, 302  
Leonel, Moriconi, 303  
Levié, Renée Eve, trad., 080  
Lima, Edy, 304  
Lima, Heloisa Pires, 305  
Lima, Maurício, 306  
Linares, Isabel, 307  
Lins, Guto, 308, 309, 310  
Lins, Osman, 311  
Lionni, Leo, 312  
Lisboa, Elizete, 313, 314

Lísias, Ricardo, 315  
Lobato, Monteiro, 236  
Lobato, Monteiro, trad., 122, 360  
Lopes, Cecília R., trad. e adapt., 025  
Lopes, Maria Claudia, trad., 293  
Lou, Virginie, 317  
Luchetti, José Roberto, 318  
Ludemir, Julio, 319

Machado, Ana Maria 320, 321, 322, 323, 324  
Machado, Ana Maria, trad. e adapt. 024, 412, 550  
Machado, Angelo 325  
Machado, Antônio de Alcântara, 326  
Machado, Daniela, 327  
Machado, Duda, 328  
Machado, Luciana Vieira, trad. 139  
Machado, Luciano, trad., 169, 363  
Machado, Nilson José, 127  
Maciel, Maura, 329  
Magalhães Jr , 330  
Mantovani, Rafael, trad., 376  
Maria, Luzia de, 332  
Marinho, João Carlos, 333, 334  
Marinho, Jorge Miguel, 335  
Marins, Francisco, 336, 337  
Marques, Francisco, 160, 338  
Martinelli, Tania Alexandre, 339, 340  
Martins, Adilson, 341  
Martins, Cláudio, 342, 343, 344  
Martins, Eliana, 345, 346  
Martins, Georgina, 347  
Martins, Iraê, 348  
Martins, Mauro,, 349  
Mattos, Cyro de, 350  
Mazzetti, Maria, 351  
McCutcheon, Marc, 352  
McDonald, Megan, 353, 354  
McVeigh, Mark, 245  
Medearis, Angela Shelf, 355  
Meirelles, Cecília, 356  
Melim, Angela, trad., 256  
Mello, Conceição, 357, 358  
Mello, Heitor Ferraz, trad., 156  
Mello, Roger, 359  
Melville, Herman, 138, 360, 361, 362  
Mendes, Marcelo, trad., 281, 282  
Mendes, Paula B. P., trad., 060  
Menéndez-Ponte, Maria, 363  
Mesquita, Cláudia Ribeiro, trad., 278  
Miranda, Ana, 364  
Miranda, Eraldo, 365, 366

Miranda, Simão de, 463  
Misse, James, 367  
Mitchell, Adrian adapt., 368  
Miyaura, Junji, 369, 370  
Modernell, Renato, adapt., 522  
Moisés, Carlos Felipe, 371  
Molina, Sérgio, trad., 134  
Molnár, Ferenc, 372  
Monteiro, José Maviael, 331  
Monteiro, Walcyr, 373  
Moraes, Renato Kuyawski Leite de, 374  
Morais, Lucíola, 375  
Moreau, Gisela, trad., 507  
Morecambe, Gary, 376  
Morsello, Paola, trad., 138  
Motta, Maria Aparecida, 377  
Mozart, Wolfgang Amadeus, 378  
Mugnaini Jr., Ayrton, 379  
Mundt, Renata Dias, trad., 242  
Munduruku, Daniel, 380, 381, 382  
Murad, Fátima, trad., 181  
Murail, Marie-Aude, 186  
Murphy, Mary, 383  
Murray, Roseana, 384, 385, 386, 387, 388  
Muylaert, Anna, 389

Nader, Wladyr, 081  
Naify, Simone Cosac, 390  
Nazareth, Carlos Augusto, 391  
Nicolelis, Giselda Laporta, 392, 393  
Nóbrega, Antonio, 402  
Nóbrega, Maria José, 394  
North, Lucy, trad., 279  
Nuno, Fernando, 361  
Nuno, Fernando, adapt., 361, 362

Obeid, César adapt., 396  
Obeid, César, 395  
Oberg, Sílvia, 160  
Oliveira, Adriana de, trad., 138  
Olivieri, Antonio Carlos, adapt., 192, 448  
Ono, Claudio Mitsushiro, adapt., 137  
Orthof, Sylvia, 397, 398  
Ortiz, Cláudia, trad., 138  
Otávio, Luiz, 300  
Otsuka, Edu, adapt., 448  
Ottoni, Álvaro, 399, 400

Paes, João Francisco, 401  
Paiva, Flavio, 402  
Pamplona, Rosane, 394, 403

Park, Linda Sue, 404  
Patriota, Margarida, 406  
Pellegrini, Domingos, 326  
Pena, Martins, 407  
Pereira, Edimilson de Almeida, 408  
Peres, Sandra 409  
Perlman, Alina, 410, 411  
Perrault, Charles, 412, 413, 414  
Perroti, Denise, trad., 253  
Perrotti, Edmir. adapt., 243  
Perroti, Edmir, org., 035, 160, 243, 274  
Piai, Arlette, 415  
Pilkey, Dav, 416, 417  
Pina, Sandra, 418  
Pinguilly, Yves, 419  
Pinto, Estêvão, adapt., 207  
Place, Marie-Hélène, 276, 277  
Pomés Leiz, Juliet, 420, 421  
Pontes, João, 422  
Porter, Eleanor, 423, 424  
Portinho, Rita, 425  
Porto, Cristina, 426  
Porto, Cristina, adapt., 424  
Possolo, Hugo, 427  
Pougy, Eliana, 428  
Prades, Maria Dolores, trad., 036  
Prado, Roberto, adapt., 232  
Prado, Zuleika de Almeida, 429  
Prata, Liliana, 430  
Press, Julian, 431  
Prieto, Heloisa, 432  
Prieto, Heloisa, org., 380  
Prieto, Heloisa, trad. e adapt., 082, 445  
Proteti, João, 433  
Queirós, Bartolomeu Campos de, 434, 435  
Queirós, Bartolomeu Campos de, org. 046  
Quino, 436  
Quintana, Mario, 437  
Rabelo, Gabriela, 438  
Ramos, Anna Claudia, 439, 440  
Ramos, Mario, 441  
Randon, M. Augusta, 442  
Raquel, Ana, 443, 444  
Raspe, Rudolph Erich, 445  
Redmond, Diane, 446, 447  
Rey, Marcos, 449, 450, 451  
Reynolds, Peter H., 452  
Ribeiro, Eid, 453  
Ribeiro, Jonas, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461  
Ribeiro, Maria Cláudia, trad., 186  
Ribeiro, Nye, 462, 463

Ricci, Tânia, 464  
Riordan, James, comp., 465  
Rios, Rosana, 331, 346, 466  
Rios, Sâmia, trad. e adapt., 576  
Roberts, David, trad., 034  
Rocha, Ruth, 467, 468, 469, 470, 471  
Rochael, Denise, 472, 473, 474  
Rochsteiner, Adalberto, trad., 360  
Rodante, Antonio, 475  
Rodrigues, Juciara, 476  
Rodrigues, Mariana, trad., 200  
Rodrigues, Sonia, adapt., 193, 378  
Romero, Silvio, 477  
Rónai, Paulo, trad., 372  
Rumford, James, 478

Sabino, Fernando, 479  
Sada, Drik, trad., 529, 539, 546  
Salerno, Silvana, trad., 210  
Sales, Herberto, 480  
Sallut, Elza César, 331  
Sampaio, Marcio, 481  
Sanches Neto, Miguel, 482, 483  
Sandroni, Luciana, 484  
Santana, Ailton Rodrigues, 485  
Santos, Eneida Vieira, trad., 404  
Santos, Joel Rufino dos, 486, 487, 488  
Santos, José, 489, 490  
Santos, Luzia Aparecida dos, trad., 146, 167, 168  
Santos, Maria de Lourdes dos, 491  
Santos, Walther Moreira, 492  
Sardinha, Walter, 493  
Sarue, Sandra, 494  
Satrapi, Marjane, 495  
Savaget, Luciana, 496, 497, 498  
Savary, Flavia, 499, 500, 501  
Schikaneder, Emanuel, 378  
Schiller, Daniel Lembo, trad., 417  
Scliar, Moacyr, 081, 502, 503  
Secco, Patricia Engel, 504  
Segal, Lore, 505  
Seleguini, Leila, 405, 506  
Seléto, Vera Lúcia, 405  
Seuss, Dr., 507  
Shakespeare, William, 448  
Silva, Irami B., trad., 294  
Silveira, Maria José, 508  
Silvestrin, Ricardo, 509  
Siqueira, Maria José, trad., 574  
Sisto, Celso, 510, 511  
Skidmore, Steve, 059

Smith, Elizabeth, 245  
Smolka, Neide, trad., 188, 356  
Snicket, Lemony, 512, 513  
Soares, Antonio de Macedo, trad., 520  
Soares, M. Aparecida B. P., trad., 545  
Soares, Ricardo, 514  
Sordi, Rose, 515  
Sousa, Paula Cristina Brolezi de, 516  
Souza, Flávio de, 517  
Souza, Gláucia, 518  
Souza, Shirley, 108  
Spacca, 519  
Spiegelman, Art, 520  
Staden, Hans, 011  
Stahel, Monica, trad. 279, 436, 452, 465  
Stannard, Russel, 521  
Stevenson, Robert Louis, 522  
Stewart, Paul, 523  
Strachan, Linda, 524  
Strausz, Rosa Amanda, 525, 526, 527  
Suzuki, Ana Franca, 528  
Suzuki, Koji, 529  
Sypriano, Lílian, 530, 531, 532

Tapajós, Paulinho, 533, 534  
Tatit, Paulo, 535  
Tavano, Silvana, 536, 537  
Tavares, Ulisses, 538  
Telles, Carlos Queiroz, 053  
Tezuka, Osamu, 539  
Thamos, Marcio, 540  
Thomaz, Samir, 541  
Thompson, Colin, 542  
Tieloy, 543  
Toledo, Vera Vilhena de, 544  
Tolstói, Liev, 545  
Toriyama, Akira, 546  
Torres, Sylvia, 161  
Tucci, William, 547  
Tufano, Douglas, org., 548  
Tutkian, Jane, 549  
Twain, Mark, 550, 551

Urbim, Carlos, 552

Vaconcelos, Claudia, 553  
Vainer, Dulce H., trad., 162  
Vale, Fernando, 373  
Valent, Giovana Umbuzeiro, trad., 246, 247, 276, 277, 383  
Valvassori, Maureen M., 060  
Valverde, Eunice Saes Moreno, 038

Vasques, Marciano, 554  
Vassallo, Marcio, 555, 556  
Vecchi, Maria Helena Mariani, 557  
Veneza, Maurício, 558, 559  
Ventrella, Roseli 560  
Veríssimo, Erico, 561, 562  
Veríssimo, Luis Fernando, 563  
Verne, Júlio, 138, 564, 565, 566  
Versiani, Ivana, 567  
Viana, Vivina de Assis, 326, 568, 569  
Vieira, Alice, 570  
Vigna, Elvira, 571  
Vilela, Luiz, 081  
Vinagre, Ryta, trad., 145  
Vinaver, Naoli, 572  
Vonk, Jerone, trad., 542

Washington, Juliana, adapt., 183  
Watanabe, Luci Guimarães, 573  
Weiss, Ellen, 245  
Werneck, Paulo, trad., 495  
White, T. H., 574  
Wild, Margaret, 575  
Williams, Márcia, adapt., 139  
Williams, Sam, 576  
Wilson, Jacqueline, 577  
Wolff, Fausto, 578

Yazbek, Mustafá, adapt., 225

Zatz, Silvia, 579  
Zilveti, Mari-Jô, trad., 577  
Zotz, Werner, 580  
Zwicker, G., 581

Abaixo o bicho-papão!, 117  
ABC e numerais pra brincar é bom demais, 068  
ABC quer brincar com você, 489  
Abecedário do Millôr para crianças, 196  
Abre a boca e fecha os olhos, 041  
Abu Ali conta seus burros: um conto popular do Oriente Médio, 102  
Adelio Sarro, 161  
Ah, tudo que você pode pensar!, 507  
Ai de ti, Tietê, 054  
Ai! que medo, 108  
Alberto: do sonho ao voo, 318  
Álbum de família, 016  
Alex Fleming: arte & história, 560  
Alice no país da mentira, 047  
Alice no país das maravilhas, 122, 123  
Amadeus, 233  
Amanda vai amamentar, 482  
Os amantes de Sonezaki, 137  
Amigo Eco, 030  
Amigo gordo, 326  
Amigos pra cachorro, 155  
Amor circular, 405  
Amor impossível, possível amor, 053  
Amor sem fronteiras, 269  
Amor, história e luta, 004  
O andar do Samuel, 075  
Andersen e suas histórias, 023  
Anjos e abacates, 453  
Antigamente & tente entender, 409  
Antologia da poesia portuguesa: de Camões a Pessoa, 548  
Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias, 380  
Antologia de folhetos de cordel: amor, história e luta, 004  
Antologia de peças teatrais: mas esta é uma outra história..., 236  
Antologia de poesias: poesia romântica brasileira, 289  
Anúncios amorosos dos bichos, 150  
Uma aquarela de paz, 516  
Aquário colorido, 006  
A arca do tesouro, 499  
O arcano nove, 121  
Arco-íris tem mapa?, 568  
Armadilha para lobisomem: uma aventura com a turma do clube, 237  
Armandinho, o juiz, 471  
Arthur e os minimoys, 080  
A árvore de ferro, 082  
Asas, 013  
Assassinato na literatura infantil, 333  
Assim é que se conta, 326  
Assim tudo começou: enigmas da criação, 007  
A assombração de Hiram, 256

Aurora da vida, 377  
As aventuras de Briny e Spify no planeta Terra, 222  
As aventuras de Fred e Margot no zodíaco, 182  
As aventuras de Robinson Crusoe, 164  
As aventuras de Tibicuera, 561  
As aventuras de Tintim, 249  
As aventuras de Tom Sawyer, 550  
As aventuras e desventuras de um sapo, 331

Badulaques e traquitanas: alguma poesia e outras brincadeiras com palavras, 316  
Balaio de bichos, 202  
Baltazar e a casa dos animais, 276  
Baltazar e a festa de aniversário, 277  
Barney e você, 060  
Batuques de limeriques, 174  
A bela adormecida, 171  
A bela adormecida no bosque, 412  
Bem me quer, bem me quer, 543  
Bem vindos a animal city: o caso do ovo desmemoriado, 093  
Benedito, 199  
Benedito Bacurau, o pássaro que não nasceu de um ovo, 402  
Bichinhos solidários, 405  
O bicho folharal, 287  
Billy Bobo na piscina, 446  
Bisaliques: eta bisa boal!, 069  
Boca de piranha, 472  
Boi, 081  
O boi-de-mamão, 055  
Bolinha de tudo, 485  
O boto e seus amigos, 325  
O Brasil é feito por nós?, 514  
Brasil em preto e branco, 473  
O bricabraque, 427  
O brilho dos vaga-lumes, 257  
Brincadeira de criança, 439  
Brincando na escola, 440  
A bruxa mais velha do mundo, 313  
Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra, 332  
Bruxilda e a pirâmide dos alimentos, 415  
Buda, 1 a 10, 539

O caçador de palavras, 290  
Cacoete, 211  
Cada letra uma aventura, 226  
Cada um no seu lugar, 436  
O caminho das pedras: peça em um ato, 346  
Um caminho solitário, 539  
O campeão, 108  
A canção do verdureiro, 329  
Cançãozinha e outros sons, 160  
Cante essa história, 110

Um cantinho só pra mim, 467  
Canudos: santos e guerreiros em luta no sertão, 008  
Cara de bolacha, 345  
O careca, 477  
Carolina, 118  
Carona no jipe, 384  
Carybé, 201  
A casa da Joanelha, 205  
A casa da onça e do bode, 287  
A casa dos Benjamins, 005  
Casa grande & senzala, 207  
A casa que o João construiu: um conto popular francês, 102  
O casamento da Emília, 236  
Castelos, 542  
O cavaleiro do sonho, 320  
Os cavaleiros da toca, 303  
O cavalo do mocinho, 014  
Chá das cinco, 178  
A chama ao vento, 574  
O chamado Sosu, 036  
Chapeuzinho Adormecida no País das Maravilhas, 517  
Os charutos do faraó, 249  
A chata daquela gorda, 179  
Chico, o caminhador: Rio São Francisco, 444  
Chuva de manga, 478  
Ciranda de meias, 454  
Clarissa, 562  
Clássicos adaptados Larousse, 138  
Clássicos em quadrinhos, 139  
Claudio Tozzi, 161  
Clóvis, a história de um menino mau, 021  
Clube dos leitores de histórias tristes, 130  
Cochichos e sussurros, 220  
Coisas de arrepiar, 244  
Com Clara somos 6, 242  
Com o rei na barriga, 151  
Como é duro ser diferente, 392  
O conde de Monte Cristo, 448  
O consultório do Dr. Coruja, 115  
Conta mais uma, 462  
Contos, 040  
Contos da escola, 195  
Contos da nova cartilha: primeiro livro de leitura, 545  
Contos de Grin Golados, 159  
Contos de Perrault, 413  
Contos e lendas da África, 419  
Contos populares e espanhóis, 149  
A cor do azul, 549  
Coração nas palavras, 124  
Coração nas trevas, 148

O corcunda de Notre Dame, 138  
A cremalheira, 033  
Creuza em crise: quatro histórias de uma bruxa atrapalhada, 536  
Criando monstros e monstrões, 152  
A criatura, 079  
As crônicas de Spiderwick, v. 3 e 4, 082  
Cupido, 144

Da Terra à Lua, 565  
Dadá, a mulher do Corisco, 496  
...De A a Z, de 1 a 10..., 103  
De cima para baixo, de baixo para cima, 126  
De volta para casa, 455  
Debaixo da ingazeira da praça, 339  
Débora: arrumando por dentro, 418  
A decisão do campeonato, 471  
Decisões que fazem a diferença, 330  
A descoberta, 456  
Devagar, devagar, bem devagar, 114  
17 é Tov!, 070  
O dia do despertar, 539  
Um dia do outro mundo, 283  
O dia em que Felipe sumiu, 302  
Um dia muito agitado, 246  
O diabo na noite de Natal, 311  
O diário de Débora II: final feliz, 430  
Diferentes somos todos, 410  
Diferentes: pensando conceitos e preconceitos, 296  
Diga paz, 576  
Diga um verso bem bonito!: trovas, 394  
Dinheiro do céu, 449  
Do outro lado: ele voltou para contar, 187  
A dobradura do samurai, 100  
Doce água do rio, 405  
Dois sapos batendo papo, 558  
Dom Quixote, 131, 132, 133  
Dona Salete de Copacabana, 300  
Dora drama quer ser atriz, 447  
Dourado e o mar, 125  
Dr. Clorofila contra Rei Poluidor, 481  
Dr. Urubu e outras fábulas, 240  
O dragão comilão, 331  
Dragonball, 1 a 7, 546  
Duas amigas, 385

É meu! Cala boca! Quem manda aqui sou eu!, 497  
É meu! É meu!, 108  
E o burrinho ganhou o páreo, 270  
Eca! dá um bucadim..., 401  
Efeito pазsarinho, 433  
Eles que não se amavam, 510

Elvis e sua pélvis, 157  
Em busca da iluminação, 539  
Em busca da paz, 116  
Emburrado, 511  
O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha, 134  
Engoli a chave!, 218  
O enigma dos chimpanzés, 056  
Enrosca ou desenrosca?, 394  
Era uma vez Andersen, 111  
Era uma vez Dom Quixote, 135  
Era uma vez Perrault, 112  
Era uma vez um reino encantado, 238  
Era uma vez...três!: histórias de enrolar..., 394  
Erico Verissimo, 252  
A escolinha da Serafina, 426  
O escorregador de gelo, 512  
Esperando os cabeças amarelas, 094  
A esquecida, 581  
Estatutos de um novo mundo para crianças, 483  
Uma estrada junto ao rio, 142  
Uma estranha aventura em Talalai, 486  
Estrelas do céu e do mar, 490  
Eu não sou macaco, 317  
Eu primeiro!, 278  
Eu queria ter um urso, 316  
Eu sou o mais forte, 441  
Expedição aos martírios, 336

Fábrica de monstros, 525  
Fábulas completas, 188  
Fagin o judeu, 185  
A família invisível, 017  
Faniquito e siricutico no mosquito, 457  
Fantástica descoberta em Fernando de Noronha, 208  
A fantástica fábrica de chocolate, 162  
Faz e acontece no circo, 291  
Faz e acontece no faz-de-conta, 292  
Feliz aniversário, Dani!, 349  
A fenda do tempo, 261  
A festa da princesa, que beleza!, 271  
A filha do rei, 026  
O filho da máfia, 281  
Os filhos do sangue do céu , 381  
A flauta do tatu, 287  
A flauta mágica, 378  
Floriana e Zé Anibal no Rio do "Bota-abaixo" na época da República, 508  
Fogo no céu!, 203  
Fora da trilha: crônicas da Fímbria, 523  
Fruta pão, 342  
A fuga da de Simão e Badu, 429

Gaetaninho, 326  
A galinha dos ovos de ouro, 097  
A galinha Lili e outros bichos de pelo e pena, 559  
A galinha sábia, 464  
O galinheiro do Bartolomeu, 166  
O galinho Quiriquiqui, 038  
Gambito, 088  
A gargalhada de alegria de Dona Ecologia, 458  
Garnisé gabola acabou gabiru, 580  
A garota das laranjas, 212  
Um garoto chamado Rorbeto, 213  
Um garoto consumista na roça, 095  
Garoto em parafuso, 541  
Gata borralheira, 092  
O gato, 206  
O gato e os gatunos, 343  
Gato e sapato, 389  
O gato Guto e o Pato Pito, 331  
Um gato que gosta de flores, 204  
O gênio do crime, 334  
Gente e mais gente, 273  
Gergelim, o palhaço, 198  
Germes, 146  
O goleiro Leleta e outras histórias de futebol, 350  
Golém: um jogo incontrolável, 186  
Gosto de África: histórias de lá e daqui, 487  
Gota d'água, 502  
A grande aventura de Joaquim e Manoela, 038  
O grande pecado de Lampião e sua terrível peleja para entrar no céu, 488  
Greve contra a guerra, 315  
A gruta Gorgônea, 513  
Guardachuvando doideras, 397  
A guerra das sabidas contra as atletas vagais, 406  
A guerra do gato, 191  
O guloso, 530  
Hans Christian Andersen: contador de histórias, 015  
Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil, 011  
Hello Kitty ama a escola, 245  
Hello Kitty um dia com papai, 245  
Hello Kitty visita a vovó, 245  
Hello Kitty: Hello dia das bruxas!, 245  
Hello Kitty: uma surpresa para mamãe, 245  
A história bela do gato e da panela, 459  
Uma história da China: a história do papel numa lenda cheia de magia, 553  
A história de cada um, 476  
A história de Despereaux, 167  
Uma história de formigas, 038  
História de mãe, 365  
A história de um sorriso, 399  
História em 3 atos, 434  
Histórias brasileiras e portuguesas para crianças, 373

Histórias da história e outras poesias, 066  
Histórias da turma, 284  
Histórias de humor, 563  
Histórias de professores e alunos, 479  
Histórias do Brasil, 035  
Histórias do mar, 465  
Histórias do menino, 128  
As histórias e os lugares, 273  
Histórias fabulosas, 189  
Histórias populares, 337  
Histórias que o besouro me contou, 374  
Histórias trazidas por um cavalo marinho, 408  
Hoje tem poesia, 140  
O homem que contava histórias, 403  
O homem que não parava de crescer, 143

Uma idéia solta no ar, 048  
O ídolo roubado, 249  
A ilha do tesouro, 522  
Imágicas: histórias do arco da velha, 443  
A infância da bruxa Onilda, 294  
A infância de Maurício de Souza, 163  
O início da jornada, 539  
O inspetor geral, 232  
Internato, 326  
A invasão dos erros de português, 547  
O jardim mágico, 038  
O jarro da memória, 217  
João por um fio, 359  
O jogo da onça e outras brincadeiras indígenas, 306  
O jogo da parlenda, 432  
A jovem Chiquinha Gonzaga, 379  
O jovem JK, 265  
O jovem rei, 369  
O jovem Santos Dumont, 175  
Judy Moody adivinha o futuro, 353  
Judy Moody salva o mundo, 354  
Júlia e seus amigos, 158  
Julieta de bicicleta, 297  
Kanta o cervo, 258

Lá em casa tem um bebê, 308  
O lago lilás, 357  
A lagoa encantada, 504  
Lampião e Maria Bonita: o rei e a rainha do cangaço, 255  
O lápis muito louco do Rei Branco, 176  
Lata de tesouros, 552  
Lázaro e sua amada, 225  
A lebre e a tartaruga, 083  
Leila menina, 468  
A lenda da Vitória-régia, 533

A lenda do Muri-Keko, 044  
A lenda do Uirapuru, 534  
Lendas de Exu, 341  
Lig e o gato de rabo complicado, 364  
Lili inventa o mundo, 437  
Linha, 170  
Lis no peito: um livro que pede perdão, 335  
O livro das encenacas: o que fazer nas situações atrapalhadas da vida, 466  
O livro do pode-não-pode, 526  
O livro dos pés, 298  
O livro dos sons, 299  
Livros divertidos, 316  
A loja da Dona Raposa, 331  
O lótus azul, 249  
As loucas aventuras do Barão de Munchausen, 445  
Ludens, a cidade dos bonecos, 366  
Ludi na TV (outra odisséia da marquesa), 484  
Lunetando, 331

Macaquinho, 141  
A mãe d'água: uma lenda do mar, 234  
Mãe do ouro, 219  
O mais assustador do folclore, 223  
Mais um pai, 319  
Mamãe sabe quase tudo, 002  
Manuela, a boneca tagarela, 557  
A máquina de brincar, 076  
Marcha criança, 331  
Maria-Fumaça cheia de graça, 386  
Mariana do contra, 515  
Mario Quintana, 555  
O marujo das árvores, 184  
Matilda chegou, 089  
Maus: a história de um sobrevivente, 520  
Max o cachorro que fala, 084  
Medéia, 193  
Medéia, o amor louco, 194  
O melhor presente, 049, 367  
Memória de baleia, 500  
A menina que batizou um planeta, 352  
A menina que queria ser anjo, 119  
O menino budista e o grilo feliz, 209  
O menino da chuva no cabelo, 556  
O menino de sons, 518  
O menino detrás das nuvens, 391  
O menino e a cerejeira, 259  
O menino e o dragão, 154  
O menino e o mar, 018  
O menino que amava os trens, 039  
O menino que furou o céu, 120  
O menino que não teve medo do medo, 090

O menino que quebrou o tempo, 331  
Os meninos da rua Paulo, 372  
O menor espetáculo da Terra, 190  
Metafísica das rosas, 326  
Meu livro de terror, 344  
Meu primeiro dragão, 239  
Meu tempo e o seu, 061  
Meus pés são a cadeira de rodas, 254  
Minha família é colorida, 347  
A minha floresta, 375  
Minhas rimas de cordel, 395  
Minimas descobertas, 272  
O Minotauro, 243  
O mistério da gaveta, 537  
O mistério do 5 estrelas, 450  
Os mistérios do mar, 038  
Mitos gregos o vôo de Ícaro e outras lendas, 139  
Mitos, lendas e fábulas da Terra Santa, 241  
Mmmmonstros!, 509  
Moby Dick, 138, 360, 361, 362  
O monstro do mar, 050  
Muitos dedos: enredos, 338  
Um mundinho de paz, 073  
O mundo de Miguelin, 267  
O mundo é dos canários, 009  
O mundo perdido, 177  
Os músicos de Bremen, 097

Na biblioteca, 060  
Na caravela virtual, 037  
Na cor da pele, 096  
Na escola, 060  
Na fazenda, 060  
Na floresta de Uruvella, 539  
Na pista do Conde Krinkodemo, 376  
Não é bem assim!: contos de dúvidas e decisões, 301  
Não posso ter o que quero?, 411  
As narrativas preferidas de um contador de histórias, 101  
Nasce um bebê... naturalmente!, 572  
O nascimento de Sidartha, 539  
O nascimento de um menino especial, 038  
Um Natal que não termina, 321  
Nem tudo está azul no país azul, 438  
Nicolau e sua casca, 107  
Ninguém sabe o que é um poema, 042  
No dentista, 060  
No médico, 060  
No parque, 060  
No reino Kapilavatsu, 539  
No zoológico, 060  
Uma noite de tempestade..., 279

Uma noite muito barulhenta, 247  
O noviço, 407  
Os novos discípulos, 539  
O contador de vantagens, 273  
Odisséia, 059, 368, 448  
Uma oficina animal, 348  
Oitavo aniversário, primeiro amor, 501  
Olha a ariranha., 474  
O olhar das palavras, 077  
Olho mágico, 031  
Olhos da selva, 250  
Os olhos de Ana Marta, 570  
Onde está o rabo do sapo?, 027  
Operação dragão amarelo, 431  
Operação resgate em Bagdá, 498  
Ora bolas, 535  
A orquestra tintim por tintim, 248  
A outra margem do rio, 539

O país sem nome, 295  
Palavra cigana: seis contos nômades, 197  
A palavra do homem, 081  
As palavras voam: antologia, 356  
Pânico na Biblioteca, 145  
O papagaio que falava latim, 543  
Papai e mamãe estão se separando, 307  
Papai é quase um herói!, 003  
Papo de sapato, 051  
Para olhar e olhar de novo, 428  
Para querer bem: antologia, 046  
Paratodos, 110  
Passando a bola, 405  
Passarim, 110, 227  
Um passarinho passeou na areia da praia, 475  
As patas da vaca, 435  
O pato pastel, 400  
A paz, 110  
Pecus, um amigo muito especial, 493  
A pedra da sabedoria, 024  
Pedro e Bóris, 383  
Pedro Pequeno, 081  
Pena de ganso, 285  
Pequena história da escrita, 062  
Pequena história da guerra e da paz, 063  
Pequena história do tempo, 064  
Pequeno azul e pequeno amarelo, 312  
O pequeno facista, 086  
O pequeno ilustrador, 275  
O pequeno Mozart, 469  
O pequeno polegar, 414  
Pequenos robôs, 104

Pera, uva ou maçã, 387  
Perdido na Amazônia, 091  
Pererêêê pororóóó, 235  
Persépolis 2, 495  
Pesadelo na neve, 251  
Pesquisando o universo, 425  
A pílula falante, 236  
Pinóquio, 147  
Um pipi choveu aqui, 398  
O piquenique do Catapimba, 471  
Pizuca e os bichos vira-latas, 022  
Pluto, 172  
Poeta aprendiz, 371  
Pollyanna, 423, 424  
A poltrona vazia, 494  
Pomar de palavras, 106  
O ponto, 452  
Ponto de vista, 322  
Pontos de interrogação, 071  
Pontos na barriga, 340  
Popul Vuh: o livro das criações dos maias, 216  
Por um simples pedaço de cerâmica, 404  
Um porquinho diferente, 405  
Posso ir também?, 331  
Pra minha coleção!, 001  
A primeira vez a gente nunca esquece, 058  
Primeiro amor, 304  
O primeiro cavaleiro, 224  
Primeiros amores, 136  
Os primeiros ensinamentos, 539  
O príncipe da terra dos sonhos, 358  
O príncipe e o pobre, 551  
Procura-se lobo, 323  
O projeto Lottie, 577  
Prometeu acorrentado, 192  
Proseando: causos do Brasil, 085  
A prova, 282  
Psique e Eros, 442  
Quadrinhos, 207  
Qual é a cor do amor?, 524  
Quando papai foi pra guerra, 528  
Quanta casa!, 527  
4 em 1, 165  
Que haja a escrita, 010  
Que horas são?, 309  
Que será que a bruxa está lavando?, 314  
A queda de Fergal, 034  
Quem é ela?, 538  
Quem é o culpado?, 405  
Quem faz os dias da semana?, 228  
Quem matou Cacilda, 327

Quem quiser que conte outra..., 274  
Quem tem medo de Demétrio Latov?, 181  
Quem vai ajudar o lobo mau?, 492  
Quero um irmãozinho, 363

Ração não, 531  
Rafaela, 210  
Rah, o mensageiro do sétimo raio, 573  
O raio verde, 566  
Raposa, 575  
O rapto do garoto de ouro, 451  
O rato do campo e o rato da cidade, 470  
(Re)fabulando: Lendas, fábulas e contos brasileiros, 268  
Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda, 448  
O rei cansado, 543  
Reinações de Narizinho, 236  
O reizinho da estrada, 052  
O relógio do mundo, 019  
A República de Coçação, 326  
Respirando a liberdade, 503  
Restos de arco-íris, 113  
A revolta das bruxinhas, 567  
Ricky Ricota e seu super-robô, 416, 417  
As rimas da Rita, 078  
Ring: o chamado, 529  
Rios da alegria, 388  
A risada de Biriba, 331  
Rita-você-é-um-doce, 028  
Robin Hood: lenda medieval, 012  
Robinson Crusoe, 448  
Rodas e bailes de sons encantados, 229  
Romãozinho e outras histórias, 480  
Romeu e Julieta, 448  
A roupa nova do imperador: um conto dinamarques, 102  
A roupa nova do rei: em cordel, 087  
O rouxinol e o imperador da China, 025  
Rua da amargura, 081  
A rua do terror, 098  
Rubens Matuck, 161

Sabe de uma coisa?: diário de uma adolescente, 569  
Sabe quem puxou a orelha do coelho?, 331  
Salada, saladinha: parlendas, 394  
Samira, a minhoca de sorte, 405  
Sandman: a casa de bonecas, 214  
Sandman: prelúdios e noturnos, 215  
Sandra na terra do antes, 578  
Santô e os pais da aviação: a jornada de Santos Dumont e outros homens que queriam voar, 519  
O sapo e a princesa, 097  
O sapo encantado, 169  
Saudando quem chega, 273

O segredo de Lucinda, 082  
Seis razões para amar a Natureza, 127  
O semeador, 081  
A semente que veio da África, 305  
Sereiazinha Cristal, 351  
Sete aventureiros e a guerra de travesseiros, 460  
Os sete contos: um conto de Kwanzaa, 355  
O seu lugar, 180  
Sikulume e outros contos africanos, 099  
Simbá, o marujo, 139  
Simon em: é sabado! o que vamos fazer hoje?, 420  
Simón em: já chegou o Natal!, 421  
Sir Gauchelot, 065  
O sistema ecológico faz eco, lógico!, 506  
Socorro! minha família é de enlouquecer, 293  
Sol ou chuva, 532  
O soldadinho de chumbo e outras histórias, 253  
O soldadinho de chumbo: adaptação para cordel, 396  
Sonho de minhoca, 264  
Sonho de uma noite de verão, 448  
Os sonhos de Lucas, 081  
O sono do demonio, 105  
Suri e Handoku, 491

Tali, 393  
O tapete de Maria, 390  
Tarsila do Amaral, 161  
O tatu cavaleiro, 543  
Teatro para a juventude, 072  
Tem gente olhando, 463  
Tem gente?, 331  
O tempo e o espaço de Tio Albert, 521  
O tesouro de Olinda, 057  
Tieloy conta uma história [coleção], 543  
Timão e Pumba, 173  
Tô dentro, tô fora., 020  
Todo mundo namora menos eu, 156  
Toupeirinha e seus porquês, 505  
A travessia do inferno, 129  
A travessura de Mambayá, 038  
Os três carneirinhos: um conto popular norueguês, 102  
3 X Amazônia, 032  
Treze contos, 221  
13 lendas brasileiras, 043  
Tristão e Isolda, 029  
Trapeiros: viajantes e aventureiros, 544  
Tudo em cores e outras poesias, 067  
Tudo tem sua história, 328

(Re)fabulando: Lendas, fábulas e contos brasileiros, 268  
O último dos heróis, 109

O último dos moicanos, 138  
1,2,3 era uma vez..., 074  
Uma aventura na casa azul, 554  
Uma peça a mais: a magia dos jogos de tabuleiro, 579  
O umbigo do rei, 540  
Uni duni tê, 286  
Vagabond: a história de Musashi, v. 1 a 4, 260  
Vamos brincar com as palavras?, 230  
Vamos brincar de escola, 324  
Vamos viajar sem sair do lugar, 288  
Vampíria, 262  
Velas ao vento, 422  
A velha árvore: uma história de amor para idosos, 382  
Veneranda, 081  
Verdes versos, 263  
Viagem à montanha azul, 266  
Viagem à procura de Deus, 370  
Viagem ao centro da terra, 138  
A viagem da saudade, 461  
Uma vida de contos de fadas: a história de Hans Christian Andersen, 045  
Vira, vira, vira lobisomem, 231  
Vira-lata, 280  
Virando onça [Col.], 287  
Viviam como gato e cachorro, 571  
Voa, voa Joaninha: livro surpresa, 183  
Você não é mais meu amigo!, 108  
A vogal A, 326  
A volta ao mundo em 80 dias, 564  
A volta do gato assassino, 200  
Winn Dixie meu melhor amigo, 168  
Zezé: trabalho não é brincadeira!, 310  
Zôo, 153